

Maria V. Snyder

"Um desses raros livros
que deixarão os leitores
sonhando muito tempo
depois de o terem lido."

— Publishers Weekly

ESTUDOS
SOBRE

Magia

Livro 2

AS LENDAS DE YELENA ZALTANA

 Harlequin

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Maria V. Snyder

ESTUDOS
SOBRE
Magia

AS LENDAS DE YELENA ZALTANA

Tradução
Maurício Araripe



2011

Para meus filhos, Luke e Jenna,
uma fonte constante de inspiração e amor.
Vocês dois são magia de verdade.

Em carinhosa memória de Anthony Foster.

TERRITÓRIO DE IXIA



1

— CHEGAMOS — IRYS INFORMOU.

Olhei ao redor. A selva que nos cercava estava repleta de vida. Enormes arbustos verdes bloqueavam nosso caminho, cipós pendiam das copas das árvores e o canto e gorjeio constante de pássaros selvagens pulsavam nos meus ouvidos. Pequenas criaturas peludas, que nos seguiram pela selva, espiavam de seus esconderijos atrás de enormes folhas.

— Onde? — indaguei, olhando para as três outras jovens.

Uma a uma, elas deram de ombros, igualmente confusas. Sob o espesso ar úmido, seus finos vestidos de algodão estavam ensopados de suor. Minhas próprias calça preta e camisa branca estavam coladas à pele pegajosa. Estávamos cansadas de carregar nossas mochilas pesadas ao longo das trilhas estreitas e sinuosas da selva, irritadas devido às inúmeras picadas de insetos em nossa pele.

— À residência dos Zaltana — Irys respondeu. — Possivelmente, ao *seu* lar.

Passei os olhos pela espessa mata verde e não vi nada que se assemelhasse a uma habitação. Durante o curso da nossa viagem rumo ao Sul, sempre que Irys declarava que havíamos chegado,

normalmente estávamos no meio de uma pequena cidade ou de uma aldeia, com casas feitas de madeira, pedra ou tijolos, margeadas por campos e fazendas.

Os habitantes alegremente vestidos nos recebiam, nos alimentavam e, em meio a uma cacofonia de vozes e aromas picantes, escutavam nossas histórias. Em seguida, certas famílias eram chamadas às pressas. Em um furacão de empolgação e murmurinho, uma das crianças de nosso grupo, que vivera no orfanato no Norte, era reunida com a família cuja existência era até então desconhecida.

Como resultado, nosso grupo foi ficando cada vez menor, à medida que íamos adentrando mais o território sulista de Sitia. Logo deixamos para trás o ar frio do norte e estávamos agora cozinhando no calor úmido da selva, sem nem sinal de cidade à vista.

— Residência? — perguntei.

Irys suspirou. Fios de seu cabelo negro haviam se soltado do coque apertado, e sua expressão séria não combinava com o ligeiro humor nos olhos cor de esmeralda.

— Yelena, as aparências podem enganar. Procure com a mente, não com seus sentidos — ela instruiu.

Esfreguei as mãos suadas ao longo dos veios da madeira do meu cajado, concentrando-me na sua superfície lisa. Esvaziei minha mente, e o zumbido da selva foi desaparecendo à medida que eu estendia minha percepção mental. Na minha mente, me vi deslizando pela grama como uma cobra, buscando um trecho iluminado pelos raios do sol. Pulei de galho em galho na companhia de um animal de membros compridos com tanta facilidade que parecia que estávamos voando.

Em seguida, acima, eu me movi com pessoas por entre as copas das árvores. Suas mentes eram abertas e relaxadas, decidindo o que comer para o jantar e discutindo as notícias vindas da cidade. Contudo, uma das mentes se preocupava com os sons vindos da selva abaixo. Algo não estava certo. Algo estranho estava ali. Um possível perigo. *Quem está na minha mente?*

Voltei bruscamente ao meu próprio corpo. Irys me fitava com intensidade.

— Eles moram nas árvores? — indaguei.

Ela assentiu.

— Mas não se esqueça, Yelena. O fato de a mente de uma pessoa ser receptiva à sua sondagem não significa que você tenha permissão para mergulhar nos seus pensamentos mais profundos. Isso é contra nosso Código de Ética.

Suas palavras foram duras, a feiticeira de categoria superior passando uma descompostura na aluna.

— Desculpe — eu disse.

Ela sacudiu a cabeça.

— Eu me esqueço que você ainda está aprendendo. Temos de seguir para a Cidadela para dar início ao seu treinamento; contudo, receio que essa parada vá demorar um pouco.

— Por quê?

— Não posso deixá-la com sua família, como fiz com as outras crianças, e seria crueldade levá-la embora cedo demais.

Naquele instante, uma voz bem alta gritou lá de cima:

— Venettaden!

Irys ergueu os braços e murmurou alguma coisa, porém meus músculos se congelaram antes que eu pudesse repelir a magia que nos envolveu. Não conseguia me mexer. Após um instante frenético de pânico, acalmei minha mente. Tentei erguer um muro mental de defesa, contudo a magia que me capturara derrubava meus tijolos mentais tão rápido quanto eu conseguia empilhá-los.

Irys, entretanto, permanecia incólume. Ela berrou para a copa das árvores.

— Somos amigas dos Zaltana. Sou Irys, do clã Jewelrose, Quarta Feiticeira no Conselho.

Outra palavra estranha ecoou vinda do topo das árvores. Minhas pernas bambearam quando a magia me libertou e caí no chão, aguardando que a tonteira passasse. As gêmeas, Gracena e

Nickeely, desabaram juntas no chão, gemendo. May esfregou as pernas.

— Qual o motivo de sua vinda, Irys Jewelrose? — a voz vinda de cima perguntou.

— Acredito ter encontrado sua filha desaparecida — ela respondeu.

Uma escada de corda desceu por entre os galhos.

— Vamos, meninas — Irys disse. — Tome, Yelena. Segure o pé da escada enquanto subimos.

Um pensamento rabugento sobre quem iria segurar a escada para mim passou pela minha cabeça. Escutei em minha mente a voz irritada de Irys me censurando: *Yelena, você não terá dificuldades em subir nas árvores. Talvez eu deva pedir que ergam a escada quando chegar sua vez, visto que talvez prefira usar seu arpéu e corda.*

Ela tinha razão, é claro. Em Ixia, usara as árvores para me esconder de meus inimigos sem a conveniência de uma escada. Mesmo agora, eu gostava de um “passeio” ocasional por entre as copas das árvores para me manter em forma.

Irys sorriu para mim. *Talvez esteja no seu sangue.*

Senti um frio na barriga ao me lembrar de Mogkan. Ele dissera que eu era amaldiçoada com o sangue dos Zaltana. Todavia, eu não tivera motivos para acreditar no mago sulista, agora morto, e vinha evitando fazer perguntas para Irys sobre os Zaltana para não alimentar minhas esperanças no tocante a ser parte da família deles. Sabia que, mesmo ao morrer, Mogkan teria sido capaz de tentar um último truque desprezível.

Mogkan e o filho do general Brazell, Reyad, haviam me sequestrado, junto com mais de trinta crianças, em Sitia. Em uma média de duas crianças por ano, haviam trazido as meninas e os meninos para o Norte, para o “orfanato” de Brazell, no Território de Ixia, para usar em seus planos deturpados. Todas as crianças tinham potencial para se transformar em feiticeiros, considerando que todas nasceram em famílias com magia muito forte.

Irys me explicara que poderes mágicos eram um dom, e que apenas um punhado de feiticeiros vinha de cada clã.

— É claro que, quanto maior o número de feiticeiros em uma família, maiores as chances de haver mais na geração seguinte — Irys explicara. — Mogkan correria um risco ao sequestrar crianças tão jovens. Os poderes mágicos só costumam se manifestar quando a criança alcança a maturidade.

— Por que havia mais meninas do que meninos? — perguntei.

— Apenas trinta por cento dos nossos feiticeiros são homens, e Bain Bloodgood é o único que já alcançou o nível de mestre.

Enquanto eu segurava a escada de corda que pendia da copa da árvore, me perguntei quantos Zaltana seriam feiticeiros. Ao meu lado, as três meninas prenderam a bainha dos vestidos no cinto. Irys ajudou May a subir nos degraus de corda, e, depois, Gracena e Nickeely a seguiram.

Assim que cruzamos a fronteira de Ixia com Sitia, as jovens não hesitaram em trocar seus uniformes nortistas pelos alegres vestidos de algodão multicoloridos usados por algumas das mulheres sulistas. Os meninos trocaram os uniformes por simples calças e túnicas de algodão. Eu, por outro lado, continuara com meu uniforme de provadora de comida, até o calor e a umidade me forcarem a colocar um par de calças de algodão e uma camisa dos meninos.

Depois que Irys desapareceu na copa esverdeada da árvore, enfiei a bota no primeiro degrau da corda. Meus pés pareciam estar inchados de tanto líquido, atrapalhando meus movimentos. A relutância apossou-se de minhas pernas quando as forcei escada acima. No meio do ar, me detive. E se essas pessoas não me quisessem? E se não acreditassem que eu era sua filha desaparecida? E se eu fosse velha demais para que se importassem comigo?

Todas as crianças que já haviam encontrado seus lares foram imediatamente aceitas. Entre as idades de 7 e 13 anos, elas ficaram separadas das famílias por apenas alguns anos. Semelhança física, idade e até mesmo o nome lhes facilitara a identificação. Agora,

sobravam apenas quatro. As gêmeas idênticas, Gracena e Nickeely, tinham 13 anos de idade. Com 12, May era a mais nova, e eu era a mais velha do grupo, com 20 anos.

De acordo com Irys, 14 anos atrás os Zaltana haviam perdido uma menina de 6 anos. Era um bocado de tempo para ficar longe. Eu não era mais criança.

No entanto, era a mais velha a ter sobrevivido incólume aos planos de Brazell. Quando as outras crianças sequestradas atingiram a maturidade, aquelas que desenvolveram poderes mágicos foram torturadas até renderem suas almas a Mogkan e Reyad. Mogkan, então, usara a magia daqueles prisioneiros agora desprovidos de suas mentes para intensificar a sua própria, tornando as crianças nada mais do que corpos vivos sem almas.

Coube a Irys a responsabilidade de dar a notícia às famílias dessas crianças, porém eu sentia alguma culpa por ser a única a sobreviver aos esforços de Mogkan para capturar minha alma. Contudo, o esforço me custara muito.

Lembrar de meus esforços para sobreviver em Ixia me levou a pensar em Valek. A saudade que sentia dele me devorou o coração. Enganchando um dos braços na escada, levei os dedos ao pendente em forma de borboleta que ele esculpira para mim. Talvez eu pudesse achar um modo de retornar a Ixia. Afinal de contas, a magia no meu corpo não se manifestava mais sem controle, e eu preferia muito mais estar com ele do que entre esses estranhos sulistas que moravam nas árvores. Até mesmo o nome do Sul, Sitia, parecia desagradável, como xarope rançoso na minha boca.

— Yelena, venha! — Irys gritou lá de cima. — Estamos aguardando.

Eu engoli em seco e passei a mão por minha trança comprida, alisando o cabelo e arrancando as pequenas gavinhas que estavam agarradas nele. Apesar da demorada viagem através da selva, eu não estava muito cansada. Apesar de mais baixa do que a maioria dos ixianos, com meu metro e sessenta e pouco, meu corpo se transformara de emaciado em musculoso durante o último ano em

Ixia. A mudança de condições de vida fizera a diferença. De passar fome em uma masmorra para provar comida para o comandante Ambrose, minha situação melhorara muito no tocante ao meu bem-estar físico, mas eu não podia dizer o mesmo quanto ao meu bem-estar mental na ocasião.

Sacudi a cabeça, banindo aqueles pensamentos e concentrando-me nas minhas circunstâncias imediatas. Subindo o restante da escada, estava esperando que ela fosse terminar em um galho largo ou em uma plataforma sobre a árvore, como o patamar que separava dois lances de uma escadaria. Em vez disso, adentrei um aposento.

Olhei ao redor, admirada. As paredes e teto do aposento eram formados por galhos que haviam sido amarrados uns aos outros com cordas. A luz do sol passava pelos espaços vazios. Gravetos amontoados haviam sido transformados em cadeiras cujas almofadas eram feitas de folhas. O pequeno aposento tinha apenas quatro assentos.

— Essa é ela? — um homem alto perguntou a Irys.

Sua túnica de algodão e as calças curtas eram da cor das folhas da árvore. Seu cabelo fora penteado com um gel esverdeado que lhe manchava a pele exposta. Um arco e uma aljava de flechas pendiam de seu ombro. Supus que ele fosse o guarda. Porém, por que ele precisava de armas se era o mago que nos paralisara? Por outro lado, Irys se defendera do feitiço com facilidade. Será que poderia fazer o mesmo com uma flecha?

— É — Irys disse para o homem.

— Escutamos boatos no mercado e nos perguntávamos se você viria nos visitar, Quarta Feiticeira. Por favor, fique aqui — ele pediu.
— Vou buscar o ancião.

Irys sentou-se em uma das cadeiras, e as garotas exploraram o aposento, exclamando de admiração diante da vista da única janela. Andei de um lado para o outro no interior do recinto estreito. O guarda pareceu desaparecer através da parede, porém, ao investigar

melhor, descobri uma abertura que levava a uma ponte, também feita de galhos.

— Sente-se — Irys ordenou. — Relaxe. Está segura aqui.

— Mesmo com essa recepção calorosa? — argumentei.

— Procedimento padrão. Visitantes desacompanhados são extremamente raros. Com o perigo constante de predadores selvagens, a maioria dos viajantes contrata um guia Zaltana. Você tem estado tensa e na defensiva desde que eu lhe disse que estávamos vindo para a aldeia dos Zaltana. — Irys apontou para minha perna. — Está com postura de combate, preparada para um ataque. Essas pessoas são sua família. Por que haveriam de tentar machucá-la?

Dei-me conta de que soltara minha arma das costas e a estava segurando em posição de prontidão. Com algum esforço, relaxei minha postura.

— Desculpe.

Enfiei o cajado, uma vara de madeira de um metro e meio de comprimento, de volta na alça na lateral da mochila.

O medo do desconhecido me fizera ficar tensa. Desde que me entendo por gente, em Ixia me disseram que minha família estava morta. Perdida para sempre. Ainda assim, eu sonhava em encontrar uma família adotiva que me amaria e cuidaria de mim. Apenas abri mão de tal fantasia ao ser transformada na experiência de Mogkan e Reyad, e, agora que tinha Valek, não sentia necessidade de uma família.

— Isso não é verdade, Yelena — Irys disse, em voz alta. — Sua família a ajudará a descobrir quem você é, e por quê. Precisa dela mais do que se dá conta.

— Pensei que houvesse dito que era contra seu Código de Ética ler os pensamentos de outra pessoa.

Não gostava da intromissão dela nos meus pensamentos particulares.

— Como professora e aluna, temos um vínculo. Ao me aceitar como mentora, você, de livre e espontânea vontade, me ofereceu

acesso aos seus pensamentos. Seria mais fácil desviar uma cachoeira de seu curso do que romper o nosso vínculo.

— Não me lembro de lhe dar acesso — resmunguei.

— Se tivesse havido um esforço consciente para estabelecer um vínculo, ele não teria acontecido. — Ela observou meu rosto por alguns instantes. — Você me deu sua confiança e lealdade. Isso foi tudo o que era necessário para forjar um vínculo. Apesar de não me intrometer nos seus pensamentos e lembranças mais íntimos, posso perceber as emoções mais superficiais.

Abri a boca para retrucar, mas o guarda de cabelos verdes retornou.

— Acompanhem-me — ele disse.

Nós o seguimos por entre as copas das árvores. Corredores e pontes conectavam aposento após aposento bem no alto, acima da terra. Do chão, não houvera sinal algum desse labirinto de habitações. Não vimos nem encontramos viva alma ao circundarmos quartos de dormir e atravessarmos salas de estar. Com alguns olhares rápidos para o interior dos quartos, pude ver que eram decorados com itens encontrados na selva. Cascas de coco, nozes, amoras, grama, gravetos e folhas eram todos artisticamente combinados em quadros de parede, capas de livros, caixas e estatuetas. Alguém chegara até a confeccionar uma réplica perfeita de um daqueles animais de rabo comprido usando pedras brancas e pretas coladas umas nas outras.

— Irys — eu disse, apontando para a estatueta —, que animais são aqueles?

— Valmurs. Muito inteligentes e brincalhões. Há milhões deles na selva. Também são curiosos. Lembra de como eles nos espiavam das árvores?

Assenti, recordando-me das pequenas criaturas que jamais ficavam paradas tempo o suficiente para eu estudá-las. Em outros aposentos, avistei mais réplicas de animais feitas de pedras de cores diferentes. Senti um aperto na garganta ao pensar em Valek e nos animais que ele esculpia de pedaços de pedra. Sabia que ele

apreciaria o talento envolvido na fabricação daquelas estatuetas de pedra. Talvez eu pudesse lhe enviar uma.

Não sabia quando voltaria a vê-lo. O Comandante me exilara para Sitia ao descobrir que eu possuía habilidades mágicas. Se eu retornasse a Ixia, a ordem de execução do Comandante seria cumprida, porém ele jamais dissera que eu não poderia me comunicar com meus amigos em Ixia.

Logo descobri por que não encontráramos ninguém durante a nossa jornada pela aldeia. Adentramos um enorme recinto comum circular, onde havia cerca de duzentas pessoas reunidas. Aparentemente, toda a aldeia estava ali. As pessoas ocupavam os bancos feitos de madeira que rodeavam uma enorme lareira de pedra no centro do círculo.

As conversas cessaram no instante em que chegamos. Todos os olhares se voltaram para mim. Fiquei arrepiada. Senti como se estivessem examinando cada centímetro do meu rosto, de minhas roupas e de minhas botas enlameadas. A julgar pelas expressões de seus rostos, eu não estava correspondendo às expectativas. Reprimi a vontade de me esconder atrás de Irys. Senti um aperto de arrependimento no peito por não ter feito mais perguntas para Irys a respeito dos Zaltana.

Por fim, um homem mais idoso se adiantou.

— Sou Baval Cacao Zaltana, conselheiro ancião da família Zaltana. Você é Yelena Liana Zaltana?

Hesitei. O nome parecia tão formal, tão aparentado, tão estranho.

— Meu nome é Yelena — respondi.

Um jovem, alguns anos mais velho do que eu, abriu passagem por entre a multidão. Ele se deteve ao lado do ancião. Estreitando os olhos cor de jade, seu olhar se fixou no meu. Uma mistura de ódio e repugnância marcou seu rosto. Senti um ligeiro toque de magia roçar no meu corpo.

— Ela já matou — ele gritou. — Ela fede a sangue.

2

UMA EXCLAMAÇÃO DE surpresa coletiva emergiu da multidão de Zaltana. Aversão e indignação tomaram conta dos rostos, agora hostis, no recinto. Eu me vi atrás de Irys, na esperança de bloquear a força negativa que irradiava de tantos olhos.

— Leif, você sempre teve uma queda para a dramaticidade. — Irys censurou o jovem. — Yelena teve uma vida dura. Não julgue o que você desconhece.

Leif encolheu-se ante o olhar de Irys.

— Eu também devo feder a sangue, não é? — ela perguntou.

— Mas você é a Quarta Feiticeira — Leif argumentou.

— Sendo assim, você sabe o que eu já fiz e o motivo de tê-lo feito. Sugiro que descubra com o que sua irmã teve de lidar em Ixia antes de acusá-la.

Ele cerrou os dentes. Os músculos do pescoço se retesaram quando engoliu o que poderia ter sido uma resposta. Arrisquei mais uma olhada ao redor do aposento. Agora, expressões contemplativas, preocupadas e até encabuladas salpicavam o grupo. As mulheres Zaltana usavam vestidos sem mangas ou saias com blusas de mangas curtas com estampas florais. As bainhas chegavam aos joelhos. Os homens do clã usavam túnicas de cor

clara e calças lisas. Todos os Zaltana estavam descalços, e, em sua maioria, tinham o corpo esbelto e pele bronzeada.

Foi então que me dei conta das palavras de Irys. Agarrei-lhe o braço. *Irmão? Tenho um irmão?*

Um dos cantos de sua boca se repuxou. *Sim, um irmão. Seu único irmão. Teria sabido disso se não houvesse mudado de assunto cada vez que eu tentava lhe contar sobre os Zaltana.*

Que ótimo.

Minha sorte não mudara. Pensei que meus problemas teriam acabado ao deixar o Território de Ixia. Por que estava surpresa com tudo isso? Enquanto todos os outros sitianos moravam em aldeias no chão, minha família residia nas árvores. Eu estudei Leif, buscando alguma semelhança física. Seu corpo forte e musculoso e o rosto quadrado se destacavam quando comparados ao resto do clã, de aparência mais esguia. Apenas o cabelo negro e os olhos verdes combinavam com meus próprios traços.

Durante os instantes constrangedores que se seguiram, desejei conhecer um feitiço de invisibilidade, e me lembrei de perguntar para Irys se tal feitiço realmente existia.

Uma mulher mais velha quase da minha altura se aproximou de nós. Ao chegar perto, ela lançou um olhar fulminante na direção de Leif, que abaixou a cabeça. Sem aviso, ela me abraçou. Tomada de incerteza, estremei por um instante. Seu cabelo cheirava a violetas.

— Há 14 anos que eu queria fazer isso — ela disse, abraçando-me com mais força. — Como os meus braços sentiram saudades da minha menininha.

As palavras me fizeram voltar no tempo, reduzindo-me a uma criança de 6 anos de idade. Envolvendo a mulher com os braços, chorei copiosamente. Quatorze anos sem uma mãe me fizeram acreditar que poderia ser austera quando, enfim, a encontrasse. Durante a viagem rumo ao Sul, imaginara que me mostraria curiosa e desapaixonada. *É um prazer conhecê-la, mas realmente precisamos chegar à Cidadela.* Porém, eu estava calamitosamente despreparada para a torrente de emoções que se apoderaram do

meu corpo. Agarrei-me a ela como se a mulher fosse tudo que me impedia de morrer afogada.

Ao longe, escutei Baval Cacao:

— Todo mundo de volta ao trabalho. A Quarta Feiticeira é nossa convidada. Precisamos providenciar um banquete adequado para esta noite. Petal, prepare os quartos de hóspedes. Precisaremos de cinco camas.

O murmurinho de vozes que tomava conta da área comum se dispersou. O aposento estava quase vazio quando a mulher, minha mãe, me soltou. Ainda era difícil ligar seu rosto oval ao título de "Mãe". Afinal de contas, ela podia não ser minha mãe de verdade. E, se fosse, será que eu tinha o direito de chamá-la desse modo após tantos anos longe?

— Seu pai vai ficar tão feliz — ela disse.

Ela afastou uma mecha de cabelos pretos do rosto. Listras grisalhas lhe decoravam a trança comprida e seus olhos verde-claros brilhavam com lágrimas não derramadas.

— Como é que você sabe? — perguntei. — Talvez eu não seja a sua...

— Sua alma se encaixa perfeitamente no vazio da minha. Não tenho dúvidas de que você é minha. Espero que possa me chamar de mãe, mas, caso não consiga, pode me chamar de Perl.

Enxuguei o rosto com o lenço que Irys me entregou. Olhando ao redor, procurei meu pai. Pai. Outra palavra que ameaçava arruinar o pouco de dignidade que me restava.

— Seu pai está fora, coletando amostras — Perl explicou, como se houvesse lido meus pensamentos. — Assim que a notícia o alcançar, ele voltará. — Perl virou a cabeça. Eu lhe acompanhei o olhar e vi Leif de pé perto de nós, com os braços cruzados diante do peito e os punhos cerrados. — Já conheceu seu irmão. Não fique aí parado, Leif. Venha cumprimentar direito sua irmã.

— Não consigo aguentar o cheiro — ele retrucou.

Em seguida, virou de costas para nós e foi embora.

— Não ligue para ele — minha mãe disse. — É excessivamente sensível. Teve problemas em lidar com seu desaparecimento. Foi abençoado com uma magia forte, porém sua magia é... — Ela hesitou. — Singular. Ele pode pressentir onde uma pessoa esteve, e o que esteve fazendo. Nada específico, apenas impressões gerais. O Conselho o convoca para ajudar a solucionar crimes e disputas, e para determinar se uma pessoa é culpada ou não. — Ela sacudiu a cabeça. — Os Zaltana com poderes mágicos possuem habilidades incomuns. E quanto a você, Yelena? Sinto a magia no seu íntimo. — Um breve sorriso se esboçou nos seus lábios. — Minha própria habilidade é limitada. Qual é o seu talento?

Olhei para Irys, em busca de ajuda.

— Sua magia foi despertada à força, e, até há pouco, não era controlada. Ainda não tivemos a oportunidade de lhe determinar a especialidade.

O rosto de minha mãe ficou pálido.

— À força?

Eu a toquei na manga.

— Está tudo bem.

Perl mordeu o lábio inferior.

— Ela pode entrar em combustão? — perguntou a Irys.

— Não. Está sob minha tutela. Já adquiriu algum controle. Contudo, Yelena precisa vir à Fortaleza dos Magos para que eu possa lhe ensinar mais sobre sua magia.

Minha mãe me segurou os braços com força.

— Precisa me contar *tudo* que aconteceu com você desde que foi tirada de nós.

— Eu...

Comecei a me sentir encurralada, e as palavras ficaram presas na minha garganta.

Bavol Cacao veio em meu socorro.

— Os Zaltana sentem-se honrados que tenha escolhido uma de nós para ser sua aluna, Quarta Feiticeira. Por favor, permita-me

acompanhar seu grupo até seus quartos, para que possam relaxar e descansar um pouco antes do banquete.

Fui tomada de alívio, embora a expressão determinada do olhar de minha mãe me alertava de que ela ainda não acabara comigo. Ela apertou meu braço com mais força quando Irys e as três garotas fizeram menção de seguir Bavol Cacao até os nossos quartos.

— Perl, você terá bastante tempo para passar com sua filha — ele disse. — Ela está em casa agora.

Ela me soltou, dando um passo para trás.

— Eu a verei esta noite. Pedirei que sua prima, Nutty, lhe empreste algumas roupas decentes para o banquete.

Eu sorri ao seguir as outras na direção dos quartos de hóspedes. Com tudo que acontecera hoje, minha mãe ainda se dera o trabalho de notar as roupas que eu estava usando.

O banquete daquela noite começou como um jantar tranquilo, porém logo se transformou em uma festa, apesar do fato de que eu talvez houvesse ofendido nossos anfitriões ao provar os muitos pratos de frutas e carnes frias temperadas em busca de venenos, antes de comer. Força do hábito, eu suponho.

O ar noturno estava repleto do perfume de citronela sendo queimada misturado com o cheiro de terra úmida. Após a refeição, vários Zaltana pegaram instrumentos musicais feitos de bambu e barbantes. Alguns começaram a dançar e outros cantaram, acompanhando a música. Durante todo o tempo, os pequeninos valmurs peludos balançavam nas vigas do teto e saltavam de mesa em mesa. Alguns de meus primos os haviam transformado em seus bichinhos de estimação. Manchas pretas, brancas, marrons e laranja cobriam os ombros e a cabeça dos animais. Outros valmurs brincavam nos cantos ou roubavam comida das mesas. May e as gêmeas se deliciavam com as presepadas dos animais de cauda comprida. Gracena tentava fazer com que um pequeno valmur dourado e marrom comesse de sua mão.

Minha mãe estava sentada ao meu lado. Leif não comparecera ao banquete. Eu estava usando um vestido amarelo-claro e roxo com estampas florais que Nutty me emprestara. O único motivo para eu usar aquela coisa detestável era para agradar Perl.

Agradei aos céus que Ari e Janco, meus amigos soldados de Ixia, não estivessem presentes. Eles rolariam no chão de tanto rir ao me ver usando uma roupa tão espalhafatosa. Nossa, que saudades eu sentia deles. Mudei de ideia, desejando que estivessem aqui. Valeria a pena qualquer constrangimento só para ver o brilho nos olhos de Janco.

— Teremos de partir em alguns dias — Irys informou a Baval, acima da barulheira de vozes e música.

Seu comentário quase acabou com a alegria daqueles que nos cercavam.

— Por que têm de partir tão cedo? — minha mãe perguntou.

Suas sobrancelhas estavam franzidas em sinal de tristeza.

— Preciso levar as outras garotas para casa, e já passei tempo demais longe da Cidadela e da Fortaleza.

A tristeza na voz cansada de Irys me lembrou que há quase um ano ela não via sua família. Espionar e esconder-se no Território de Ixia a havia esgotado.

Nossa mesa ficou em silêncio por algum tempo. Em seguida, minha mãe sorriu.

— Poderia deixar Yelena, enquanto leva as meninas para casa.

— Ela terá de dar a maior volta para retornar e buscar Yelena — Baval Cacao disse.

Minha mãe franziu a testa ao fitá-lo. Eu podia lhe notar os pensamentos turbulentos por trás dos olhos.

— Arrá! Leif pode acompanhar Yelena até a Cidadela. Ele tem negócios a tratar com a Primeira Feiticeira daqui a duas semanas.

As emoções entraram em conflito no interior do meu peito. Queria ficar, contudo receava me separar de Irys. Eles eram minha família, no entanto eram desconhecidos. Não conseguia deixar de ficar

desconfiada; fora algo que eu aprendera em Ixia. E viajar com Leif parecia tão agradável quanto beber vinho envenenado.

Antes que qualquer um pudesse concordar ou discordar, minha mãe disse:

— Isso mesmo. Será perfeito.

Ela encerrou qualquer discussão no tocante à questão.

Na manhã seguinte, tive um pequeno acesso de pânico ao ver Irys colocar a mochila nas costas.

— Não me deixe aqui sozinha — implorei.

— Você não está sozinha. Conte 35 primos e um bocado de tios e tias. — Ela riu. — Além do mais, precisa passar algum tempo com sua família. Precisa aprender a não desconfiar dela. Eu a encontrarei na Fortaleza dos Magos. Fica dentro dos muros da Cidadela. Enquanto isso, continue a praticar seu controle.

— Sim, senhora.

May me abraçou com força.

— Sua família é tão divertida. Tomara que minha família também more nas árvores — ela disse.

Eu lhe alisei as tranças.

— Tentarei visitá-la assim que puder.

— Talvez May esteja na escola da Cidadela na estação refrescante, caso ela consiga acessar a fonte de poder — Irys informou.

— Isso seria maravilhoso! — May exclamou, alegremente.

As duas gêmeas me abraçaram rapidamente.

— Boa sorte — Gracena desejou, com um sorriso. — Vai precisar.

Eu as acompanhei escada de corda abaixo, até o ar mais fresco da selva, para me despedir. Observando Irys e as garotas se esforçando para atravessarem a trilha estreita, mantive meus olhos nelas até sumirem de vista. Na ausência delas, meu corpo se sentiu frágil como o papel e correndo o risco de ser feito em pedaços pela brisa suave.

Com o intuito de retardar minha volta ao topo das árvores, estudei os arredores. As copas das árvores acima da minha cabeça não davam sinal das habitações dos Zaltana, e a vegetação espessa ao redor me impedia de enxergar muito longe em qualquer direção. Mesmo com o ruído alto dos insetos, eu ainda conseguia escutar o ligeiro som de água correndo ali por perto. Mas não consegui passar pelos arbustos para encontrar a fonte.

Frustrada, suada e cansada de servir de refeição para tudo quanto era mosquito, desisti e subi a escada de corda. De volta ao topo quente e seco da floresta, e em meio ao labirinto de aposentos, eu logo me perdi.

Rostos irreconhecíveis assentiam ou sorriam para mim. Outros amarravam a cara e desviavam o olhar. Não fazia ideia de onde ficava meu quarto, ou do que eu deveria estar fazendo, e não queria perguntar. A ideia de contar a história de minha vida para minha mãe não era nada atraente. Inevitável, eu sabia, porém era muito para suportar naquele instante. Fora necessário quase um ano para eu confiar em Valek com minha história... Como poderia divulgar meus conflitos para alguém que eu acabara de conhecer?

Sendo assim, andei de lá para cá, procurando uma vista do "rio" que eu escutara no chão da selva. Enormes extensões de verde tomavam conta de todas as vistas. Várias vezes, avistei a suavidade acinzentada de montanhas. Irys me contara que a Selva Illiais crescia em um vale profundo. Encaixada nas reentrâncias da beirada do Platô Daviian, a selva de formato estranho estava abaixo da borda do planalto, deixando apenas um de seus lados acessíveis para viajantes.

— Altamente defensável — Irys dissera. — É impossível escalar as laterais para alcançar o planalto.

Eu estava distraída e testando meu equilíbrio em uma ponte de corda quando uma voz me surpreendeu, e tive de segurar no corrimão.

— O que foi?

Tentei recuperar o equilíbrio.

— Eu perguntei o que está fazendo.

Nutty estava postada no final da ponte.

Desenhando um arco com o braço estendido, eu disse:

— Admirando a vista.

Pela sua expressão de ceticismo, vi que não a convencera.

— Se quiser ver uma vista de verdade, venha comigo.

Nutty saltou para longe.

Eu me esforcei para acompanhá-la, quando ela pegou atalhos através dos galhos das árvores. Seus braços e pernas magros se estendiam e agarravam videiras com tamanha flexibilidade que ela me lembrou um valmur. Quando passava por um fecho de sol, seu cabelo e pele cor de bordô reluziam.

Tinha de admitir que havia algo de bom em estar no Sul. Em vez de ser a única pessoa com a pele morena, eu parecia finalmente estar no meu lugar. Contudo, morar no Norte com os ixianos de pele clara durante tanto tempo não me preparara para tamanha variedade nos tons de pele morena. Muito para meu constrangimento, eu me flagrei olhando abobadamente para os tons de mogno mais escuros das peles quando chegamos pela primeira vez a Sitia.

Nutty se deteve subitamente, e eu quase bati nela. Estávamos sobre uma plataforma quadrada na árvore mais alta da selva. Nada nos impedia a visão.

Um tapete esmeralda se estendia abaixo de nós, terminando em duas imensas superfícies de pedra que se inclinavam uma na direção da outra. Onde os dois rochedos se encontravam, uma enorme cachoeira despencava, terminando em uma nuvem de vapor. Além da borda superior dos rochedos, eu avistei uma extensão plana. Uma mistura de tons de marrom, amarelo e dourado decorava a paisagem lisa.

— Aquele é o Platô Daviian? — indaguei.

— É. A única vida por lá é a grama selvagem da campina. Não é um lugar onde chova muito. Lindo, não é?

— Lindo é pouco.

Nutty assentiu, e ficamos paradas ali por algum tempo, em silêncio. Por fim, minha curiosidade rompeu a interrupção da conversa. Fiz a Nutty várias perguntas sobre a selva, e, com o tempo, a conversa se voltou para o tópico da família Zaltana.

— Por que a chamam de Nutty? — indaguei.

Ela deu de ombros.

— Meu nome de batismo é Hazelnut Palm Zaltana, mas, desde pequenininha, todo mundo me chama de Nutty.

— Quer dizer que seu nome do meio é Palm.

— Não. — Nutty saltou da beirada da plataforma, aterrissando nos galhos que a sustentavam. As folhas tremeram, e, após um instante, ela voltou a subir na plataforma de madeira. Ela me passou um punhado de nozes amarronzadas. — Palm, que vem de palmeira, é meu nome de família. Zaltana é o nome do clã. Todos que se casam conosco têm de assumir o nome, porém dentro do clã há várias famílias diferentes. Olhe, abra-as desse jeito...

Nutty pegou uma das nozes e a bateu em um galho próximo, revelando o fruto em seu interior.

— Sua família é Liana, que significa “videira”. Yelena significa “a reluzente”. Todos são batizados em homenagem a algo na selva ou seus nomes possuem algum significado na antiga língua de Illiais, que somos obrigados a aprender. — Ela revirou os olhos em sinal de irritação. — Teve sorte de perder isso. — Nutty me cutucou com o dedo. — E você também não teve de lidar com detestáveis irmãos mais velhos! Certa vez, eu me meti em encrenca por amarrar o meu em cipós e deixá-lo pendurado... Ah, covil de serpentes! Eu me esqueci. Venha.

Ela voltou correndo pelas árvores.

— Esqueceu-se do quê? — perguntei, indo atrás dela.

— Era para eu levá-la até sua mãe. Ela passou a manhã inteira procurando-a. — Nutty desacelerou ligeiramente para cruzar uma ponte de corda. — Tio Esau voltou da sua expedição.

Outro membro da família para conhecer. Considerei a possibilidade de “acidentalmente” me perder dela. Contudo, lembrando-me de

alguns dos olhares hostis que recebi de alguns dos meus primos, fiquei na cola de Nutty. Quando a alcancei, segurei-a pelo braço.

— Espere — pedi, ofegante. — Quero saber por que tantos Zaltana me olham com cara feia. É o cheiro de sangue?

— Não. Todo mundo sabe que Leif consegue enxergar trevas e destruição em qualquer coisa. Ele está sempre em busca de atenção.

— Ela gesticulou na minha direção. — A maioria simplesmente acha que você não é realmente uma Zaltana, mas sim uma espiã de Ixia.

3

— VOCÊ ESTÁ BRINCANDO, não está? — indaguei. — Eles não acreditam de verdade que eu seja uma espiã.

Nutty assentiu. Seus rabos de cavalo, um de cada lado da cabeça, balançaram em contraste com o rosto sério.

— Essa é a fofoca. Embora, ninguém jamais ousasse dizer nada a esse respeito para tia Perl ou para tio Esau.

— Por que haveriam de pensar tal coisa?

Seus olhos castanho-claros se arregalaram, como se ela não pudesse acreditar na minha estupidez.

— Olhe para suas roupas. — Ela gesticulou na direção das minhas calças pretas e de minha camisa branca. — Todos nós sabemos que nortistas são forçados a usar uniformes. Dizem que, se você realmente fosse do Sul, jamais iria querer usar calças novamente.

Olhei de relance para a saia laranja de Nutty. A bainha estava enfiada no cinto de pele marrom, e, por baixo, ela usava um par de calças amarelas curtas.

Ignorando meu olhar, ela disse:

— E você carrega uma arma.

Isso era verdade. Eu tinha meu arco comigo, para o caso de achar um lugar para praticar; contudo, até agora, o único lugar grande o

suficiente fora o aposento comum, que sempre estava cheio demais. Agora, provavelmente, não era a melhor hora para contar para Nutty sobre o canivete preso à minha coxa.

— Quem vem dizendo essas coisas? — perguntei.

Ela deu de ombros.

— Pessoas diferentes.

Aguardei. O silêncio conseguiu extrair dela a informação.

— Leif vem dizendo para todo mundo que, para ele, algo em você não parece certo. Ele alega que reconheceria a própria irmã. — Ela mexeu na manga da blusa, enrolando o alegre tecido de algodão. — Sitianos sempre estão preocupados que, algum dia, o Comandante vá nos atacar, e achamos que espiões nortistas estão reunindo informações sobre nossas capacidades de defesa. Embora Leif tenda a exageros, sua magia é poderosa; sendo assim, quase todo mundo acredita que seja uma espiã.

— O que você acha?

— Não sei. Ia esperar para ver.

Ela baixou o olhar na direção dos pés, que eram morenos e calejados.

Outro motivo para eu destoar dos Zaltana. Ainda usava minhas botas de couro.

— Uma atitude inteligente — retruquei.

— Acha mesmo?

— Acho.

Nutty sorriu. Seus olhos castanho-claros se iluminaram. Notei algumas sardas salpicadas sobre o nariz pequeno. Ela continuou a me conduzir até onde estava minha mãe.

Enquanto a seguia, pensei nas acusações de eu ser uma espiã ixiana. Eu não era uma espiã, contudo também não era uma sulista de verdade. E não tinha certeza se queria ser chamada de sitiana. Minhas razões para estar no Sul eram duas: para evitar minha execução e para aprender a usar a magia. Conhecer minha família fora uma bonificação à parte, e eu não ia permitir que rumores

mesquinhos arruinassem minha estada ali. Por ora, decidi ignorar qualquer outro olhar de esguelha.

Todavia, não havia como ignorar a fúria de minha mãe, quando Nutty e eu chegamos à sua residência. Todos os músculos de seus braços finos e pescoço comprido estavam retesados. Ondas de raiva silenciosa irradiavam da mulher pequena.

— Onde você estava? — exigiu saber.

— Bem, eu me despedi de Irys e depois...

A explicação parecia débil diante da sua indignação, de modo que me interrompi.

— Você está longe de mim há 14 anos, e temos apenas duas semanas juntas antes que tenha de partir novamente. Como pôde ser tão egoísta?

Sem aviso, ela largou-se na cadeira, como se toda sua energia houvesse sido sugada dela.

— Desculpe... — comecei a dizer.

— Não, sou eu quem peço desculpas — ela retrucou. — É só que seu jeito e modo de falar são tão estranhos. E seu pai está de volta, e ansioso para vê-la. Leif está me deixando louca, e não quero que minha filha parta ainda se sentindo como uma desconhecida.

Envolvei minha cintura com os próprios braços, sentindo-me culpada e inadequada. Ela estava pedindo um bocado; eu certamente a decepcionaria de algum modo.

— Seu pai queria acordá-la no meio da noite. Eu o fiz esperar, e ele passou a manhã inteira virando a propriedade de pernas para o ar — Perl explicou. — Finalmente arrumei algo para ele fazer lá em cima. — Ela abriu os braços. — Vai ter que nos perdoar se estamos indo rápido demais para você. Sua chegada foi tão inesperada e eu deveria ter insistido para que ficasse conosco ontem à noite, mas Irys nos alertou para não sufocá-la. — Ela inspirou profundamente. — Mas isso está me matando. Tudo que quero fazer é tomá-la nos braços.

Em vez disso, seus braços caíram sobre o colo, descansando sobre o tecido azul e branco do vestido sem mangas.

Eu não sabia o que responder. Irys tinha razão, eu precisava de tempo antes de me sentir confortável com toda a dinâmica familiar, contudo também podia entender minha mãe. Cada dia que passava eu sentia mais a falta de Valek. Perder uma filha tinha de ser muito pior.

De pé ao lado da porta, Nutty mexia nos rabos de cavalo. Minha mãe pareceu se dar conta de que ela estava ali.

— Nutty, será que pode pegar as coisas de Yelena no quarto de hóspedes e trazê-las aqui?

— Claro, tia Perl. Eu as trarei aqui mais rápido do que um morcego curari pode paralisar um valmur.

Nutty desapareceu em um borrão laranja.

— Pode ficar no nosso quarto extra. — Minha mãe levou a mão à garganta. — Na verdade, é o seu quarto.

Meu quarto. Parecia tão normal. Eu jamais tivera um lugar que fosse só meu. Tentei imaginar como o teria decorado, dando-lhe um toque todo pessoal, mas nada me veio à cabeça. Minha vida em Ixia não incluía itens especiais, como brinquedos, presentes ou arte. Reprimi uma gargalhada. Meu único alojamento particular fora minha cela no calabouço.

Perl levantou-se com um salto de seu assento.

— Yelena, por favor, sente-se. Vou buscar algo para comermos. Colocar um pouco de carne nesses ossos. — Ao sair correndo, ela gritou na direção do teto: — Esau, Yelena está aqui. Desça para tomar chá.

Sozinha, olhei ao redor no interior da sala de estar. O sofá e as duas poltronas pareciam ter sido feitos de cordas entrelaçadas, no entanto eram duros ao toque. A mobília era diferente das outras cadeiras Zaltana que eu já vira, que eram construídas com galhos e gravetos amarrados uns aos outros.

Acomodei-me em uma das poltronas; as almofadas com estampa de folhas vermelhas fizeram barulho sob meu peso, e me perguntei com o que elas teriam sido estofadas. Meu olhar se demorou na vasilha de madeira preta sobre uma pequena mesa de tampo de

vidro diante do sofá. A vasilha parecia ter sido entalhada a mão. Tentei relaxar, o que funcionou até eu avistar a bancada comprida de encontro à parede dos fundos.

Estendidas ao longo do comprimento do tampo havia uma série de garrafas de formato estranho, conectadas por tubos entrelaçados. Sob alguns dos recipientes havia velas apagadas. A configuração me lembrou do laboratório de Reyard. A lembrança de sua coleção de jarros de vidro e instrumentos de metal me enervou. Visões de estar acorrentada a uma cama, enquanto Reyard procurava pelo aparelho de tortura perfeito, fizeram com que o suor rolasse pelo meu pescoço e que meu coração se apertasse. Eu me censurei pela minha imaginação hiperativa. Era ridículo que uma geringonça parecida pudesse me assustar após dois anos.

Forcei-me a chegar mais perto. Havia um líquido amarelado em algumas das garrafas. Peguei uma delas e rodopiei o conteúdo em seu interior. Senti um forte aroma de maçãs. A lembrança de me balançar e de risadas preencheu minha mente. A imagem desapareceu quando eu me concentrei nela. Frustrada, abaixei a garrafa.

As prateleiras atrás da mesa estavam cheias de fileiras de mais garrafas. A geringonça parecia ser uma destilaria para a fabricação de álcool. Talvez o líquido fosse um conhaque de maçã como o do general Rasmussen do Distrito Militar 7, em Ixia.

Escutei minha mãe voltar e virei-me. Ela trazia uma bandeja de frutas fatiadas, amoras e um pouco de chá. Pousando o lanche sobre a pequena mesa diante do sofá, ela gesticulou para que eu me juntasse a ela.

— Vejo que encontrou minha destilaria — disse, como se todos os Zaltana tivessem uma em suas salas de estar. — Sente o cheiro de algo familiar?

— Conhaque?

Seus ombros descaíram ligeiramente, contudo seu sorriso não esmoreceu.

— Tente novamente.

Colocando o nariz sobre uma das garrafas cheias de líquido cor de âmbar, inalei. O aroma me cobriu de sensações de conforto e segurança. Também me sufocou e me fez engasgar. Lembranças de pulos misturadas com imagens de estar deitada de costas, arranhando desesperadamente o meu pescoço. Subitamente, senti-me zozna.

— Yelena, sente-se. — Minha mãe pousou a mão no meu cotovelo, guiando-me até uma cadeira. — Não deveria ter inspirado tão fundo. É um concentrado muito forte.

Ela manteve a mão no meu ombro.

— O que é isso? — perguntei.

— Meu perfume de Apple Berry.

— Perfume?

— Você não se lembra. — Dessa vez, a decepção foi clara, quando o sorriso desapareceu de seus lábios. — Eu o usava o tempo todo quando você era criança. É o meu perfume mais bem vendido, muito popular com as feiticeiras da Fortaleza. Quando você desapareceu, não fui mais capaz de usá-lo.

Ela voltou a levar a mão ao pescoço, como se estivesse tentando bloquear as palavras, ou suas emoções.

Com a palavra “feiticeiras” senti um aperto na garganta. A cena de minha breve abdução no Festival do Fogo do ano anterior apareceu na minha mente. As tendas, a escuridão e o aroma de Apple Berry misturado com o gosto de cinzas e a imagem de Irys ordenando a quatro homens que me estrangulassem até a morte.

— Irys também usa os seus perfumes? — indaguei.

— Ah, sim. Apple Berry é o favorito dela. Na verdade, ela me pediu ontem à noite para fazer mais. O aroma a lembra dela?

— Ela devia estar usando-o quando nos encontramos pela primeira vez — expliquei, optando por não dizer mais nada.

Se não pela chegada propícia de Valek, Irys teria sido bem-sucedida em me matar. Era irônico como ambos os relacionamentos, tanto com Irys quanto com Valek, haviam começado de modo tão desagradável.

— Na minha experiência, certos aromas estão ligados a lembranças específicas. É algo no qual Leif e eu temos trabalhado como parte do projeto dele com a Primeira Feiticeira. Criamos uma variedade de aromas e odores que usamos para ajudar vítimas de crimes a se recordarem. Essas lembranças são muito poderosas e ajudam Leif a obter uma imagem clara do que aconteceu com essas pessoas. — Ela afastou-se de mim. Sentando-se, usou uma colher para servir as frutas em três tigelas. — Tinha esperanças de que o perfume de Apple Berry despertasse sua lembrança de nós.

— Houve alguma coisa, mas... — Eu me interrompi, incapaz de colocar em palavras a breve impressão. Contive minha crescente irritação por ser incapaz de me recordar de nada dos meus seis anos morando ali. Em vez disso, perguntei: — Você faz muitos perfumes?

— Ah, sim — ela disse. — Esau me traz flores e plantas maravilhosas para eu usar. Gosto de criar novos perfumes e aromas.

— E ela é a melhor em todo o território — disse uma estrondosa voz masculina, vinda de trás de mim. Virei-me para ver um pequeno homem encorpado adentrando o aposento. Sua semelhança com Leif era inconfundível. — O perfume dela já foi usado por Mestras Feiticeiras, assim como pela rainha e pela princesa de Ixia, quando estavam vivas — Esau vangloriou-se. Segurando-me pelo pulso, ele ajudou-me a ficar de pé. — Yelena, minha criança, olhe como você cresceu.

Ele me apertou em um abraço de urso que durou vários segundos.

Um forte odor de terra preencheu meu nariz. Ele me soltou, e, antes que eu pudesse reagir, sentou-se com uma tigela de frutas no colo e uma xícara de chá na mão. Perl me passou outra tigela de frutas quando eu voltei para meu lugar.

Os cabelos grisalhos despenteados de Esau pendiam até seus ombros. Enquanto ele comia, vi que as linhas de suas mãos estavam manchadas de verde-escuro.

— Esau, você esteve brincando novamente com aquele óleo de folha? — Perl indagou. — Não é à toa que demorou tanto para

descer. Tentando limpá-lo para não sujar tudo que tocasse.

Pelo modo como ele encolheu a cabeça, sem responder, pude perceber que se tratava de uma discussão antiga. Esau me fitou em silêncio, apertando os olhos e inclinando a cabeça de um lado para o outro, como se estivesse tentando decidir algo. Sua tez lembrava a cor do chá sem leite. Rugas profundas marcavam-lhe a testa e lhe rodeavam os olhos. Tinha o tipo de rosto que parecia acostumado a rir e chorar.

— Agora, quero saber o que tem feito durante todos esses anos — Esau disse.

Reprimi um suspiro. Não havia mais como evitar. Acostumada a obedecer ordens no Norte, eu lhes contei como crescera no orfanato do general Brazell, no Distrito Militar 5. Não entrei em detalhes no tocante aos anos desagradáveis, após ter atingido a maturidade e me tornado cobaia de Reyad e Mogkan. Meus pais já ficaram suficientemente aflitos só de saber dos seus planos de usar os poderes mágicos de suas vítimas sequestradas para ajudar Brazell a derrubar o Comandante. Não vi motivo para lhes contar os pormenores brutais de como eles haviam apagado a mente das crianças sulistas.

Quando mencionei que me tornara a provadora de comida do comandante Ambrose, deixei de lhes contar que estivera na masmorra do Comandante, aguardando a execução por ter matado Reyad. E, após passar um ano ali, fora agraciada com a escolha entre a forca e a posição de provadora de venenos.

— Aposto que era a melhor provadora deles — meu pai disse.

— Que coisa horrível de se dizer — Perl censurou. — E se ela fosse envenenada?

— Nós, os Liana, temos olfato e paladar muito apurados. A menina está aqui, Perl, sã e salva. Se não fosse boa em detectar venenos, duvido que teria durado tanto.

— Não é como se alguém estivesse tentando envenenar o Comandante o tempo todo — retruquei. — Na verdade, foi apenas uma vez.

Perl levou as mãos ao pescoço.

— Minha nossa. Aposto que foi o assassino de estimação dele quem tentou matá-lo. Aquela criatura desprezível.

Eu a fitei, confusa.

— Você sabe, o espião dele, Valek? Todo sitiano adoraria ver a cabeça daquele homem fincada em uma estaca. Ele assassinou quase toda a família real. Apenas um sobrinho sobreviveu. Sem Valek, aquele usurpador jamais teria subido ao poder e abalado o bom relacionamento que Sitia tinha com Ixia. E aquelas pobres crianças nortistas que nascem com magia. Massacradas por Valek nos seus próprios berços.

Eu a fitei boquiaberta, quando ela estremeceu de desdém. Meus dedos buscaram a corrente ao redor do meu pescoço e encontraram o pendente de borboleta que Valek esculpira para mim. Eu o apertei. Suponho que não iria lhes contar sobre meu relacionamento com ele. E decidi também não esclarecer a política do Comandante no tocante a ixianos descobertos com habilidades mágicas. Não era tão repulsiva a ponto de matar bebês, contudo costumava terminar em morte para o infeliz homem ou mulher em questão. Valek jamais fora fã de tal política, porém não desobedeceria uma ordem do Comandante. Talvez, com o tempo, Valek pudesse ajudar o Comandante a enxergar os benefícios de se ter magos na sua equipe.

— Valek não é tão horrível quanto pensam — disse, tentando redimir sua reputação. — Ele foi instrumental no desmascaramento de Brazell e de Mogkan e na revelação de seus planos. Na verdade, ele ajudou a detê-los.

Queria acrescentar que ele salvara minha vida duas vezes, porém as caretas de desdém nos rostos dos meus pais me detiveram.

Meus esforços não valeram de muito. Ele era o vilão de Sitia, e seria necessário mais do que minhas palavras para mudar isso. Não podia culpar meus pais. Quando conheci Valek, também temia sua reputação, não fazendo ideia de inabalável lealdade, senso de justiça

e disposição de se sacrificar pelos outros que se escondia por trás daquela reputação.

Agradei ao destino quando Nutty chegou com minha mochila balançando na mão.

Esau a tomou dela.

— Obrigada, Nut — disse, mexendo em um de seus rabos de cavalo.

— Não tem de quê, Sau.

Ela o socou de leve na barriga e saltou para longe dele, quando meu pai tentou agarrá-la. Mostrando a língua para ele, Nutty saltitou na direção da porta.

— Da próxima vez, Nut, eu vou parti-la ao meio.

Ela gargalhou.

— Você pode até tentar.

E Nutty foi embora.

— Deixe-me mostrar-lhe o seu quarto — Esau disse.

Quando fiz menção de segui-lo, Perl disse:

— Yelena, espere. Conte-me o que houve com os planos de Brazell.

— Foram frustrados. Ele está na masmorra do Comandante.

— E quanto a Reyad e Mogkan?

Inspirei fundo.

— Mortos.

Esperei que ela me perguntasse quem os matara, e tive dúvidas se seria capaz de lhe contar sobre o meu papel na morte dos dois.

Perl assentiu com satisfação.

— Ótimo.

Os aposentos de Esau e de Perl tinham dois andares, e, em vez de uma escada de corda ou de madeira para conectá-los, Esau usava o que ele chamava de elevador. Eu jamais vira nada parecido. Adentramos um aposento do tamanho de um armário. Duas cordas grossas atravessavam buracos no teto e no chão. Esau puxou uma das cordas e o aposento de madeira se ergueu. Apoiei uma das

mãos na parede, contudo o movimento foi suave. Aos poucos, ele subiu até o segundo andar.

Esau enfiou a cabeça de volta para dentro do elevador, quando eu não os segui.

— Gostou? — ele perguntou.

— É fantástico.

— Um de meus projetos. Roldanas são a chave — Esau explicou. — Não encontrará muitos no lar dos Zaltana. Os outros relutam em aceitar mudanças, porém já vendi um bocado no mercado.

— Perl também vende seus perfumes no mercado? — perguntei, saindo para o patamar.

— Vende. A maioria dos Zaltana ou vende ou troca seus produtos no Mercado de Illiais. Funciona o ano todo. Minhas invenções e os perfumes de Perl nos oferecem uma boa fonte de renda — Esau explicou, ao descermos o corredor. — Um grupo de Zaltana faz a viagem até o mercado, quando uma quantidade razoável de itens já está pronta, ou quando há alguma encomenda especial a ser entregue. Também não somos os únicos a vender por lá; sendo assim, quando queremos algo, vamos comprar. Infelizmente, nem tudo de que precisamos pode ser encontrado na selva. Como, por exemplo, as garrafas de vidro de sua mãe, ou as peças para as minhas cadeiras.

— Você também criou a mobília de corda?

— Criei. Só que não são cordas. São lianas. — Quando a confusão se estampou no meu rosto, ele explicou: — Cipós da selva.

— Ah.

— As lianas são uma constante fonte de problemas. Provavelmente daí ser o nosso nome de família. — Esau sorriu. — Elas crescem em tudo quanto é canto, e são capazes de derrubar árvores. Temos de mantê-las aparadas ou cortá-las fora. Um dia, em vez de queimá-las, trouxe um monte delas para casa e comecei a trabalhar com elas.

Esau afastou uma cortina de algodão que cobria uma entrada no lado direito do corredor. Ele gesticulou para que eu entrasse no

apartamento antes dele.

— Quando secos, os cipós ficam muito fortes. Enquanto ainda estão flexíveis, podem ser moldados até assumir quase qualquer forma.

A princípio, pensei que havíamos adentrado uma despensa. O ar tinha um ligeiro odor bolorento e havia fileiras e mais fileiras de prateleiras contendo recipientes de vidro de quase todos os tamanhos obscurecendo a visão das paredes. As garrafas estavam cheias de diversas substâncias tingidas. Só quando desviei meu olhar da coleção colorida é que notei uma pequena cama feita de lianas e a cômoda de madeira.

Esau abaixou a cabeça. Passou a mão manchada de verde pelo cabelo.

— Sinto muito. Venho usando esse quarto para guardar minhas amostras. Mas limpei a cama e a escrivaninha esta manhã.

Ele apontou para uma escrivaninha de madeira escura encaixada em um dos cantos.

— Está ótimo — eu disse, tentando esconder minha decepção.

Vinha torcendo por um quarto que me ajudasse a lembrar de algo, de qualquer coisa de minha vida anterior ao orfanato de Brazell.

Pousando minha mochila sobre a cama, perguntei:

— Que outros aposentos há aqui em cima?

— Nosso quarto de dormir e minha oficina. Venha, eu lhe mostro.

Continuamos corredor abaixo. Havia outro vão de porta acortinado à esquerda, que levava a um grande quarto de dormir. O aposento tinha uma enorme cama com uma colcha roxa floral, duas mesinhas de cabeceira e prateleiras repletas de livros, em vez de recipientes.

Esau apontou para o teto, que era feito de couro esticado sobre os galhos.

— Eu revesti as peles com óleo, para que não absorvessem a água da chuva — explicou. — Nada de goteiras aqui dentro; contudo, às vezes, fica quente.

Pendurado no meio do teto havia um enorme acessório em forma de flor feito de tábuas de madeira. Cordas enroladas ao redor da base cruzavam o teto e desciam pelas paredes.

— O que é aquilo? — perguntei.

Ele sorriu.

— Outra invenção. Mais uma vez, roldanas e alguns pesos fazem a flor girar, refrescando o quarto.

Voltamos para o corredor. Do outro lado do quarto de Esau havia outro quarto de dormir. Uma cama de solteiro simples, uma cômoda e uma mesinha de cabeceira o ocupavam. Não havia nada de decorações, invenções ou outros sinais evidentes de seu ocupante.

— Leif passa a maior parte do ano morando na Fortaleza dos Magos — Esau explicou.

Proseguimos corredor abaixo, que ia dar em um aposento espaçoso. Sorri ao olhar ao redor. A oficina de Esau estava repleta de plantas, recipientes, pilhas de folhas e ferramentas. Prateleiras gemiam sob o peso de tantos vidros cheios de itens estranhos e líquidos diversos. Entrar no recinto sem bater a canela em alguma coisa parecia impossível. A bagunça me lembrou do escritório e dos aposentos de Valek. Ao passo que Valek tinha livros, documentos e pedras empilhadas em tudo quanto era lugar, Esau convidara a selva a morar consigo.

Fiquei um instante parada no vão da porta.

— Entre, entre. — Ele passou por mim. — Quero lhe mostrar algo.

Sem me apressar, abri caminho até ele.

— O que você faz aqui?

— Uma coisa e outra — Esau respondeu, enquanto vasculhava uma pilha de papéis sobre a mesa. — Gosto de coletar amostras da selva e ver o que consigo inventar. Encontrei alguns remédios. Alguns alimentos. Flores para sua mãe. Arrá! — Ele ergueu um caderninho branco. — Achei.

Peguei o livro, porém minha atenção estava no aposento, enquanto procurava por algo familiar. As palavras “sua mãe” haviam despertado a incerteza que me assombrava desde que chegara ao

lar dos Zaltana. Por fim, fiz a Esau a mesma pergunta que fizera a Perl:

— Como sabe que sou sua filha? Parece ter tanta certeza.

Esau sorriu.

— Olhe no livro.

Abri a capa. Na primeira página havia um desenho feito com carvão de um bebê.

— Continue virando as páginas.

A próxima página tinha o desenho de uma criança pequena. À medida que virava as páginas, a menina foi crescendo de uma criança até se tornar uma adolescente e até se transformar em alguém que eu reconheci. Eu. Senti um aperto na garganta e lágrimas ameaçaram jorrar de meus olhos. Meu pai me amara mesmo quando desapareci, e eu sequer conseguia me lembrar de alguma coisa de meu tempo ali. As gravuras mostravam minha infância como ela deveria ter sido, morando ali com Esau e com Perl.

— É muito divertido folhear as páginas bem rápido. Dá para você se ver crescendo vinte anos em poucos segundos. — Esau pegou o caderno de minhas mãos e o abriu. — Está vendo? É assim que sei que você é minha. Desenhei seu retrato todos os anos após seu nascimento, e mesmo após seu desaparecimento. Ele virou até a última página e estudou o retrato ali. — Até que eu cheguei perto. Não está perfeito, contudo, agora que está aqui, posso fazer algumas correções. — Ele bateu com o caderno no próprio peito. — Quando você desapareceu, sua mãe carregou tal caderno consigo, olhando para as ilustrações o dia todo. Com o passar do tempo, ela parou. Contudo, após alguns anos, me viu fazendo outro desenho, e me pediu para destruí-lo. — Esau me passou o caderno. — Eu disse que ela jamais o veria novamente. Até onde eu sei, ela não viu mesmo. Sendo assim, por ora, vamos manter isso entre nós, está bem?

— Claro. — Examinei com atenção cada página. — Isso é maravilhoso.

Todas as minhas dúvidas no tocante à minha linhagem desapareceram assim que notei os detalhes que meu pai colocara naquelas ilustrações. Naquele instante, soube que fazia parte do clã dos Zaltana. Fui tomada de alívio. Jurei me esforçar mais para formar um vínculo com meus pais. Contudo, em se tratando de Leif, a história era outra.

— Deveria mostrar seu caderno de desenhos para Leif — sugeri, devolvendo o caderno para Esau. — Talvez, assim, ele acredite que sou irmã dele.

— Não se preocupe com Leif. Ele não precisa ver um desenho. Sabe quem você é. Foi o choque da sua chegada que o desconcertou. Ele passou por um período difícil com o seu desaparecimento.

— Ah, é. Eu esqueci. Para mim foi moleza no Norte.

Esau fez uma careta, e me arrependi de meu sarcasmo.

— Leif estava com você no dia em que foi tirada de nós — ele disse, baixinho. — Você tinha implorado para que ele a levasse para brincar no chão da selva. Ele tinha 8 anos de idade, o que pode parecer jovem, contudo crianças Zaltana são ensinadas a sobreviver na selva assim que aprendem a andar. Nutty era capaz de subir nas árvores antes mesmo de dar seus primeiros passos. Isso enlouquecia minha irmã.

Esau sentou-se em uma das cadeiras de cipó e o cansaço pareceu tomar conta dele.

— Quando Leif voltou sem você, nossa preocupação foi mínima. Uma criança perdida sempre fora encontrada em menos de uma ou duas horas. Afinal de contas, a Selva Illiais não é tão grande assim. Predadores não atuam durante o dia, e, à noite, temos alguns truques para mantê-los longe da propriedade. Portanto, à medida que o dia foi passando sem que a encontrássemos, fomos ficando mais nervosos. Você desapareceu de uma maneira tão absoluta que todos pensaram que houvesse sido pega por uma cobra-colar ou por uma onça das árvores.

— Cobra-colar?

Ele sorriu, com um brilho compreensivo no olhar.

— Um predador verde e marrom que mora nas árvores. Às vezes, chega a alcançar 15 metros de comprimento. Ela enrola seu corpo nos galhos, desaparecendo na paisagem da floresta. Quando a presa se aproxima, ela se enrola ao redor do pescoço da vítima e aperta. — Esau demonstrou com as mãos. — Depois, engole o corpo inteiro e passa semanas se alimentando da carcaça.

— Nada agradável.

— Não. E é impossível ver o que há no interior da cobra sem matá-la. Mas seu couro é espesso demais para flechas, e é suicídio aproximar-se de uma delas. O mesmo vale para as onças das árvores. O felino arrasta sua presa para a toca, que é outro lugar inacessível. No final das contas, apenas Leif acreditava que você ainda estava viva. Ele achava que você podia estar escondida em algum lugar, brincando. Enquanto o resto de nós chorava sua morte, dia após dia, Leif vasculhava a selva à sua procura.

— Quando foi que ele enfim parou? — indaguei.

— Ontem.

4

NÃO ERA À toa que Leif estava tão zangado. Quatorze anos gastos me procurando, e eu não tivera a decência de permitir que ele me achasse. Ele fora o único a acreditar que eu ainda estava viva. Arrependi-me de todo e qualquer pensamento desagradável que tivera a seu respeito. Até ele aparecer na porta da oficina de Esau.

— Pai — Leif disse, me ignorando. — Diga para essa garota que, se ela quiser ir até a Cidadela, estarei partindo em duas horas.

— Por que tão cedo? — Esau perguntou. — Você só precisa estar lá daqui a duas semanas.

— Baval recebeu uma mensagem da Primeira Feiticeira. Algo aconteceu. Sou necessário imediatamente.

O peito de Leif pareceu se estufar de tanto que ele se sentia importante.

Reprimi a vontade de acertá-lo no plexo solar e arrancar um pouco do seu ego.

Quando Leif girou nos calcanhares e partiu, perguntei a Esau:

— Será que há mais alguém que vá até a Cidadela nas próximas semanas?

Ele sacudiu a cabeça.

— É uma viagem longa. Uma caminhada de muitos dias. E a maioria dos Zaltana prefere a selva.

— E quanto a Baval Cacao? Ele não é Conselheiro na Cidadela? Não precisa estar lá?

Irys explicara que o conselho consistia em quatro Mestres Feiticeiros além de um representante de cada um dos 11 clãs. Juntos, eles governavam as terras do Sul.

— Não, o conselho não se reúne durante a estação quente.

— Ah. — Era difícil acreditar que eles estavam apenas começando a estação quente. Vindo de Ixia durante sua estação fria, todo o território sulista parecia já estar escaldante. — Será que pode me indicar o caminho? — perguntei.

— Yelena, você estará mais segura com Leif. Venha, vamos arrumar suas coisas. Duas horas não é... — Esau se interrompeu e olhou para mim. — Essa mochila é tudo que você tem?

— E o meu cajado.

— Nesse caso, precisa de algumas provisões.

Esau começou a vasculhar o próprio quarto.

— Eu não... — Minhas palavras foram interrompidas quando ele me passou um livro. Era branco como seu caderno de desenhos, porém em seu interior havia desenhos de plantas e árvores, com suas descrições anotadas abaixo. — O que é isto? — perguntei.

— Um guia de campo. Planejava reeducá-la na sobrevivência na selva; contudo, por ora, isto terá de servir.

Encontrei uma página com uma ilustração de uma folha de formato oval. As instruções abaixo do desenho explicavam que ferver a Folha de Tilipi em água fazia um chá capaz de reduzir a febre.

Em seguida, Esau me deu um pequeno jogo de tigelas e alguns utensílios de aparência bizarra.

— O guia é de pouca utilidade sem o equipamento adequado. Agora, vamos encontrar sua mãe. — Ele hesitou, e suspirou. — Ela não vai ficar nada feliz.

Ele tinha razão, nós a encontramos trabalhando na destilaria, discutindo com Leif.

— Não é minha culpa — Leif disse. — Se quer tanto que ela fique, por que não a leva você mesma até a Cidadela? Ah, é verdade... Há 14 anos que *você* não põe seus pezinhos preciosos no chão da selva.

Perl virou-se para Leif com um vidro de perfume na mão, pronto para ser atirado. Ele recuou. Quando nos avistou no vão da porta, voltou a encher os frascos.

— Diga para a garota que estarei no pé da escada dos Palm em duas horas — Leif disse para Esau. — Se ela não estiver lá, vou embora sem ela.

Quando Leif deixou o aposento, o silêncio continuou a ficar mais pesado.

— Precisaré de um pouco de comida — meu pai disse, seguindo para a cozinha.

Com os frascos se chocando uns com os outros, minha mãe aproximou-se.

— Tome — disse. — Dois vidros de Apple Berry para Irys, e um vidro de Alfazema para você.

— Alfazema.

— Você adorava quando tinha 5 anos de idade; sendo assim, resolvi arriscar. Se quiser, mais tarde, podemos experimentar até achar algo que goste.

Abri a tampa e inspirei. Mais uma vez, não experimentei recordações de ter 5 anos de idade, contudo o perfume me fez lembrar da ocasião em que me escondi sob a mesa no escritório de Valek. Eu estivera procurando a receita para o antídoto do Pó de Borboleta, o suposto veneno no meu corpo que fora o modo de Valek me impedir de escapar. Pensando que eu precisava de uma dose diária do veneno para permanecer viva, eu me esforçara um bocado para encontrar a cura. Valek retornara mais cedo, e me descobrira porque eu usara um sabonete com perfume de alfazema.

Eu ainda gostava do aroma.

— Isto é perfeito — disse para Perl. — Obrigada.

Um medo inesperado brilhou nos olhos de Perl. Ela cerrou os lábios e entrelaçou as mãos uma na outra. Inspirando profundamente, declarou:

— Vou com vocês. Esau, onde está minha mochila? — perguntou, quando o marido retornou, carregado de comida.

— Lá em cima, no nosso quarto — ele disse.

Ela passou correndo por ele. Se meu pai ficou surpreso com sua decisão, não o demonstrou pela expressão do rosto. Coloquei o pão e as frutas que ele trouxera na mochila e envolvi os frascos de perfume com minha capa. Durante a jornada para o Sul, minha capa se mostrara quente demais para usar, contudo fora um lugar macio para eu dormir quando acampávamos ao longo da estrada.

— A comida não durará muito, e provavelmente vai precisar de mais roupas quando estiver na Cidadela — Esau afirmou. — Tem algum dinheiro?

Procurei na mochila. Precisar de dinheiro para comida e roupas ainda parecia estranho para mim. No Norte, sempre cuidavam de todas as nossas necessidades básicas. Peguei a bolsa de moedas de ouro ixianas que Valek me dera antes de nos despedirmos.

Mostrando uma das moedas para Esau, perguntei:

— Estas servem?

— Guarde isso. — Esau fechou minha mão ao redor da moeda. — Não deixe ninguém ver que as tem. Quando chegar à Cidadela, peça a Irys que as troque por dinheiro sitiano.

— Por quê?

— Podem confundi-la com uma nortista.

— Mas eu sou...

— *Você não é.* A maioria dos sulistas desconfia de pessoas vindas de Ixia, mesmo refugiados políticos. Você é uma Zaltana. Jamais se esqueça disso.

Uma Zaltana. Repeti o nome na minha mente, perguntando se o simples ato de proferi-lo me tornaria parte do clã. De algum modo, sabia que não seria tão fácil assim.

Esau caminhou até a escrivaninha e vasculhou as gavetas. Guardei o dinheiro de Valek. Com a comida e os suprimentos providenciados pelo meu pai, minha mochila estava quase estourando. Tentei organizar o conteúdo. Será que precisaria de minha corda e do arpéu? Ou de meu uniforme nortista? Apesar de torcer para que não tivesse oportunidade de usá-los, ainda não conseguia me forçar a deixá-los para trás.

Escutei um ruído metálico. Esau retornou com um punhado de moedas de prata.

— Foi tudo que consegui encontrar, mas deve bastar até você chegar à Cidadela. Agora, vá se despedir de sua mãe. Está ficando tarde.

— Ela não vem conosco?

— Não. Você a encontrará na cama.

Ele disse as palavras com um misto de resignação e aceitação.

Ponderei suas palavras ao puxar o elevador para cima. Eu a encontrei em posição fetal sobre a colcha da cama do seu quarto de dormir. O corpo de Perl tremia e lágrimas encharcavam-lhe o travesseiro.

— Da próxima vez — soluçou. — Da próxima vez eu acompanho Leif até a Cidadela. Da próxima vez.

— Eu gostaria disso — retruquei. Lembrando-me do comentário de Leif sobre como há muito ela não deixava a selva, acrescentei: — Assim que puder, voltarei para casa para vê-la.

— Da próxima vez. Da próxima vez eu consigo. — Tendo decidido adiar sua viagem à Fortaleza dos Magos, Perl acalmou-se. Algum tempo depois, endireitou-se e ficou de pé, alisando o vestido e enxugando as lágrimas do rosto. — Da próxima vez, você ficará conosco mais tempo.

Pareceu uma ordem.

— Sim, Pe... Mãe.

Os vincos de preocupação desapareceram de seu rosto, revelando sua beleza. Ela me abraçou com força, e sussurrou:

— Não quero voltar a perdê-la. Tenha muito cuidado.

— Eu terei.

Eu estava falando sério. Alguns hábitos aprendidos a duras penas não eram fáceis de ser esquecidos.

Havia apenas algumas saídas para o chão da selva. Cada saída tinha o nome da família cuja residência ficava próxima. Cheguei ao aposento que tinha a escada dos Palm. Assim que coloquei o pé no primeiro degrau, escutei a voz de Nutty. Já me despedira de meus pais e de Baval Cacao, porém não conseguira encontrar Nutty em lugar nenhum.

— Yelena, espere — Nutty pediu.

Eu me detive, a tempo de vê-la passar pelo vão da porta. Ela trazia dobrado na mão um pouco de tecido colorido.

— Fiz isto para você — disse, ofegante.

A saia amarelo-clara, discreta para os padrões dos Zaltana, estava coberta de pequenos ranúnculos, e a camisa era de um vermelho-coral forte. Fitei a saia com desconfiança. Nutty riu.

— Olhe — disse, abrindo a saia. — Está vendo? Parece uma saia, mas, na verdade, é um par de calças. Quando cruzar as planícies, vai morrer de calor nessas calças pretas. — Ela segurou a calça pela cintura diante do meu corpo, como se para avaliar o comprimento. — E, desse modo, não vai chamar tanta atenção.

— Garota esperta — eu disse, sorrindo.

— Gostou?

— Gostei.

Ela pareceu satisfeita consigo mesma.

— Eu sabia.

— Será que pode me fazer mais? Talvez possa mandá-las por Baval quando ele for para a Cidadela?

— Claro.

Eu tirei a mochila e procurei um pouco de dinheiro.

— Quanto é?

Nutty sacudiu a cabeça.

— Quando chegar ao Mercado de Illiais, compre um pouco de tecido da barraca de Fern. Peça que ela o traga para mim. Vou precisar de três metros para cada conjunto de roupas. Farei tantos quanto você quiser.

— Mas e quanto ao preço do seu trabalho?

Seus rabos de cavalo voaram quando ela voltou a balançar a cabeça.

— Os Zaltana não cobram da família. Contudo... — Seus olhos castanhos brilharam. — Se alguém perguntar quem desenhou suas roupas... Fique à vontade para lhes dar o meu nome.

— Pode deixar. Obrigada.

Dobrei minha roupa nova e a enfiei na mochila. Nutty se despediu de mim com um abraço.

O calor de seu corpo me acompanhou quando desci a escada. E durou até o primeiro olhar frio de desdém de Leif espantá-lo.

Ele estava esperando por mim no chão da selva. Leif vestira suas roupas de viagem, que consistiam de uma túnica de algodão marrom, calças marrom-escuras e botas. Trazia uma enorme mochila de couro nas costas e um facão pendurado no cinturão grosso.

— Trate de me acompanhar ou será deixada para trás — disse, sem olhar direto para mim.

Dando-me as costas, partiu em passo acelerado.

Eu sabia que logo me cansaria de olhar para as costas dele; contudo, por ora, o ritmo imprimido por ele era uma oportunidade bem-vinda de esticar minhas pernas.

Sem trocar mais palavras, viajamos por uma trilha estreita que cortava a selva. O suor logo empapou minha camisa, e me vi olhando ao redor, à procura de cobras-colares. Esau também mencionara onças das árvores. Decidi que, quando tivesse tempo, procuraria ilustrações dos predadores no guia do campo de Esau.

Vários pássaros cantavam e assoviavam e ruídos de animais ecoavam por entre o topo das árvores repletas de folhas. Queria

saber os nomes daquelas criaturas, porém supunha que Leif ignoraria minhas perguntas.

Ele se deteve uma vez, retirando o facão do cinturão. Sem pensar, peguei o cajado. Fungando com desdém, ele simplesmente cortou um pequeno galho baixo.

— Figueira estranguladora — bufou por sobre o ombro.

Nada respondi. Será que deveria me sentir honrada por, enfim, ele ter se dignado a falar comigo?

Leif não aguardou uma resposta.

— Uma parasita. A figueira estranguladora usa outra árvore para alcançar a luz do sol. Assim que chega lá, fica maior, e, com o passar do tempo, estrangula e mata o hospedeiro. — Ele puxou os galhos da figueira para longe da árvore. — Um processo que estou certo de que você conhece muito bem.

Ele jogou a planta no chão e seguiu marchando.

Não foi uma lição sobre a vida na selva, mas uma alfinetada dirigida a mim. Contemplei a ideia de derrubá-lo com meu cajado. Seria uma atitude mesquinha e desprezível. Apesar de tentada, passei meu cajado pela alça na mochila.

Chegamos ao Mercado de Illiais assim que o sol começou a se pôr. O conjunto de construções de bambu possuía telhados de palha e bambus de várias cores nas paredes. Algumas das “paredes” haviam sido enroladas para permitir que os fregueses examinassem os produtos, e que uma brisa leve os refrescasse.

Leif e eu fomos caminhando montanha abaixo, e a trilha terminava no mercado, que ficava em uma clareira nos arredores da selva. As gigantescas árvores da floresta tropical não dominavam mais a paisagem. Além da clareira, pude avistar um bosque que lembrava a Floresta da Serpente, em Ixia.

— Acamparemos aqui esta noite, e partiremos com a primeira luz do dia — Leif informou, antes de seguir para uma das barracas.

Pensei que, com o pôr do sol, o mercado fecharia. Contudo, uma vasta quantidade de tochas foi acesa, e os negócios prosseguiram inabalados. Os sons de negociações podiam ser escutados acima do

zumbido generalizado de centenas de fregueses falando, chamando crianças ou correndo de uma barraca para a outra carregando pacotes.

Alguns dos compradores usavam as conhecidas roupas dos Zaltana; no entanto, também vi vários usando calças justas de algodão e túnicas verdes, que eram as roupas do clã Cowen da floresta. Quando viemos de Ixia, Irys me ensinara a reconhecer os diferentes clãs pelas suas roupas.

Também avistei algumas mulheres usando as calças de seda folgadas, as blusas curtas enfeitadas com contas e os véus transparentes do clã Jewelrose. Mesmo os homens de Jewelrose usavam contas e joias em suas túnicas compridas que pendiam até os joelhos de suas calças. Quando Irys me explicara os costumes de seu clã, não consegui imaginá-la usando algo que não a camisa de linho lisa, calças e o cinto largo que ela sempre usava.

Passei pelo mercado, maravilhando-me com a variedade de produtos à venda. Itens práticos como comida e roupa eram expostos lado a lado com joias e artigos artesanais. O cheiro de pinho vindo das tochas dominava, e não demorei muito para distinguir o cheiro de carne assando. Segui o aroma de dar água na boca até uma fogueira. Um homem alto, coberto de suor, girava a carne que chiava sob a ação das chamas. Seu avental branco estava sujo de fuligem. Comprei dele um bife quente para comer na mesma hora, e alguma carne defumada para mais tarde.

Tentando ignorar os olhares insistentes dos outros compradores, procurei a barraca de Fern, jurando me trocar e vestir as roupas de Nutty assim que encontrasse um pouco de privacidade. Logo uma mesa cheia de pilhas de tecidos chamou minha atenção. Enquanto examinava as estampas, uma mulher pequena com olhos grandes espiou de trás da coleção.

— Posso ajudá-la? — perguntou.

— Você é Fern?

Com os olhos arregalados de alarme, ela assentiu.

— Nutty Zaltana me mandou. Você tem cores lisas?

De sob a mesa, Fern puxou rolos de tecidos lisos e os colocou sobre a mesa. Juntas, combinamos cores e estampas para três conjuntos.

— Tem certeza que não quer esta estampa de Illiais? — Fern mostrou uma vibrante estampa floral cor-de-rosa e amarela. — Cores lisas normalmente são usadas pelos homens Zaltana. Esta estampa é muito popular com as mulheres.

Sacudi a cabeça. Quando fiz menção de pagar o tecido, avistei um tecido que combinava com as cores da floresta.

— Também vou querer um pouco disso — disse, apontando para a estampa verde.

Após acertarmos as contas, pedi que ela enviasse os tecidos para Nutty, porém encontrei lugar para a estampa da floresta na minha mochila.

— Quem devo dizer que mandou? — Fern indagou, com o cálamo apoiado sobre o papiro.

— A prima dela, Yelena.

O cálamo se deteve no meio da palavra.

— Minha nossa! — ela exclamou. — A criança desaparecida dos Zaltana?

Exibi um sorriso cansado.

— Não sou mais criança, e nem estou mais desaparecida.

Passando por mais algumas barraquinhas, detive-me diante de uma mesa expondo estátuas de criaturas da selva. Eram feitas de pequenas pedras multicoloridas coladas umas nas outras. Selecionei a estatueta preta e branca de um valmur e a comprei para Valek. Sem saber ao certo como faria para enviá-la para ele, embrulhei o presente no meu novo tecido verde.

Fogueiras de acampamento começaram a se acender atrás do mercado. O comércio começou a ficar mais lento à medida que os donos das lojas foram abaixando as proteções de bambu, fechando suas barracas. Fregueses ou seguiam na direção da floresta ao redor, ou para um dos acampamentos. Avistei Leif sentado ao lado

de uma fogueira. Estava com uma vasilha no colo, enquanto conversava com três jovens Zaltana sentados perto dele. Através do ar trêmulo acima da fogueira, pude vê-lo sorrir e rir. Seu rosto todo se transformou naquele instante. A testa franzida se alisou. As faces se ergueram, aliviando o impacto do rosto sério e suavizando o queixo quadrado. Ele pareceu dez anos mais novo.

Lembrando-me que Esau dissera que Leif tinha 8 anos de idade quando fui sequestrada, dei-me conta de que meu irmão era apenas dois anos mais velho do que eu. Ele tinha 22 anos de idade, em vez da minha suposição original de que tinha 30.

Sem pensar, fui me juntar a ele. Em uma fração de segundo, a alegria desapareceu de seu rosto. Ele fez uma careta com tanta selvageria que eu me detive como que atingida por um raio. Onde é que eu deveria passar a noite?

Alguém tocou no meu ombro. Eu me virei.

— É bem-vinda a ficar ao redor da minha fogueira — Fern ofereceu.

Ela apontou para um pequeno fogo perto de sua barraca.

— Tem certeza? Eu posso ser uma espiã de Ixia.

Foi uma tentativa de fazer piada, mas as palavras saíram com mais brusquidão do que eu pretendia.

— Neste caso, pode informar para seu Comandante que eu fabrico os melhores tecidos de todos os clãs. E, se ele quiser um uniforme feito com a minha famosa estampa de Illiais, basta apenas fazer a encomenda.

Eu ri ante a imagem do impecável comandante Ambrose usando as espalhafatosas flores cor-de-rosa e amarelas.

Quando os primeiros raios de sol tocaram os telhados de palha do mercado, eu já estava aguardando Leif para continuarmos nossa viagem. Fern fora uma anfitriã generosa, convidando-me para jantar e me indicando onde eu poderia me trocar em particular. No final das contas, Nutty era sua melhor freguesa, fornecendo roupas a todos os Zaltana.

Contorci-me sob o ar matinal quente, tentando me acostumar com todo o tecido extra ao redor das pernas. A bainha cobria apenas o topo de minhas botas de couro macio. Fern me assegurara de que minhas botas passariam mais despercebidas assim que eu chegasse à Cidadela. Apenas os clãs da selva e da floresta preferiam lama entre os dedos dos pés.

Por fim, Leif apareceu. Recusando-se a notar minha presença, ele tomou uma trilha que atravessava a floresta. Após algumas horas, fiquei cansada de segui-lo em silêncio. Peguei meu cajado e comecei a treinar defesas e ataques enquanto caminhávamos. Eu me concentrava na sensação da madeira nas mãos, colocando a mente naquele estado de alerta que Irys alegava ser meu modo de acessar a fonte de energia mística.

Para praticar o controle da magia, expandi minha percepção sensorial. A princípio, esbarrei em uma muralha de pedra fria. Confusa, recuei, até me dar conta de que a muralha era a mente de Leif, fechada e inacessível. Não deveria ter ficado surpresa.

Contornando sua presença, busquei a floresta calma que nos cercava. Acompanhei um esquilo em busca de nozes. Fiquei paralisada junto com uma jovem corça, ao escutar o som de passos. Minha mente tocava criaturas diferentes, à medida que ia se expandindo. Aos poucos, fui projetando minha consciência cada vez mais longe, vendo até onde eu conseguia alcançar.

Atrás de mim, ainda podia sentir as pessoas no mercado, a oito ou nove quilômetros de distância. Empolgada, segui adiante, na tentativa de ver se havia uma cidade ali por perto. A princípio, deparei-me apenas com mais animais; contudo, justamente quando estava prestes a recuar, minha mente tocou a de um homem.

Tomando cuidado para não quebrar o Código de Ética, deslizei apenas pela superfície de seus pensamentos. Era um caçador aguardando sua presa, e não estava sozinho. Havia muitos homens ao seu redor. Estavam agachados atrás dos arbustos que cercavam a trilha. Um estava montando um cavalo com a arma preparada para atacar. Perguntei-me o que estariam caçando. A curiosidade me fez

ir um pouco mais a fundo nos pensamentos do homem. Uma imagem de sua presa apareceu, fazendo com que eu retornasse bruscamente ao meu corpo.

Parei.

Devo ter deixado escapar alguma exclamação de surpresa, pois Leif virou-se e me fitou.

— O que está fazendo? — Ele quis saber.

— Na floresta. Homens.

— É claro. O bosque está cheio de caça — ele explicou, como se estivesse falando com uma simplória.

— Não são caçadores. É uma emboscada. Para nós.

5

— EMBOSCADA? NÃO SEJA ridícula — Leif disse, com um tom de voz divertido. — Você não está mais em Ixia.

— Por que um grupo de caça haveria de se esconder tão perto da trilha? — indaguei, ignorando seu tom e torcendo para que a lógica prevalecesse.

— Animais usam as trilhas da floresta. É mais fácil do que abrir caminho pela vegetação. — Leif começou a avançar pelo caminho. — Vamos.

— Não. Você está nos levando para uma armadilha.

— Tudo bem. Eu vou sem você.

Quando ele voltou a me dar as costas, fui tomada de fúria.

— Acha que estou mentindo?

As palavras saíram como um rosnado por entre meus dentes.

— Não. Acho que desconfia de tudo e de todos, exatamente como uma nortista.

Sua boca estava retorcida, como se quisesse cuspir.

— Você acha que sou uma espiã — retruquei, tomada de frustração. — Vou baixar minhas defesas. Projete sua mente e veja por si mesmo que não estou aqui para espionar Sitia.

— Não consigo ler mentes. Na verdade, nenhum *Zaltana* consegue.

Ignorei a alfinetada.

— Será que não pode ao menos pressentir quem eu sou?

— Fisicamente, você é uma *Zaltana*. Porém, só porque *Irys* alega que você sobreviveu aos esforços de *Mogkan* para apagar sua mente, não significa que isso seja verdade. — *Leif* me apontou o dedo, acusador. — Pode muito bem ser uma peça de brinquete, um invólucro vazio que recebeu um hospedeiro nortista. Que modo melhor de se obter olhos e ouvidos no Sul?

— Ridículo.

— Não. Não é, não. Você se revelou — *Leif* disse, com contida intensidade. Depois, seus olhos ficaram sem vida, vazios, como se estivesse espiando um outro mundo. — Sinto uma forte lealdade e saudades de *Ixia* emanando de você. Você fede a sangue, dor e morte. Fúria, paixão e fogo a rodeiam como uma névoa. — Seu olhar voltou a se fixar sobre mim. — Minha irmã estaria exultante com a própria liberdade, e cheia de ódio por seus captores. Você perdeu sua alma para o Norte. Não é minha irmã. Seria melhor se tivesse morrido, em vez de voltar para nós maculada.

Inspirei profundamente para acalmar a fúria súbita que ameaçava apossar-se de mim.

— acorde, *Leif*! O que você sonhava em encontrar na selva não se apoiava na realidade. Não sou aquela menininha inocente de 6 anos de idade. Já passei por muito mais do que você pode imaginar e lutei pra valer para manter minha alma. — Sacudi a cabeça. *Recusava-me* a dar satisfações a este tolo teimoso. — Sei quem *eu* sou. Talvez seja *você* quem precise reavaliar suas expectativas a meu respeito.

Ficamos parados por um instante, fitando um ao outro. Por fim, eu disse:

— Você está caminhando para uma emboscada.

— Estou caminhando para a Cidadela. Você vem?

Pesei minhas opções. Se usasse meu arpéu e corda para subir nas árvores, poderia viajar pelas copas das árvores e ultrapassar a emboscada, ainda permanecendo perto da trilha. Mas e quanto a Leif, meu irmão que agia como se fosse meu inimigo? Ele tinha o seu facão. Será que sabia usá-lo em uma luta?

E se fosse ferido na emboscada? Seria sua própria culpa. Éramos irmãos apenas no sangue, e não conseguia imaginar Leif e eu algum dia nos tornando próximos. Ainda assim senti uma pontada de arrependimento no coração. Esau e Perl não gostariam de ver Leif ferido. Foi então que me dei conta de que Leif era um mago. Será que era capaz de se defender com sua magia? Sacudi a cabeça. Não sabia o suficiente sobre magia para sequer contemplar o que podia ser feito com ela.

— Jamais pensei que um grupo de caça pudesse assustar uma nortista.

Leif gargalhou, avançando pela trilha.

Foi a gota d'água. Tirei a mochila das costas e encontrei meu canivete. Abrindo uma pequena fenda ao longo da costura externa de minhas calças novas, preendi a bainha da faca à minha coxa. Soltei a trança e preendi o cabelo em um coque, usando meus pinos de arrombar fechaduras para prendê-lo no lugar. Vestida para lutar, passei as alças da mochila sobre um dos ombros e corri atrás de Leif.

Quando o alcancei, ele deixou escapar um resmungo divertido. Com meu cajado de um metro e meio na mão, busquei com a mente minha zona mental de combate. A zona era uma técnica de concentração que me permitia antecipar os movimentos do oponente, enquanto eu lutava. Dessa vez, me concentrei na trilha adiante.

Os homens estavam em posição e esperando, seis de cada lado da estrada. Soube o instante em que eles nos escutaram, contudo continuaram aguardando. Queriam nos cercar, atacando apenas quando estivéssemos bem no meio do grupo.

Eu tinha outros planos. Pouco antes de alcançarmos a emboscada, deixei a mochila cair no chão e disse:

— Espere!

Leif virou-se para mim.

— O que foi agora?

— Acho que escutei alguma...

Um grito ecoou pela floresta. Pássaros levantaram voo com um bater de asas. Homens saltaram dos arbustos com espadas nas mãos. Contudo, o elemento surpresa era meu. Desarme os primeiros dois homens que avançaram na minha direção. Acertando-lhes com força as têmporas com o cajado, eu os derrubei.

Quando um terceiro homem se aproximou, uma rasteira o levou ao chão. Mais dois homens me atacaram, e eu me adiantei para enfrentá-los, contudo eles saltaram para a lateral da trilha. Minha confusão durou apenas até eu sentir o chão tremendo sob as solas de minhas botas. Erguendo a cabeça, vi um cavalo de peito largo avançando na minha direção pela trilha. Mergulhei para longe e senti uma lâmina de aço cortar a parte superior do meu braço esquerdo. Furiosa, ataquei o homem mais perto de mim, acertando-lhe o nariz com o cajado. Com o sangue jorrando, ele gritou de dor.

— Detenham-na! — o homem sobre o cavalo ordenou.

Procurei Leif. Ele estava de pé no meio da estrada, cercado por quatro homens armados, uma expressão de surpresa estampada no rosto. Fora isso, contudo, estava aparentemente incólume. O facão estava jogado aos seus pés.

Em desvantagem numérica, restavam-me apenas segundos. O cavaleiro estava retornando, preparando um novo ataque. O homem com o nariz quebrado estava estendido no chão. Fiquei de pé sobre ele e ameacei seu pescoço com a extremidade do cajado.

— Pare, ou lhe esmagarei a traqueia! — gritei.

O jovem deteve seu cavalo. Mas quando os outros recuaram, fitando-me com incredulidade, ele ergueu a espada no ar.

— Renda-se, ou matarei seu irmão — ele disse.

Como ele sabia que Leif era meu irmão? Olhei para Leif, considerando. A ponta da espada do guarda balançava a poucos centímetros do coração de Leif. O medo estava estampado no rosto do meu irmão. Era benfeito. O soldado sob meu pé respirava com dificuldade.

Dei de ombros.

— Parece que temos um impasse — disse para o cavaleiro.

— Realmente. — Ele hesitou. — Que tal abaixarmos as armas e discutirmos a situação?

Estava prestes a concordar quando o cavaleiro estalou os dedos. Pressenti o movimento; e antes que pudesse me virar, escutei um terrível baque surdo e senti uma dor esmagadora na nuca, depois, mais nada.

Minha cabeça pulsava de dor, como se alguém estivesse batendo com duas marretas nas laterais do meu crânio. Abri os olhos por um segundo, mas voltei a apertá-los com força. Uma pele marrom oscilante ocupava meu campo de visão, deixando-me nauseada. Enquanto lutava para manter o conteúdo do meu estômago no lugar, me dei conta de que estava pendurada de cabeça para baixo, e que estava sendo movida. Arrisquei outra espiada e confirmei minha suspeita de que havia sido jogada sobre o lombo de um cavalo. Vomitei.

— Ela acordou — disse uma voz masculina.

Graças a Deus, o cavalo se deteve.

— Ótimo. Vamos parar e acampar aqui — disse o cavaleiro.

Senti um puxão forte na lateral, e fui ao chão. O impacto fez com que uma onda de dor percorresse meu corpo. Atordoada, tudo que pude fazer foi torcer para que nada houvesse quebrado.

Com a luz do sol desaparecendo, escutei os homens trabalhando. Quando tentei me contorcer para encontrar uma posição mais confortável, comecei a entrar em pânico. Não consegui me mover direito. Foi então que reconheci o som apavorante de algemas ao redor dos meus pulsos e de meus tornozelos. Ao olhar, notei uma

corrente de cerca de trinta centímetros pendendo entre os grilhões de metal envolvendo meus pulsos. Foi necessário um esforço considerável para não gritar e me debater. Algumas respirações profundas acalmaram meu coração acelerado e a mente apavorada.

Avaliei o estrago sofrido pelo meu corpo. Apesar de alguns músculos doloridos, não conseguia sentir nenhum osso quebrado, embora a parte superior do braço esquerdo ardesse devido ao corte de espada. Não notara a dor durante a luta e, mesmo agora, parecia um simples incômodo comparado com o latejar da cabeça. Sendo assim, permaneci quieta, à espera de alguma oportunidade.

Com o cair da noite, os barulhos do acampamento sendo montado foram substituídos pelo murmurinho de vozes. Quando a dor na minha cabeça se transformou em um latejar distante, tentei me mover novamente, e consegui virar de barriga para cima. Minha visão das estrelas logo foi obscurecida pelo rosto de um homem a me fitar. Olhos pequenos e próximos olhavam por sobre um nariz que já fora quebrado várias vezes. O luar reluzia em sua espada, permitindo-me ver sua ponta balançando acima de meu pescoço.

— Cause problemas e eu a espetarei com minha arma — o homem afirmou, com um sorriso doentio. — E não estou falando da espada.

Para comprovar o que estava dizendo, embainhou a lâmina comprida.

Decidi não causar problemas. Pelo menos, por enquanto. O guarda pareceu satisfeito com meu silêncio. Ele cruzou os grossos braços musculosos diante do peito, fitando-me. Eu podia sentir a bainha do canivete presa à coxa. Se ela ainda continha ou não minha arma era a questão, e não podia me arriscar a verificar enquanto ainda estava sendo vigiada. Em vez disso, olhei ao redor para me situar.

Meus atacantes haviam acampado em uma clareira. Os homens rodeavam a brilhante fogueira, cozinhando algo que cheirava a carne. Uma única tenda fora erguida. Leif e o cavaleiro não estavam à vista, porém o cavalo estava preso a uma árvore próxima. Contei

12 homens na clareira, incluindo o meu guarda. Podia haver mais dentro da barraca. De qualquer modo, eram muitos para eu enfrentar.

Tentei me sentar. O mundo girou, e vomitei até que não restasse mais nada no estômago.

Vindo da fogueira, um guarda veio em minha direção. Era um homem mais velho com cabelos curtos e grisalhos cobrindo a cabeça. Ele estendeu a mão, passando-me a caneca que trazia nela.

— Beba isto — ordenou.

O cheiro quente de gengibre veio do líquido.

— O que é? — perguntei com a voz rouca.

— Não importa. — O guarda deu um passo na minha direção, erguendo o punho. — Faça o que o capitão Marrok está mandando.

— Calma, Goel, ela terá de ser capaz de caminhar amanhã — o capitão Marrok disse. Depois, virou-se para mim. — Seu irmão preparou isso com algumas folhas que trazia na mochila.

Leif estava vivo. Meu alívio me pegou de surpresa.

— Vai fazer sua cabeça melhorar — o Capitão disse, quando meus lábios hesitaram na borda da caneca.

Um brilho de gentileza apareceu nos seus olhos cor de gelo, mas ele não permitiu que isso lhe alterasse a expressão séria do rosto.

Por que me envenenar agora, quando poderiam ter me matado antes? Talvez Leif me quisesse morta?

— Beba, ou eu lhe despejarei tudo garganta abaixo à força — Goel ameaçou.

Acreditei em Goel, de modo que dei um pequeno gole, à procura de venenos. Parecia suco de limão misturado com gengibre doce. Sentindo-me um pouco melhor só com um gole, engoli o resto.

— Cahil disse para trazê-la mais para perto do fogo. Está escuro demais aqui atrás. Determinei os turnos de vigia de quatro horas para esta noite — explicou o capitão Marrok.

Goel me segurou pelos braços e me alçou até eu ficar de pé. Preparando-me para outra onda de náusea, eu me retesei, mas nada aconteceu. Meu estômago se acalmara, e minha cabeça parara de

latejar o suficiente para eu me perguntar como deveria andar com uma corrente tão curta separando os grilhões dos tornozelos. Pelo menos, meus pulsos não estavam acorrentados aos tornozelos.

O problema foi resolvido quando Goel me ergueu sobre o ombro. Quando ele me largou perto da fogueira, os outros homens pararam de conversar. Um dos homens me fitou por sobre o pesado curativo ensanguentado que trazia sobre o nariz.

Marrok me passou um prato de comida.

— Coma. Vai precisar das suas forças.

Os guardas todos riram. Foi um som amedrontador, e totalmente desprovido de humor. Ponderei se deveria, ou não, comer a carne e o pão de queijo. Fazia apenas alguns minutos que esvaziara o conteúdo de meu estômago no chão, contudo o cheiro convidativo da carne grelhada tomou a decisão por mim. Após testar para ver se havia venenos, devorei a refeição.

Com a dor de cabeça sumida, e o corpo um tanto quanto revigorado com a comida, contemplei minha situação. Minha maior pergunta era por que Leif fora capturado, e por quem. Goel ainda estava por perto, de modo que perguntei a ele.

Ele me esbofeteou o rosto com as costas da mão.

— Nada de falar — ordenou.

Minha face ardeu, e lágrimas indesejadas começaram a se acumular nos meus olhos. Eu odiava esse Goel.

Passei as horas seguintes em silêncio, usando o tempo para encontrar um modo de fugir. Minha mochila não estava em nenhum lugar por perto, porém, do outro lado da fogueira, um homem pesado tentava treinar com outro guarda usando meu cajado. Suando muito, o homem grande inexperientemente golpeava a espada de treino do colega, e foi vencido com facilidade.

Após assistir à contenda, decidi que aqueles homens tinham de ser soldados, embora estivessem usando trajes civis feitos em casa. Suas idades variavam de vinte e poucos até quarenta e tantos, talvez cinquenta. Mercenários, talvez? Era óbvio que o capitão Marrok estava no comando daqueles homens.

Mas por que haviam nos atacado? Se precisavam de dinheiro, podiam ter pegado o que queriam e seguido seu caminho. Se fossem assassinos, eu já estaria morta. Restava sequestro. Em troca de resgate? Ou por um motivo ainda pior?

Um arrepio me sacudiu os ombros quando pensei em meus pais recebendo a notícia de que eu desaparecera novamente, e me prometi que não permitiria que a coisa toda chegasse tão longe. De algum modo, eu escaparia, porém, sabia que não seria sob o olhar atento de Goel.

Esfreguei o pescoço. Minha mão ficou grudada de sangue. Explorando com a ponta dos dedos, encontrei uma ferida profunda na base do crânio e um corte menor acima da têmpora esquerda. Ajeitei o coque e afastei a mão com o que eu torcia que parecesse um gesto casual. Minhas ferramentas de arrombar fechaduras ainda estavam segurando parte do meu cabelo, e torci para que Goel não as visse.

Um possível modo de escapar estava ao meu alcance. Precisava apenas de algum tempo sem ser vigiada. Infelizmente, não parecia que isso fosse acontecer tão cedo; dois homens deixaram a tenda e vieram direto para onde eu estava.

— Ele quer vê-la — um homem disse, ao me levantarem à força.

Eles me arrastaram na direção da tenda. Goel nos seguiu. Eu fui empurrada para dentro e largada no chão. Quando meus olhos se acostumaram à fraca luz de velas, vi o jovem cavaleiro sentado diante de uma mesa de lona. Leif, desacorrentado e incólume, estava sentado ao seu lado. Minha mochila estava sobre a mesa, com meus pertences espalhados ao redor.

Com algum esforço, fiquei de pé.

— Amigo seu? — perguntei para Leif.

Algo duro atingiu a lateral de minha cabeça, derrubando-me novamente no chão. Leif ergueu-se de seu assento, porém se conteve quando o cavaleiro lhe tocou a manga do braço.

— Isso foi desnecessário, Goel — o cavaleiro disse. — Aguarde lá fora.

— Ela falou sem permissão.

— Se ela não demonstrar o devido respeito, poderá lhe ensinar bons modos. Agora saia — ordenou o cavaleiro.

Esforcei-me para ficar de pé novamente. Goel foi embora, contudo os dois outros guardas permaneceram perto da entrada. Minha paciência chegara ao limite. Se eu fosse rápida o suficiente, talvez conseguisse enrolar a corrente ligando os meus pulsos ao redor do pescoço do cavaleiro.

Quando eu estava avaliando a distância, o cavaleiro disse:

— Eu não tentaria nenhuma tolice.

Ele ergueu do colo uma espada larga e comprida.

— Quem diabos é você, e o que quer? — exigi saber.

— Olha como fala, ou chamarei Goel de volta — ele retrucou com um sorriso.

— Vá em frente, chame-o. Tire esses grilhões e tentemos uma luta justa. — Quando ele nada respondeu, eu acrescentei: — Suponho que esteja com medo de que eu vença. Mentalidade típica de quem recorre a emboscadas.

Ele olhou com surpresa para Leif, que lhe devolveu um olhar preocupado, e não pude deixar de me perguntar qual era a situação entre os dois. Amigos ou inimigos?

— Você se esqueceu de mencionar toda essa bravata. É claro — ele voltou-se para mim — que pode estar apenas representando.

— Por que não tira a prova? — retruquei.

O cavaleiro riu. Apesar da barba loura e cheia e do bigode, ele ainda parecia mais novo do que eu. Talvez tivesse 17 ou 18 anos de idade. Seus olhos eram azul-claros e o cabelo louro à altura dos ombros estava preso em um rabo de cavalo. Mesmo dessa distância, eu podia dizer que o tecido de sua camisa era mais caro do que as roupas dos guardas.

— O que você quer? — indaguei novamente.

— Informação.

Fiquei boquiaberta ante a resposta.

— Ora, vamos — ele disse. — Não banque a tola comigo. Quero as estatísticas militares de Ixia. Tamanho e localização de tropas. Vantagens. Desvantagens. Quantidade de armas. A localização exata de Valek. Quem são e onde estão seus outros espiões. Esse tipo de informações.

— E por que acha que sei isso?

Ele olhou para Leif e, subitamente, entendi tudo.

— Acha que sou uma espiã nortista.

Suspirei. Leif, de fato, armara a emboscada para mim. Era por isso que o cavaleiro sabia que Leif era meu irmão. Todo o medo e surpresa de Leif durante a emboscada foram fingimento. Ele nada tinha a tratar com a Primeira Feiticeira. Não era à toa que não abrira a boca desde que eu chegara à tenda.

— Muito bem, já que todo mundo acredita que sou espiã, acho que deveria me portar como tal. — Cruzei os braços e assumi uma postura desafiadora. O barulho metálico dos grilhões não ajudou muito a imagem; contudo, ainda assim, não me deixei intimidar. — Não vou contar nada para vocês, escória sulista.

— Não terá escolha.

— Nesse caso, prepare-se para uma grande surpresa.

O que significava que eu não possuía as respostas que ele buscava. Caso ele quisesse saber a comida favorita do Comandante, teria o maior prazer em informar.

— Poderia mandar Goel arrancar as informações de você sob tortura — o cavaleiro disse. — Ele gostaria disso. Contudo, é uma solução desagradável e demorada. E sempre considere duvidoso qualquer fato obtido sob pressão.

O cavaleiro ficou de pé e deu a volta ao redor da mesa, aproximando-se de mim. Cerrava a mão direita ao redor do punho da espada, tentando me intimidar. Era cerca de 18 centímetros mais alto do que eu, e as calças de algodão cinza-escuro estavam enfiadas para dentro das botas de cano alto de couro preto.

— Você é que pode se preparar para uma surpresa, porque vou levá-la até a Fortaleza dos Magos, onde a Primeira Feiticeira vai abrir

sua mente como quem descasca uma banana, revelando seu interior macio, onde estão todas as respostas. Seu cérebro fica um pouco danificado pelo processo — ele deu de ombros, como se tal detalhe não o preocupasse —, contudo a informação é sempre precisa.

Pela primeira vez, desde que acordara prisioneira, medo de verdade percorreu meu corpo. Talvez não tivesse sido uma boa ideia bancar a espiã.

— Será que você acreditaria em mim se eu dissesse que não tenho o que quer?

O cavaleiro sacudiu a cabeça.

— A prova de sua lealdade está na sua mochila. Moedas ixianas e o seu uniforme nortista.

— O que, na verdade, prova que não sou espiã, considerando que Valek jamais recrutaria alguém tolo o suficiente para levar seu uniforme em uma missão — retruquei, tomada de frustração, contudo, arrependi-me de ter mencionado o nome de Valek.

Um olhar do tipo “ela-acaba-de-se-entregar” foi trocado entre Leif e o cavaleiro.

Tentei ganhar tempo.

— Quem é você, e por que quer essa informação?

— Sou o rei Cahil Ixia. E quero meu trono.

6

REI DE IXIA? Esse jovem idiota alegava ser rei?

— O rei de Ixia está morto — retruquei.

— Sei muito bem que seu *chefe*, Valek, assassinou o rei e toda sua família quando o comandante Ambrose assumiu o controle de Ixia. Porém ele cometeu o que logo provará ser um erro fatal. — Cahil golpeou o ar com a espada. — Não contou os corpos, e o sobrinho de 6 anos de idade do rei foi trazido para o Sul. Sou o herdeiro do trono ixiano, e pretendo reivindicá-lo.

— Precisaré de mais homens — salientei.

— Quantos mais? — ele indagou, com considerável interesse.

— Mais do que doze.

O número de homens que eu supunha estar no acampamento.

Ele riu.

— Não se preocupe. Os militares e assassinos do Comandante representam uma ameaça tão concreta para Sitia que não me faltarão seguidores. Além do mais — ele ponderou por um instante —, assim que eu a entregar à Cidadela e lhes mostrar que descobri uma espiã perigosa, eles não terão outra escolha senão apoiar minha campanha contra Ambrose. Terei todo o exército sitiano sob meu comando.

Ele não conseguiu me impressionar. Em vez disso, lembrou-me de um menininho brincando com soldadinhos de brinquedo. Fiz um rápido cálculo mental. Cahil era um ano mais velho do que eu, o que lhe dava 21 anos de idade.

— Quer dizer que vai me levar até a Cidadela? — indaguei.

Ele assentiu.

— Lá, a Primeira Feiticeira arrancará a informação de sua mente.

Ele sorriu, e um brilho ganancioso apareceu no seu olhar.

De algum modo, eu não fizera a conexão entre a Cidadela e a Feiticeira da primeira vez em que Cahil a mencionara. O comentário sobre danificar meu cérebro deve ter me distraído.

— Estava mesmo indo para a Cidadela. Por que se dar a todo esse trabalho?

Descruzei os braços, mostrando os grilhões.

— Você está fingindo ser uma estudante. Infelizmente, os feiticeiros levam muito a sério o seu Código de Ética, e não a interrogarão sem que tenha sido flagrada fazendo algo ilegal. Sem a minha intervenção, eles a teriam convidado a entrar e lhe ensinado todos os segredos de Sitia.

Quer dizer que eu seria a grande prova dele. Cahil queria lhes mostrar que salvara os sitianos de uma criminosa ameaçadora.

— Muito bem, eu o acompanharei até a Cidadela. — Estendi-lhe os pulsos. — Tire isso, e eu não lhe causarei nenhum problema.

— E o que a impedirá de fugir? — ele perguntou.

Havia uma certa incredulidade na sua voz.

— Minha palavra.

— Sua palavra nada significa — Leif afirmou.

As primeiras palavras que ele disse durante toda a noite, e me deram uma enorme vontade de silenciá-lo com meu punho. Eu lhe lancei um olhar fulminante, deixando clara a promessa de um futuro ajuste de contas.

Cahil não parecia convencido.

— E quanto aos 12 homens que você colocou me guardando? — perguntei.

— Não. Você é minha prisioneira. Não pode haver dúvidas quanto a isso.

Cahil acenou com a mão e os dois guardas na entrada da tenda me agarraram pelos braços.

A reunião estava encerrada. Fui arrastada para fora da tenda e largada próxima à fogueira, onde Goel retomou sua vigilância atenta. Cahil não me deixara escolha. Eu *não* chegaria à Cidadela como prêmio dele.

Fiquei deitada ali, observando e escutando os homens, enquanto um plano simples se formava na minha mente. Quando o acampamento foi dormir, dois homens substituíram Goel. Fingi dormir, aguardando até que o segundo turno de guardas tivesse tempo o suficiente para ficar entediado.

Magia era a única arma que me restava; no entanto, não estava confiante no meu poder e nas minhas habilidades. O que eu planejava fazer podia ser considerado uma violação direta do Código de Ética dos Feiticeiros, contudo, àquela altura dos acontecimentos, eu não estava nem aí. Teria preferido lutar, mas estava sem opções e sem tempo.

Inspirando profundamente, tentei expandir minha consciência. Sem o auxílio do meu cajado, falhei miseravelmente. Não conseguia me concentrar. Sem querer arriscar grandes movimentos, esfreguei as pontas dos dedos com os polegares. O contato de pele com pele ajudou-me a centralizar a mente, até conseguir libertar-me de meu próprio corpo.

Esperava que os guardas já estivessem sonolentos, mas um deles assoviava baixinho, enquanto o outro repassava táticas militares na cabeça, embora eu pudesse sentir a vontade de dormir se manifestando em suas mentes.

Usei essa vontade. Dei o comando mental para dormirem e cruzei os dedos. Meu conhecimento de magia era muito limitado; não fazia ideia se iria funcionar. A princípio senti resistência. Tentei mais uma vez. Logo, os dois homens deslizaram até o chão, contudo, ainda

estavam acordados. Eu quisera ser sutil, todavia, a noite estava acabando. Durmam, ordenei com força, e os dois capotaram.

As correntes fizeram barulho quando eu me sentei. Pressionando-as de encontro ao peito, onde meu coração batia forte, examinei os homens adormecidos. Eu me esquecera do barulho. Como eu podia apenas usar uma das mãos e a boca, arrombar as fechaduras das algemas seria difícil e barulhento; sendo assim, repensei o plano. Talvez pudesse colocar todos os homens em um sono profundo, de modo a não acordá-los com a barulheira.

Projetei minha consciência, tocando a mente de cada homem, colocando-os em um sono profundo e desprovido de sonhos. Cahil dormia em um catre na tenda. Apesar de saber que adoraria ver o que se passava em sua mente, me contentei em apenas deixá-lo em um estado de inconsciência profunda. A proteção mística de Leif me impedia de afetá-lo. Torci para que ele tivesse um sono profundo.

Trabalhando com meu pino de diamantes em uma das mãos e com meu alicate de pressão entre os dentes, consegui arrombar as fechaduras das algemas dos meus pulsos após a quinta tentativa. O céu estava começando a clarear um pouco. Meu tempo estava acabando. Esgueirei-me para dentro da tenda para recuperar minha mochila, enfiando meus pertences em seu interior. Fiz mais barulho do que pretendia, mas meus instintos me diziam que os homens acordariam com a alvorada plena. Quando fugi, peguei o cajado ao lado do guarda que se apossara dele.

Ao correr pela floresta, notei que a escuridão desaparecia a cada passo. Meus pensamentos estavam confusos e, sentindo as pernas ficarem fracas, comecei a me ver sem fôlego. Usar magia nos homens havia sugado minhas energias.

Vasculhei as copas das árvores, procurando a variedade que tinha folhas largas. Avistando uma árvore com potencial, detive-me e peguei o arpéu e a corda da mochila.

Quando enfim consegui acertar um galho, meus braços pareciam feitos de borracha. Contudo, ao me alçar com a corda, tive de sorrir ante a ironia da situação. Era a terceira vez que eu utilizava as copas

das árvores para escapar, e a subida já estava quase se tornando rotina. Porém os gritos distantes de homens zangados me fizeram ir mais rápido.

Ao alcançar o topo, recolhi a corda, e, em seguida, busquei a maior proteção de um galho mais alto. Ao sentar-me de costas para o tronco, com os joelhos encolhidos de encontro ao peito, envolvi-me no tecido verde de Fern. Deixando uma abertura para poder enxergar, acomodei-me para a longa espera. Torci para que minhas forças não demorassem a retornar.

Escutando uma comoção, imaginei a cena que devia estar acontecendo no acampamento de Cahil. A descompostura que os guardas que adormeceram durante seu turno deviam estar recebendo, a descoberta do sumiço de minha mochila e de meus pertences. Torci para que isso fizesse Cahil parar e pensar um pouco, sabendo que eu estivera a poucos metros dele, e ainda assim o deixara viver.

Minha posição nas árvores era mais perto do acampamento do que eu gostaria. Um grupo de busca com as espadas desembainhadas apareceu no meu campo de visão muito antes do que eu estava esperando. Fiquei paralisada no interior do meu casulo verde.

Goel liderava os homens. Ele se deteve para inspecionar um arbusto e disse:

— Por aqui. Ela não está longe. A seiva ainda está grudenta.

Rios de suor começaram a escorrer pela minha pele. Goel era um batedor. Mexi a mão, encontrando a fenda na minha calça. Meu canivete não fora confiscado. Segurar a madeira lisa do cabo me fez sentir bem.

Ele se deteve no pé de minha árvore. Joguei meu peso para a frente e me agachei sobre o galho, preparando-me para fugir, caso fosse necessário.

Goel examinou o solo ao redor da base do tronco. Seus olhos deslizaram para os galhos. Tomada de um medo gelado, preendi a respiração. Dei-me conta de que cometera um erro grave.

Um sorriso predatório apareceu nos lábios de Goel.
— Achei.

ARRANQUEI A CAMUFLAGEM de floresta das costas e sacudi o tecido, como se fosse um lençol.

— Ali está ela — um dos homens de Goel gritou, apontando para mim.

Soltando o tecido, permiti que flutuasse na direção dos homens. No instante em que o pano tapou-lhes a visão, saltei para o topo das outras árvores, movendo-me de galho em galho com um pico súbito de energia, tentando me afastar o máximo possível de Goel e de seus homens.

— Ei! — Alguém gritou lá de baixo.

— Detenham-na!

Continuei me movendo, torcendo para que Goel não conseguisse me rastrear pelas árvores. Meu erro fora esquecer-me de que Cahil havia revistado minha mochila. Ele sabia que eu tinha um arpéu e uma corda. Com um bom batedor, e uma ideia de qual era meu truque, eles não demoraram muito para me encontrar.

Maldições e gritos me acompanharam lá embaixo. Concentrei todos os meus esforços em encontrar galhos capazes de suportar meu peso, e em fugir. Assim que minha mente se acalmou o suficiente para pensar racionalmente, me dei conta de que estava

fazendo a maior barulheira. Goel e seus homens poderiam me rastrear simplesmente escutando o chacoalhar das folhas e os galhos se partindo. Tudo que tinham de fazer era esperar que eu caísse, ou que me exaurisse.

Assim que desacelerei, tomando cuidado para não fazer nenhum barulho, pude escutar os outros homens no chão da floresta. Ele alertavam uns aos outros de minha posição, aproximando-se cada vez mais.

— Esperem! — disse uma voz, atrás de mim.

Meus músculos se retesaram de surpresa.

— Ela parou.

Continuei subindo. Meu progresso era enervantemente lento, porém silencioso.

— Nós a pegamos! — Goel gritou. — Desça agora, e só a machucarei um pouquinho.

Reprimi uma resposta sarcástica ante a oferta “generosa”. Em vez disso, continuei a me mover por entre as árvores. Os homens permaneceram em silêncio, e, logo, eu não tinha mais noção de onde estavam. Detive-me em um dos galhos mais altos para procurar algum sinal deles, mas tudo que consegui ver foi um mar de folhas verdes.

Minha imaginação entrou em ação. Senti-me aprisionada. Meu rosto ardeu ante a certeza súbita de que os olhos de Goel estavam fixos em mim. Pânico bombeou no meu coração, até eu me lembrar das instruções que Irys me dera quando estávamos na selva. Procure com a mente, não com os olhos. Usar minha magia ainda não se tornara instintivo.

Inspirando profundamente, peguei meu cajado e me concentrei na madeira lisa sob os dedos, projetando minha consciência na direção do solo da floresta.

Os homens haviam se espalhado. Vasculhavam uma área extensa à minha direita. Não consegui pressentir Goel lá embaixo. Com uma terrível sensação espalhando-se pela minha pele, examinei o topo das árvores. Goel subira até a copa. Estava seguindo a trilha que eu

deixara na minha pressa. Pensamentos sombrios de infligir dor estavam estampados em sua mente.

Aguardei, quando ele alcançou o local onde eu começara a avançar com maior cuidado. O homem hesitou por uma fração de segundo, mas logo avistou outro sinal, continuando na direção da minha localização.

Era apenas uma questão de tempo antes que Goel me encontrasse. Considerei a opção de usar minha magia para tirá-lo da minha cola. Será que conseguiria fazê-lo adormecer? Provavelmente, só que, mais cedo ou mais tarde, Goel acordaria e me rastrearía. Poderia tentar fazê-lo esquecer quem é que estava seguindo; contudo, para isso, teria de ir fundo em sua mente, e tal esforço sugaria minhas forças restantes.

Pense. Eu tinha de tirar Goel da jogada. A não ser que Cahil tivesse outro batedor, minhas chances de escapar melhorariam muito sem ter Goel na minha cola. Um plano começou a se formar na minha mente. Devolvi o cajado à alça da mochila.

Mantendo o contato superficial com a mente de Goel, acelerei o ritmo e prossegui na minha rota por algum tempo, certificando-me de que estava deixando para trás um rastro. Quando alcancei uma pequena clareira na floresta, balancei para o chão, aterrissando com força. Deixando para trás profundas marcas das botas, cruzei a clareira e forcei a passagem por entre os arbustos do outro lado.

Agora vinha a parte difícil. Refazendo meu caminho, retornei à árvore de onde havia saltado. O arpéu deixaria marcas; sendo assim, apenas o usei para passar a corda por sobre o galho da árvore, e, em seguida, a escalei. Com sorte, as marcas deixadas pela corda no galho dariam a impressão de que eu descera até a clareira, e não que subira. Depois, enrolei a corda ao redor do ombro e do torso, de modo a deixar as mãos livres.

Goel agora estava próximo o suficiente para me escutar. Deixei escapar um ligeiro grunhido, como se houvesse atingido o chão com força. Com o maior cuidado, subi ainda mais na árvore. Goel apareceu no meu campo de visão. Fiquei imóvel.

Ele inspecionou o galho que eu usara para me balançar até a clareira. Inclinou-se e olhou para o chão da floresta.

— Quer dizer que minha presa abandonou a copa das árvores — Goel disse para si mesmo.

Ele balançou-se para o chão e agachou-se ao lado de minhas marcas. Seus pensamentos se focalizaram no quanto ele adoraria me torturar. Durma, eu projetei em sua mente. Durma. Mas ele estava bem acordado e o comando na mesma hora despertou suspeitas. Goel ficou de pé e olhou ao redor, examinando a clareira.

Maldição, não estava funcionando. Não olhe para cima, projetei, ao saltar para um galho mais baixo. As folhas se sacudiram, porém Goel não notou. Acionando o canivete, cortei cerca de um metro de corda. Enrolei as extremidades nas mãos, quando Goel me deu as costas para examinar os rastros.

Saltei, aterrissando atrás dele. Antes que ele pudesse se mover passei a corda ao redor do seu pescoço. Girei, minha mochila encostou nas costas dele e a corda, agora, estava sobre meu ombro. Apoiei um dos joelhos no chão, forçando Goel a se curvar para trás, por sobre o meu corpo. Naquela posição, apenas as pontas dos seus dedos conseguiam me alcançar, mas ele preferiu tentar arrancar o garrote que estava ao redor do pescoço.

Quando pensei que ele já estava inconsciente, sua cabeça bateu na minha, e senti todo seu peso nas minhas costas. Ele deu uma cambalhota para trás por cima de mim. Eu vi suas botas aterrissarem no chão diante de mim.

Maldição. Goel conhece algumas técnicas de autodefesa. Ele se endireitou, e puxou a corda das minhas mãos.

— É tudo que você tem? — perguntou, com a voz rouca devido à tentativa de estrangulamento.

Puxei o cajado das minhas costas. Ele desembainhou a espada.

Goel sorriu.

— Garota pequena. Arma pequena. — Ele apontou para si mesmo. — Homem grande. Arma grande.

Assumi uma postura de combate, jogando o peso do corpo sobre as plantas dos pés. Ele não ia me intimidar. Se eu conseguia desarmar meu amigo, Ari, que tinha o dobro da massa muscular de Goel, e o parceiro de Ari, Janco, que era rápido como um coelho, poderia derrotar Goel.

Deslizando as mãos pela madeira do cajado, reestabeleci meu vínculo mental com Goel. Quando ele atacou, eu soube antes mesmo que se movesse. Dei um passo para a direita, virando de lado de modo que sua espada errasse minha barriga. Com um passo, posicionei-me junto a ele, e acertei sua têmpora com o cajado. Ele desabou no chão, inconsciente.

Agradecendo ao destino por Goel não ter chamado seus homens, vasculhei sua mochila. Encontrei soqueiras, um pequeno chicote, um porrete preto, várias facas, uma mordaca, algemas, chaves e meu tecido de camuflagem.

Se eu matasse Goel, estaria fazendo um favor ao Sul. Era uma pena que a morte de Goel iria contra a minha defesa de "eu não sou espiã". Sendo assim, arrastei-o até uma árvore e o apoiei sentado no tronco. As algemas tinham bastante corrente para eu prender suas mãos atrás da árvore. Enfiei a mordaca na sua boca, apertando a correia ao redor da sua cabeça.

Peguei meu tecido de camuflagem e as chaves das algemas de sua mochila, que, depois, junto com a espada, escondi nos arbustos. Detive-me por um instante para recuperar o foco. Busquei os homens de Goel com minha mente. Satisfeita de ver que estavam bem longe, vasculhei mentalmente a floresta à procura do acampamento de Cahil. Assim que soube que direção tomar, me pus a caminho.

Não podia deixar Goel para morrer. No entanto, se o libertasse, ele poderia me rastrear. Poderia encontrar alguém para me direcionar até a Cidadela, e torcer para que as poucas horas que Cahil demoraria para encontrar Goel seriam o suficiente para eu abrir uma boa vantagem à frente deles. Fora essa minha intenção quando eu fugira. Mas, agora, isso estava me incomodando. Seriam os atos

de uma criminosa ou de uma espiã, e eu não era culpada. Recusava-me a fugir.

Talvez pudesse usar minha magia para enganar Goel a perder meu rastro. Depois, poderia seguir Cahil, ficando de olho nele. Mas será que ele prosseguiria rumo à Cidadela sem ter a mim como prisioneira? Eu não sabia.

Um súbito desejo intenso por Valek perpassou meu corpo. Discutir táticas militares com ele sempre me ajudava a solucionar um problema. Pensei em como Valek lidaria com essa situação, e, pouco depois, um plano começou a se formar.

— Vocês a perderam — Cahil repetiu. Ele franziu a testa ao fitar os rostos de quatro homens infelizes que estavam de pé diante dele. — Onde está Goel? — indagou.

A resposta foi um murmurinho indistinto.

— Vocês também o perderam?

A indignação apossou-se do rosto de Cahil.

Os homens se encolheram e gaguejaram.

Reprimi a vontade de gargalhar. Minha posição perto do acampamento me fornecia uma visão clara de Cahil e de seus homens, enquanto permanecia escondida sob a camuflagem. Eu usara a luz do sol minguante e a barulheira feita pelo retorno do grupo de busca para me aproximar da clareira.

— Seu bando de idiotas incompetentes! Revistar uma prisioneira à procura de armas e de qualquer coisa que possa ajudá-la a fugir é procedimento padrão. — Cahil fitou furiosamente os homens. — Uma busca completa e minuciosa. Vocês não param simplesmente porque encontraram uma única arma. — Cahil continuou fitando os homens até eles se encolherem. — capitão Marrok?

— Sim, meu senhor.

Marrok ficou em posição de sentido.

— Se Goel não retornar até o raiar do dia, quero que lidere um grupo de busca para encontrá-lo. Ele é a nossa melhor chance de recuperar aquela espiã — Cahil ordenou.

— Sim, senhor.

Cahil marchou na direção de sua tenda. Quando ele se foi, pude notar as expressões sérias de seus homens ao rodearem a fogueira. O cheiro da carne assando fez meu estômago reclamar. Eu não comera o dia todo, porém não podia correr o risco de fazer qualquer barulho. Com um suspiro, encolhi-me em uma posição confortável, acomodando-me para a longa espera.

Manter-me alerta provou ser difícil após os homens terem ido dormir. O capitão Marrok postou dois guardas, que circulavam pelo acampamento. Usar magia me esgotara, e lutei contra as pálpebras pesadas até desistir e adormecer por alguns instantes. A imagem no sonho das mãos de Goel no meu pescoço me despertou sobressaltada no meio da noite.

Os guardas estavam na outra extremidade do acampamento. Usei minha magia para fazer com que os homens adormecidos caíssem em um sono mais profundo. Os guardas, contudo, resistiram. A imagem da punição severa que os companheiros receberam por adormecer durante seu turno de guarda na noite anterior os mantinha vigilantes. Sendo assim, tentei o comando “não olhe”, ao me esgueirar na direção da tenda de Cahil.

Quando alcancei a parede dos fundos da tenda, acionei o canivete e abri um rasgo no tecido. Depois, adentrei a tenda através da pequena abertura.

Cahil estava dormindo. Leif parecia não ter escutado minha entrada. Encolhido, virado de lado, e com um dos braços pendendo da beirada do catre, parecia estar dormindo. Cahil estava deitado de barriga para cima, com os braços cruzados sobre o estômago. Sua espada comprida repousava no chão, ao alcance do dono. Afastei a arma antes de me sentar na sua barriga.

No instante em que ele acordou, minha lâmina estava encostada no seu pescoço.

— Silêncio, ou eu o matarei — sussurrei.

Seus olhos se arregalaram. Ele tentou mover os braços, mas estavam presos sob o peso do meu corpo. Cahil poderia ter me

erguido, porém apertei a ponta da lâmina de encontro ao seu pescoço, tirando um pouco de sangue.

— Não se mexa — disse. — Sua espada está fora de alcance. Não sou tão burra assim.

— Estou percebendo — ele sussurrou.

Senti-o relaxar.

— O que você quer? — Cahil perguntou.

— Uma trégua.

— Que tipo de trégua?

— Pare de querer me arrastar acorrentada até a Cidadela, e eu o acompanharei até lá como companheira de viagem.

— E como é que me beneficiarei com esse acordo?

— Terá Goel de volta e a minha cooperação.

— Você está com Goel?

Balancei as chaves das algemas diante do seu rosto.

— Como posso confiar em você, quando o seu próprio irmão não confia?

— Estou oferecendo uma trégua. Até agora, tive duas oportunidades de matá-lo. Você representa uma ameaça concreta para Ixia. Se eu fosse uma espiã de verdade, sua morte me tornaria famosa no Norte.

— E se eu não cumprir a trégua?

Dei de ombros.

— Voltarei a escapar. Contudo, dessa vez, deixarei o cadáver de Goel para trás.

— Ele é um bom batedor — Cahil disse, com orgulho.

— Infelizmente.

— E se eu recusar sua oferta?

— Vou embora, e deixo a seu encargo encontrar Goel.

— Morto?

— É — blefei.

— Por que voltar? Você já cuidou de Goel. Ele era a única ameaça para você.

— Porque quero a oportunidade de provar que não sou espiã — eu disse, com frustração. — Sou uma Zaltana. E não vou fugir como uma criminosa, pois não sou culpada. Mas não quero ser sua prisioneira. E...

Não podia explicar mais. Suspirei. Ele tinha razão. Se meu próprio irmão não confiava em mim, por que Cahil haveria de fazê-lo? Eu apostara e perdera.

Era a hora do plano B. Fugiria. Minha opção mais segura seria encontrar Irys. Afastei o canivete do pescoço de Cahil. Após um dia inteiro fugindo, sem comer nem dormir, uma fadiga profunda apossou-se de mim. Saltei de cima de Cahil.

— Não vou matar ninguém.

Recuei na direção da fenda que rasgara na tenda, mantendo meus olhos em Cahil.

Quando me virei para encontrar a abertura no tecido, fui tomada por uma súbita onda de tonteira e desabei no chão. A tenda girou e perdi a consciência por alguns instantes, quando toda minha energia abandonou o corpo. Recuperei-me a tempo de ver Cahil apanhar meu canivete.

CAHIL AFASTOU-SE E acendeu o lampião sobre a mesinha de cabeceira. Ele examinou meu canivete sob a luz do fogo.

— Meu senhor? — chamou uma voz vinda da porta.

Eu me retesei, preparando-me para ser dominada e algemada por vários guardas.

— Está tudo bem — Cahil respondeu.

— Muito bem, senhor.

Escutei o guarda afastar-se, e fitei Cahil com surpresa. Talvez quisesse que eu revelasse onde Goel estava antes de me “retomar”. Sentei-me e olhei para Leif. Seus olhos estavam fechados, contudo eu não sabia se a luz e a voz de Cahil o haviam despertado.

— Esses símbolos são muito familiares — Cahil comentou, referindo-se aos seis símbolos entalhados no cabo do meu canivete.

— Os códigos de batalha secretos do meu tio, se não me engano.

Ele voltou a me fitar.

O cabelo em desordem devido ao sono reforçava minha primeira impressão de sua juventude, embora uma inteligência aguçada dançasse em seus olhos.

Assenti. Os códigos haviam sido usados pelo rei de Ixia para enviar mensagens secretas para seus capitães durante as batalhas.

— Já faz tanto tempo — Cahil disse. Uma breve tristeza contorceu seu rosto. — O que significam?

— Diz: “Sítios vencidos, batalhas lado a lado, amigos para sempre.” Foi um presente.

— De alguém do Norte?

A solidão tocou meu coração quando pensei no que eu perdera ao vir para o Sul. Meus dedos buscaram o volume sob minha blusa. A borboleta de Valek.

— É.

— Quem?

Uma pergunta estranha. Por que ele se importava? Examinei o rosto de Cahil atrás de algum sinal de duplicidade, mas encontrei apenas curiosidade.

— Janco. Um dos meus professores de autodefesa. — Sorri ante a lembrança de Janco cantarolando suas rimas, enquanto bloqueava meus ataques. — Sem ele e Ari eu não teria tido habilidade para escapar de você e para enfrentar Goel hoje.

— Eles a ensinaram muito bem.

Cahil passou a mão pelo pescoço, borrando a gota de sangue.

Ele parecia perdido em pensamentos ao girar meu canivete na mão. Devolveu a lâmina ao cabo e voltou a acioná-la. O barulho da arma me fez estremecer.

— Muito benfeita — ele elogiou.

Cahil avançou na minha direção. Tratei de me endireitar e fiquei de pé com uma postura defensiva. Embora estivesse zonha e fraca, contemplei minhas chances de fugir. Em vez de me ameaçar, Cahil retraiu a lâmina e me entregou o canivete. Fitei a arma na minha mão com uma incredulidade cansada.

— Uma trégua, então — ele disse. — Mas qualquer sinal de problemas e mandarei acorrentá-la. — Cahil gesticulou para um dos cantos da tenda. — Você está exausta. Durma um pouco. Teremos um longo dia amanhã.

Recolocando a espada ao seu alcance, Cahil deitou-se no seu catre.

— Quer saber onde Goel está? — indaguei.

— Ele está correndo algum perigo imediato?

— Não se não houver animais venenosos e predadores nessa floresta.

— Nesse caso, ele que sue um pouco durante a noite. Após se permitir ser capturado, é o que merece.

Cahil fechou os olhos.

Olhei ao redor da tenda. Leif não se movera desde que eu chegara, porém seus olhos estavam abertos. Ele nada disse ao virar-se para o outro lado, dando-me as costas. De novo.

Suspirei, perguntando-me o quanto ele escutara. Com o cansaço pesando nos meus membros, estendi a capa sobre o chão, apaguei o lampião e desabei sobre a cama improvisada.

Na manhã seguinte, Leif deixou a tenda sem dizer uma palavra. Cahil falou para eu ficar na tenda, enquanto ele fazia um espetáculo do fato de que Goel ainda não retornara.

Escutei Cahil interrogar os guardas da noite anterior.

— Tudo estava tranquilo, meu senhor — um dos homens respondeu.

— Nada de incomum? — Cahil indagou.

— Apenas a sua luz, meu senhor. Mas o senhor disse que...

— E se eu estivesse com uma faca no pescoço, Erant? Teria acreditado no que eu disse?

— Não, senhor.

— Nesse caso, como sabia que eu não estava em dificuldades?

— Não sabia, meu senhor. Deveria ter verificado — Erant respondeu com um tom de voz triste.

— Deveria, poderia, faria, isso tudo apenas leva à morte. Na guerra não existem segundas chances. Em uma batalha com o Norte eles não vão mandar um exército contra nós. Vão mandar apenas um homem. Sem vigilância, seremos todos mortos enquanto dormimos.

Alguém riu.

— Com certeza um homem não conseguiria passar por todos nós.

— E quanto a uma mulher? — Cahil perguntou.

— De jeito nenhum — protestou um dos guardas em meio aos gritos de aprovação dos colegas.

— Nesse caso, explique-me isso. Yelena — Cahil chamou. O silêncio na mesma hora apossou-se da floresta. — Pode se juntar a nós, por favor?

Eu não gostava de fazer parte da lição de Cahil, porém ele tinha razão. Um assassino treinado por Valek não teria dificuldades em eliminar seus guardas. Saí da tenda com o cajado nas mãos, para o caso de alguém resolver me atacar. O sol da manhã brilhou nos meus olhos, que tive de estreitar para examinar os homens de Cahil.

Surpresa, raiva e incredulidade salpicavam-lhes os rostos. O capitão Marrok desembainhou a espada. Não havia nem sinal de Leif.

— Não estava tudo bem ontem à noite, Erant — Cahil disse. — Da próxima vez, certifique-se.

Erant abaixou a cabeça.

— Sim, senhor.

— Yelena viajará conosco até a Cidadela. Tratem-na como uma colega — Cahil ordenou.

— E quanto a Goel? — o capitão Marrok perguntou.

Cahil olhou para mim.

— Diga-lhe onde está Goel.

— Vai manter Goel sob rédea curta? — indaguei.

Não havia dúvida na minha cabeça de que o desejo de vingança de Goel causaria problemas. Estremeci ante a ideia de ficar à sua mercê.

— Capitão Marrok, explique a situação para Goel. Antes de libertá-lo, certifique-se de que ele tenha lhe dado a palavra que não fará mal a Yelena.

— Sim, senhor.

— A não ser que eu lhe dê permissão — Cahil acrescentou, olhando para mim. — Dificuldades resultarão em grilhões. Traição

resultará em Goel.

Um murmurinho de aprovação espalhou-se entre os homens de Cahil. O pequeno espetáculo melhorara a opinião deles a seu respeito. Lancei-lhe um olhar entediado. Já fora ameaçada muitas vezes antes e aprendera que os homens que não faziam ameaças verbais eram os mais perigosos. Com isso em mente, vasculhei o acampamento atrás de Leif. Talvez ele houvesse retornado para casa, agora que eu me entregara a Cahil.

Entreguei as chaves das algemas para Marrok e lhe dei instruções de onde encontrar Goel e sua mochila. Enquanto o Capitão ia libertá-lo, o restante dos soldados começou a desarmar o acampamento. Os homens de Cahil ficaram de olho em mim. Alguns olhares hostis foram lançados na minha direção, especialmente quando descobriram o rasgo no tecido da tenda.

Enquanto aguardávamos o retorno do Capitão e de Goel, examinei e organizei o conteúdo de minha mochila. Penteei e traneei meu cabelo, depois enrolei a trança comprida em um coque, usando meus pinos de arrombar fechaduras para manter o cabelo no lugar. Não fazia mal estar preparada. Cahil podia confiar em mim para não lhe causar dificuldades, contudo ainda achava que eu era uma espiã nortista.

Goel retornou com Marrok e Leif. Fiquei surpresa ao ver Leif, mas nem um pouco ao notar o olhar furioso de Goel. Suas faces tinham profundas marcas vermelhas nos lugares onde a correia da mordaca lhe pressionara a pele. Seu cabelo e roupas estavam em desordem. As calças estavam molhadas e a pele toda empelotada devido a inúmeras picadas de mosquito. Goel pegou a espada e avançou na minha direção.

O capitão Marrok interceptou Goel e apontou para um saco de dormir ainda estendido sobre o chão, do outro lado da clareira. Goel embainhou a arma e seguiu para lá, lançando-me um olhar venenoso.

Voltei a respirar. Assim que o acampamento foi levantado, Cahil montou em seu cavalo e nos guiou até a trilha da floresta. Fiquei

perto de Marrok, para o caso de Goel voltar a esquecer sua promessa.

O Capitão sorriu para mim e disse:

— Preste atenção.

Cahil estalou a língua para seu cavalo e fincou os calcanhares nas laterais da montaria. O animal acelerou o passo e os homens começaram a correr.

— Tente acompanhar — Marrok disse.

Desde que treinara com Ari e Janco que eu não corria para manter a forma, contudo, durante minha viagem para o Sul, eu encontrara algum tempo para me exercitar. Acompanhando o ritmo de Marrok, perguntei:

— Por que ele os faz correr?

— Para nos manter em prontidão para a batalha.

Eu tinha mais perguntas, mas poupei o fôlego, preferindo me concentrar em acompanhar Marrok. Quando alcançamos o local do próximo acampamento, meu campo de visão já se reduzira à pequena área das costas do Capitão. Meus esforços para ficar em forma não haviam sido o suficiente. Quando paramos, esforcei-me para respirar, inspirando grandes quantidades de ar. Leif aparentemente também parecia sem fôlego. Há muito que não corria com os amigos, pensei, mal-humorada.

Assim que o campo foi erguido, Cahil voltou a oferecer para me deixar dormir no canto da tenda. Desabei ali, sem sequer me dar ao trabalho de estender minha capa. De manhã, comi um desjejum leve.

Os próximos três dias espelharam o primeiro dia de viagem com Cahil, porém ao final do quarto dia eu não estava mais tão exausta. Pude comer o jantar, e até ficar algum tempo ao redor da fogueira. Goel me fitava furiosamente, sempre que nossos olhares se encontravam; sendo assim, eu o ignorei. Leif fingia que eu não existia.

Comecei a achar que a floresta não tinha fim. Dia após dia, percorríamos várias milhas, no entanto não encontrávamos ninguém

na trilha e nem víamos sinal de uma aldeia. Desconfiava que Cahil estava deliberadamente evitando cidades. Não sabia se isso era por minha causa ou por causa dele.

Com o passar do tempo, os homens foram se acostumando à minha presença. Eles conversavam e brincavam uns com os outros, e praticavam o manejo da espada. Os olhares desconfiados desapareceram e minha chegada no acampamento não provocava mais silêncios repentinos. Achei interessante que os homens sempre buscassem a aprovação do capitão Marrok antes de fazerem qualquer coisa.

Após sete dias viajando, o capitão Marrok me surpreendeu. Alguns dos guardas estavam realizando exercícios de autodefesa, e ele me convidou a me juntar a eles.

— Treinar contra esse seu bastão vai nos fazer bem — ele disse.

Concordei, mostrando aos homens alguns movimentos básicos de defesa com o meu cajado. Enquanto eles usavam as espadas de madeira, demonstrei as vantagens de se ter uma arma mais comprida. Minha participação no exercício chamou a atenção de Cahil. Ele normalmente não prestava atenção nas sessões de treino, preferindo ficar conversando com Leif sobre sua missão de conquistar Ixia, porém, agora, aproximou-se para observar.

— Madeira contra madeira serve para treinar, mas madeira não tem a menor chance contra o aço em uma luta de verdade — Cahil disse. — Uma espada afiada reduziria esse seu bastão a farpas.

— As bordas são a área de perigo da espada. O truque é evitar as bordas — retruquei.

— Mostre-me.

Cahil desembainhou a espada.

A lâmina grossa estendia-se a cerca de 1,10m do punho. Uma arma impressionante, porém pesada. Cahil precisaria das duas mãos para manejá-la, o que o deixaria mais lento.

Concentrei-me na sensação da madeira do cajado nas minhas mãos, enviando minha mente para minha zona de combate mental.

Ele saltou para a frente. Pega de surpresa pela sua velocidade, dei um pulo para trás. Cahil manejava a espada com uma das mãos, e eu me vi na defensiva. Ele tinha um pouco de habilidade com a arma, mas não muita. Quando girou a lâmina larga, eu me esquivei, aproximando-me, e atingi com o cajado a parte plana da espada. Da próxima vez em que ele golpeou, atingi-lhe a mão. Quando ele arremeteu, mantive o cajado na horizontal e o usei para acertar a parte plana da ponta da lâmina, desviando a arma na direção do chão. Meus contra-ataques não o desarmariam, mas, o tempo todo, eu me mexia, forçando Cahil a vir atrás de mim.

Quando ele segurou a espada com ambas as mãos, soube que estava começando a ficar cansado. Era apenas uma questão de tempo, antes que cometesse um erro tático.

Nosso embate se prolongou. Seus homens torciam por ele, encorajando-o a me desarmar. Não conseguiam notar o brilho de suor na testa de Cahil, nem escutar sua respiração ofegante.

Não demorou muito para ele desenhar um arco largo demais com o braço ao golpear. Agachei-me e aproximei-me, batendo de leve nas suas costelas com meu cajado.

— Será que já provei meu ponto de vista? — perguntei, esquivando-me do seu próximo ataque.

Cahil parou.

— Está ficando tarde. Teremos de terminar isto depois — ele afirmou.

Embainhando a espada, marchou até sua tenda.

O treino acabara. Os homens guardaram o equipamento em silêncio.

Sentei-me perto da fogueira, aguardando até que Cahil tivesse tempo de esfriar a cabeça. O capitão Marrok sentou-se ao meu lado.

— Você provou seu ponto de vista — ele disse.

Dei de ombros.

— Com uma espada mais leve, Cahil teria vencido.

Fitamos as chamas em silêncio.

— Por que ele carrega aquela espada? — perguntei para Marrok.

— Era do rei. Conseguimos trazê-la para o Sul, junto com Cahil.

Estudei Marrok. Seu rosto tinha aquela aparência de couro curtido de homem que já vivera muito, e que já vira tudo. Dei-me conta de que o tom de sua pele se devia ao bronzado, e não à pigmentação natural.

— Você é do Norte.

Ele assentiu, e gesticulou na direção dos homens.

— Todos somos.

Estudei os homens. Era um grupo misturado de peles claras e escuras. E eu me lembrei que, antes da tomada de poder, a fronteira entre Ixia e Sitia fora apenas uma linha no mapa e pessoas de ambos os países livremente tinham contato umas com as outras.

Marrok prosseguiu.

— Somos os soldados que não eram importantes o suficiente para serem assassinados, e que não estavam dispostos a mudar de lado e jurar lealdade ao Comandante. Goel, Trayton, Bronse e eu éramos todos parte da guarda do rei. — Marrok enfiou um graveto na fogueira. Fagulhas voaram em direção ao céu noturno. — Não conseguimos salvar o rei, porém salvamos seu sobrinho. Nós o criamos e lhe ensinamos tudo que sabemos. E — ele ficou de pé — pretendemos lhe dar um reino.

Marrok gritou ordens para seus homens e seguiu para seu saco de dormir.

O cansaço apoderou-se de mim. Meus olhos começaram a ficar pesados, e eu me arrastei até meu canto na tenda escura.

Pouco antes de adormecer, a tenda se iluminou. Senti uma presença perto de mim. Meus olhos abriram-se bruscamente. Cahil estava de pé ao meu lado, com a espada nas mãos. Ondas de fúria emanavam dele.

LENTAMENTE FIQUEI DE pé e afastei-me de Cahil.

— Você me humilhou na frente dos meus homens — ele disse, com raiva.

— Você me pediu para lhe mostrar como, com um cajado, poderia se defender de uma espada. Estava apenas fazendo o que pediu.

— Não foi um combate justo.

— O quê?

— Leif disse que você usou de magia durante a luta. Que me fez ficar cansado.

Contive minha fúria e fitei Cahil direto nos olhos.

— Não fiz nada disso.

— Nesse caso, o que foi que fez?

— Quer mesmo saber por que perdeu?

— Tem mesmo uma resposta para isso? — ele indagou.

— Precisa descer do seu cavalo e correr com seus homens. Você não tem a resistência necessária para um combate prolongado. E ache uma espada mais leve.

— Mas ela pertenceu ao meu tio.

— Você não é o seu tio.

— Mas sou o rei, e esta é a espada do rei — Cahil disse.

Suas sobrancelhas se encontraram. Parecia confuso.

— Nesse caso, use-a na sua cerimônia de coroação — retruquei.

— Se a usar em combate, estará usando-a para seu funeral.

— Acha mesmo que vou ser coroado?

— Não é essa a questão.

— E qual é a questão?

— Eu o teria derrotado com meu cajado. Essa espada é pesada demais para você.

— Sempre derroto os meus homens.

Suspirei. É claro que os homens dele não o derrotavam. Tentei outra tática.

— Já estive em batalha?

— Ainda não. Estamos em treinamento. Além do mais, um rei não se arrisca durante a batalha. Ele permanece no acampamento de comando e direciona o combate.

Seu comentário não me pareceu correto, porém, por outro lado, eu não tinha muita experiência na arte da guerra. Sendo assim, preferi dizer:

— Pense um pouco, Cahil. Seus homens o criaram. Eles querem recuperar o trono. Mas será que o querem para você, ou para eles mesmos? Exílio no Sul não é tão glamoroso quanto ser a guarda do rei.

Cahil fungou com desdém, sacudindo a cabeça.

— Você não sabe de nada. Por que haveria de se importar? Você é uma espiã. Está apenas tentando me confundir.

Ele voltou para seu catre.

Cahil tinha razão. Eu não me importava. Assim que alcançássemos a Fortaleza e eu provasse minha inocência, não teria mais de me preocupar com ele. Leif, por outro lado, interferira demais comigo.

Passei os olhos pela tenda. O catre de meu irmão estava vazio.

— Onde está Leif? — perguntei.

— Partiu.

— Para onde?

— Eu o enviei na frente, para notificar a Fortaleza de nossa chegada. Por quê?

— Assuntos de família — eu disse, quase cuspiendo as palavras. Cahil deve ter notado o brilho homicida no meu olhar.

— Não pode lhe fazer mal.

— Ah, eu posso sim. Ele já me causou um bocado de problemas.

— Ele está sob minha proteção.

— É um dos benefícios de ser um membro da sua missão de conquistar o Norte?

— Não. Quando capturamos vocês dois, dei a Leif minha palavra de que, em troca de sua total cooperação em lidar com você, nada de mal lhe aconteceria.

Pisquei os olhos ao fitar Cahil. Será que eu escutara direito?

— Mas Leif me entregou.

— Não. Não entregou, não.

— Por que não me contou isso antes?

— Achei que deixá-la acreditar que fora traída pelo próprio irmão a desmoralizaria. Contudo, parece ter surtido o efeito oposto.

O plano de Cahil poderia ter funcionado se Leif e eu tivéssemos qualquer tipo de relacionamento. Passei a mão pelo rosto, enquanto tentava determinar se saber a verdade havia mudado minha opinião sobre Leif.

Sentado na beirada do catre, Cahil me estudou em silêncio.

— Se Leif não me entregou, quem o fez?

Cahil sorriu.

— Não posso revelar minhas fontes.

Leif conseguira convencer muitos Zaltana de que eu era uma espiã; sendo assim, todo o clã era suspeito. Qualquer um no Mercado de Illiais também poderia ter escutado conversas sobre nosso destino.

Não era hora para me preocupar com isso, contudo também não deixaria essa questão de lado.

— Disse que Leif foi para a Fortaleza — falei para Cahil. — Falta muito para chegarmos?

— Estaremos lá amanhã à tarde, cerca de meia hora após Leif ter chegado. Quis me certificar de que seremos recebidos pelas pessoas certas — Cahil explicou. — Um dia importante, Yelena. Melhor dormir um pouco.

Ele apagou o lampião com um sopro.

Curiosa sobre a Cidadela e a Fortaleza, reclinei-me na minha capa. Será que Irys já estaria lá amanhã? Pouco provável. Expandi minha consciência à procura de Irys, mas encontrando apenas a vida selvagem. Sem Irys na Fortaleza, será que a Primeira Feiticeira iria dissecar as várias camadas de minha mente? Meu estômago começou a se contorcer de apreensão. Preferia enfrentar Goel ao desconhecido. Com o passar do tempo, acabei adormecendo.

Sonhos sombrios de Reyad invadiram minha mente.

— É a mesma história, Yelena — o fantasma de Reyad disse, rindo e zombando. — Está sem opções. Sem amigos. Porém, tem uma faca. Mais uma vez.

Uma imagem de Reyad enrolado em lençóis empapados de sangue apareceu nos meus sonhos. O ferimento mortal no seu pescoço era o resultado de meu desejo de me proteger, e às outras crianças sequestradas, de torturas e escravidão absoluta.

— Será que é capaz de cortar outra garganta para se salvar? — ele perguntou. — Que tal a sua própria?

Acordei com o som de choro, e, horrorizada, me dei conta de que meu rosto estava úmido. Enxugando as lágrimas, decidi não permitir que minhas dúvidas me incomodassem. O fantasma de Reyad podia assombrar meus sonhos, mas não permitiria que ele me assombrasse a vida.

O dia raiou com o aroma de bolinhos doces, e juntei-me aos homens ao redor da fogueira para o desjejum. Depois de comermos, os homens de Cahil levantaram acampamento. Estavam bem-humorados e conversavam amigavelmente; sendo assim, fui pega de surpresa ao sentir o peso de uma mão no ombro.

Antes que eu pudesse me mover, ela se apertou, provocando dor. Virei a cabeça. Goel estava de pé atrás de mim.

Ele fincou os dedos com mais força na minha pele, ao sussurrar no meu ouvido:

— Prometi não lhe fazer mal durante a viagem até a Cidadela. Assim que chegarmos lá, você será minha.

Enfiei o cotovelo na barriga de Goel. Ele gemeu. Dei um passo à frente e, ao me virar, usei o braço para tirar sua mão do meu. De frente para ele, indaguei:

— Por que me avisar?

Ele inspirou profundamente e sorriu.

— Sua expectativa tornará a caçada mais excitante.

— Chega de conversa, Goel. Vamos resolver isso aqui e agora.

— Não. Quero tempo para brincar. Tenho tudo quanto é tipo de brincadeiras planejadas para quando a tiver, minha querida.

Meu corpo estremeceu com um arrepio gelado de nojo. Minha pele ficou toda arrepiada. Era uma sensação que eu jamais pensei que sentiria no Sul escaldante.

— Goel, ajude-me a desarmar a tenda — o capitão Marrok ordenou.

— Sim, senhor.

Goel afastou-se, virando a cabeça para trás e me fitando com um sorriso arrogante nos lábios e uma promessa no olhar.

Lentamente, deixei o ar escapar dos pulmões. Isso não ia dar em boa coisa.

Quando os homens terminaram de desmontar o acampamento, Cahil montou em seu cavalo e nós começamos a atravessar a floresta. Após várias horas, as árvores foram ficando mais escassas, à medida que a trilha ascendia uma colina. No topo da elevação, um vasto vale, bifurcado por uma comprida estrada de terra, estendia-se diante de nós. Campos de plantio desenhavam formas geométricas no lado esquerdo da estrada. Uma imensa planície dominava a paisagem do lado direito. Na outra extremidade do vale havia mais uma elevação, e, com esforço, consegui avistar uma fortaleza branca no seu cume.

— Aquela é a Cidadela? — perguntei para Marrok.

Ele assentiu.

— Mais meio dia de marcha.

Seus olhos acinzentados desviaram-se para a direita, como se estivesse procurando alguma coisa.

Acompanhei seu olhar e vi a grama comprida balançando ao vento.

— O Platô Daviian?

— Não. Fica mais para o sudoeste — Marrok explicou. — Estamos no limite das Planícies Avibian. A planície é enorme. Leva dez dias para cruzá-la.

— Minha prima mencionou que eu atravessaria uma planície a caminho da Cidadela, mas, na verdade, apenas a margeamos.

— Cruzar Aviban é um atalho. Os Zaltana a cruzam, mas, de resto, todo mundo prefere evitar contato com o clã Sandseed, que chama as planícies de lar. Pegar o caminho da floresta é mais demorado, porém é mais seguro.

Eu queria perguntar mais, porém Cahil acelerou o passo quando chegamos à bacia. Ou estava ansioso para chegar à Cidadela, ou não via a hora de deixar as planícies para trás.

Passamos por agricultores trabalhando nos campos de cultivo e uma caravana de mercadores com suas carroças puxadas por cavalo carregadas de produtos. Nada além da grama alta se movia nas planícies.

À medida que íamos nos aproximando, a Cidadela aparentava ser cada vez mais maciça. Paramos apenas uma vez para dar água aos cavalos e para os homens. Quando alcançamos os gigantescos portões, fiquei admirada com o enorme tamanho do baluarte externo. Veios verdes espalhavam-se pelo mármore branco dos muros. Passei os dedos por eles, achando-os lisos e frescos, apesar do calor escaldante. Pensara estar quente na floresta, mas isso em nada se comparava a estar completamente exposta ao sol ardente.

Os dois guardas nos portões abertos da Cidadela se aproximaram de Cahil. Após uma breve conversa, Cahil nos conduziu até um pátio. Estreitei os olhos sob a intensa luz do sol. Levei algum tempo para

absorver a visão majestosa diante de mim. Havia uma cidade inteira no interior dos muros externos da Cidadela. Todas as estruturas eram feitas do mesmo mármore branco com veios verdes da muralha externa. Eu visualizara a Cidadela com uma enorme construção, semelhante ao castelo do Comandante em Ixia, porém isso estava além de qualquer coisa que eu pudesse ter imaginado.

— Impressionada? — Marrok perguntou.

Fechei a boca e assenti. Nosso grupo começou a caminhar pelas ruas e me dei conta de que o local estava deserto.

— Onde está todo mundo? — perguntei para Marrok.

— A Cidadela vira uma cidade fantasma durante a estação quente. O Conselho está em recesso, é tempo de férias na Fortaleza e apenas um número mínimo de agricultores cuida das plantações. Todo mundo que pode foge para climas mais frescos, e aqueles que permanecem recolhem-se às suas casas no meio da tarde, para evitar o sol.

Eu não os culpava. Sentia como se meu couro cabeludo estivesse em chamas.

— Quanto tempo falta? — perguntei.

— Mais uma hora — Marrok disse. — Está vendo aquelas quatro torres? — Ele apontou para o leste. — É a Fortaleza do Mago.

Olhei para o alto, tentando imaginar o que haveria naquelas câmaras imponentes.

Seguimos pelas ruas vazias. A superfície do solo se alternava entre terra batida e pavimentos de pedras arredondadas. Avistei cães, gatos e algumas galinhas encolhidos em trechos de sombra. Quando nos aproximamos de uma grande estrutura quadrada de vários andares, Marrok disse:

— É Council Hall, onde o governo sitiano mantém seus escritórios e se reúne.

A construção tinha uma grande escadaria que ocupava toda a extensão abaixo do primeiro andar, levando a uma enorme entrada. Colunas cor de jade ladeavam o vão da porta. Um grupo de pessoas que se aglomeravam à sombra do Hall aproximou-se de nós quando

passamos. Um forte odor de urina emanava delas. Sujeira lhes cobria os cabelos e as roupas esfarrapadas.

Um homem estendeu a mão coberta de fuligem preta.

— Por favor, senhor, pode me dar uma moeda?

Os homens de Cahil os ignoraram e continuaram andando. Determinado, o grupo os acompanhou.

— Quem são...? — comecei a perguntar, porém Marrok não desacelerou o passo.

Tentei alcançá-lo, contudo um menininho me puxou pelo braço. Seus olhos castanhos estavam rodeados de chagas, e manchas de poeira lhe cobriam as faces.

— Gentil dama, por favor. Estou com fome — o menino disse. — Será que pode me dispensar um cobre?

Olhei ao redor à procura de Marrok. Ele já estava a meio quarteirão de distância. Não conseguia entender por que este menino precisava de dinheiro, mas não podia recusar nada àqueles olhos. Enfiar a mão na minha mochila e retirei de lá de dentro as moedas sitianas que Esau me dera. Despejei todas nas mãos do menino.

Ajoelhando-me para poder fitar-lhe os olhos, eu disse:

— Compartilhe com seus amigos. E tome um banho. Está bem?

Uma expressão de alegria lhe iluminou o rosto.

— Obrigad...

Antes que ele pudesse concluir, fomos envolvidos por um intenso fedor, ao sermos cercados pelos outros. Eles agarraram meus braços, puxaram minhas roupas e tentaram arrancar minha mochila das costas. Vi o menino enfiar as moedas nos bolsos e tentar escapar da confusão por entre as pernas dos outros. O cheiro pútrido de tantos corpos sem banho me deu vontade de vomitar.

— Gentil dama. Gentil dama — Era tudo que eu conseguia escutar, até suas palavras serem interrompidas pelo barulho de cascos sobre as pedras do pavimento.

— Afastem-se dela! — Cahil gritou. Ele agitava a espada no ar. — Vão embora. Ou eu os cortarei ao meio.

Em questão de segundos, a multidão se dispersou.

— Você está bem? — Cahil perguntou.

— Estou. — Alisei meu cabelo e ajeitei a mochila nas costas. — O que foi isso?

— Mendigos. Ratos de rua imundos. — Uma expressão de nojo tornou seu rosto mais sombrio. — A culpa foi sua. Se não houvesse lhes dado dinheiro, eles a teriam deixado em paz.

— Mendigos?

Minha confusão pareceu surpreender Cahil.

— Com certeza deve saber o que são mendigos. — Quando eu não respondi, ele prosseguiu: — Eles não trabalham. Moram nas ruas. Pedem dinheiro e comida aos outros. Deve tê-los visto em Ixia — ele disse, com um tom frustrado.

— Não. Todo mundo em Ixia tem emprego. Todos têm suas necessidades básicas atendidas pelos militares do Comandante.

— Como é que ele paga por tudo isso?

Antes que eu pudesse responder, vi os ombros de Cahil descaírem.

— Com o dinheiro do meu tio. Ele provavelmente já esgotou o tesouro real.

Contive minha resposta. No que me dizia respeito, melhor usar o dinheiro para ajudar o povo do que para engordar o tesouro real.

— Venha. — Cahil tirou o pé do estribo, inclinou-se para baixo e estendeu a mão para mim. — Precisamos alcançar os outros.

— A cavalo?

— Não me diga que eles não têm cavalo no Norte.

— Não para mim — respondi, enfiando o pé no estribo e agarrando-lhe o braço. Ele me alçou até a sela. Sentei-me atrás dele, sem saber muito bem o que fazer com os braços.

Cahil virou-se ligeiramente.

— Para quem, então?

— Para o Comandante, os generais e os oficiais de alta patente.

— Cavalaria? — Cahil perguntou.

Estava pescando informações. Reprimi um suspiro.

— Não que eu tenha visto.

Era a verdade, porém eu já não ligava se ele acreditava em mim ou não.

Cahil esticou o pescoço para trás e me estudou o rosto. Uma onda de calor apossou-se de mim; subitamente, senti-me próxima demais dele. Seus olhos faiscavam com uma cor azul-esverdeada como a água à luz do sol. E eu me perguntei por que ele haveria de usar barba em um clima tão quente. Imaginei Cahil sem a barba. Deveria parecer mais jovem, e seria mais fácil notar sua pele macia e bronzeada e o nariz semelhante ao bico de um falcão.

Quando ele se voltou novamente para a frente, sacudi a cabeça. Não queria ter mais nada a ver com ele.

— Segure-se — Cahil disse, estalando a língua.

O cavalo começou a se mover. Agarrei a cintura de Cahil ao quicar na sela. O chão parecia estar tão distante e parecia duro. Sendo assim, esforcei-me para manter o equilíbrio enquanto alcançávamos os homens dele. Quando os ultrapassamos, relaxei, presumindo que ele fosse parar para eu descer. Contudo, continuamos em frente, e os homens foram correndo atrás.

Enquanto atravessávamos a Cidadela, eu me concentrei no cavalo debaixo de mim, tentando encontrar um ritmo para meu corpo acompanhar o do cavalo, como Cahil parecia estar fazendo. Ele se curvava sobre a sela, enquanto minhas pernas batiam no couro. Concentrei-me nos movimentos do cavalo, e, subitamente, me vi enxergando através dos olhos do animal.

A rua se deformou como se eu estivesse dentro de uma bolha. Podia ver bem longe adiante, assim como para cada lado, e quase para trás. O cavalo estava com calor e cansado, e se perguntava por que havia duas pessoas no seu lombo. O Homem Hortelã era o único que costumava montá-lo. Contudo, às vezes, o Menino Palha o levava para fazer um pouco de exercício, quando estava em casa. Sentia falta de sua baia tranquila e fresca cheia de feno e queria um balde de água.

Água em breve, pensei para o cavalo. Era o que eu esperava. *Qual é o seu nome?*, perguntei.

Topaz.

Maravilhei-me com a nossa comunicação. O contato com outros animais apenas me permitira um vislumbre através de seus olhos e uma noção de seus desejos. Jamais havia tido uma conversa de verdade com um animal.

Minhas costas começavam a doer.

Mais suave?, pedi.

Topaz mudou o modo de andar. Cahil grunhiu de surpresa, mas eu suspirei de alívio. Era como se eu estivesse descendo uma colina coberta de neve de trenó.

Com o novo ritmo, nós nos movemos mais rápido, e os homens ficaram para trás. Cahil tentou reduzir o cavalgar de Topaz, mas o cavalo estava determinado a chegar à água.

Alcançamos a base de uma torre alta e nos detivemos na sombra. Cahil saltou do cavalo e inspecionou as patas de Topaz.

— Nunca o vi fazer isso antes — Cahil afirmou.

— Fazer o quê?

— Ele é um cavalo de três andaduras.

— O que significa isso?

— Significa que ele sabe trotar, marchar a meio galope e galopar.

— E daí?

— E daí que esta não foi uma de suas andaduras. Alguns cavalos conseguem até chegar a cinco, mas nem sei direito o que foi isso.

— Foi suave e rápido. Eu gostei.

Cahil me fitou com desconfiança.

— Como faço para descer? — perguntei.

— Pé esquerdo no estribo, gire sua perna direita para trás, por cima do animal, para a esquerda, depois salte para o chão.

Aterrissei com as pernas bambas. Topaz virou a cabeça e me fitou. Ele queria água. Peguei uma das bolsas de água de Topaz da sela e a abri para ele. Cahil estreitou os olhos para mim, depois para o cavalo.

— Esta é a Fortaleza do Mago? — perguntei, para distrair Cahil.

— É. A entrada fica logo após a esquina. Aguardaremos meus homens, depois entraremos.

Os homens não demoraram muito para nos alcançar. Caminhamos até a entrada da Fortaleza, onde arcos altos em forma de concha emolduravam as maciças portas de mármore. Colunas rosadas suportavam os arcos que se estendiam por dois andares. Os portões estavam abertos, e nós entramos sem qualquer resistência dos guardas.

Lá dentro havia um pátio e, mais além, uma coleção de construções. Outra cidade no interior da cidade. Eu não conseguia acreditar nos tamanhos e nas cores. Remendos de mármore de diferentes cores formavam as estruturas. Estátuas de vários animais apareciam nos cantos e nos telhados. Havia jardins e gramados. Meus olhos ficaram aliviados de ver a vegetação verde, após suportar o brilho branco dos muros da Cidadela.

Eu podia notar que a espessa muralha externa da Fortaleza formava um retângulo que cercava toda a área. Uma torre ocupava cada um dos quatro cantos.

Do lado diretamente oposto à entrada, duas figuras estavam postadas nos degraus que levavam à estrutura maior. Pequenos blocos de mármore cor de pêssigo salpicavam a construção de cor predominantemente amarela. Quando nos aproximamos, notei que as figuras eram Leif e uma mulher alta. Ela usava um vestido azul-escuro sem mangas que descia até os tornozelos. Estava descalça e o cabelo branco era cortado rente à cabeça. A luz do sol desaparecia na sua pele quase negra.

Quando alcançamos a base da escadaria, Cahil entregou as rédeas do cavalo a Marrok.

— Leve-o até os estábulos e depois procurem se alojar. Eu o encontrarei nas casernas.

— Sim, senhor — Marrok disse, virando-se para ir embora.

— Marrok — eu disse. — Não deixe de dar alguns biscoitos de aveia e leite para Topaz.

Ele assentiu e seguiu seu caminho.

Cahil me apertou o braço.

— Como sabe a respeito dos biscoitos de aveia e leite?

Pensei rapidamente.

— Cahil, há mais de uma semana que venho viajando com você, e já ajudei a alimentá-lo.

Não deixava de ser verdade, porém não achava que seria uma boa ideia contar para Cahil que seu cavalo me pedira um pouco de biscoitos de aveia e leite. E certamente não queria que ele soubesse que seu próprio cavalo o chamava de Homem Hortelã.

— Está mentindo. Biscoitos de aveia e leite são preparados especialmente pelo Cavaleiro-Chefe. Ele os dá aos cavalos, ninguém mais.

Abri a boca para responder, porém uma voz estridente me interrompeu.

— Algum problema, Cahil?

Juntos, olhamos para a mulher. Ela e Leif estavam descendo as escadas na nossa direção.

— Nenhum problema — Cahil respondeu.

Eles se detiveram alguns degraus acima de nós.

— Essa é ela? — a mulher perguntou.

— É, Primeira Feiticeira — Cahil disse.

— Tem certeza quanto à lealdade dela a Ixia?

— Tenho. Ela traz consigo um uniforme ixiano e moedas ixianas — Cahil respondeu.

— Sua lealdade a Ixia e a saudade que sente têm um gosto forte, como sopa rançosa.

A mulher aproximou-se de mim. Eu a fitei nos olhos amarelados. Eles lembravam os de um leopardo da neve e eram igualmente letais. Seu olhar se expandiu, me abarcando, e meu mundo desapareceu quando o chão se tornou um agitado líquido amarelado. Comecei a afundar. Algo circundou meus calcanhares e, depois, me puxou para baixo. Minhas roupas foram arrancadas,

depois minha pele, em seguida, meus músculos. Meus ossos se dissolveram até não restar nada além de minha alma.

10

ALGO AFIADO ARRANHOU minha alma, procurando pontos vulneráveis. Empurrei o objeto intrusivo para longe e comecei a construir um muro de defesa na minha mente. Essa feiticeira não me alcançaria.

Tijolos foram formados e empilhados, mas ruíram nas bordas. Buracos foram aparecendo, à medida que eu tentava permanecer à frente da Primeira Feiticeira. Coloquei toda minha força naquele muro. Tapei os buracos. Acrescentei outro muro no interior do primeiro. Contudo, os tijolos se desintegraram e ruíram.

Maldição! Não! Resisti por alguns instantes, mas era apenas uma questão de tempo. No final, deixei que o muro se dissolvesse. Porém, com uma súbita torrente de energia, criei uma cortina de mármore com veios esverdeados, atravessando-lhe o caminho.

Eu me agarrei com todas as forças à pedra lisa, a exaustão ameaçando dominar minha mente. Em um ato de puro desespero, usei o que restava de meu poder para gritar por socorro. O mármore se transformou em uma estátua de Valek. Ele me fitou com preocupação.

— Ajude-me — pedi.

Ele me envolveu com os braços fortes, apertando-me de encontro ao peito.

— O que quiser, meu amor.

Com nada me restando, abracei-o com força, e a escuridão tomou conta de tudo.

Acordei em um quarto pequeno, com a cabeça latejando. Olhando para o teto, me dei conta de que estava em uma cama que fora empurrada de encontro a uma parede, sob uma janela aberta. Quando tentei me sentar, as pernas dormentes protestaram. Sentia-me dolorida e violada, como se alguém houvesse arrancado minha pele com uma esponja de aço. Minha garganta ardia de sede. Havia uma jarra de água na mesinha de cabeceira, com um copo vazio ao seu lado. Enchi o copo e o esvazei com três goles. Sentindo-me um pouco melhor, examinei o recinto. Uma cômoda ocupava a parede oposta, ladeada por um espelho de corpo inteiro à direita e uma porta à esquerda.

Cahil apareceu no vão da porta.

— Pensei tê-la escutado.

— O que houve? — perguntei.

— A Primeira Feiticeira tentou ler sua mente — Cahil disse. Ele parecia constrangido. — Ela ficou extremamente irritada com sua resistência, porém afirmou que você não é uma espiã.

— Maravilha. — O sarcasmo deixou minha voz agressiva. Cruzei os braços diante do peito. — Como foi que cheguei aqui?

Suas faces ficaram vermelhas.

— Eu a carreguei.

Eu me envolvi com os próprios braços. A ideia de ser tocada por ele me deixou toda arrepiada.

— Por que ficou?

— Quis ter certeza de que estava bem.

— *Agora* você se preocupa comigo? Acho difícil de acreditar. — Levantei-me com as pernas doloridas. Pareciam ter corrido vários

percurso em excesso, e minha lombar estava doendo. — Onde estou?

— Nos alojamentos dos estudantes. Na ala dos aprendizes. Esses aposentos foram reservados a você.

Cahil seguiu para o aposento adjacente. Eu o segui até uma pequena sala de estar com uma escrivaninha grande, um sofá, mesa, cadeiras e uma lareira de mármore. As paredes eram feitas de mármore verde-claro. Minha mochila estava sobre a mesa com meu cajado.

Havia outra porta. Cruzei o recinto e a abri. Do outro lado havia um pátio ajardinado com árvores e estátuas. Atrás delas, pude avistar o sol poente. Fui lá para fora e olhei ao redor. Meus aposentos ficavam na extremidade de uma comprida construção de um andar só. Não havia ninguém à vista.

Cahil se juntou a mim no jardim.

— Os alunos voltarão no início da estação refrescante. — Ele apontou para uma trilha. — Aquilo leva ao salão de jantar e às salas de aula. Quer que eu lhe mostre o lugar?

— Não — respondi, voltando para a sala de estar. Virei-me ao cruzar o vão da porta. — Quero que você e seus soldadinhos de brinquedo me deixem em paz. Agora que sabem que não sou espiã, fiquem longe de mim.

Fechei a porta e a tranquei, deixando Cahil do lado de fora. Só por segurança, encaixei uma cadeira sob a maçaneta.

Encolhi-me na cama. O desejo de voltar para casa fez meu corpo tremer. De volta para Valek. Para sua força e para seu amor. Só aquele breve contato com ele foi o bastante para me fazer sentir ainda mais saudade. Sua ausência deixava um vazio que ardia no meu íntimo.

Queria ir embora de Sitia. Já adquiria controle suficiente de minha magia para saber que não entraria em combustão. Não precisava estar aqui com aquelas pessoas horríveis. Tudo que eu teria de fazer era seguir para o Norte e alcançaria a fronteira de Ixia. Planejei a jornada na minha mente, fazendo uma lista de provisões, e até

considerarei a possibilidade de roubar Topaz para ajudar na minha fuga. Quando o quarto escureceu, adormeci.

Ao ser acordada pelo sol, rolei para o lado, pesando minhas chances de escapar da Fortaleza sem ser notada, e me dei conta de que nada sabia da planta. Poderia fazer um reconhecimento da área, mas não queria ver ninguém, e nem ser vista. Sendo assim, fiquei na cama o dia todo, e voltei a dormir naquela noite.

Outro dia se passou. Alguém mexeu na fechadura, depois bateu à porta, chamando meu nome. Gritei para que fosse embora, e fiquei feliz quando fui atendida.

Com o passar do tempo, permaneci deitada em um estado de torpor. Minha mente flutuou e alcançou algumas criaturas nos jardins. Recuei até mesmo diante de tal contato leve, buscando um lugar tranquilo.

Foi então que encontrei Topaz. O Homem Hortelã fora visitá-lo, mas o cavalo queria saber onde estava a Moça Alfazema. Vi minha imagem na mente de Topaz. Moça Alfazema devia ser o nome que ele me dera. Achei engraçado Topaz me chamar de Moça Alfazema. Viajar com Cahil não me dera muito tempo para tomar banho, contudo eu conseguira arrumar um pouco de privacidade para me lavar um pouco e aplicar algumas gotas do perfume de alfazema de minha mãe.

Vá suave e rápido, Topaz pensou.

Será que me levaria até o Norte?, perguntei.

Não sem o Homem Hortelã. Suave e rápido com vocês dois. Sou forte.

Você é muito forte. Talvez eu fique com você.

Não. Não vai, não, Yelena. Chega de ficar amuada, disse a voz de Irys na minha cabeça. Seu contato era como um bálsamo frio e espesso passado sobre uma ferida aberta.

Não estou amuada.

Nesse caso, como é que chamaria seu estado?, Irys indagou, irritadamente.

Estou me protegendo.

Ela riu.

Do quê? Roze mal conseguiu atravessar.

Roze?

Roze Featherstone, a Primeira Feiticeira. E, desde então, ela tem estado furiosa. Você já passou por coisas piores, Yelena. Qual é o verdadeiro motivo?

Eu me sentia indefesa e sozinha, sem ninguém para cobrir minha retaguarda. Porém, sem querer compartilhá-lo com Irys, enterrei fundo tal pensamento. Em vez disso, ignorei sua pergunta. Sabendo que minha mentora estava de volta, senti-me revigorada. Ela era a única pessoa em quem eu podia confiar na Fortaleza.

Estou chegando com um pouco de comida, Irys avisou, e ordenou: *Você vai me deixar entrar e vai comer.*

Comida?, Topaz pensou, esperançosamente. *Maçã? Hortelã?*

Eu sorri.

Mais tarde.

Minha barriga roncou. Quando me mexi para sentar na beirada da cama, fui tomada de tontura. Perdera a noção do passar dos dias e estava fraca de fome.

Irys chegou, como prometera, trazendo uma bandeja cheia de frutas e carnes frias. Ela também trouxe uma jarra de suco de abacaxi e alguns bolinhos. Enquanto eu comia, ela me contou de sua viagem até a casa de May. May foi a última das garotas sequestradas a encontrar a família perdida.

— Cinco irmãs muito parecidas com ela — Irys disse, sacudindo a cabeça.

Eu sorri, imaginando a recepção de May. Seis garotas gritando de alegria, rindo e chorando enquanto todas falavam ao mesmo tempo.

— O pai preocupado quis que eu testasse todas as garotas em busca de potencial para magia. May tem um pouco, mas quero que ela aguarde mais um ano antes de ir para a escola. As outras ainda eram muito novas. — Irys serviu duas canecas de suco. — Tive de encerrar cedo minha visita quando senti seu grito de socorro.

— Quando Roze estava invadindo?

— É. Estava longe demais para ajudá-la, mas parece que você conseguiu se virar sozinha.

— Valek me ajudou — eu disse.

— Isso é impossível. *Eu* não consegui alcançá-la. Valek não é mago.

— Mas ele estava lá, e pude usar-lhe a força.

Sem querer acreditar em mim, Irys sacudiu a cabeça.

Pensei em como Irys me encontrara no Norte.

— Você sentiu meu poder quando eu estava em Ixia — falei. — Foi a mesma distância para Valek me alcançar.

Ela voltou a sacudir a cabeça.

— Valek é resistente a magia; sendo assim, acho que usou a imagem dele como um escudo contra Roze. Quando a senti, ano passado, você não tinha controle sobre seus poderes. Manifestações descontroladas de magia provocam flutuações na fonte de poder. Todos os feiticeiros, em qualquer lugar do mundo, podem sentir isso, mas apenas Mestres Feiticeiros podem saber de que direção está vindo.

Isso me preocupou.

— Todavia, você sentiu meu grito de socorro quando estava na casa de May. Será que eu estava fora de controle para alcançá-la a tamanha distância?

Perda de controle levava à combustão, que levava o feiticeiro à morte e danificava a fonte de poder para todos os feiticeiros.

Ela pareceu atônita.

— Não. — Irys franziu a testa e fitou pensativamente a parede. — Yelena, o que tem feito com sua magia desde que a deixei?

Eu contei sobre a emboscada, a fuga e a trégua com Cahil.

— Quer dizer que colocou todos os homens de Cahil em um estado de sono profundo? — ela perguntou.

— Bem, havia apenas doze. Fiz alguma coisa errada? Será que quebrei o Código de Ética? Há tanto que ainda não sei sobre magia.

Irys riu, lendo meus pensamentos.

E você queria fugir a cavalo.

— Melhor do que ficar aqui com Cahil e Leif — eu disse em voz alta.

— Esses dois. — Irys voltou a franzir a testa. — Os Mestres Feiticeiros tiveram uma conversa com ambos. Roze está furiosa por a terem enganado a seu respeito. Cahil na verdade teve a audácia de exigir uma sessão do Conselho em plena estação quente. Ele terá de aguardar até a estação refrescante. Talvez consiga entrar na agenda, talvez não.

Irys deu de ombros, aparentemente despreocupada.

— Os sitianos iriam à guerra por Cahil? — indaguei.

— Não temos contenda com o Norte, porém também não há muito amor por eles. O Conselho vem esperando que Cahil amadureça. Se ele desenvolver carisma e uma forte capacidade de liderança, seus planos de reaver Ixia podem até ser apoiados pelo Conselho.

Ela inclinou a cabeça para o lado, como se considerando a perspectiva de ir à guerra.

— O tratado comercial é o primeiro contato oficial que temos com os ixianos em 15 anos — Irys explicou. — É um bom começo. Sempre nos preocupamos que o comandante Ambrose pudesse tentar tomar o poder em Sitia, como fez no Norte; contudo, ele parece estar satisfeito.

— O exército sitiano venceria o do Norte?

— O que você acha?

— Sitia teria dificuldades. Os homens do Comandante são leais, dedicados e bem-treinados. Para perder uma batalha, ou teriam de estar em grande desvantagem numérica, ou em grande desvantagem estratégica.

Irys assentiu.

— Uma campanha contra eles teria de ser lançada com o maior cuidado. Daí o Conselho estar aguardando. Mas essa não é a minha preocupação hoje. Minha prioridade é ensinar-lhe magia, e descobrir sua especialidade. Você é mais forte do que pensei, Yelena. Colocar 12 homens para dormir não é fácil. E ter uma conversa com um

cavalo... — Irys afastou o cabelo do rosto e o prendeu na nuca. — Se eu não estivesse escutando, não teria acreditado em você.

Irys levantou-se e começou a empilhar os pratos na bandeja.

— O que você fez com os homens de Cahil normalmente seria considerado uma quebra do Código de Ética, mas como você agiu em autodefesa, é aceitável. — Ela se interrompeu por um instante. — O que Roze fez com você foi uma clara violação de nossa ética, mas ela achou que você era uma espiã. O Código não se estende a espiões. Todos os sitianos estão unidos em sua intolerância por espionagem. O Comandante conquistou o poder ao infiltrar a monarquia e ao usar de assassinato; sendo assim, quando um espião é descoberto, Sitia receia que o Comandante esteja tentando reunir informações suficientes para dar início a outra tomada de poder. — Pegando a bandeja de pratos sujos, Irys disse: — Amanhã, eu lhe mostrarei a Fortaleza e começarei seu treinamento. Se precisar de luz, há velas e pederneira na cômoda, e há lenha cortada atrás do prédio, para quando fica muito frio. Eu a coloquei na ala dos aprendizes porque você é velha demais para os alojamentos dos primeiranistas. E acredito que, quando as aulas começarem, você já estará pronta para se juntar à classe dos aprendizes.

— O que é a classe dos aprendizes?

— A Fortaleza tem um currículo de cinco anos. Os estudantes começam o programa cerca de um ano após atingirem a maturidade. Normalmente por volta dos 14 anos sua magia já atingiu um ponto no qual podem direcioná-la. Cada ano do currículo da Fortaleza tem um título. Primeiranista, principiante, júnior, sênior e aprendiz. Você estará no nível de aprendiz, porém sua instrução será diferente, visto que ainda precisa aprender sobre nossa história e governo. — Irys sacudiu a cabeça. — Pensarei no que fazer antes de as aulas começarem. Você provavelmente interagirá com alunos de diferentes níveis, dependendo da matéria. Mas não se preocupe com isso agora. Que tal desfazer as malas e sentir-se em casa?

Suas palavras me lembraram que eu tinha algo para ela na minha mochila.

— Irys, espere um minuto — eu disse, antes que ela pudesse ir embora. — Minha mãe lhe enviou um pouco de perfume.

Revirei a mochila. Por muita sorte, os frascos não foram danificados durante a viagem até a Cidadela. Entreguei para Irys o perfume de Apple Berry e coloquei meu frasco de alfazema sobre a mesa.

Irys me agradeceu e foi embora. Após ela ter partido, o aposento me pareceu vazio. Tirando tudo de dentro da minha mochila, pendurei meu antigo uniforme no armário e decorei a mesa com a estatueta do valmur que comprara para Valek, porém o aposento ainda parecia vazio. Pediria a Irys para trocar meu dinheiro ixiano. Talvez eu pudesse comprar uma coisa ou outra para alegrar o local.

Encontrei o guia de campo de Esau no fundo da mochila. Levando uma vela para o quarto de dormir, li o livro até meus olhos ficarem pesados. De acordo com suas vastas anotações, parecia que quase todas as plantas tinham uma razão para existir. Flagrei-me desejando que houvesse no seu guia uma página com o meu retrato, contendo uma explicação para a minha existência escrita abaixo com a bela letra de Esau.

Na manhã, Irys torceu o nariz ao adentrar meus aposentos.

— Talvez eu deva começar lhe mostrando o local de banhos. Mandaremos suas roupas para a lavanderia e lhe arrumaremos algumas limpas.

Eu ri.

— Muito ruim?

— Muito.

Irys e eu seguimos para outra construção de mármore rodeada por colunas azuis. A casa de banhos tinha piscinas separadas para homens e mulheres. Foi maravilhoso lavar a sujeira da estrada de minha pele. A encarregada da lavanderia pegou minhas roupas manchadas e rasgadas. O conjunto de Nutty, minha camisa branca e as calças pretas, todos precisavam de conserto.

Peguei emprestadas uma túnica de algodão verde-clara e calças cáqui. Irys me informou que a Fortaleza não tinha nenhum uniforme padrão para as aulas e eventos cotidianos, porém funções especiais exigiam um manto de aprendiz.

Após pentear e trançar meu cabelo, seguimos para o salão de jantar para o desjejum. Olhando ao redor no interior da Fortaleza, pude notar um padrão na sua disposição interna. Trilhas e jardins se intercalavam com construções de mármore de diversos tamanhos e formatos. Dormitórios e os alojamentos dos estudantes cercavam o campus principal. Os estábulos, a lavanderia e os canis estendiam-se ao longo do muro externo da Fortaleza. Cavalos pastavam em um grande campo cercado ao lado de um pátio de treinamento oval.

Perguntei a Irys sobre as quatro torres.

— Os Mestres Feiticeiros moram nelas. — Ela apontou para a do canto noroeste. — Aquela é a minha. A do canto nordeste, perto dos estábulos, pertence a Zitora Cowan, a Terceira Feiticeira. A do sudoeste é de Roze Featherstone, e a do sudeste pertence a Bain Bloodgood, o Segundo Feiticeiro.

— E se houver mais de quatro Mestres?

— Na história da Fortaleza do Mago, jamais tivemos mais do que quatro. Menos, sim, porém nunca tivemos mais. Seria um problema maravilhoso de se ter. As torres são enormes; sendo assim, não faltaria espaço para compartilhar.

Ela sorriu.

Três pessoas estavam sentadas no salão de jantar. Fileiras e mais fileiras de mesas vazias ocupavam o aposento comprido.

— Quando as aulas começarem, essas mesas estarão repletas de alunos, professores, magos e feiticeiras. Todo mundo come aqui — Irys explicou.

Ela me apresentou para os dois homens e para a mulher fazendo o desjejum. Jardineiros de folga, eram apenas uma pequena parte da vasta equipe necessária para cuidar da paisagem.

Nós comemos, peguei uma maçã para levar para Topaz, e Irys me levou até seus aposentos. Após subir o que pareceu ser um milhão

de degraus, e passar por dez níveis de aposentos, chegamos ao topo. As janelas do aposento circular iam do chão ao teto. Cortinas compridas e rendadas balançavam com a brisa quente. Almofadas coloridas e sofás em tons de azul, roxo e prata decoravam a área bem iluminada. O lugar estava rodeado de estantes de livros e o ar tinha um agradável perfume cítrico.

— Minha sala de meditação — Irys informou. — O ambiente perfeito para concentrar poder e para aprender.

Andei pelo aposento, olhando lá para fora. Ela tinha uma visão magnífica da Fortaleza e, através das janelas que davam para o nordeste pude ver verdejantes colinas salpicadas de pequenas aldeias.

— Faz parte das terras do clã Featherstone — Irys disse, acompanhando meu olhar. Ela gesticulou na direção do centro do aposento. — Sente-se. Vamos começar.

Irys sentou-se em uma almofada roxa, cruzando as pernas.

Eu me acomodei sobre a almofada azul diante dela.

— Mas meu arco...

— Não precisará do seu arco. Vou lhe ensinar como acessar seu poder sem depender de contato físico. A fonte de poder a envolve como um manto. Precisa ter a habilidade de puxar um fio dessa cobertura, trazê-lo até o seu corpo e usá-lo. Mas não puxe muito ou repuxará o manto, deformando a fonte, deixando algumas áreas com muito poder e outras sem nada. Dizem que existem lugares onde há buracos no manto, áreas sem poder, porém jamais encontrei uma.

Senti o poder vindo dela, como uma bolha em expansão. Irys ergueu a mão e disse:

— Venettaden.

O poder me atingiu bruscamente. Meus músculos ficaram paralisados. Eu a fitei em um crescente estado de pânico.

— Empurre-o para longe — ela ordenou.

Pensei no meu muro de tijolos, mas sabia que ele não seria páreo para a força de Irys. Mais uma vez, fechei minha cortina de mármore

e interrompi o fluxo de poder. Meus músculos relaxaram.

— Muito bem — ela disse. — Peguei uma linha de poder, dei-lhe a forma de uma bola e, depois, usando uma palavra e um gesto, direcionei-a para você. Para propósitos de aprendizado, ensinamos aos alunos palavras e gestos, mas, na verdade, você pode usar o que quiser. Tudo isso serve apenas para ajudar a focalizar o poder. E, após algum tempo, você não precisa usar palavras para realizar a magia. Torna-se instintivo. Agora é a sua vez.

— Mas não sei como puxar um fio de poder. Apenas me concentro na sensação da madeira do meu cajado e, em seguida, minha mente, de algum modo, se separa do corpo e consigo projetá-la na direção de outras mentes. Por que isso funciona?

— A habilidade de ler pensamentos é outro fio de poder ligando duas mentes, criando uma conexão. Assim que o vínculo for estabelecido, ele permanece no lugar e torna-se fácil reestabelecê-lo. Por exemplo, considere o vínculo entre nós duas, ou entre você e Topaz.

— E Valek — eu disse.

— Sim, e Valek também. Embora, com sua imunidade à magia, suponho que seu vínculo com ele deva ser a nível subconsciente. Alguma vez conseguiu ler os pensamentos dele?

— Não. Contudo, jamais tentei. De algum modo, sempre soube o que ele estava sentindo.

— Um instinto de sobrevivência. Faz sentido, considerando a posição dele em Ixia, e visto que era ele quem decidia dia após dia se você ia viver ou morrer.

— Esse instinto de sobrevivência me salvou a vida algumas vezes — salientei, recordando-me de minhas dificuldades em Ixia. — Eu me via em apuros e, de repente, parecia que outra pessoa tomara controle de meu corpo e coisas impossíveis começavam a acontecer.

— Sim, mas, agora, você tem o controle, e pode *fazer* tais coisas acontecerem.

— Não tenho tanta certeza...

Irys ergueu a mão.

— Chega disso. Agora, concentre-se. Sinta o poder. Puxe-o para si e agarre-se a ele.

Inspirei profundamente e, por via das dúvidas, fechei os olhos. Sentindo-me um pouco tola, concentrei-me no ar ao meu redor, tentando pressentir o manto de poder. Por alguns instantes, nada aconteceu. Em seguida, senti o ar ficando mais denso e pressionando minha pele. Usei toda minha força de vontade para reunir a magia ao meu redor. Assim que a pressão ficou mais intensa, abri os olhos. Irys me observava.

— Quando o soltar na minha direção, pense no que quer que o poder faça. Um gesto ou palavra pode ajudar, e poderá ser usado como atalho para a próxima vez.

Empurrei o poder e disse:

— Cair.

Por um instante, nada aconteceu. Em seguida, os olhos de Irys se arregalaram de surpresa, e ela caiu para trás.

Corri até ela.

— Desculpe.

Ela me fitou.

— Isso foi estranho.

— Estranho como?

— Em vez de me empurrar para trás, sua magia invadiu minha mente, ordenando-me que caísse.

Irys voltou a se acomodar na almofada.

— Tente novamente, mas, dessa vez, pense no poder como um objeto físico, como um muro, e volte-o na minha direção.

Seguia as instruções, contudo o resultado foi o mesmo.

— É um método pouco convencional, mas funciona. — Irys prendeu um fio de cabelo solto atrás da orelha. — Vamos trabalhar na sua defesa. Quero que desvie meu poder antes que possa afetá-la.

Com um movimento rápido, ela atirou uma bola de energia na minha direção.

— Teatottle.

Saltei para trás e ergui as mãos, contudo não fui rápida o suficiente. Meu mundo girou. Manchas coloridas giraram ao meu redor antes que eu pudesse posicionar minhas defesas. Acabei estendida no chão, olhando para o teto inclinado da torre. Uma coruja dormia em seu ninho numa das vigas.

— Precisa manter suas defesas erguidas o tempo todo — Irys explicou. — Não vai querer ser pega desprevenida. Por outro lado...

— Irys alisou a blusa. — Foi capaz de impedir que Roze se aprofundasse na sua mente.

Eu mudei de assunto.

— O que significa Teatottle? — indaguei.

— É uma palavra sem sentido — Irys respondeu. — Eu a inventei. Não havia por que alertá-la do que eu pretendia fazer. Uso essas palavras para gestos de defesa e ataque. Contudo, para questões práticas como fogo e luz, uso as palavras verdadeiras.

— Eu consigo fazer fogo?

— Se for forte o suficiente. Mas é uma tarefa cansativa. O uso de magia é exaustivo, alguns tipos mais do que outros. Você parece ser capaz de se conectar com a mente de outros sem muito esforço — Irys comentou. — Talvez seja essa sua especialidade.

— O que quer dizer com especialidade?

— Alguns magos podem fazer apenas certas coisas. Temos magos capazes de curar ferimentos físicos, e outros que ajudam com traumas mentais. Alguns capazes de mover objetos grandes, como estátuas, enquanto outros conseguem acender fogueiras com pouquíssimo esforço. — Irys brincou com as borlas de sua almofada. — Às vezes, encontrará alguém capaz de fazer duas ou três coisas, ou talentos híbridos, como Leif, que é capaz de pressentir a alma de uma pessoa. Quanto a você, não só descobrimos que consegue ler pensamentos, mas que também é capaz de influenciar os atos das pessoas e dos animais. Um talento raro. São duas habilidades.

— Esse é o limite?

— Não. Mestres Feiticeiros são capazes de fazer tudo.

— Por que Roze é chamada de Primeira Feiticeira e você é a Quarta?

Irys exibiu um sorriso cansado.

— Roze é mais forte do que eu. Ambas somos capazes de acender o fogo. Contudo, ao passo que eu sou capaz de acender uma fogueira, ela consegue incendiar uma estrutura de dois andares.

Pensei um pouco no que ela dissera.

— Se um mago possui apenas um talento, o que faz ao concluir seu treinamento?

— Designamos feiticeiros para diferentes povoados e cidades, dependendo da necessidade. Tentamos sempre ter um curandeiro em cada cidade. Outros feiticeiros cobrem várias cidades, viajando de um local para o outro, ajudando com projetos específicos.

— E o que eu faria? — indaguei, curiosa para saber se existia uma posição útil para mim.

Contudo, ao mesmo tempo, não sabia se queria uma posição útil em Sitia.

Irys riu.

— É cedo demais para saber. Por ora, você precisa praticar reunir o poder e usá-lo. E pratique manter as defesas erguidas.

— Como faço para manter meu muro erguido sem me exaurir?

— Eu imagino meu muro de defesa, que lembra este recinto da torre. Eu o imagino bem sólido e forte, depois faço com que fique translúcido, de modo que eu possa enxergar através dele, e, em seguida, não penso mais nele. Porém, quando projetam magia na minha direção, minha barreira se solidifica e defende o ataque antes mesmo que eu esteja plenamente consciente dele.

Segui suas instruções e criei uma barreira invisível na minha mente. Durante toda a manhã, Irys a testou nas ocasiões mais inesperadas, e ela aguentou firme. Durante o resto do tempo, pratiquei reunir magia, porém, por mais que eu tentasse, minha mágica afetava apenas duas coisas. Irys e a coruja dormindo nas vigas.

Fiquei admirada com a paciência de Irys, e, pela primeira vez desde que vim para Sitia, tive esperanças de que seria capaz de dominar meus poderes.

— Foi um bom começo — Irys disse, quando aproximou-se a hora do almoço. — Vá comer, depois descanse o resto da tarde. Trabalharemos durante as manhãs, e você poderá praticar e estudar à noite. Mas, hoje à noite, precisará ir ver o Cavalariço-Chefe e escolher um cavalo.

Será que eu escutei direito?

— Um cavalo?

— Isso mesmo. Todos os feiticeiros possuem cavalos. De vez em quando, terá de chegar rápido a algum lugar. Eu mesma tive de deixar meu cavalo, Silk, aqui, durante a missão em Ixia. Quando você gritou por socorro, tive de pegar um cavalo emprestado com o pai de May. Como acha que cheguei aqui tão rápido?

Eu sequer pensara nisso. Na ocasião, tudo que me importava era a própria tristeza. Seguindo as orientações de Irys, localizei o salão de jantar. Almocei e voltei para meus aposentos, onde desabei na cama e adormeci.

Naquela noite, após o jantar, procurei o Cavalariço-Chefe. Eu o encontrei no final de uma fileira de baias, limpando uma sela de couro. Um pequeno homem encorpado, seu desordenado cabelo castanho descia até além dos ombros, como a crina de um cavalo. Quando ele olhou para mim, reprimi o sorriso.

— O que você quer? Será que não vê que estou ocupado? — ele perguntou.

— Sou Yelena. Irys me enviou.

— Ah, sim, a nova aluna. Não sei por que a Quarta Feiticeira não podia esperar até todo mundo voltar para começar suas lições — resmungou para si mesmo ao colocar a sela no chão. — Por aqui.

Ele me conduziu para além do estábulo. Topaz esticou a cabeça para fora de sua baia.

Seus enormes olhos castanhos pareciam esperançosos.

Maçã?, perguntou.

Irys falara a verdade. Eu voltei a me conectar com Topaz sem qualquer esforço consciente. Ou será que fora ele quem se conectara comigo? Teria de perguntar à minha mentora sobre isso. Eu lhe dei a maçã que trazia no bolso.

O Cavalariço-Chefe virou-se.

— Acaba de fazer um amigo para toda a vida — ele afirmou, fungando divertidamente. — Esse cavalo adora comida. Jamais vira um cavalo ter tanto prazer em comer. Pode treiná-lo a fazer quase qualquer coisa em troca de uma bala de hortelã.

Passando pelo celeiro, ele seguiu para o pasto. O Cavalariço-Chefe apoiou-se na cerca de madeira. Seis cavalos pastavam no campo.

— Escolha um. Não faz diferença qual, todos são bons. Vou procurar seu instrutor.

— Você não ensina? — perguntei, antes que ele pudesse ir.

— Não no meio da temporada quente, quando não há ninguém além de mim aqui — ele disse, com irritação. — Estou ocupado demais limpando as baias e consertando o equipamento. Eu falei para esperar, mas a Quarta Feiticeira não queria saber de demora. Ainda bem que um dos meus instrutores voltou mais cedo.

Ele resmungou mais um pouco ao voltar para o estábulo.

Estudei os cavalos no campo. Três eram castanho-escuros, como Topaz, dois eram pretos, e um era cor de cobre com as patas brancas dos joelhos para baixo. Não sabendo nada sobre cavalos, supus que a decisão seria tomada pela cor. O cavalo cor de cobre e branco olhou para mim.

Gosto dela, Topaz disse. *Ela vai rápido e suave para a Moça Alfazema.*

Como faço para ela vir até mim?, perguntei.

Balas de hortelã.

Topaz olhava com adoração para uma bolsa de couro pendurada perto da sua baia. O cavalariço desaparecera. Voltei até o estábulo. Pegando duas balas de hortelã, dei uma para Topaz e levei a outra de volta para o campo.

Mostre a bala de hortelã para Kiki.

Estendi a bala. Kiki olhou para os outros cavalos e, depois, veio na minha direção. Quando ela se aproximou, pude ver que ela tinha um rosto branco com uma mancha marrom ao redor do olho esquerdo. Algo nos seus olhos parecia estranho. Foi só quando ela sugou da minha mão a bala de hortelã que me dei conta. Seus olhos eram azuis. Jamais vira isso antes, o que não significava muita coisa. Não sabia quase nada a respeito de cavalos.

Coce atrás das orelhas, Topaz sugeriu.

As compridas orelhas cor de cobre da égua estavam inclinadas para a frente. Fiquei na ponta dos pés e esfreguei com as unhas atrás delas. Kiki abaixou a cabeça e a pressionou de encontro ao meu peito.

— O que acha, menina? — perguntei em voz alta.

Não conseguia escutá-la, como acontecia com Topaz. Enquanto acariciava-lhe as orelhas, puxei um fio de poder e projetei a minha mente na direção dela.

Fica comigo?

Ela me cutucou com o focinho.

Sim.

Senti o prazer de Topaz.

Juntos, vamos rápido e suave.

Sobressaltei-me ao escutar o Cavalariaço-Chefe atrás de mim.

— Já escolheu um? — ele perguntou.

Assenti sem olhar para ele.

— Essa veio das planícies — ele contou. — Uma boa escolha.

— Ela deve escolher outro — disse uma voz conhecida.

Eu me virei, sentindo um frio na barriga. Cahil estava de pé ao lado do Cavalariaço-Chefe.

— E por que eu haveria de lhe dar ouvidos? — exigi saber.

Ele sorriu.

— Porque sou o seu instrutor.

— NÃO — EU DISSE. — Você não vai ser meu instrutor.

— Não há outra opção — disse o Cavalariaço-Chefe. Com uma expressão confusa, ele olhou para Cahil e, depois, para mim. — Não tem mais ninguém, e a Quarta Feiticeira insiste para que você comece imediatamente.

— E se eu o ajudar a limpar as baias e alimentar os cavalos? Será que, então, terá tempo para me ensinar? — perguntei ao Cavalariaço-Chefe.

— Mocinha, você já tem muito para fazer. Terá de limpar e cuidar do seu próprio cavalo, assim como estudar suas lições. Cahil tem sido um rato de estábulo desde os seis anos de idade. Ninguém... — ele sorriu — além de mim sabe mais sobre cavalos.

Plantei as mãos nos quadris.

— Tudo bem, contanto que ele saiba mais sobre cavalos do que sabe sobre pessoas.

Cahil estremeceu. Ótimo.

— Mas ficarei com este cavalo — insisti.

— Ela é estrábica — Cahil disse.

— Ela é o quê? — perguntei.

— Ela possui olhos azuis. Isso dá azar. E foi criada pelo clã Sandseed. Os cavalos deles são difíceis de treinar.

Kiki bufou para Cahil.

Menino Mau.

— Uma superstição tola e uma reputação imerecida. Cahil, você não deveria se deixar levar por tais coisas — o Cavaleriço-Chefe disse. — Ela é uma boa égua. Seja o que for que esteja acontecendo entre você e Yelena, terão de resolver sozinhos. Não tenho tempo para bancar a babá.

Tendo dito isso, ele foi embora marchando, mais uma vez resmungando para si mesmo.

Cahil e eu ficamos olhando intensamente um para o outro por mais algum tempo, até que Kiki cutucou meu braço, à procura de mais balinhas de hortelã.

— Sinto muito, garota, não tenho mais — respondi, estendendo a mão vazia.

Ela jogou a cabeça para o lado e voltou a pastar.

Cahil me fitava. Cruzei os braços diante do peito, mas eles não pareciam uma barreira adequada entre nós dois. Teria preferido espessas paredes de mármore. Ele trocara as roupas de viagem e estava usando uma camisa branca lisa e calças de algodão justas, enfiadas para dentro das botas de montaria que ainda estava usando.

— Terá de aguentar as consequências de sua decisão quanto ao cavalo. Mas se vai me enfrentar cada vez que eu tentar lhe ensinar algo, avise-me logo, para que eu não perca mais meu tempo.

— Irys quer que eu apreenda. Sendo assim, vou aprender.

Ele pareceu satisfeito.

— Ótimo. A primeira lição começa agora. — Ele pulou a cerca do pasto. — Antes que aprenda a cavalgar, precisa saber tudo a respeito do seu cavalo, do físico ao emocional.

Cahil estalou a língua para Kiki, e, quando ela o ignorou, ele aproximou-se dela. Quando ele chegou ao lado dela, a égua virou-se, derrubando-o com as ancas.

Mordi o lábio inferior para conter o riso. Cada vez que ele tentava se aproximar, Kiki ou se afastava, ou esbarrava nele.

Com o rosto vermelho de frustração, Cahil por fim disse:

— Para o inferno com isso. Vou pegar um cabresto.

— Você a magoou ao dizer que ela dá azar — expliquei. — Ela cooperará, caso se desculpe.

— Como pode saber?

— Simplesmente sei.

— Você nem mesmo sabe como desmontar de um cavalo. Não sou tão burro assim — Cahil retrucou.

Quando ele subiu na cerca, eu disse:

— Eu sei do mesmo modo que sabia que Topaz queria biscoitos de aveia e leite.

Cahil deteve-se, aguardando.

Suspirei.

— Topaz me contou que queria o agrado. Eu me conectei com a mente dele por acidente; sendo assim, pedi para ele ir em um ritmo mais suave, porque minhas costas estavam doendo. O mesmo acontece com Kiki.

Cahil afagou a barba.

— A Primeira Feiticeira disse que você tinha habilidades mágicas muito fortes. Suponho que já deveria ter me dado conta, mas estava focado demais na coisa de espiã.

Ele me fitou como se estivesse me notando pela primeira vez.

Por um segundo, pensei ter testemunhado uma frieza calculista passar pelos olhos de Cahil, mas ela desapareceu, deixando-me a duvidar se, de fato, vira alguma coisa.

— O nome dela é Kiki? — ele perguntou.

Assenti. Cahil voltou até Kiki e desculpou-se. Senti uma súbita irritação infantil. Ele deveria estar pedindo desculpas para mim, por toda a dor que me causara. Coisa de espiã uma ova.

Empurrar Menino Mau?, Kiki perguntou.

Não. Seja boazinha. Ele vai me ensinar a cuidar de você.

Cahil gesticulou para que eu me juntasse a ele, perto de Kiki. Pulei a cerca. Enquanto Kiki ficava imóvel, Cahil apontava para diferentes partes de seu corpo, oferecendo explicações. Começando com o focinho, ele não se deteve até ter lhe erguido o casco da pata traseira mostrando-me a parte de baixo.

— Mesma hora amanhã — ele disse, encerrando a lição. — Encontre-me no estábulo. Falaremos sobre cuidados com o cavalo.

Antes que ele pudesse voltar para o celeiro, eu o detive. Agora que minha irritação com o fato de ele ser meu instrutor desaparecera, estava curiosa com o motivo de ele estar aqui.

— Por que está me ensinando? Pensei que sua campanha pela conquista do trono ixiano tomaria a maior parte do seu tempo.

Sabendo muito bem o que eu pensava de sua missão, Cahil me estudou, buscando sinais de sarcasmo.

— Até que receba o apoio total do Conselho Sitiano, não há muito que eu possa fazer — ele disse. — Além do mais, preciso de dinheiro para cobrir minhas despesas. A maioria dos meus homens está empregada na Fortaleza como guardas ou jardineiros, dependendo do que for necessário. — Ele esfregou as mãos na calça, fitando os cavalos no pasto. — Quando a Fortaleza está em recesso, durante a estação quente, concentro meus esforços em reunir patrocínio. Esta estação pensei que, enfim, teria o apoio do Conselho. — Cahil olhou para mim. — Mas não deu certo. Sendo assim, estou de volta ao trabalho e, mais uma vez, implorando para que o Conselho me coloque na sua agenda. — Ele franziu a testa e balançou a cabeça. — Amanhã, então?

— Amanhã.

Observei Cahil seguir para o estábulo. Ele estivera contando com a captura de um espião ixiano para influenciar o Conselho. Perguntei-me o que ele tentaria em seguida.

Kiki cutucou meu braço e eu cocei atrás da orelha dela, antes de voltar para meus aposentos. Procurando um pouco de papel, sentei-me à escrivaninha e desenhei um esboço malfeito de um cavalo. Dei

nome às partes que conseguia me lembrar. Topaz e Kiki me ajudaram com o resto.

O vínculo que estabelecera com os dois animais era estranho, porém reconfortante. Era como se estivéssemos todos no mesmo aposento, cada um fazendo uma tarefa diferente e cuidando de sua própria vida, com nossos próprios pensamentos particulares. Mas quando um de nós “falava” diretamente com o outro, conseguíamos “escutar”. Tinha apenas de pensar em Kiki e seus pensamentos ocupavam minha mente. O mesmo era verdade com Irys. Não precisava reunir poder e projetá-lo na direção de Irys. Tudo o que tinha de fazer era pensar nela.

Ao longo da próxima semana, meus dias transformaram-se em uma rotina. Manhãs passadas com Irys, aprendendo sobre magia, tardes passadas cochilando, estudando e praticando minhas técnicas de autodefesa. As noites eram passadas na companhia de Cahil e Kiki. Ao me movimentar pelo campus, sempre ficava atenta a Goel. Não me esquecera de sua ameaça.

Pouco após ter começado meu treinamento em magia, Irys começou a me testar em busca de outras habilidades.

— Vamos ver se você consegue fazer fogo — Irys disse certa manhã. — Dessa vez, quando reunir o poder, quero que se concentre em acender esta vela.

Ela pousou um candelabro diante de mim.

— Como? — indaguei, empertigando-me.

Eu estivera reclinada nas suas almofadas, pensando em Kiki. Já se passara mais de uma semana e eu ainda não a montara. Até agora Cahil passara o tempo todo me ensinando a cuidar do animal e do equipamento. Que homem irritante.

— Pense em uma única chama, antes de direcionar seu poder. — Irys demonstrou. — Fogo — ela disse. A vela acendeu-se e ardeu um pouco, antes de Irys apagá-la. — Sua vez.

Concentrei-me no pavio da vela, formando uma imagem chamejante na minha mente. Direcionando a magia para a vela,

desejei que ela acendesse. Nada aconteceu.

Irys deixou escapar um som abafado, e a vela queimou.

— Está direcionando sua magia para a vela?

— Estou. Por quê?

— Você acabou de ordenar que eu acendesse a vela para você — Irys explicou, irritada. — E *eu* o fiz.

— Isso é ruim?

— Não. Espero que saiba acender um fogo da maneira mundana, porque, até agora, isso não parece fazer parte de suas habilidades mágicas. Vamos tentar alguma outra coisa.

Tentei mover um objeto físico, sem sucesso. A não ser que forçar Irys a fazê-lo por mim pudesse ser considerado uma habilidade mágica.

Ela ergueu as defesas mentais, bloqueando minha influência.

— Tente novamente. Dessa vez, concentre-se em manter o controle.

Quando comecei a reunir o poder, Irys atirou uma almofada em mim. A almofada me acertou na barriga.

— Ei!

— Era para você tê-la desviado com sua magia. Tente novamente.

Ao final da sessão, senti-me grata por Irys ter escolhido uma almofada; caso contrário, eu estaria coberta de hematomas.

— Acho que você simplesmente precisa praticar seu controle — Irys afirmou, recusando-se a desistir. — Descanse um pouco. Amanhã você se sairá melhor.

Antes de ir embora, perguntei algo que há dias não me saía da cabeça:

— Irys, será que posso conhecer o resto da Cidadela? Eu preciso trocar minhas moedas ixianas por dinheiro sitiano, para que possa comprar alguns itens e roupas. Tem algum mercado por aqui?

— Tem, mas, durante a estação quente, só abre um dia por semana. — Ela hesitou por um instante, considerando. — Eu lhe darei folga no dia do mercado. Nada de lições. Poderá explorar a

Cidadela, ou fazer o que bem entender. Ele abrirá daqui a dois dias. Enquanto isso, trocarei seu dinheiro.

Irys não pôde deixar passar a oportunidade de me passar um sermão sobre gastar o dinheiro de maneira inteligente.

— Enquanto estiver na Fortaleza, suas despesas serão cobertas. Contudo, assim que se formar, estará por conta própria. É claro que ganhará um salário como feiticeira — Irys disse. — Mas não desperdice seu dinheiro. — Ela sorriu para suavizar a reprimenda. — Não gostamos de incentivar os mendigos.

A imagem do menininho sujo apareceu na minha mente.

— Por que eles não têm dinheiro? — perguntei.

— Alguns são preguiçosos, preferindo mendigar em vez de trabalhar. Outros são incapazes de trabalhar, devido a problemas físicos ou mentais. Há um limite para o que os curandeiros conseguem fazer. E alguns apostam ou gastam seu dinheiro mais rápido do que conseguem ganhá-lo.

— Mas e quanto às crianças?

— Fugitivos, órfãos ou a cria de indigentes. A estação quente é a pior época para eles. Assim que a escola recomeçar e a Cidadela voltar a ficar cheia, há lugares onde eles podem buscar abrigo e comida. — Irys tocou no meu ombro. — Não se preocupe com eles, Yelena.

Ao voltar aos meus aposentos, ponderei sobre os comentários de Irys.

Naquela noite, enquanto me ensinava a selar e arrear Kiki na sua baia do estábulo, Cahil perguntou:

— O que deu em você? Tem sido brusca comigo a noite toda.

Moça Alfazema zangada, Kiki concordou.

Inspirei fundo, preparando-me para pedir desculpas; contudo, em seu lugar, uma torrente de palavras despejou de minha boca:

— Você quer Ixia para poder ser rei. Para que possa recolher impostos, sentar-se em um trono e usar uma coroa de joias enquanto as pessoas sofrem como acontecia sob o reinado do seu tio? Para que seus capangas, como Goel, possam matar crianças

inocentes, quando seus pais não puderem pagar os impostos para suas belas roupas de seda, ou para que possam matar os pais, deixando os filhos sem um lar e sem opção senão mendigar.

Minha explosão terminou com a mesma brusquidão que começou.

Cahil me fitou embasbacado, porém logo se recuperou.

— Não é isso que eu quero — disse. — Quero ajudar o povo de Ixia, para que as pessoas possam ter liberdade de usar qualquer roupa que queiram, em vez de serem forçadas a usar uniformes. Para que possam se casar com quem quiserem, sem necessitar de permissão do General do distrito. Viver onde bem entenderem, mesmo que seja em Sitia. Quero a coroa para poder livrar Ixia da ditadura militar.

Suas razões pareciam tão superficiais. Será que as pessoas seriam mais livres com ele como governante? Não acreditava que a resposta de Cahil houvesse revelado o verdadeiro motivo.

— O que o faz pensar que o povo de Ixia quer que você o liberte? Nenhum governo é perfeito. Já parou para pensar que os ixianos podem estar felizes sob o governo do Comandante? — perguntei.

— Por acaso você estava contente com sua vida no Norte?

A intensidade fez o corpo de Cahil ficar imóvel, enquanto aguardava minha resposta.

— Minhas circunstâncias não eram comuns.

— Que circunstâncias?

— Não é da sua conta.

— Deixe-me adivinhar — Cahil disse, com um ar de superioridade.

Cruzei os braços para me impedir de socá-lo.

— Uma sulista sequestrada com poderes mágicos? Isso é incomum. Mas, por acaso, acha que foi a primeira pessoa que a Quarta Feiticeira teve de resgatar? Nortistas também nascem com poderes mágicos. Meu tio era um Mestre Feiticeiro. E você *sabe* o que o Comandante faz com qualquer um que tenha poder.

As palavras de Valek ecoaram na minha mente. Qualquer um encontrado no Território de Ixia com poderes mágicos era morto.

Magos podiam ser caçados em Ixia, mas o resto dos cidadãos tinha tudo de que precisava.

— Não somos muito diferentes, Yelena. Você nasceu em Sitia e foi criada em Ixia, e eu sou um ixiano criado em Sitia. Você acaba de retornar ao seu lar. Estou apenas tentando encontrar o meu.

Abri a boca para responder, mas a fechei ao escutar Irys falando na minha mente:

Yelena, venha à enfermaria agora mesmo.

Você está bem?, perguntei.

Estou bem. Apenas venha.

Onde fica a enfermaria?

Peça a Cahil para lhe mostrar.

Suas energias místicas se retiraram.

Contei para Cahil o pedido de Irys. Sem hesitação, ele removeu a sela e as rédeas de Kiki. Nós os deixamos na sala de equipamento, antes de seguir para o centro da Fortaleza. Tive de me esforçar para acompanhá-lo.

— Ela falou do que se tratava? — ele indagou, por sobre o ombro.

— Não.

Adentramos a construção de um andar só. As paredes de mármore eram de um azul-claro relaxante que lembrava o gelo. Um jovem de uniforme branco movia-se pelo saguão, acendendo os lampiões. Os raios do sol haviam começado a desaparecer.

— Onde está Irys? — perguntei ao jovem.

Ele parecia confuso.

— A Quarta Feiticeira — Cahil disse.

— Ela está com o curandeiro Hayes — ele respondeu, e quando não nos movemos, ele apontou para um comprido corredor. — No final do corredor. Quinta porta à esquerda.

— Poucos a chamam de Irys — Cahil explicou, enquanto descíamos o corredor vazio.

Paramos na quinta porta. Ela estava fechada.

— Entrem — Irys ordenou, antes que eu pudesse bater.

Abri a porta. Irys estava de pé ao lado de um homem vestido de branco. Provavelmente o curandeiro Hayes. No centro do aposento uma figura estava deitada sob o lençol estendido sobre a cama. O rosto estava coberto por ataduras.

Leif estava curvado em uma cadeira no canto do aposento, com uma expressão horrorizada. Ao me avistar, ele perguntou:

— O que ela está fazendo aqui?

— Pedi que Yelena viesse. Talvez ela seja capaz de ajudar — Irys disse.

— O que está acontecendo? — perguntei à minha mentora.

— Tula foi encontrada em Booruby, próxima à morte. Sua mente abandonou o corpo, e não conseguimos alcançá-la — Irys explicou.

— Precisamos encontrar quem fez isso com ela.

— Não consigo senti-la — Leif disse. — Os outros Mestres Feiticeiros não conseguem alcançá-la. Ela se foi, Quarta Feiticeira. Está apenas desperdiçando tempo.

— O que aconteceu? — Cahil perguntou.

— Surrada, torturada, estuprada — o curandeiro disse. — Pense em algo horrível, e provavelmente foi feito com ela.

— E ela foi afortunada — Irys acrescentou.

— Como pode chamar isso de afortunada? — Cahil exigiu saber, a indignação evidente no súbito retesar dos ombros, no tom estridente de sua voz.

— Ela escapou com vida — Irys retrucou. — Nenhuma das outras teve tanta sorte.

— Quantas? — indaguei sem de fato querer saber, mas incapaz de conter as palavras.

— Ela é a décima primeira vítima. As outras foram todas encontradas mortas, violentadas do mesmo modo.

Uma expressão de revolta estava estampada no rosto de Irys.

— Como posso ajudar? — perguntei.

— Cura mental é meu poder mais forte, no entanto você alcançou o Comandante e o trouxe de volta quando eu não fui capaz — ela explicou.

— O quê? — Cahil gritou. — Você ajudou o comandante?

Sua indignação voltou-se para mim. Eu o ignorei.

— Mas eu conhecia o Comandante. Tinha uma ideia de onde procurar — eu disse para Irys. — Não sei se posso ajudá-la.

— Tente assim mesmo. Os corpos foram descobertos em cidades diferentes, espalhadas por toda Sitia. Ainda não conseguimos encontrar um motivo para as mortes, e não temos suspeitos. Precisamos pegar esse monstro. — Irys mexeu no cabelo. — Infelizmente, esse é o tipo de situação com o qual terá de lidar quando se tornar uma feiticeira. Considere isso uma experiência de aprendizado.

Aproximei-me da cama.

— Posso segurar a mão dela? — perguntei ao curandeiro.

Ele assentiu e afastou a coberta, revelando o torso da garota. Por entre as ataduras empapadas de sangue sua pele parecia em carne viva. Cahil praguejou. Olhei para Leif; seu rosto permanecia voltado para a parede.

Com pequenas talas de madeira, cada um dos dedos da moça parecia ter sido quebrado. Gentilmente tomei sua mão, alisando a ponta dos dedos ao longo de sua palma. Puxando um fio de poder, fechei os olhos e projetei minha energia na direção dela.

Sua mente parecia abandonada. A sensação de que ela fugira e jamais retornaria preenchia o vazio. Fantasmas intangíveis e acinzentados fluíam em sua mente. Após examinar mais de perto, vi que cada um dos espectros representava a lembrança de Tula de um horror específico. Os rostos dos fantasmas estavam retorcidos de dor, terror e medo. Emoções primordiais começaram a penetrar na minha pele. Empurrei os fantasmas para longe, concentrando-me em encontrar a verdadeira Tula, que provavelmente estava em algum lugar onde os horrores não podiam alcançá-la.

Senti uma sensação ao longo dos braços, como se grama comprida estivesse fazendo cócegas na minha pele. O cheiro primordial de terra de uma campina coberta de orvalho pairava no

ar, mas eu não consegui acompanhá-lo até a fonte. Vasculhei até minha energia quase se extinguir, e eu não conseguir mais manter o vínculo.

Por fim, abri os olhos. Sentei-me no chão, ainda segurando a mão da moça.

— Sinto muito. Não consigo achá-la — informei.

— Eu disse que era uma perda de tempo — Leif disse. Ele levantou-se de seu canto. — O que se poderia esperar de uma nortista?

— Pode contar que não vou desistir tão facilmente quanto você!
— gritei antes que ele deixasse o aposento.

Amarrei a cara ao vê-lo ir embora. Tinha de haver um outro jeito de acordar Tula.

O curandeiro tomou a mão da garota da minha e a devolveu para debaixo do lençol. Permaneci no chão, enquanto ele e Irys discutiam a condição da moça. Eles supunham que seu corpo sararia, mas ela provavelmente jamais recuperaria os sentidos. Aparentemente ficaria sem capacidade mental, como as crianças que Reyad e Mogkan haviam criado em Ixia, quando eles lhes sugaram o poder mágico, deixando para trás apenas corpos vazios e desprovidos de alma. Estremeci ante a lembrança de como os dois homens cruéis haviam tentado me destruir.

Voltei meus pensamentos novamente para os problemas de Tula. Como *fora* que eu encontrara o Comandante? Ele se recolhera para o local de sua maior conquista. O lugar onde se sentira mais feliz e no controle.

— Irys — interrompi. — Conte-me tudo que sabe sobre Tula.

Ela pensou por um instante. Eu podia ver as perguntas empoleiradas nos seus lábios.

Confie em mim, projetei para ela.

— Não é muito. Sua família opera uma rentável fábrica de vidro nos arredores de Booruby — Irys informou. — Essa é a estação mais movimentada para eles, que tratam de manter os fornos funcionando o tempo todo. O trabalho de Tula era manter o fogo

forte durante a noite. Na manhã seguinte, quando o pai foi trabalhar, as brasas estavam frias e Tula desaparecera. Procuraram por muitos dias. Ela finalmente foi encontrada 12 dias mais tarde, no pasto de um fazendeiro. Mal estava viva. Nosso curandeiro em Booruby cuidou de seus ferimentos. Mas sua mente não pôde ser alcançada, de modo que a trouxeram até aqui, para mim.

A decepção de Irys estava estampada em seu rosto.

— Tula tem irmãos? — perguntei.

— Vários. Por quê?

Pensei um pouco.

— Alguém mais ou menos da mesma idade?

— Acho que há uma irmã mais nova.

— Muito mais nova?

— Não muito. Talvez um ano e meio de diferença — Irys respondeu.

— Pode trazer a irmã até aqui?

— Por quê?

— Com a ajuda da irmã, talvez eu possa ser capaz de trazer Tula de volta.

— Mandarei uma mensagem. — Irys virou-se para o curandeiro.

— Hayes, avise-me se o estado de Tula mudar.

Hayes assentiu e Irys marchou para fora do quarto.

Cahil e eu a seguimos. Ele nada disse ao deixarmos a enfermaria e sairmos para o crepúsculo. Com o sol quase desaparecendo, o ar ficou mais fresco e uma suave brisa me tocou o rosto. Inspirei o frescor, tentando diluir o odor amargo do horror da menina.

— Muito ousada — Cahil disse, olhando para mim. — Achar que pode alcançá-la, quando uma Mestra Feiticeira não o conseguiu.

Cahil foi embora, com passadas largas.

— Muito tolo! — gritei para o homem que se afastava. — Desistir antes de tentar todas as soluções possíveis.

Cahil continuou a andar, sem dar atenção ao meu comentário. Ele me dera mais um motivo para provar que estava errado.

SONHOS DA TERRÍVEL provação de Tula ocuparam minha mente naquela noite. Repetidamente, lutei contra os demônios dela, até eles se transformarem no rosto zombeteiro do meu próprio demônio. Lembranças vívidas de meu próprio estupro e tortura nas mãos de Reyad assombraram meu sono. Acordei gritando. Meu coração batia forte no peito. Minha camisola estava ensopada de suor.

Enxuguei o rosto, concentrando-me na realidade. Tinha de haver um modo de ajudar Tula. Completamente desperta, vesti-me e segui para a enfermaria.

No quarto de Tula, o curandeiro Hayes estava largado sobre uma poltrona, quase dormindo. Ele endireitou-se quando me aproximei da cama.

— Algo errado? — perguntou.

— Não. Eu queria... — Tentei encontrar a melhor explicação. — Passar algum tempo com ela.

Ele bocejou.

— Mal não fará, e um pouco de descanso me faria bem. Estarei no meu escritório, no final do corredor. Acorde-me se houver qualquer mudança.

Sentei-me na cadeira de Hayes e segurei a mão de Tula. Mais uma vez me vi no interior da mente vazia de Tula. Os fantasmas de seus horrores passavam rapidamente por mim. Eu os estudei, em busca de uma fraqueza. Quando Tula retornasse, ela teria de lidar com cada um desses fantasmas, e eu planejava ajudar a bani-los.

Irys me acordou na manhã seguinte. Descansara minha cabeça na beirada da cama de Tula.

— Passou a noite toda aqui? — ela perguntou.

— Só metade. — Sorri, esfregando os olhos. — Não consegui dormir.

— Entendo bem o que é isso. — Irys alisou as cobertas na cama de Tula. — Na verdade, não consigo ficar aqui sem fazer nada. Vou eu mesma buscar a irmã de Tula. Bain Bloodgood, o Segundo Feiticeiro, concordou em dar prosseguimento ao seu treinamento enquanto eu estiver fora. Ele normalmente ensina história, e gosta de falar sobre magos famosos e infames. — Irys sorriu. — Ele lhe dará uma tonelada de livros para ler, e fará perguntas a respeito deles, sendo assim, não deixe de completar cada uma de suas tarefas.

Hayes entrou no quarto.

— Alguma mudança?

Sacudi a cabeça.

Quando ele começou a trocar as ataduras de Tula, Irys e eu deixamos o quarto.

— Partirei esta manhã mesmo — Irys avisou. — Antes de ir, vou apresentá-la a Bain.

Eu a acompanhei para fora da enfermaria. Seguimos na direção da construção grande com os blocos de mármore cor de pêssego e amarelos, que ficava do outro lado da entrada da Fortaleza.

Na estrutura ficavam os escritórios para a equipe administrativa da Fortaleza. Também continha salas de reunião e conferências de vários tamanhos e um escritório para cada Mestre Feiticeiro. De acordo com Irys, os Mestres preferiam se encontrar com visitantes e funcionários públicos nessas salas, em vez de nas suas torres.

Irys me conduziu a uma pequena sala de reuniões. Quatro pessoas se aglomeravam ao redor de um mapa estendido sobre uma mesa de conferência. Outros mapas e gráficos estavam pendurados nas paredes.

Dos quatro, eu reconheci Roze Featherstone e Leif. Roze estava usando outro comprido vestido azul, e Leif exibia sua costureira cara amarrada. Ao lado deles estava um homem idoso com um manto azul-marinho e uma jovem com o cabelo trançado.

Irys me apresentou ao homem. Ele tinha os cabelos brancos e encaracolados que despontavam para tudo quanto era lado.

— Bain, esta é Yelena, sua aluna pela próxima semana — Irys disse.

— A moça que você resgatou do Norte? — Ele me apertou a mão.
— Uma missão muito estranha aquela.

Uma missão fracassada, senti os pensamentos frios de Roze apunhalando minha mente. *Yelena deveria ter sido morta, não resgatada. Ela é velha demais para aprender.*

Yelena e eu estamos vinculadas. Ela pode escutar seus pensamentos.

A irritação de Irys era evidente.

Roze me fitou com os olhos cor de âmbar.

Não me importo.

Sem me deixar intimidar, retribuí o olhar.

O erro é seu.

Irys colocou-se entre nós duas, rompendo o contato visual.

— E esta é Zitora Cowan, a Terceira Feiticeira — Irys disse, gesticulando na direção da jovem.

As tranças cor de mel de Zitora pendiam até a cintura da moça. Em vez de apertar minha mão, ela me abraçou.

— Seja bem-vinda, Yelena — Zitora disse. — Irys afirma que você talvez seja capaz de nos ajudar a encontrar o atacante de Tula.

— Vou tentar — respondi.

— Tula é do meu clã, de modo que apreciaria tudo que pudesse fazer para ajudá-la.

Os olhos amarelo-claros de Zitora brilharam com lágrimas.

Ela desviou o olhar.

— Como pode ver — Bain disse, gesticulando na direção dos mapas —, estamos tentando deduzir os meios e os métodos desse assassino. Um sujeito muito astuto e habilidoso. Infelizmente, é tudo que sabemos. Talvez novos olhos possam avistar algo que tenhamos deixado passar.

Bain apontou para o mapa sobre a mesa.

— Ela não deveria estar aqui — Leif protestou. — Ela nada sabe a respeito disto.

Antes que Irys pudesse se pronunciar em minha defesa, eu disse:

— Tem razão, Leif, jamais lidei com coisa parecida, porque um horror como ele não teria durado muito tempo em Ixia.

— Por que não volta correndo para seu precioso Comandante e para sua perfeita Ixia, e mantém o nariz longe dos nossos assuntos?

Leif praticamente cuspiu as palavras na minha direção.

Inspirei, preparando-me para retrucar, contudo Irys pousou uma das mãos em alerta no meu braço.

— Yelena e Leif, já chega — ela disse. — Estão desperdiçando tempo. Pegar esse assassino é imperativo.

Repreendida, fitei o mapa sobre a mesa. As terras sitianas eram divididas em 11 territórios, um para cada clã. Cidades e povoados estavam marcados, assim como os locais onde as outras moças haviam sido achadas. Algumas cidades tinham até duas vítimas, enquanto outras não tinham nenhuma. Não consegui identificar um padrão.

— A única consistência tem sido nas vítimas — Bain informou. — Todas moças solteiras de 15 e 16 anos de idade. Todas desapareceram por um período de aproximadamente 12 a 14 dias. Todas levadas durante a noite. Algumas raptadas de seu próprio quarto, que dividiam com irmãos. E nenhuma testemunha. Nenhuma.

Meu instinto inicial foi de que houvera magia envolvida, contudo não queria afirmar isso diante de quatro Mestres Feiticeiros.

— Já consideramos um feiticeiro renegado — Irys disse. — E, apesar de termos confirmado os álibis dos magos que se formaram na nossa escola, não podemos interrogar aqueles que possuem poderes de um truque só.

— Um truque só? — perguntei.

— Há aqueles que possuem magia o suficiente apenas para fazer uma coisa, como acender uma vela, mas são incapazes de usar magia para qualquer outra coisa — Irys explicou. — Os de um truque só não vêm para a Fortaleza, mas normalmente usam seu dom de modo benéfico. Todavia, alguns usam sua habilidade para o crime. Em geral, coisas triviais. É possível que o único truque desse assassino seja ficar invisível, ou ser capaz de caminhar sem fazer ruído. Algo que lhe dê uma vantagem ao sequestrar uma jovem.

O rosto de Irys endureceu, assumindo uma expressão de séria determinação. Uma expressão que reconheci com um frio na barriga. Ela a exibira ao tentar me matar em Ixia.

— Mas apenas por ora — Irys jurou.

— Ainda não eliminamos a possibilidade de um feiticeiro renegado — Bain disse. — A História está cheia deles. E estou incluindo a História recente. — Ele assentiu para mim. — Um dia, você vai ter que me contar sobre as coisas que Kangom fez em Ixia, e como ele encontrou seu fim. Quero acrescentar a loucura dele aos livros de História.

A princípio confusa, levei alguns instantes para lembrar que Kangom mudara o nome para Mogkan ao fugir para Ixia.

— Falando em livros — Bain disse —, tenho alguns para você no meu escritório. — Ele virou-se para Roze. — Acabamos aqui?

Ela assentiu brevemente.

Os outros feiticeiros fizeram menção de ir embora, mas Zitora permaneceu junto da mesa, passando o dedo sobre o mapa de Sitia.

— Irys? — ela perguntou. — Você marcou a localização de Tula?

— Não. — Irys pegou um cálamo e o mergulhou em um frasco de tinta vermelha. — Em meio a toda a comoção, eu esqueci. — Ela colocou uma marca no mapa e deu um passo para trás. — Voltarei

em dez dias. Por favor, me avisem se algo acontecer. Yelena, continue praticando seu controle.

— Sim, senhora — respondi.

Irys sorriu e deixou o aposento. Olhei para o mapa para ver qual era a distância entre Booruby e a Cidadela. A tinta vermelha ainda não secara. A cidade de Tula ficava nos limites oeste das Planícies Avibian. Pensara que o capitão Marrok estivesse exagerando ao dizer que as planícies eram grandes, mas o mapa mostrava que elas dominavam a extensão leste de Sitia.

Quando notei as outras marcas vermelhas, devo ter feito algum som, pois Zitora agarrou meu braço.

— O que foi? — ela perguntou.

— Um padrão. Está vendo? — Apontei para o mapa. — Todas as marcas ficam nos limites das Planícies Avibian.

Os outros retornaram à mesa.

— Novos olhos — Bain disse, assentindo.

— É óbvio, agora que o mapa foi atualizado — Roze disse, sua voz brusca de irritação.

— Alguém vasculhou as planícies quando as moças desapareceram? — perguntei.

— Ninguém entra nas planícies — Zitora disse. — O clã Sandseed não gosta de visitantes, e sua estranha magia pode confundir a mente. É melhor contorná-las.

— Apenas os Zaltana são bem-vindos pelos Sandseed — Roze comentou. — Talvez Yelena e Leif possam visitá-los e determinar se há algo errado.

— Não há pressa — Bain disse. — É melhor esperar Irys retornar com a irmã de Tula. Se Tula acordar e identificar seu atacante, a vantagem será nossa.

— E se outra garota desaparecer nesse meio-tempo? — Leif perguntou.

Sua carranca ficara ainda mais evidente, e ele parecia receoso, ou com a possibilidade de outra vítima, ou ante a perspectiva de viajar novamente comigo.

— Nesse caso, bem-vindos ou não, enviaremos patrulhas armadas até as planícies — Bain retrucou.

— Mas pode ser tarde demais — argumentei.

— Temos algum tempo. — Zitora mexia em uma das suas tranças. — Foi outro padrão que conseguimos determinar. Ele fica com as vítimas por duas semanas, depois aguarda quatro semanas, antes de pegar uma nova.

A ideia de outra vítima me encheu de medo e levou a outro terrível cenário.

— E se ele vier à Fortaleza terminar o que começou? Tula pode estar correndo perigo!

— Ele que venha. — A voz de Roze ficou gélida de determinação. — *Eu* cuidarei dele.

— Primeiro teríamos de apreendê-lo. — Bain bateu na mesa com o dedo magro. — Precisamos postar guardas na porta do quarto de Tula.

— Mas é a estação quente, e estamos com pouco pessoal — Zitora lembrou.

— Pedirei a Cahil que nos ceda alguns de seus homens — Roze disse. — Ele está me devendo.

— Chame-os agora mesmo, Roze — Bain pediu. — Não há um instante a perder. Venha, Yelena, temos trabalho a fazer.

Bain me conduziu até o corredor.

— Boas observações, minha jovem. Vejo por que Irys optou por não matá-la.

— Irys alguma vez optou por matar? — perguntei.

O comentário de Cahil de que eu não fora a primeira pessoa que Irys resgatara de Ixia pesou na minha mente.

— Às vezes é inevitável. Sempre são escolhas desagradáveis, mas Irys é perfeita para a tarefa. Ela possui o talento singular de parar um coração sem medo e sem dor. Roze também possui tal habilidade, porém ela é severa demais. Ela trabalha melhor com criminosos e afins. Leif a ajuda com as infelizes investigações criminais. Durante seu estudo na Fortaleza, os Mestres Feiticeiros

determinaram que seria esse o melhor uso do poder incomum de Leif. Zitora, por outro lado, preferiria morrer a fazer mal a qualquer outro. Jamais conheci uma alma mais bondosa.

Bain deteve-se para destrancar a porta. Ele gesticulou para que eu o precedesse ao adentrar o escritório. Ao entrar no aposento, fui recebida por uma explosão de cores, uma confusão de geringonças, e estantes e mais estantes de livros.

— E quanto a você? — indaguei. — Qual é o seu lugar nesse grupo de feiticeiros?

— Eu ensino. Eu guio. Eu escuto. — Ele empilhou alguns livros. — Respondo a perguntas. Deixo que os feiticeiros mais jovens saiam em missão. Conto histórias de meu passado agitado. — Bain sorriu. — Independente de meus companheiros quererem escutá-las ou não. Agora, acho que podemos começar com esses poucos livros.

Ele me passou a pilha. Conteí sete volumes. Poucos? Obviamente minha definição de poucos diferia muito da dele. Pelo menos a maioria dos livros era fina.

— Amanhã é dia do mercado. Um dia a mais para estudar. — Havia um toque de reverência na voz de Bain. Para ele, aparentemente um dia a mais para estudar equivalia a ganhar uma bolsa de ouro. — Leia os primeiros três capítulos de cada livro. Nós os discutiremos depois de amanhã. Venha até minha torre após o desjejum.

Ele revirou uma das mesas à procura de algo. Retirou uma bolsa de couro debaixo de um imenso livro.

— Para você, de Irys.

A bolsa retiniu quando a abri. Irys trocara minhas moedas ixianas por dinheiro sitiano.

— Como faço para encontrar o mercado? — perguntei.

Bain voltou a revirar sua escrivaninha até encontrar uma folha de papel. Era um mapa da Cidadela.

— Use isto.

Bain apontou para a praça do mercado, localizada próximo ao centro da Cidadela.

— Posso ficar com isto?

— É seu. Agora vá. Leia.

Com a satisfação de um pai mandando o filho ir brincar, ele me acompanhou até a porta.

Li os títulos dos livros enquanto voltava para meus aposentos. *A Fonte de Magia; Mutações Místicas; A História da Magia Sitiana; Feiticeiros de Nível Mestre ao Longo das Eras; Abusos da Fonte de Poder; O Código de Ética dos Magos e Windri Bak Greentree: Uma Biografia.*

Tinha de admitir que os títulos pareciam fascinantes; sendo assim, comecei minha leitura assim que cheguei aos meus aposentos. A tarde passou depressa, e apenas o roncar incessante do meu estômago me fez parar para ir buscar alguma comida.

Após o jantar, visitei os estábulos. A cabeça de Topaz e a de Kiki apareceram na entrada de suas baias assim que eu cheguei.

Maçãs? Ambos os cavalos pareciam esperançosos.

Alguma vez vim vê-los sem trazer algumas?, indaguei.

Não. Moça Alfazema boazinha, Topaz disse.

Dei as maçãs para Kiki e Topaz. Após limpar o suco das maçãs e a baba dos cavalos de minhas mãos, me dei conta de que Cahil estava atrasado. Decidindo não esperar por ele, peguei a sela e as rédeas de Kiki do galpão de equipamentos.

Praticar? Kiki parecia estar tão entediada quanto eu com as aulas repetitivas.

Que tal um passeio?, perguntei.

Rápido?

Não. Devagar e tranquilo para que eu não caia.

Selei e arreei Kiki sem incidentes, surpreendendo-me com o quanto eu aprendera.

Antes que pudesse montar, Cahil chegou, com o rosto vermelho e a barba empapada de suor. Ele parecia ter corrido até o estábulo. Perguntei-me o quanto ele teria corrido, o que me levou a ficar curiosa no tocante a onde ele morava na Fortaleza, o que, por fim,

me levou a ficar curiosa sobre sua infância. Como teria sido crescer na Fortaleza do Mago sem qualquer família?

Cahil, sem saber da minha curiosidade, inspecionou cada centímetro do equipamento de Kiki, provavelmente à procura de um erro. Sorri com satisfação, quando tudo que ele encontrou foi um estribo torto.

— Muito bem, já que ela está selada, por que não experimenta montá-la? — Cahil sugeriu, lembrando-me para sempre montar pela esquerda do cavalo.

Coloquei o pé esquerdo no estribo e agarrei a sela. Quando ele se adiantou para me ajudar a subir, eu o detive com um olhar. Kiki devia ter uns 16 palmos de altura, o que era alto para um cavalo, porém eu queria montá-la sem ajuda. Tomando impulso com o pé direito, alcei-me e passei a perna esquerda por sobre a sela.

Assim que me acomodei, olhei para Cahil, do que, agora, parecia uma altura desagradável. Daquele ponto, o chão sob seus pés parecia ter se transformado de grama macia em terra dura e firme.

Cahil me falou sobre as rédeas e sobre a maneira correta de segurá-las, e sobre como sentar na sela.

— Se achar que vai cair, segure na crina do animal, não na sela.

— Por que não?

— Pode machucar um dedo. Não se preocupe. Não vai machucar o cavalo.

Cahil continuou a ensinar a maneira correta de conduzir a montaria e a melhor maneira de dar os comandos para parar e avançar. Ele também repetiu mais uma meia dúzia de vezes o conselho de agarrar a crina de Kiki, se eu sentisse que iria cair. Por fim, passei a ignorá-lo, fitando o pasto de minha nova perspectiva. Admirei o modo como o sol refletia no pelo de um garanhão perto dos limites da cerca, até que uma mudança no tom de Cahil fez com que as orelhas de Kiki se empertigassem.

— ... Está me escutando? — Cahil exigiu saber.

— O quê?

— Yelena, isso é muito importante. Se você não souber como...

— Cahil — interrompi. — Não preciso de comandos. Tudo que tenho a fazer é pedir a Kiki.

Ele me olhou como se eu houvesse falado em outra língua.

— Olhe.

Segurei as rédeas diante de mim, como Cahil instruíra. A orelha esquerda de Kiki voltou a se empertigar, e a outra apontou para a frente. Ela virou a cabeça ligeiramente para o lado, para que pudesse me ver por inteiro.

Passeio ao redor do pasto?, perguntei. *Perto da cerca.*

Kiki começou a avançar. Seus passos me fizeram balançar de um lado para o outro. Deixei que ela encontrasse o caminho e aproveitei a vista.

Enquanto circulávamos o pasto, escutei Cahill berrar:

— Calcanhares para baixo! Endireite-se!

Por fim, saímos do seu campo de visão.

Rápido?, Kiki perguntou.

Ainda não.

Um reflexo da luz do sol e um movimento vindo de fora da cerca me chamaram a atenção. Kiki espantou-se, virando bruscamente para a direita. Tombei para a esquerda.

Cheiro ruim. Coisa ruim.

Instintivamente, agarrei a crina dela para impedir minha queda. Minha perna estendeu-se por sobre a sela e fiquei pendurada na lateral de Kiki, agarrando-me à crina castanha.

Os músculos de Kiki se retesaram e ela dançou para o lado. Avistei de relance o que a assustara. *Pare. Um homem.*

Ela ficou parada, porém suas pernas tremiam de medo.

Homem mau. Coisa brilhante.

Alcei-me de volta para a sela. *Homem mau. Corra.*

KIKI ARRANCOU.

Agarrei-me à sua crina e tentei permanecer na sela. Após alguns passos largos, olhei para trás a tempo de ver a espada de Goel reluzir sob a luz do sol.

Quando Cahil nos avistou correndo pelo pasto, ergueu os braços e gritou:

— Para! Para!

Kiki cavalgou direto para ele, sua mente tão focada na sobrevivência que tive de esperar que o cheiro de Goel se dissipasse antes que ela respondesse aos meus pensamentos tranquilizantes.

Homem se foi. Tudo bem, disse para ela. Acariciei-lhe o pescoço e sussurrei a mesma coisa no seu ouvido. Ela se acalmou e parou a poucos centímetros de Cahil.

— Pelo menos você conseguiu ficar em cima do cavalo. — Ele segurou as rédeas de Kiki. — O que houve?

Saltei da sela e examinei Cahil. Ele não parecia surpreso. Na verdade, parecia até estar se divertindo.

— O que acha que houve? — retruquei.

— Kiki assustou-se com alguma coisa. Eu lhe disse que cavalos são inconstantes, mas você tinha de querer cavalgar antes de estar

pronta.

Algo nos olhos de Cahil me deixou desconfiada.

— Por acaso enviou Goel para me emboscar? — exigi saber.

— Goel? — Cahil deu a impressão de ter sido pego de surpresa. —

Não, eu...

— Você armou tudo. Queria que Kiki entrasse em pânico.

Cahil franziu a testa.

— Eu queria que você aprendesse. Como animais, cavalos são presas e reagem ao menor ruído, cheiro ou movimento muito antes de qualquer lógica poder entrar na jogada. E, se você houvesse caído, saberia que não é nada terrível, e não teria medo de cair ou saltar do cavalo quando necessário.

— Quanta gentileza sua se esquecer de que eu já caí de um cavalo. Na verdade, fui empurrada de cima de um cavalo. O seu, para ser exata. É uma lembrança que eu gostaria de poder esquecer com a mesma facilidade.

Cahil teve a decência de aparentar arrependimento.

— Quer dizer que enviar Goel foi uma lição? — perguntei. — Não acredito, Cahil. Ele estava armado.

A fúria apareceu no rosto de Cahil.

— Pedi a Erant que me ajudasse. Goel era para estar guardando Tula. Lidarei com ele mais tarde.

— Não precisa se dar ao trabalho. Posso cuidar de Goel. Pelo menos, ele teve a decência de me alertar de seus planos. Ao contrário de outros.

Olhei com seriedade para Cahil, arranquei as rédeas de suas mãos e segui para o estábulo com Kiki. Fora um erro vir para minha aula desarmada. Tolamente, acreditei que Goel não tentaria me atacar enquanto eu estivesse com Cahil. Aprendi a lição. Cahil deveria ficar orgulhoso, mesmo não sendo a lição que ele pretendia.

Na manhã seguinte, fui à procura do mercado. Desconfiadamente, fiquei de olho nas pessoas nas ruas da Cidadela. Todas pareciam estar seguindo na direção da praça central. Admirada com o número

de pessoas aglomeradas ao redor das barraquinhas do mercado, hesitei. Não queria forçar a passagem por elas; no entanto, eu precisava comprar.

Avistei alguns dos serviçais da Fortaleza, e havia decidido pedir ajuda a um deles quando senti alguém puxar a manga da minha blusa. Virando-me, levei a mão ao cajado preso à mochila. O menininho encolheu-se. Reconheci-o como o menino para quem eu dera minhas moedas sitianas, no meu primeiro dia na Cidadela.

— Sinto muito. Você me pegou de surpresa — eu disse.

Ele relaxou.

— Gentil dama, pode me dar um cobre?

Lembrando do que Irys dissera sobre mendigos, tive uma ideia.

— Que tal você me ajudar. E eu o ajudarei?

Desconfiança estampou-se nos seus olhos. Naquele instante, ele pareceu ficar dez anos mais velho. Meu coração se partiu, e tive vontade de esvaziar minha bolsa nas suas mãos. Em vez disso, falei:

— Sou nova aqui. Quero comprar papel e tinta. Conhece um bom comerciante?

Ele pareceu entender.

— Maribella possui os melhores artigos de escritório — ele informou, com os olhos brilhando. — Eu mostro.

— Espere. Qual é o seu nome?

Ele hesitou, depois baixou o olhar para o chão.

— Fisk — murmurou.

Ajoelhei-me. Fitando-o nos olhos, estendi a mão.

— É um prazer, Fisk. Sou Yelena.

Ele apertou minha mão com as suas duas, boquiaberto de admiração. Supus que ele devia ter em torno de 9 anos de idade. Sacudindo a cabeça, Fisk recompôs-se. Ele me levou até a mesa de uma jovem na beirada da praça. Comprei papel de carta, um buril e um pouco de tinta preta, depois dei a Fisk uma moeda de cobre sitiana pela ajuda. Com o passar da manhã, Fisk me guiou até outras barracas para comprar mais suprimentos, e, em pouco tempo,

outras crianças foram “contratadas” para me ajudar a carregar os embrulhos.

Quando terminei as compras, examinei meu cortejo. Seis crianças imundas sorriam para mim, apesar do calor e do sol escaldante. Desconfiei que um dos meninos fosse o irmão caçula de Fisk; eles tinham os mesmos olhos castanho-claros. Os outros meninos podiam ser primos dele. Mechas de cabelo enebadas escondiam a maior parte do rosto das duas meninas, de modo que era impossível dizer se havia algum parentesco entre elas e Fisk.

Dei-me conta de que estava relutante em voltar para a Fortaleza. Pressentindo meu estado de espírito, Fisk perguntou:

— Gentil Yelena, quer conhecer a Cidadela?

Assenti. O sol do meio-dia esvaziara o mercado; contudo, à medida que seguia as crianças através das ruas desertas, me vi tomada de apreensão. E se estivessem me levando a uma armadilha? Minha mão buscou o cabo do meu canivete. Concentrando-me, puxei um fio de poder e projetei minha consciência.

Minha mente encontrou vida em tudo quanto é lugar ao meu redor. A maioria dos cidadãos da Cidadela estava dentro de casa, seus pensamentos voltados para encontrar um lugar fresco, ou para alguma atividade tranquila, enquanto aguardavam o pôr do sol. Nada de ameaças. Nada de emboscadas.

Escutei o som de água, antes de avistar o chafariz. Com gritinhos de alegria, as crianças pousaram meus embrulhos no chão e correram para a água. Fisk, entretanto, permaneceu ao meu lado, levando a sério seu papel de meu guia turístico.

— Aquele é o Chafariz da Unidade — ele disse.

Um círculo de cascatas cercava uma enorme esfera de pedra com grandes buracos regularmente espaçados ao longo de sua superfície. Alojada no interior da esfera, pude notar outra esfera menor com seus próprios buracos. O verde-escuro do chafariz não era venado, como o mármore das muralhas da Cidadela, no entanto a pedra sugeria ter algo em seu interior.

— Mármore? — perguntei para Fisk.

— Jade extraído das Montanhas Emerald. É o maior pedaço de puro jade jamais encontrado. Levou um ano para o trazerem para cá, e, como o jade é tão duro, foram necessários cinco anos para esculpi-lo com formões com ponta de diamante. Há 11 esferas, e todas elas foram entalhadas no interior daquela única pedra.

Fantástico. Cheguei mais perto do chafariz, para poder ver as outras esferas. A névoa fresca proporcionou uma sensação muito gostosa de encontro à minha pele quente.

— Por que 11? — perguntei.

Fisk chegou mais perto.

— Uma esfera para cada clã. E uma cascata para cada clã. Água representa vida — ele explicou. — Está vendo os entalhes no círculo exterior?

Correndo o risco de ficar ensopada, inclinei-me para examinar as linhas intrincadas no chafariz.

— Criaturas míticas. Cada uma representa um Mestre Feiticeiro. Ying Lung, um dragão dos céus para a Primeira Feiticeira; Fei Lian, um leopardo dos ventos, para o Segundo; Kioh Twan, um unicórnio, para a Terceira; e Pyong, um gavião, para a Quarta.

— Por que essas criaturas? — perguntei, lembrando-me que Irys usara uma máscara de gavião ao visitar Ixia como parte da delegação sitiana.

— Quando feiticeiros alcançam o nível de Mestre, passam por uma série de testes. — Fisk parecia estar citando um livro de escola. — Durante esse tempo, viajam pelo submundo e encontram seu guia. Tal criatura não só os acompanha pelo submundo como os guia pela vida.

— Acredita nisso?

Para mim, parecia um conto de fadas. Quando o Comandante assumira o poder em Ixia, superstições e crenças religiosas haviam sido desencorajadas. Se alguém ainda acreditava, ficava de boca calada e adorava em segredo.

Fisk deu de ombros.

— Sei um pouco do que acontece com feiticeiros durante os testes porque meu pai já os testemunhou. Ele costumava trabalhar na Fortaleza.

Uma dureza apossou-se do rosto de Fisk, sendo assim preferi não fazer mais perguntas. Mas ainda estava curiosa quanto às criaturas. Irys disfarçara-se como uma senhora dos gaviões em Ixia. Ela usou o uniforme adequado para se misturar aos ixianos. Talvez também trabalhasse com os gaviões do Comandante.

— Dá boa sorte beber água da fonte — Fisk disse.

Depois, ele correu até os amigos, que brincavam na água, abrindo suas bocas para pegar os jatos.

Após um instante de hesitação, juntei-me a eles. A água tinha um gosto puro, como que contendo uma grande quantidade de minerais, como um elixir da vida. Bebi um bocado. Um pouco de sorte me faria bem.

Quando as crianças terminaram de brincar, Fisk me levou a outro chafariz. Este era esculpido de raríssimo jade branco. Quinze cavalos parados em meio ao movimento circundavam um grande jato de água.

Embora Fisk não se queixasse, pude notar que o calor enfim o exaurira. Ainda assim, quando me ofereci para carregar minhas compras de volta para a Fortaleza, todas as crianças recusaram, dizendo que as levariam como haviam prometido.

No caminho de volta, pressenti a preocupação de Topaz instantes antes de ver Cahil dobrar a esquina. Meu desfile de crianças afastou-se para a beirada da rua quando Cahil avançou, detendo Topaz diante de nós.

— Yelena, onde você esteve? — ele exigiu saber.

Eu o fitei com seriedade.

— Fazendo compras. Por quê? Tem outro teste surpresa para mim?

Ele ignorou a pergunta, preferindo fitar meus acompanhantes. As crianças encolheram-se de encontro à parede, esforçando-se para aparentar serem bem pequeninas.

— O mercado fechou há horas. O que tem feito? — ele perguntou.

— Não é da sua conta.

Ele voltou o olhar na minha direção.

— É sim. Esta é sua primeira visita sozinha à Cidadela. Poderia ter sido assaltada. Poderia ter se perdido. Quando não retornou, pensei no pior.

O olhar de Cahil voltou-se novamente para as crianças.

— Posso cuidar de mim mesma. — Olhei para Fisk. — Vamos — eu disse.

Fisk assentiu e começou a descer a rua. As outras crianças e eu o seguimos.

Cahil bufou e desmontou do cavalo. Pegando Topaz pelas rédeas, ele caminhou ao meu lado. Mas não conseguiu ficar calado.

— Sua escolha de acompanhantes ainda vai levá-la a problemas — disse. — Toda vez que for à Cidadela, eles a atacam como parasitas, determinados a lhe sugar a essência.

Seu rosto se contorceu de nojo.

— Mais uma lição? — perguntei, sem disfarçar o sarcasmo.

— Apenas tentando ajudar — ele respondeu, a fúria evidente em sua voz.

— Pois pode parar. Atenha-se ao que você sabe, Cahil. Se não envolver cavalos, eu não preciso da sua ajuda.

Ele esvaziou os pulmões em uma bufada demorada. De esguelha, pude vê-lo engolir sua fúria. Impressionante.

— Você ainda está furiosa comigo — ele disse.

— E por que eu estaria?

— Por não acreditar que não era espiã.

Quando eu nada respondi, ele prosseguiu:

— Pelo que houve com a Primeira Feiticeira. Sei que deve ter sido terrível...

— Terrível! — Detendo-me no meio da rua, virei-me para Cahil. — Você não sabe nem da metade. Ela, por acaso, já fez isso com você?

— Não.

— Nesse caso, não faz ideia do que está falando. Imagine-se completamente indefeso e exposto. Seus pensamentos e sentimentos vulneráveis a um implacável escrutínio íntimo.

Seus olhos se arregalaram de choque.

— Mas ela disse que você a rechaçou. Que ela não conseguiu examiná-la a fundo.

Estremeci ante a ideia de Roze ir ainda mais a fundo, entendendo por que Cahil afirmara que seu interrogatório já deixara algumas pessoas com danos mentais.

— É pior do que ser estuprada, Cahil. Eu sei. Já sofri ambos.

Ele me fitou boquiaberto.

— Então foi por isso?

— O quê? Vá em frente. Pergunte logo.

Não estava disposto a poupá-lo para que Cahil se sentisse melhor.

— Foi por isso que passou aqueles primeiros três dias trancada no quarto?

Assenti.

— Irys me disse que eu estava amuada, mas não conseguia suportar a ideia de alguém sequer olhar para mim.

Topaz colocou a cabeça sobre meu ombro. Rocei a face na sua cabeça macia. Minha raiva com Cahil bloqueara os pensamentos do animal. Abri-me para ele.

Moça Alfazema segura. O prazer de Topaz preencheu minha mente. *Maçã?*

Sorri.

Mais tarde.

Cahil nos observou com uma estranha expressão no rosto.

— Você só sorri para cavalos.

Não pude dizer se ele estava com ciúme ou triste.

— O que Roze... O que *eu* fiz com você. É por isso que mantém todo mundo a distância? — Cahil perguntou.

— Não inteiramente. E nem todo mundo.

— Para quem mais você sorri?

— Para Irys.

Ele assentiu, como se já esperasse a resposta.

— Mais alguém?

Levei os dedos ao volume no peito causado pela borboleta esculpida que trazia pendurada sob a blusa. Valek conseguia muito mais de mim do que apenas um sorriso. Mas preferi dizer:

— Meus amigos no Norte.

— Os que a ensinaram a lutar?

— É.

— E quanto à pessoa que lhe deu esse colar?

Afastei bruscamente a mão.

— Como sabe sobre meu colar? — exigi saber.

— Eu o senti enquanto você estava inconsciente.

Franzi a testa, lembrando-me que Cahil me carregara até o quarto, após o interrogatório de Roze.

— Suponho que não deveria tê-la lembrado disso — ele comentou. — Mas eu estava certo sobre ser um presente, não estava?

— Não é da sua conta, Cahil. Você está agindo como se fôssemos amigos, mas não somos.

As crianças estavam nos aguardando no cruzamento. Avancei na direção delas.

Cahil me alcançou. Caminhamos em silêncio. Quando chegamos à Fortaleza, peguei os embrulhos das mãos das crianças e paguei a cada uma duas moedas de cobre.

Sorri para Fisk, depois lancei um olhar na direção de Cahil, meus próprios sorrisos me deixando constrangida.

— Eu o vejo no próximo dia do mercado — eu disse para Fisk. — E diga para os seus amigos que cada um que aparecer limpo ganhará uma moeda de cobre extra.

Ele acenou. Observei o grupo de crianças desaparecer. Provavelmente conheciam todos os becos e atalhos secretos no interior da Cidadela. Tal conhecimento um dia poderia vir a ser útil. Teria de pedir a Fisk para me mostrar.

Tendo crescido na Cidadela, Cahil provavelmente também conhecia os atalhos, mas eu não queria perguntar a ele. Não quando estava com uma expressão tão sombria.

— O que foi agora? — indaguei.

Ele suspirou.

— Por que você sempre tem de tornar as coisas tão difíceis?

— Você começou isso, lembra? Não eu.

Ele sacudiu a cabeça.

— Que tal recomeçarmos? Nós nos desentendemos desde o início. O que posso fazer para receber um dos seus sorrisos tão raros?

— E por que quer um? Se ainda tem esperança de que nos tornaremos amigos e que eu lhe confidencie todos os segredos militares de Ixia, nem se dê ao trabalho.

— Não. Não é isso que eu quero. Quero que as coisas sejam diferentes entre nós.

— Diferentes como?

Cahil olhou ao redor, como se estivesse buscando as palavras certas.

— Melhores. Menos hostis. Mais amigáveis. Conversas, em vez de discussões.

— Depois de tudo que me fez passar?

— Eu sinto muito, Yelena. — As palavras foram arrancadas de sua garganta, como se fosse doloroso para Cahil dizê-las. — Sinto muito não ter acreditado quando disse que não era espiã. Sinto muito ter pedido a Primeira Feiticeira para... — Ele engoliu em seco. — Para violar sua mente.

Virei-lhe as costas.

— Esse pedido de desculpas já deveria ter sido feito há semanas, Cahil. Por que se incomodar com isso agora?

Ele suspirou.

— Estão sendo feitos planos para o banquete de Novos Começos.

Algo na voz de Cahil me fez olhar para ele. Ele enrolava e desenrolava na sua mão as rédeas de couro de Topaz.

— É um banquete para comemorar o início da estação refrescante, e o novo ano escolar. Uma oportunidade para todo mundo se reunir e recomeçar. — Os olhos azuis de Cahil procuraram os meus. — Em todos esses anos, jamais quis levar alguém comigo. Jamais houve alguém que eu quisesse ter ao meu lado. No entanto, quando escutei os cozinheiros discutindo o cardápio do banquete esta manhã, sua imagem me veio à cabeça. Você vem comigo, Yelena?

AS PALAVRAS DE Cahil me atingiram como um golpe físico. Dei um passo para trás.

Ante minha reação, o rosto dele ficou triste.

— Suponho que seja um não. De qualquer modo, apenas brigávamos a noite toda mesmo.

Ele começou a se afastar.

— Cahil, espere — eu disse, alcançando-o. — Você me pegou de surpresa.

Surpresa era pouco.

Eu acreditara que a única coisa que Cahil queria de mim fosse informação sobre Ixia. O convite ainda podia ser uma manobra; contudo, pela primeira vez, eu via uma suavidade por trás de seus olhos. Pousei a mão no braço dele. Cahil parou.

— Todo mundo vai a esse banquete de Novos Começos? — perguntei.

— Vai. É uma boa maneira para os novos alunos conhecerem seus professores e uma chance de todo mundo se reencontrar. Eu irei, pois vou ensinar a turma sênior e a dos aprendizes a lidar com cavalos.

— Quer dizer que não sou sua primeira aluna?

— Não, mas tem sido a mais teimosa.

Ele exibiu um sorriso triste.

Sorri de volta. Os olhos de Cahil se iluminaram.

— Muito bem, Cahil, no espírito desse banquete de Novos Começos, vamos recomeçar. Estou disposta a acompanhá-lo a esse banquete como o primeiro passo na nossa nova amizade.

Além do mais, a ideia de conhecer sozinha meus colegas de turma parecia assustadora.

— Amizade?

— É tudo que posso oferecer.

— Por causa da pessoa que lhe deu o enfeite de borboleta? — ele perguntou.

— É.

— E o que você lhe deu em troca?

Quis retrucar que não era da conta dele, mas controlei minha irritação. Se íamos ser amigos, ele precisava saber da verdade.

— Meu coração.

Poderia ter acrescentado meu corpo, minha confiança e minha alma.

Ele me fitou por um instante.

— Acho que vou ter que me contentar com amizade. — Cahil sorriu. — Isso significa que você não vai mais ser tão difícil?

— Não conte com isso.

Ele riu e me ajudou a carregar minhas compras de volta para meus aposentos. Passei o restante da noite lendo os capítulos que Bain mandara, interrompendo-me de vez em quando para pensar no novo papel de Cahil em minha vida como amigo.

Eu gostava das minhas manhãs fascinantes com Bain Bloodgood. A história sitiana remontava a séculos atrás. Os 11 clãs sitianos lutaram uns com os outros por várias décadas até Windri Greentree, um Mestre Feiticeiro, uni-los e formar o Conselho dos Anciões. Para meu desânimo, e para a alegria de Bain, me dei conta de que ainda tinha um bocado de estudo pela frente para aprender toda a

história. E só a sua mitologia, povoada por criaturas, demônios e lendas, levaria anos de estudo para ser plenamente conhecida.

Bain também me explicou a estrutura da escola.

— Todo aluno tem um feiticeiro como mentor. Tal mentor supervisiona o aprendizado do aluno. Ele ensina. Ele guia. Ele marca aulas com outros feiticeiros que possuam mais experiência em certos assuntos.

— Quantos alunos há em cada classe? — perguntei.

Bain gesticulou com a mão no ar, indicando o aposento, vazio, a não ser por nós. Estávamos sentados em uma câmara aberta circular na base de sua torre. Livros empilhavam-se ao longo das paredes e projetos escritos cobriam cada uma das quatro mesas de trabalho manchadas de tinta de Bain. Os anéis de metal do astrolábio de Bain reluziam sob a luz do sol da manhã.

Eu estava apoiada na beirada de sua escrivaninha larga. Pequenos instrumentos de escrita e pilhas de papéis amontoavam-se organizadamente dispostos sobre ela. Uma concha do mar branca parecia ser a única decoração. Sentado do outro lado da mesa, Bain estava usando um manto roxo-escuro que parecia absorver a luz. Sua coleção diversa de mantos me surpreendia. Até agora, era o único mago que eu já vira usar mantos formais diariamente.

— Somos uma classe — ele disse. — Podem haver até quatro alunos; contudo, não mais do que isso. Nessa escola, você não verá fileiras e mais fileiras de alunos escutando um palestrante. Dividimos vocês em pequenos grupos, onde aprendem colocando a mão na massa.

— Quantos alunos cada mentor pode ter?

— No máximo quatro para aqueles que têm experiência. Apenas um para novos feiticeiros.

— Quantos são ensinados pelos Mestres Feiticeiros?

Receava o dia em que tivesse de compartilhar Irys.

— Ah... — Ele hesitou. Era a primeira vez que Bain não parecia ter as palavras certas. — Os Mestres não mentoreiam alunos. Somos necessários nas reuniões do Conselho. Auxiliamos Sitia. Recrutamos

alunos em potencial. Contudo, ocasionalmente, aparece um aluno que desperta o nosso interesse.

Ele me fitou demoradamente, como se decidindo o quanto deveria me contar.

— Eu me cansei das reuniões do Conselho. Sendo assim, tenho dedicado todas as minhas energias ao ensino. Este ano, tenho dois alunos. Roze escolheu apenas um desde que se tornou a Primeira Feiticeira. Zitora não tem nenhum. Ela ainda está se adaptando. Tornou-se um dos Mestres apenas no ano passado.

— E Irys?

— Você é sua primeira.

— Só eu? — perguntei, admirada.

Ele assentiu.

— Você disse que Roze escolheu um. Quem?

— Seu irmão, Leif.

As evidências de que a Fortaleza se preparava para uma invasão de estudantes retornando se acumularam ao longo da semana. Serviços tratavam de arejar os quartos e dormitórios. A cozinha era um vaivém de atividade, enquanto a equipe se preparava para o banquete. Até mesmo as ruas da Cidadela pulsavam com vida, à medida que os moradores retornavam. Nas noites, gargalhadas e música flutuavam pelo ar cada vez mais fresco.

Enquanto eu aguardava que Irys retornasse da busca à irmã de Tula, passava as manhãs com Bain, minhas tardes estudando e meus inícios de noite com Cahil e Kiki. Eu já passara de passear para trotar, um ritmo doloroso que me deixava toda dura e dolorida no final do dia.

Todas as noites, eu me sentava com Tula, conectando-me com ela, e dando-lhe todo meu apoio. Sua mente permanecia vazia, contudo seu corpo brutalizado sarava rapidamente.

— Você tem poderes de cura? — Hayes me perguntou, certa noite. — O progresso físico dela tem sido impressionante. Parece até o trabalho de dois curandeiros.

Ponderei a pergunta.

— Não sei. Jamais tentei.

— Talvez, sem se dar conta, você venha a ajudando a sarar. Gostaria de descobrir?

— Não quero machucá-la — eu disse.

— Não deixarei que o faça. — Hayes sorriu para mim ao pegar a mão esquerda de Tula. As talas da mão direita haviam sido retiradas, contudo os dedos da esquerda ainda estavam inchados e machucados. — Posso energia o suficiente para reparar apenas alguns ossos por dia. Normalmente permitimos que o corpo sare no seu próprio ritmo. Contudo, para ferimentos mais sérios, aceleramos um pouco o processo.

— Como?

— Puxo o poder para mim. Em seguida, focalizo-o no ferimento. Pele e músculos desaparecem diante dos meus olhos, revelando os ossos. Uso o poder para estimular o osso a se reparar. Funciona da mesma maneira para outros tipos de ferimentos. Meus olhos enxergam apenas o ferimento. É realmente maravilhoso. — Os olhos de Hayes brilharam com determinação, porém ficaram mais opacos ao se voltarem para Tula. — Infelizmente, alguns ferimentos não podem ser curados, e a mente é tão complexa que qualquer dano, de um modo geral, é permanente. Temos alguns curadores da mente. A Quarta Feiticeira é a mais poderosa que temos, mas há um limite para o que até mesmo ela é capaz de fazer.

Quando Hayes se concentrou em Tula, senti o ar ao meu redor ficar mais espesso e pulsar. Inspirar tornou-se um esforço. Em seguida, Hayes fechou os olhos. Sem pensar, conectei minha mente à dele. Por intermédio de Hayes, enxerguei a mão de Tula. Sua pele tornou-se transparente, mostrando o tecido fibroso dos músculos rosados e castigados que se prendiam aos ossos. Vi fios de poder, tão finos quanto a teia de uma aranha, envolvendo as mãos de Hayes. Ele enrolou as teias ao redor da fissura no osso de Tula. Enquanto eu observava, a fissura desapareceu e os músculos sararam.

Interrompi a conexão mental com Hayes e olhei para Tula. Os machucados haviam desaparecido de seu, agora reto, dedo indicador. O ar foi ficando mais fino à medida que o poder se dissipava. A testa dele reluzia de suor, e sua respiração estava alterada devido ao esforço que fizera.

— Agora, tente você.

Aproximei-me de Tula e Hayes me passou a mão dela. Segurando o dedo médio, esfreguei-o de leve com o polegar, enquanto reunia o poder, revelando o osso. Hayes deixou escapar uma exclamação de surpresa. Eu hesitei.

— Continue — ele disse.

Meus fios de poder pareciam grossos como cordas. Quando os apliquei ao osso, eles o envolveram como um laço. Recuei, receando partir o osso ao meio.

Depositando a mão sobre a cama, olhei para Hayes.

— Sinto muito. Ainda não tenho total controle sobre minha magia. Ele fitava intensamente a mão de Tula.

— Olhe.

Ambos os dedos pareciam ter sido curados.

— Como está se sentindo?

Normalmente, usar magia me deixava cansada, só que eu não usara nada. Ou usara?

— Mais ou menos a mesma coisa.

— Três curas e preciso dormir um pouco. — Hayes sacudiu a cabeça. Seu cabelo negro caiu nos olhos. Com a mão impaciente, ele jogou a franja para trás. — Você acaba de sarar um osso sem esforço. Que o destino nos proteja — ele disse. A admiração e o medo deixaram sua voz mais áspera. — Quando tiver total controle, vai ser capaz de acordar os mortos.

O MEDO APOSSOU-SE de mim, deixando meus músculos trêmulos.

— Não — disse para Hayes. — Deve estar enganado. Ninguém pode acordar os mortos.

Reconsiderando, Hayes passou a mão sobre os olhos cansados.

— Talvez eu tenha me precipitado — ele concordou. — Apenas uma pessoa em toda nossa história conseguiu reviver os mortos. — O curandeiro estremeceu. — E os resultados foram, de fato, terríveis.

Eu queria fazer mais perguntas, contudo Hayes disparou na direção da porta, insistindo que tinha trabalho a fazer.

Sentindo-me estranha e apreensiva, olhei para a figura imóvel de Tula. Através da coberta e de sua pele, eu era capaz de enxergar cada um de seus ferimentos. Aparentemente, agora que eu aprendera essa nova habilidade, não conseguia desligá-la. As fraturas, torções e machucados, todos pulsavam com uma urgente luz vermelha. Quanto mais eu estudava a luz, mais ela parecia atrair minha mente, e pude me sentir invadida pela dor de Tula. Tomada de agonia súbita, desabei no chão.

Curvando-me até formar uma bola com o corpo, fechei os olhos com força. Uma pequena parte de mim sabia que a dor era

imaginária, contudo, em pânico, eu ainda tentava empurrar o tormento para longe. Puxei o poder da fonte. A magia me preencheu. O acúmulo de força espalhou-se pela minha pele como fogo. Libertei o poder.

Meus gritos ecoaram pelo aposento quando o alívio refrescante se apossou de mim, sufocando a dor. Exaurida, permaneci no chão, ofegante.

— Yelena, você está bem?

Abri meus olhos. Agachado ao meu lado, Hayes me fitava com uma expressão preocupada. Assenti.

— Tula?

Ele deixou o meu lado.

— Ela está bem.

Eu me sentei no chão. O quarto girou por um instante; contudo, tentei me concentrar.

— O que houve? — Hayes perguntou.

Quis explicar que perdera o controle, que meu antigo instinto de sobrevivência se manifestara, reagindo à dor, sem pensamento consciente. Mas não fora bem isso que eu senti, e admitir minha perda de controle seria perigoso. Feiticeiros descontrolados podiam danificar a fonte de poder, e os Mestres poderiam ser forçados a me matar. Em vez disso, cerrei os lábios, tentando colocar em ordem meus pensamentos confusos.

Antes que eu pudesse falar, Hayes disse:

— Você curou os outros dois dedos dela.

Ele estava de pé ao lado de Tula, erguendo sua mão esquerda. Hayes inspecionou os dedos, antes de pousar o braço sobre a barriga.

Em seguida, virou-se para mim com a testa franzida.

— Não deveria ter tentado isso sem mim. Não foi à toa que gritou. Reuniu poder demais, e tinha de libertá-lo. — Hayes gesticulou na direção do meu corpo debruçado. — Um erro de principiante, e, agora, você está exausta. Realmente precisa melhorar seu controle. — Enquanto me ajudava a ficar de pé, a

expressão de Hayes se suavizou, refletindo o que poderia até ser alívio. — Você possui a habilidade de curar, mas precisa de orientação. A princípio, julguei-a mal, supondo que pudesse ser uma Descobridora de Almas. — Hayes deixou escapar uma risada. — Da próxima vez, espere por mim, está bem?

Sem forças para falar, assenti.

Hayes me guiou até o corredor.

— Descanse um pouco. Provavelmente ficará fraca por alguns dias.

Ao seguir para a ala dos aprendizes, repassei os acontecimentos na minha mente, e, ao desabar na minha cama, eu já quase me convencera de que a explicação de Hayes estava certa. Quase.

A fadiga não me largou durante todo o dia seguinte. As aulas matinais de Bain passaram como se fossem um borrão. Em vez de ler, dormi a tarde inteira, e lutei para ficar acordada enquanto cavalgava Kiki naquela noite. Os gritos de Cahil enfim penetraram a névoa em minha mente.

— Yelena!

Olhei para ele, como se o estivesse vendo pela primeira vez naquela noite. Coberto de poeira e pelo de cavalo, sua camisa outrora branca estava colada ao corpo musculoso. Sua boca movia-se, como se ele estivesse falando, mas levei algum tempo para discernir as palavras.

— ... distraída, exausta e vai se machucar.

— Machucar? — perguntei.

— É, machucar. Quando adormecer sobre a sela, e cair do cavalo.

Cahil tentava controlar sua frustração; contudo, pelo modo como agitava o punho cerrado, eu podia ver que ele queria me sacudir até algum bom-senso entrar na minha cabeça.

Moça Alfazema cansada, Kiki concordou. *Esqueceu maçãs*.

— Yelena, vá para casa.

Cahil pegou as rédeas de Kiki para mantê-la no lugar, enquanto eu desmontava.

Casa? Sem ser solicitada, a imagem do meu quartinho no castelo do Comandante me veio à cabeça, seguida da lembrança do rosto sorridente de Valek. Um pouco de sua energia me faria bem naquele instante.

— Você está bem?

Olhei nos olhos azul-claros de Cahil. Eram pálidos comparados ao tom de safira vibrante dos de Valek.

— Estou. Estou apenas um pouco cansada.

— Um pouco? — Cahil riu. — Vá dormir um pouco; eu cuidarei de Kiki. Precisarás das suas energias para amanhã à noite.

— Amanhã?

— O banquete de Novos Começos. Lembra-se?

— Não me dei conta de que seria tão em breve.

— Prepare-se para uma invasão de estudantes e magos. Na manhã seguinte, nossa paz e sossego serão coisas do passado.

Cahil conduziu Kiki na direção do estábulo. Ao seguir para meus aposentos, prometi à égua maçãs extras antes de nossa próxima lição.

Contudo, ao subir na cama, senti a apreensão com o banquete tornar-se mais forte do que a fadiga. Quase adormecida, o choque de me dar conta de que não possuía roupas adequadas para o banquete quase me despertou. De qualquer modo, o que se usava para um banquete? Será que eu teria de vestir meu manto oficial de aprendiz? Suspirei. Cansada demais para me preocupar com coisas como vestimentas, virei para o outro lado. Preocupações mais importantes, como a necessidade de controlar minha magia, afastaram todas as outras.

Um frenesi de atividade apossou-se do campus na manhã seguinte. Ao seguir para a torre de Bain, passei por um grupo de pessoas carregando embrulhos.

Abrindo a porta do seu gabinete, fiz menção de perguntar a Bain sobre os alunos que estavam chegando, contudo me interrompi ao ver que ele tinha dois visitantes.

De trás de sua escrivaninha, Bain gesticulou para mim.

— Yelena, esses são os meus alunos. Dax Greenblade, um colega aprendiz, e Gelsi Moon, uma principiante.

Com a mão aberta, ele apontou para cada um dos dois.

Eles assentiram em cumprimento. Suas expressões sérias não pareciam combinar com os rostos jovens. Supus que Dax deveria ter 18 anos, enquanto a garota devia ter por volta de 15.

— Escolheu outra aluna, mestre Bloodgood? — Gelsi perguntou.

Ela mexia na renda branca na ponta de sua manga. Estampas brancas e cor de violeta cobriam sua blusa e saia comprida.

— Não. Yelena é aluna de outra feiticeira — Bain respondeu.

Tive de reprimir um sorriso ao ver os dois relaxarem. Dax sorriu para mim.

Gelsi, por outro lado, parecia intrigada comigo.

— Quem é sua mentora? — indagou.

— Irys... hã... A mestra Jewelrose.

Os dois alunos pareceram tão surpresos quanto eu ficara quando Bain me contara sobre Irys.

— Qual é o seu clã? — Gelsi perguntou.

— Zaltana.

— Outra prima distante de Leif? — Dax quis saber. — É um pouco velha para começar o treinamento. Que poder estranho você possui?

Seu tom de voz sugeria curiosidade e humor, contudo Bain disse:

— Dax, isso é inapropriado. Ela é irmã de Leif.

— Ahhh...

Dax me estudou com evidente interesse.

— Teremos aula esta manhã? — perguntei para Bain.

O mago empertigou-se ante a minha pergunta. Ele mandou Dax ir desfazer as malas, porém pediu a Gelsi para permanecer. Seu rosto em forma de coração ficou pálido por um instante, antes de ela se recompor, alisando os cabelos cor de cobre, cortados à altura dos ombros.

— Receio que Irys retornará muito em breve para tomá-la de volta — Bain me falou, com um sorriso. — O foco de Gelsi nesse

semestre é aprender a se comunicar misticamente com outros feiticeiros. Irys me contou que essa é sua habilidade mais potente. Sendo assim, gostaria da sua ajuda na introdução desse talento para minha aluna.

Os olhos de Gelsi se arregalaram. Seus cílios compridos e grossos roçaram nas sobrancelhas.

— Farei o possível — eu disse.

Bain revirou uma das gavetas da escrivaninha e retirou de lá de dentro um pequeno saco de estopa. Ele pousou o saco na mesa e o abriu, retirando dois amontoados marrons.

— Usaremos Theobroma para a primeira lição — ele disse.

Os dois amontoados despertaram lembranças de meu tempo em Ixia. Theobroma era o nome sulista para Criollo, o doce delicioso que tinha o efeito infeliz de deixar a mente de uma pessoa vulnerável a influências místicas. O general Brazell usara a sobremesa com sabor de nozes para circundar a poderosa força de vontade do Comandante, para que o mago de Brazell, Mogkan, pudesse obter controle da mente do Comandante.

Bain me passou um dos pedaços de Theobroma e deu o outro a Gelsi. Depois, ordenou que nos sentássemos em duas cadeiras, uma de frente para a outra. Embora eu teria gostado de comer o delicioso doce, não achei que fosse ser necessário.

— Podemos experimentar sem, antes? — pedi.

As grisalhas sobrancelhas fartas de Bain se ergueram quando ele considerou meu pedido.

— Não o requer para fazer uma conexão inicial? — perguntou.

Pensei em todas as diferentes pessoas e cavalos com os quais já estabelecera contato.

— Até agora, não.

— Muito bem. Yelena, quero que tente se conectar com Gelsi.

Reunindo um pouco de energia do meu corpo cansado, puxei um fio de poder e o direcionei à garota, projetando minha consciência em sua direção. Nos seus pensamentos, pressenti sua apreensão de trabalhar com essa estranha mulher vinda de Ixia.

Olá, eu disse.

Ela se sobressaltou.

Para ajudá-la a relaxar, eu disse: *Nasci na Selva Illiais. Onde você cresceu?*

Na sua mente, Gelsi formou a imagem de uma pequena aldeia envolta em névoa. *Nós moramos no sopé das Montanhas Emerald. Todas as manhãs, nossa casa é envolvida pela névoa das montanhas.*

Eu lhe mostrei a moradia de meus pais nas árvores. “Conversamos” sobre irmãos. Filha do meio, Gelsi tinha duas irmãs mais velhas e dois irmãos mais novos, porém ela fora a única na família a desenvolver poderes mágicos.

Bain nos observou em silêncio, depois interrompeu:

— Rompa a conexão agora.

Com as energias esgotadas, arrastei minha consciência de volta para meu corpo.

— Gelsi, é a sua vez de fazer contato com Yelena.

Ela fechou os olhos, e a pressenti procurando minha mente. Tudo que eu precisava fazer era dar um puxãozinho na sua consciência.

— Não a ajude — Bain me alertou.

Em vez disso, mantive a mente acessível, mas ela não conseguiu me alcançar.

— Não se preocupe — Bain a consolou. — A primeira vez sempre é mais difícil. É por isso que usamos o Theobroma.

Os olhos acinzentados de Bain me estudaram com gentileza.

— Tentaremos de novo uma outra vez. Gelsi, vá desfazer as malas e se instalar nos seus aposentos.

Depois que a jovem deixou a torre de Bain, ele disse:

— Sem dúvida você se esgotou ontem. Hayes me contou. Conte-me o que aconteceu — ele instruiu.

Eu lhe contei sobre a dor e o poder.

— Parece que ainda não tenho controle total — admiti, vendo se ele iria me censurar.

Se meus atos, de fato, haviam sido uma explosão descontrolada, eu sabia que os outros Mestres Feiticeiros teriam sentido alguma coisa. E tinha certeza de que Roze teria agido sem hesitar diante do fato.

— Uma lição aprendida — Bain disse. — Reparar ferimentos exige um esforço imenso. Por hoje, chega. Eu a verei esta noite, no banquete.

O banquete! Eu me esquecera. De novo.

— O que devo...

Eu me interrompi, sentindo-me constrangida e tola por lhe perguntar sobre roupas.

Bain sorriu com compaixão.

— Não tenho muita perícia no assunto — ele respondeu, aparentemente lendo os meus pensamentos. — Zitora vai gostar de ajudá-la. Ela está meio sem saber o que fazer este ano, e vai gostar de ter um pouco de companhia.

— Pensei que ela estivesse ocupada com assuntos do Conselho.

— E está, mas ela está passando por uma transição de cinco anos como aluna para estar por conta própria. Não ter tempo para ser uma mentora não significa que ela não terá tempo para fazer uma amiga.

Deixei a torre de Bain e segui para a de Zitora no canto nordeste da Fortaleza. Grupos animados lotavam as passarelas do campus e pessoas passavam correndo por mim em todas as direções. Era o fim de meus passeios tranquilos pela Fortaleza; no entanto, a atividade toda parecia me revigorar.

Zitora me recebeu com um alegre sorriso, que só desapareceu quando discutimos o estado de Tula. A conversa acabou se voltando para a comemoração que estava para acontecer, e lhe perguntei a respeito da vestimenta apropriada.

— Os mantos formais são apenas para as tediosas funções de escola — Zitora disse. — Não me diga que não tem algo bonito para usar.

Quando sacudi a cabeça, ela se transformou em uma mãezona, e tratou de me arrumar algumas roupas.

— Graças aos céus você é do meu tamanho — Zitora disse, alegremente.

Apesar de meus protestos, ela me puxou até seu quarto de dormir, dois andares acima, e encheu meus braços de vestidos, saias e blusas de renda. Zitora apoiou as mãos nos quadris, olhando para minhas botas.

— Essas aí não servem.

— São confortáveis e posso me mover com mais facilidade com elas — eu disse.

— Um desafio, então. Hummm. Já volto.

Ela desapareceu no interior de outro aposento, enquanto eu aguardava no seu quarto de dormir, no terceiro andar da torre. Pinturas de flores em suaves tons pastel estavam penduradas nas paredes. Enormes almofadas adornavam a cama de dossel. O aposento irradiava conforto, como braços abertos me envolvendo em um abraço.

Com um grito triunfante, Zitora voltou para o quarto, com um par de sandálias erguidas no ar para serem admiradas.

— Solas de borracha, couro macio e saltos baixos. Perfeitas para dançar a noite toda.

Ela riu.

— Não sei dançar — expliquei.

— Não importa. Você possui uma graça natural. Observe os outros e acompanhe.

Zitora acrescentou as sandálias ao topo de minha pilha.

— Não posso levar tudo isso. — Tentei devolver as roupas. — Vim à procura de conselhos, não de todo seu guarda-roupa.

Eu havia planejado ir ao mercado. Com o retorno dos moradores da Cidadela, as lojas permaneciam abertas todos os dias.

Ela fez um gesto de pouco-caso.

— Mal vai fazer falta no meu armário. Coleciono roupas. Não posso passar por uma loja sem achar algo que preciso ter.

— Pelo menos, deixe-me pagar...

— Pode parar. — Ela ergueu a mão. — Vou facilitar as coisas para você. Amanhã, partirei em uma missão para o Conselho, e, contra a minha vontade, serei escoltada por quatro soldados. Irys e Roze podem passear por toda Sitia sozinhas, e recebem todas as missões secretas e divertidas. Mas o Conselho se preocupa comigo. Sendo assim, sou limitada a missões escoltadas. — Ela bufou de frustração. — Já a vi praticando com seu cajado perto dos estábulos. Que tal algumas aulas de autodefesa em troca das minhas roupas?

— Tudo bem. Mas por que não aprendeu a se defender enquanto era aluna aqui?

— Eu detestava o Mestre de Armas — ela disse, com uma tremenda careta. — Um valentão que transformava as aulas em sessões de tortura. Ele gostava de provocar dor. Eu o evitava a todo custo. Quando os Mestres perceberam que eu tinha poderes fortes, eles se concentraram mais no meu aprendizado.

— Quem é o Mestre de Armas?

— Um dos nortistas com Cahil. Seu nome é Goel. — Zitora estremeceu de repugnância. — Embora ele não se comparasse ao teste para Mestre... — Ela se interrompeu quando um arrepio de horror cruzou sua face. Depois, sacudiu a cabeça, como se para deslocar lembranças indesejadas. — De qualquer modo, Roze se ofereceu para me ensinar, mas preferia ter você como instrutora.

Ela me lançou um sorriso conspirador.

Concordando com a troca, manobrei para descer as escadas da torre de Zitora com a pilha de roupas nos braços. Com o meu fardo, segui para meus aposentos. No caminho, não pude deixar de pensar no teste para Mestre. Fisk, o menino mendigo, também o mencionara. Eu teria de perguntar a Irys.

O pátio diante dos meus aposentos estava cheio de estudantes. Alguns meninos jogavam bola, enquanto outros tomavam sol na grama ou conversavam em pequenos grupos. Atrapalhada com as roupas de Zitora, me demorei tentando abrir minha porta.

— Ei, você! — alguém gritou.

Olhei ao redor e avistei um grupo de garotas gesticulando na minha direção.

— Os alojamentos do primeiro ano ficam para aquele lado. — Uma das garotas com compridos cabelos louros apontou. — Aqui é apenas para aprendizes.

— Obrigada, mas este é o meu quarto — gritei, dando-lhes as costas.

Consegui abrir a porta antes de sentir um arrepio de poder ao longo da minha coluna. Jogando as roupas no chão, dei meia-volta. Um grupo de estudantes estava a poucos centímetros de mim.

— Aqui não é o seu lugar — disse a garota de cabelos compridos. Seus olhos cor de violeta brilhavam perigosamente. — Você é nova. Eu conheço todo mundo, e alunos novos ficam nos alojamentos do primeiro ano. Você tem que *merecer* um quarto aqui.

Magia persuasiva emanava dela. Um forte desejo de pegar as minhas coisas e mudar-me para os dormitórios do primeiro ano passou pela minha cabeça e pressionou o meu corpo. Fortalecendo minhas defesas mentais, rechacei o comando místico.

Ela grunhiu de indignação. Suas companheiras trocaram olhares. O poder começou a se acumular, quando elas se prepararam para intervir. Eu me retesei para outro ataque; contudo, antes que elas pudessem usar o poder combinado, outra voz ecoou acima da multidão.

— O que está acontecendo aqui?

O poder se dissipou como uma onda viscosa quando Dax Greenblade, com o corpo esbelto, forçou a passagem por entre as garotas, seus olhos verde-garrafa fitando com censura as estudantes. Sob a luz do sol, sua pele cor de mel fazia seu rosto parecer mais velho.

— Aqui não é o lugar dela — a jovem repetiu.

— Yelena é aluna da Quarta Feiticeira — Dax informou. — Ela foi instalada nesta ala.

— Mas não é justo — a garota queixou-se. — É preciso *merecer* o direito de morar aqui.

— E quem disse que ela não fez por merecer? — Dax retrucou. — Se acha que a Quarta Feiticeira está errada, sugiro que vá falar com ela.

Um silêncio constrangedor apossou-se do grupo, antes que as estudantes retornassem para o pátio. Dax permaneceu ao meu lado.

— Obrigada — eu disse. As jovens se agruparam umas bem próximas às outras, lançando olhares fulminantes na minha direção enquanto conversavam. — Suponho que eu não tenha feito muitas amigas.

— Receio que tenha três coisas contra você. Primeira. — Dax estendeu o dedo comprido e magro. — Você é nova. Segunda. A Quarta Feiticeira é a sua mentora. É garantido que qualquer aluno selecionado por um dos mestres será alvo de inveja. Se está procurando amigos, receio que Gelsi e eu sejamos suas únicas opções.

— E qual é a terceira coisa?

Ele sorriu sardonicamente.

— Rumores e especulações. Os estudantes vão desencavar tudo que puderem a seu respeito e o porquê de estar aqui. Não importa se a informação for verdadeira ou não. Na verdade, quanto mais estranhos os boatos, melhor. E, pelo que eu já soube, tenho a impressão de que seus boatos são um bocado suculentos e deverão dar origem a ainda mais mexericos.

Estudei-lhe o rosto. Rugas de preocupação lhe marcavam a testa e ele não dava sinais de falsidade.

— Boatos?

— Você é a irmã desaparecida de Leif, é mais velha do que os outros alunos e é extremamente poderosa.

Eu o fitei com surpresa.

— Eu? Poderosa?

— Não vim até aqui para ajudá-la. Vim protegê-la.

Ele inclinou a cabeça na direção do grupo de jovens no pátio.

Antes que eu pudesse comentar, Dax apontou para um quarto, cinco portas de distância do meu.

— Seja qual for o motivo, pode vir. Gelsi está no alojamento dos principiantes perto do muro oeste.

Dax despediu-se com um aceno e caminhou na direção do seu quarto. A hostilidade do grupo transferiu-se por um instante para as suas costas, antes de retornar para mim. Fechei a porta.

Ótimo. O primeiro dia e já era uma pária. O que me importava? Estava aqui para aprender, não para fazer amigos. Pensei que, depois que as aulas começassem, não fosse fazer diferença, que, então, os outros alunos estariam ocupados demais para me dispensar qualquer atenção.

Examinei as roupas de Zitora, escolhendo uma saia preta e bonita, e uma blusa preta e vermelha com gola em V. A blusa tinha duas camadas de material. Uma estampa de renda preta sobre seda vermelha.

Experimentei a roupa. Decidindo deixar meu cajado para trás durante o banquete, abri um buraco em um dos bolsos da saia para acesso rápido ao meu canivete. As sandálias eram grandes demais, de modo que fiz mais um furo na correia.

Foi só ao me fitar no espelho que me dei conta de que estava usando as cores do comandante Ambrose, a mesma combinação do meu uniforme nortista. Considerei outras combinações, até experimentei roupas diferentes, mas senti-me mais à vontade na minha primeira escolha.

Soltando o cabelo da trança, fitei com uma careta a bagunça sem vida. Um ano antes, eu cortara fora os nós e emaranhados, e agora as pontas haviam crescido partidas. Meu cabelo negro descia até além dos ombros. Precisava ser lavado e de uma boa aparada.

Coloquei novamente minhas roupas de dia e deixei meus aposentos para ir dar as maçãs prometidas a Topaz e a Kiki. A conversa no pátio interrompeu-se no instante em que saí do quarto. Ignorando meus colegas, segui para os estábulos. Daria uma passada no local de banho quando estivesse voltando.

A hora do banquete chegou mais rápido do que eu esperava. Mais uma vez, eu estava de pé diante do espelho de meu quarto de dormir, avaliando minhas roupas com um olhar crítico. Afastei uma mecha de cabelo solta de meu rosto.

Uma assistente no local de banho se apiedara de minhas tentativas desajeitadas de cortar meu próprio cabelo. Ela se apossara de minha tesoura e começou a aparar as pontas, depois enrolou cilindros de metal quente no meu cabelo.

Em vez de preso em um coque, meu cabelo agora descia até os ombros em enormes cachos macios. Eu estava com uma aparência ridícula. Contudo, antes que eu pudesse arrumar novamente o cabelo, alguém bateu à porta.

Peguei o cajado e espiei pela janela. Cahil aguardava lá fora. Seu cabelo e barba pareciam brancos sob a luz do luar.

Abrindo a porta, eu disse:

— Pensei que houvéssemos combinado de...

Fiquei boquiaberta.

Cahil estava usando uma comprida túnica de seda azul-marinho. A gola se destacava e uma franja prateada acompanhava a borda do tecido até formar um V sob seu pescoço, permitindo vislumbrar-lhe o peitoral musculoso. A franja também se estendia por sobre os ombros e descia pela costura externa das mangas compridas. Um cinto de malha prateada adornado com pedras preciosas apertava a túnica ao redor de sua cintura estreita. Suas calças combinavam com a camisa e, mais uma vez, franjas prateadas desciam pela costura externa delas, levando meus olhos até um par de lustrosas botas de couro. Era a própria realeza.

— Passo mesmo pelos seus aposentos no caminho. Pareceu estupidez eu não parar — Cahil explicou.

Ele apertou os olhos ante o brilho da luz do lampião, que vinha de trás de mim, e me dei conta de que Cahil não podia enxergar minha expressão boquiaberta.

— Pronta? — ele perguntou.

— Dê-me um instante.

Retornando à sala de estar, gesticulei na direção de uma cadeira, para Cahil se sentar, e voltei para o quarto de dormir, onde preendi o canivete na coxa e alisei a saia. Sem tempo para ajeitar o cabelo, contentei-me em colocá-lo para trás das orelhas. Cachos! Morar em Sitia me deixara frouxa.

Cahil exibiu um largo sorriso quando pôde me ver sob a luz da sala.

— Não ria — avisei.

— Eu nunca rio *de* uma mulher linda. Prefiro rir e dançar *com* ela.

— Falsas lisonjas não vão funcionar comigo.

— Cada palavra foi sincera. — Cahil me ofereceu o braço. — Podemos ir.

Após uma ligeira hesitação, passei o braço pelo dele.

— Não se preocupe. Serei apenas sua companhia esta noite. Eu me ofereceria para protegê-la das atenções embriagadas dos outros homens, mas sei muito bem que você é capaz de cuidar de si mesma. Provavelmente está armada, não está?

— Sempre.

Caminhamos em agradável silêncio. Grupos de alunos e outros casais que seguiam na mesma direção logo se juntaram a nós. Música animada pulsava pelo ar, tornando-se mais alta à medida que nos aproximávamos.

O salão de jantar fora convertido em um salão de festas. Flâmulas de veludo amarelas, vermelhas e alaranjadas retorciam-se ao longo do teto e recobriam as paredes. Risadas e o som de conversas competiam com a música, enquanto algumas pessoas comiam e bebiam, ao passo que outras dançavam na pista de dança de madeira. Todo mundo parecia estar usando suas melhores roupas. O aposento brilhava com a luz das velas reluzindo nas joias.

Nossa chegada passou despercebida. Porém, à medida que Cahil me puxava através da multidão, na direção dos fundos do salão, alguns olhares de surpresa marcaram nossa passagem.

Senti um frio no estômago ao atravessar a multidão e avistar Leif. Não o vira desde que Irys partira, e, levando em consideração que

ele já se formara na Fortaleza, eu presumira que ele não estava mais envolvido com os alunos, nem com as aulas. Porém ali estava ele, ao lado de Roze e Bain. Cahil seguiu na direção deles.

Quase desmaiei quando Leif sorriu para mim ao nos aproximarmos, mas, quando ele me reconheceu, seu sorriso tornou-se uma careta. Perguntei-me o que eu teria de fazer para conseguir um genuíno sorriso de Leif. Deixei de lado o pensamento. Não queria ter de conquistar sua boa vontade, e com certeza não precisava dela. Agora, se fosse capaz de repetir o mesmo incessantemente na minha cabeça, talvez conseguisse passar a acreditar nisso.

Quando nos juntamos ao grupo, Bain elogiou meu penteado, e Roze me ignorou. Nosso grupo só adquiriu mesmo vida depois que Zitora se juntou a nós.

— Perfeito! Absolutamente perfeito! — Zitora exclamou, olhando para minha roupa.

A conversa logo se voltou para assuntos do Conselho, e Cahil insistiu para que Roze o colocasse na pauta. Sem interesse algum em discutir política, minha atenção se voltou para examinar a multidão. Vi apenas alguns poucos homens de Cahil. Eles usavam uniforme de gala e estavam desconfortavelmente postados ao redor do salão, como se estivessem ali de serviço, e não para se divertir. Talvez estivessem mesmo.

Por algum tempo, observei os dançarinos. Eles circulavam a pista aos pares. Após oito batidas, detinham-se e davam quatro passos para o centro, depois mais quatro para trás, e continuavam ao redor do círculo. O padrão voltava a se repetir. Semelhante a algumas das minhas rotinas de autodefesa, a dança lembrava um conjunto predeterminado de movimentos.

Dax e Gelsi apareceram. Os alunos de Bain cumprimentaram os Mestres Feiticeiros com formalidade. Gelsi usava um vestido verde-claro que reluzia sob a luz dos lampiões. A cor dele combinava com a dos seus olhos grandes. Adornada com botões dourados, a camisa vermelha de Dax tinha uma gola amarelo-alaranjada. Franjas douradas desciam pelas costuras externas das calças pretas.

— Ei, estamos combinando — Dax disse para mim. Mal conseguia escutá-lo acima da música. — Quer dançar?

Olhei para Cahil, que discutia com Leif.

— Claro.

Dax sorriu e me puxou até um espaço livre na pista de dança. Fazer não fora tão fácil quanto observar, mas com a orientação de Dax, logo consegui acompanhar o ritmo.

Enquanto circulávamos pelo salão, Dax disse:

— Lembra que eu falei que você tinha três coisas contra você?

Assenti.

— Agora são cinco.

— O que foi agora? — perguntei com irritação.

Era difícil acreditar que eu tivera tempo para deixar mais alguém furioso.

— Você chegou ao banquete acompanhada de Cahil. Todo mundo suporá duas coisas. A primeira, que você é namorada dele. E a segunda, que é uma simpatizante ixiana, o que é o maior dos dois males.

— Bem, estariam errados. Quem é que inventa todas essas questões e suposições? — exigi saber.

— Eu é que não, tenha certeza. Mas, se dependesse de mim, teríamos mais sobremesas para o jantar, mais banquetes e muito mais dança.

Dançamos por algum tempo em silêncio. Ponderei as implicações e decidi não desperdiçar meu tempo me preocupando com o que os outros pensavam, ou tentando mudar suas percepções. Minha estada na Fortaleza era apenas uma interrupção na minha viagem. Eles que pensassem o que quisessem. Com a minha decisão, meu nervosismo desapareceu. Sorri para Dax.

— Está com uma expressão travessa. O que está planejando?

— Apenas cinco coisas contra mim? — Estreitei os olhos fingindo preocupação. — Que número pequeno. Vamos tentar chegar a oito, ou a dez.

Um sorriso lupino apareceu nos lábios de Dax.

— Minha cara, você é modesta demais. Eu diria que é mais do que capaz de alcançar 15 ou 20.

Eu ri com genuína satisfação. Dax e eu rodopiamos pelo salão por mais algumas músicas antes de retornar para o grupo. Cahil me recebeu com uma expressão carrancuda. Antes que ele pudesse dizer qualquer coisa, ou retomar sua conversa com Leif, peguei Cahil pela mão e o puxei na direção dos dançarinos.

— Esta noite não é para negócios — disse, enquanto seguíamos Dax e Gelsi até a pista. — Esta noite é para diversão. Dançar em vez de brigar.

Ele riu.

— Tem razão.

A noite voou enquanto eu dançava com Cahil, Dax e Bain. Mesmo o Cavaliço-Chefe me tirou para uma dança animada. Se Cahil não houvesse insistido, eu não teria parado para comer.

A chegada de Irys deveria ter tornado a noite perfeita, porém, eu pude perceber a exaustão estampada em seu rosto. Usando um simples vestido azul-claro, em vez de suas roupas de viagem, ela deve ter tido tempo para se banhar e adornar o coque com rubis e diamantes antes de vir para o banquete.

— Está tudo bem? Conseguiu achar a irmã de Tula? — perguntei.

Irys assentiu.

— A irmã, Opal, está com Tula agora.

Ela me lançou um olhar estranho.

— Será que devemos tentar ajudar Tula ainda esta noite?

Irys sacudiu a cabeça.

— Deixe Opal passar algum tempo com a irmã, antes. É a primeira vez que ela a vê desde que Tula foi raptada.

Mais uma vez, Irys me lançou um olhar estranho.

— O que foi? Há algo que você não está me contando.

— Avisei Opal do estado de Tula, tanto mental quanto físico. — Irys esfregou a mão pela face. — Porém, quando chegamos, um milagre parecia ter acontecido.

Irys fitou com intensidade o fundo dos meus olhos.

— Tula está acordada? — perguntei, confusa.

A notícia de Irys contradizia sua linguagem corporal.

— Não, sua alma ainda está escondida, mas seu corpo está completamente curado.

— COMO? — PERGUNTEI PARA Irys.

Hayes afirmara que podia consertar apenas alguns ossos de cada vez. Talvez outro curandeiro tivesse vindo ajudá-lo com Tula.

— Diga-me você — Irys retrucou. — O que você fez naquele dia? Desde então, Hayes não tem sido o mesmo. Está morrendo de medo de você.

— De mim?

Bain veio em meu socorro temporário.

— Talvez fosse melhor as damas irem conversar lá fora.

Olhei ao redor. Várias pessoas haviam parado de conversar e nos fitavam com curiosidade.

— Esqueci de onde estávamos — Irys disse, a título de desculpas para Bain. — Não é hora de discutirmos isso.

Ela seguiu na direção do bufê. Todo mundo retomou as respectivas conversas. Mas Irys ainda não terminara comigo.

Yelena, ela disse na minha mente. *Por favor, conte-me o que houve com Tula.*

Um receio súbito se instalou no meu íntimo. Será que Irys estava aborrecida porque eu perdera o controle da minha magia e, acidentalmente, curara Tula, ou porque colocara a vida de Tula em

risco? Relutantemente, contei-lhe tudo que acontecera no quarto de Tula naquele dia.

Você estava tomada de dor e empurrou a dor para longe de si?, Irys indagou.

Foi. Fiz alguma coisa errada?

Não. Fez algo impossível. Pensei que você houvesse tentado curá-la, o que teria sido perigoso, mas parece que você assumiu os ferimentos dela e, em seguida, curou a si mesma.

Fitei Irys com pura incredulidade. Ela estava sentada do outro lado do salão, comendo o seu jantar.

Será que pode fazê-lo novamente?, ela indagou.

Não sei. Deve ter sido uma reação instintiva.

Só há um modo de descobrir. Senti o suspirar cansado de Irys. *Por ora, quero que tenha uma boa noite de descanso. Encontre-me no quarto de Tula amanhã à tarde.*

Irys rompeu o contato mental comigo.

A confusão estava estampada no rosto de Cahil, e me dei conta de que ele vinha me observando.

— O que foi? — perguntou. — A Quarta Feiticeira não deveria estar satisfeita por você ter curado aquela moça? Isso significaria que... Ah, pela minha espada! — Cahil exclamou.

Antes que eu pudesse exigir mais detalhes, a música parou.

— Meia-noite — Bain disse. — Hora de ir embora. Os alunos têm um dia cheio amanhã.

Sua alegria ante a expectativa de um dia cheio de aprendizado fez com que vários sorrisos brotassem ao seu redor.

Obedientemente, todo mundo saiu para a escuridão, seguindo para os dormitórios e apartamentos. Ao passar, Dax chamou a minha atenção. Ele sorriu e ergueu sete dedos. Não via a hora de saber quais eram meus dois novos pontos de comportamento dignos de inspirar boatos.

Cahil me acompanhou até meus aposentos. Ele estava estranhamente calado.

Por fim, não pude mais aguentar.

— Ah, pela minha espada o quê? — exigi saber.

— Eu me dei conta de algo — ele respondeu, tentando dar por encerrado o assunto.

Insatisfeita com a resposta vaga, insisti:

— Que foi...?

— Se eu contasse, você ficaria zangada. Não quero terminar a noite com uma briga.

— E se eu promettesse não ficar aborrecida?

— Você ficaria, de qualquer jeito.

— Amanhã, então?

— Pergunte-me da próxima vez em que estivermos brigando.

— E se não brigarmos?

Cahil riu.

— Com você, sempre haverá uma próxima vez.

E então, com uma velocidade que me pegou de surpresa, ele me agarrou pela cintura e me puxou para um rápido beijo na face, antes de me soltar.

— Até amanhã — disse, por sobre o ombro, ao afastar-se.

Foi só depois de vê-lo desaparecer na escuridão que me dei conta de que estava com a mão direita apertando com força o canivete. Contudo, eu não acionara a lâmina. O Sul estava me deixando frouxa. Primeiro os cachos, agora isso. Sacudindo a cabeça, abri a porta.

No quarto de Tula, na tarde seguinte, tive de me espremer para entrar. A cama de Tula ocupava o centro do aposento. Leif e Hayes estavam de pé do lado direito da cama, e Irys e uma jovem garota, do lado esquerdo. O guarda de Tula, um dos homens de Cahil, parecia pouco à vontade postado em um dos cantos do quarto.

Hayes empalideceu quando eu o fitei. Irys me apresentou para Opal, a irmã de Tula. O cabelo comprido de Opal estava preso em um rabo de cavalo, e seus olhos injetados pareciam inchados de tanto chorar.

Eu não estava esperando espectadores.

— Irys — eu disse. — Preciso passar algum tempo com Opal, antes que possa tentar trazer Tula de volta.

Ao sair, Leif murmurou algo sobre eu querer aparecer, e Hayes simplesmente seguiu em disparada para a porta.

— Precisa de mim? — Irys perguntou.

— Não.

— Não temos muito tempo — Irys me avisou ao deixar o quarto.

Ela não precisava me lembrar de que o atacante de Tula ainda estava à solta, provavelmente caçando outra vítima. Contudo, no meu íntimo, eu sabia que, se apressasse isso, não seria bem-sucedida.

Pedi para Opal me falar sobre a irmã. Em frases hesitantes, a jovem me contou algumas histórias de sua infância.

— Tula certa vez me fez um grande tigre de vidro para me proteger de pesadelos. — Opal sorriu ante a lembrança. — Funcionou, e o tigre parecia tão real que Tula começou a fazer outros animais de vidro.

Ela olhou do corpo imóvel da irmã para o guarda no canto.

Opal parecia hesitante e distraída pelo estado da irmã. Sendo assim, mudei de assunto e lhe perguntei sobre a viagem até a Cidadela. Seus olhos castanho-escuros se arregalaram.

— O dia há muito já morrera quando a Quarta Feiticeira nos acordou.

Ante a expressão *morrera* a garota olhou com receio para Tula.

— Eu mal estava acordada. Antes que desse por mim, estava no cavalo da feiticeira, cavalgando a toda para a Fortaleza. — Opal envolveu sua cintura com os próprios braços. — Quando Tula foi encontrada, nossos curandeiros a trouxeram às pressas para a Cidadela. Meus pais precisaram contratar pessoas para trabalhar nos fornos e para tomar conta de nós antes que pudessem segui-la. Eles estão em algum ponto da estrada. — Opal começava a falar desconexamente: — Não passamos por eles. Não sabem que estou aqui. É a minha primeira viagem para longe de casa, e nós paramos apenas para comer. Eu dormi na sela.

Isso explicava a exaustão de Irys. Ainda hoje, dava para lhe notar as olheiras profundas. Também explicava o fato de Opal estar tão aflita. Mudei de tática e convidei Opal para dar uma caminhada. Ela parecia relutante em deixar a irmã, e só se convenceu quando eu assegurei que Tula ficaria bem.

Mostrei-lhe o campus. A temperatura do ar estava agradável. Com tardes quentes, e noites frescas, o clima durante a estação refrescante era o meu favorito.

Por fim, acabamos seguindo para a Cidadela. Guiei Opal na direção do mercado. Fisk apareceu todo sorridente e nos guiou até uma loja de vestidos. Comprei uma muda de roupas para Opal e Fisk bancou o guia turístico para ela.

Quando Opal pareceu ficar mais relaxada, minhas perguntas sobre Tula ficaram mais específicas. Enquanto ela se lembrava de mais histórias, puxei um fio de poder e conectei minha mente com a de Opal, testemunhando as lembranças enquanto ela falava. Pude sentir o cheiro da fornalha quente na fábrica de vidro da família delas, e sentir nas mãos a areia áspera.

— Tula e eu costumávamos nos esconder de Mara, nossa irmã mais velha. Encontramos o local perfeito. Mara ainda não sabe onde ele fica — Opal disse, sorrindo.

Uma imagem de um abrigo feito por galhos de árvore compridos e grama alta reluzindo sobre a luz do sol preencheu a mente de Opal, e o cheiro fresco de terra úmida alcançou meu nariz.

— É isso. — Eu agarrei o braço de Opal. — Mantenha a imagem desse lugar na sua mente. Concentre-se nela.

Ela fez o que pedi. Fechei os olhos e me coloquei na lembrança. Pedacos de grama roçaram nos meus braços, enquanto eu me deitava no espaço oco atrás de uma fileira de grandes arbustos. O perfume de madressilvas era forte no ar fresco. Gotas de orvalho reluziam sob a luz do sol matinal. Instintivamente, soube que aquele lugar escondia a alma de Tula.

— Venha.

Puxei Opal na direção da Fortaleza, despedindo-me de Fisk com um aceno de mão. Um guarda estava postado do lado de fora do quarto de Tula. Ele assentiu para nós quando entramos.

— Será que devemos aguardar a Quarta Feiticeira e os outros? — Opal perguntou.

— Não há tempo. Não quero perder a imagem. — Peguei uma das mãos de Tula e estendi a outra para Opal. — Segure minha mão. Agora, quero que se imagine no seu esconderijo com Tula. Feche os olhos e concentre-se pra valer. Consegue fazer isso?

Opal assentiu, seu rosto pálido retorcido.

Estabeleci um vínculo com Tula. Os fantasmas de seus horrores ainda flutuavam no vazio, mas pareciam mais intangíveis do que antes. Conectando-me com Opal, segui o perfume de madressilvas e orvalho através da mente de Tula.

Tomados de fúria súbita, os fantasmas ficaram mais sólidos, voando na minha direção, me bloqueando a passagem. O ar parecia grudento e espesso como melado. Passei por eles, apenas para me ver presa em uma parede de arbustos espinhentos. Minhas roupas ficaram presas nos galhos e os espinhos arranharam minha pele.

— Vá embora! — Tula gritou. — Não quero voltar.

— Sua família sente sua falta.

Os cipós começaram a se enrolar na minha cintura e nos meus braços, imobilizando-me.

— Vá embora!

Eu lhe mostrei as lembranças de Opal do quanto sua família sofrera quando Tula desaparecera.

Os arbustos espinhentos ficaram um pouco menos espessos. Através dos galhos, pude avistar Tula encolhida no seu esconderijo de criança.

— Não posso encará-los — Tula disse.

— Sua família?

— É. Eu fiz... coisas. Coisas terríveis para que ele não me machucasse. — Tula estremeceu. — Assim mesmo, ele me machucou.

Os cipós subiram pelos meus braços e envolveram meu pescoço.

— Sua família ainda a ama.

— Não amará mais. Ele vai contar o que eu fiz. Ela vai ficar enojada. Fui a escrava dele, mas não me esforcei o suficiente para agradá-lo. Não consegui fazer nada direito. Sequer consegui morrer por ele.

Reprimi minha fúria. Minha vontade de massacrar a besta selvagem teria de esperar.

— Tula, *ele* é que é revoltante. *Ele* é quem deveria morrer. Sua família sabe o que ele fez com seu corpo. Ela apenas a quer de volta.

Ela se encolheu ainda mais.

— Você não sabe de nada. Não sabe de nada a respeito do que eu passei. Vá embora.

— Está enganada — consegui dizer com dificuldade, quando os cipós ao redor do meu pescoço começaram a apertá-lo com força.

Será que poderia encarar novamente meus próprios horrores? Para encontrar esse monstro é o que eu faria. Expus meus pensamentos para ela, mostrando-lhe Reyad. Seu prazer em me torturar. Minha vontade de deixá-lo feliz para que não me fizesse mal. E a noite em que lhe cortei a garganta, após Reyad ter me estuprado.

Tula me fitou por entre os braços. Os cipós aliviaram a pressão.

— Você matou o seu torturador. O meu ainda está aí fora, aguardando.

Tentei novamente:

— Nesse caso, ele está livre para fazer de outra moça a sua escrava. E se Opal for a próxima vítima dele?

Tula sobressaltou-se horrorizada.

— Não! — gritou.

Conectei a mente de Opal à nossa. Por um instante, Opal ficou parada, atordoada, piscando os olhos de surpresa. Depois, correu para Tula e abraçou a irmã. Juntas, elas choraram. Os cipós bateram retirada e os arbustos murcharam.

Contudo, era apenas o começo. A depressão na grama logo desapareceu, e os fantasmas de Tula chegaram mais perto, cercando-nos.

— São muitos — Tula disse, já se dando por derrotada. — Jamais serei capaz de me livrar deles.

Retirei meu cajado da alça nas costas e o quebrei em três pedaços. Entregando um para Tula e outro para Opal, eu disse:

— Você não está sozinha. Lutaremos juntas.

Os fantasmas atacaram. Eram rápidos e persistentes. Eu tentei golpeá-los repetidas vezes, até meus braços ficarem pesados como chumbo. Alguns dos horrores de Tula desapareceram, outros encolheram, mas alguns pareciam ficar maiores à medida que a luta prosseguia.

Minha energia estava se esgotando a uma velocidade alarmante. Senti meu cajado ficar preso dentro de um dos fantasmas. O espírito se expandiu e me consumiu. Gritei ante a dor de sentir meu corpo sendo açoitado.

— Você é fraca. Diga que me obedecerá, que eu paro — uma voz sussurrou no meu ouvido.

— Não.

Quase tomada de pânico, busquei ajuda. Uma poderosa presença se formou e me passou um cajado intacto que pulsava de energia. Senti-me tomada de força e golpeei o horror até este fugir.

Havíamos rechaçado o ataque, contudo pude notar que os fantasmas de Tula se preparavam para outro.

— Tula, essa é apenas a primeira batalha em uma guerra contínua. Serão necessários tempo e muito esforço para se libertar de seus medos, porém você terá muita ajuda de sua família. Você vem conosco? — perguntei.

Ela mordeu o lábio inferior, fitando o pedaço de cajado nas mãos. Opal acrescentou o seu cajado ao de Tula. Tula apertou os dois de encontro ao peito.

— Sim. Eu vou.

A mente de Tula se encheu de lembranças de sua vida. Dominada pela vertigem, rompi meus elos mentais com Tula e Opal. Tomada de alívio, deixei-me envolver pela escuridão.

Quando recobrei os sentidos, senti a pedra dura de encontro às minhas costas. Pela terceira vez, desfalecera no chão do quarto de Tula. Dessa vez, não tinha esperança de me mover. Minhas energias estavam completamente esgotadas. Após alguns instantes, notei que alguém me segurava as mãos. Dedos fortes envolviam os meus, rodeando-os de calor.

Com esforço, abri os olhos para ver quem me segurava. Em seguida, voltei a fechá-los com força. Ainda devia estar dormindo. Contudo, após escutar os chamados insistentes de Irys, olhei novamente. E ali estava meu irmão, segurando minhas mãos e partilhando sua energia comigo.

O CANSAÇO MARCAVA o rosto de Leif.

— Você está em sérios apuros — ele disse.

Suas palavras não pareciam ser maliciosas, apenas factuais, e, como eu esperava, além de seus ombros, pude avistar Irys, Roze, Hayes e Bain, todos me fitando com expressões carrancudas. Leif soltou minhas mãos, porém permaneceu sentado no chão, ao meu lado.

Roze lançou-lhe um olhar, seu desagrado evidente no ligeiro retorcer de seus lábios.

— Deveria tê-la deixado morrer — censurou-o. — Uma feiticeira a menos para macular nossa terra com sua incrível estupidez.

— Um pouco duro demais, Roze — Bain comentou. — Embora estejamos de acordo no tocante à estupidez. Criança, por que tentou isso sozinha? — ele perguntou.

Sequer podia falar em minha defesa, pois não possuía energia para formar palavras, quanto mais para me explicar.

— Arrogante e estúpida — Roze disse, no meu lugar. — Como curou Tula de seus ferimentos físicos, deve ter achado que era uma feiticeira todo-poderosa, capaz de fazer qualquer coisa. Em seguida, a tola provavelmente vai pedir para fazer o teste para Mestra. —

Roze fungou com desdém. — Talvez pense diferente depois que a colocarmos no alojamento do primeiro ano. Ali, ela poderá aprender o básico da magia, enquanto esfrega os pisos, como todos os alunos novos.

Olhei na direção de Irys. O castigo de Roze parecia terrível. Irys nada disse. Ela irradiava desaprovação. Preparei-me para uma descompostura.

Em vez disso, Opal chamou:

— Tula está acordada!

Tomada de alívio, fechei meus olhos, enquanto todas as atenções se voltaram para Tula. Quando voltei a abri-los, todos os feiticeiros haviam sumido de meu campo de visão.

— Você ainda é cabeça-dura e precipitada, uma figueira estranguladora fora de controle — Leif disse. — Suponho que Ixia não tenha mudado tudo a seu respeito.

Com as pernas trêmulas, ele ficou de pé, e eu o vi juntar-se aos outros ao lado do leito de Tula.

Tentei entender seu comentário. Será que foi bom ou ruim? Não consegui decidir. Contudo, logo em seguida a voz áspera de Roze me despertou de minhas contemplações. Ela bombardeava Tula com perguntas a respeito de seu atacante, mas a jovem não respondia. Estremeci, sabendo que Tula ainda não estava preparada para o interrogatório de Roze. Graças aos céus, Hayes interveio.

— Dê-lhe um pouco de tempo — ele disse.

— Não há tempo — Roze retrucou.

Uma vozinha débil perguntou:

— Quem são todas essas pessoas? Onde está Yelena? Não consigo vê-la.

— Ela está aqui — Opal disse. — Está apenas exausta por tê-la ajudado, Tullie.

— Hayes, chame alguns auxiliares e largue essa garota tola em algum outro quarto — Roze ordenou. — Ela já fez bastante estrago por um dia.

Quando Hayes fez menção de obedecer, Tula protestou:

— Não. Vá você embora. Todos vocês. Não lhes contarei nada. Yelena fica comigo. Eu falo com ela.

Um murmurinho de irritação e discussão se espalhou pelos feiticeiros antes que Roze relutantemente concordasse em trazer uma cama para mim. Sem estardalhaço, Hayes e Irys me ergueram do chão e me largaram sobre o colchão. Irys ainda não dissera uma palavra, e seu silêncio estava me assustando.

— Criança — Bain disse para Tula. — Entendo seu medo. Você acordou em um quarto cheio de desconhecidos. — Em seguida, ele apresentou todos os presentes. — A Primeira Feiticeira e Leif são aqueles com quem precisa falar sobre o seu rapto. Eles acharão o seu sequestrador.

Tula puxou os lençóis até o queixo.

— Contarei para Yelena. Para mais ninguém. Ela cuidará dele.

A risada áspera de Roze arranhou meus ouvidos.

— Ela sequer consegue falar! Se seu atacante entrasse neste quarto, mataria as duas. — Ela sacudiu a cabeça com incredulidade. — Você não está pensando com clareza. Voltarei amanhã de manhã, e você *falará* comigo. Venha, Leif.

Roze marchou para fora do aposento, com Leif nos seus calcanhares.

Hayes expulsou todos os outros. Quando a porta se fechou, escutei Bain dizer para Irys colocar outro guarda postado ali durante a noite. Uma boa ideia. Se Goel entrasse, eu não conseguiria impedi-lo de levar a cabo suas promessas de me torturar.

Aprensão por estar tão indefesa subiu pela minha espinha. Uma situação semelhante a que assombrava Tula. Um de seus muitos fantasmas era estar à mercê de outros. Não conseguia parar de pensar na sua promessa de me contar tudo. Eu mesma acabara de me livrar de meu próprio fantasma. Contudo, detestava admitir, Reyad ainda detinha um pouco de poder. Sempre que eu tinha dúvidas, ele se divertia visitando meus pesadelos. Ou será que os causava? Ou era eu que o convidava?

Para me distrair de pensamentos tão perturbadores, tentei reunir energia para falar com Tula, mas, em vez disso, a exaustão me dominou e afundei em um sono desprovido de sonhos.

Senti-me um pouco melhor na manhã seguinte, porém tinha apenas forças o suficiente para sentar na cama. Pelo menos podia perguntar a Tula como ela estava se sentindo.

Ela fechou os olhos. Apontando para a própria têmpora, disse:

— Venha.

Suspirei resignadamente.

— Não tenho forças para conectar nossas mentes, Tula.

— Talvez eu possa ajudar — Leif disse, da porta.

— Não! Vá embora.

Tula protegeu o rosto com os braços.

— Se não falar comigo, a Primeira Feiticeira virá e obterá de você todas as informações de que ela precisa — Leif explicou.

Confusa, Tula olhou para mim.

— Não será agradável — eu disse. — É quase tão ruim quanto o que o seu atacante fez com você. Eu sei.

Leif desviou o olhar. Torcia para que ele se sentisse culpado. Estudando-o mais de perto, não pude deixar de me perguntar por que ele me ajudara no dia anterior. O que acontecera com seu sorriso afetado? Onde estava seu desdém e condescendência? Dei-me conta de que mal conhecia aquele homem.

Sem querer conjecturar ainda mais sobre seus motivos, indaguei:

— Por que me ajudou?

Uma careta apareceu no seu rosto, porém, com um suspiro, ele suavizou as próprias feições, resguardando suas emoções.

— Mamãe me mataria se eu a tivesse deixado morrer — disse.

Ele voltou-se para Tula, mas eu me recusei a deixá-lo escapar com uma resposta tão petulante.

— Qual é o motivo verdadeiro?

Raiva ardeu nos olhos cor de jade de Leif, contudo, um segundo depois, sua postura se suavizou, como se alguém houvesse soprado

uma vela. Ele sussurrou:

— Não podia ficar sem fazer nada e perdê-la novamente.

Em seguida, ele baixou as defesas mentais e escutei seus pensamentos.

Ainda odeio você.

Sua confiança me pegou de surpresa, todavia o comentário petulante não conseguiu me preocupar. Qualquer emoção, mesmo o ódio, era melhor do que apatia. Seria aquele o primeiro passo para cruzar a distância que nos separava?

— O que ele disse? — Tula perguntou.

— Ele quer ajudá-la — respondi. — Tula, este é meu irmão. Sem ele não teríamos conseguido trazê-la de volta. Se quiser que eu encontre seu atacante, vou precisar da força dele.

— Mas ele vai ver. Saberá a respeito de...

Tula voltou a se apertar com os próprios braços.

— Eu já sei — Leif disse.

Com uma gentileza que me surpreendeu, ele afastou os braços de Tula de seu rosto. Lembrei dos comentários de minha mãe sobre a magia de Leif. Ela disse que ele ajudava a solucionar crimes pressentindo a culpa e a história de uma pessoa. Agora, vendo-o trabalhar com Tula, quis saber mais sobre ele e sobre como usava sua magia.

— Precisamos encontrá-lo e impedi-lo de fazer mal a outra moça — Leif explicou.

Ela engoliu em seco e mordeu o lábio inferior, antes de assentir. Leif posicionou-se de pé entre as nossas camas, tomou a mão de Tula e estendeu a sua para mim. Reclinei-me no colchão e a segurei. Em seguida, usando sua energia, formei um elo mental com Tula.

Na sua mente, nós dois estávamos postados ao lado de uma fornalha de pedra cinza. O poder de Leif rugia ao redor de todos nós com o fogo no interior do forno.

— Eu estava aqui, colocando carvão no interior da fornalha. Era quase meia-noite quando... — Ela agarrou com força o avental. Fuligem negra manchava o tecido branco. — Um tecido escuro

envolveu meu rosto. Antes que pudesse gritar, senti uma violenta estocada no braço. Depois... depois...

Tula parou de falar.

No nosso palco mental, ela deu um passo em minha direção. Abracei-lhe o corpo trêmulo, e, de uma respiração para a outra, tornei-me Tula, testemunhando meu próprio rapto.

Dormência espalhou-se do local onde fui espetada, paralisando os músculos. Tontura foi o único indício de que fora movida de um lugar para o outro. O tempo passou. Quando o pano foi removido do meu rosto, estava deitada no interior de uma tenda. Incapaz de me mover, fitei um homem magro com reflexos dourados no cabelo castanho-claro curto. Ele usava apenas uma máscara vermelha. Estranhos símbolos carmesins haviam sido pintados em toda sua pele cor de areia. Ele segurava quatro estacas de madeira, uma corda e um malho. A sensação começou a retornar aos meus membros.

Tula, não. Eu não posso. Eu disse mentalmente. Sabia os horrores que ameaçavam vir. Naquele momento, não tinha a força necessária para suportá-los com ela. *Apenas mostre-o para mim.*

Ela congelou a imagem do homem, para que eu pudesse estudar os símbolos. Padrões circulares residiam no interior de desenhos maiores de animais. Triângulos desciam por seus braços e pernas lisos. Embora magro, ele irradiava poder.

Um completo desconhecido para Tula, tudo a respeito dele parecia estranho para ela. Mesmo o modo áspero como pronunciava seu nome, enfatizando a sílaba *lá*, parecia esquisito. Mas ele a conhecia. Conhecia o nome de suas irmãs e de seus pais. Sabia como derretiam areia, transformando-a em vidro.

Em seguida, em meio a um redemoinho de cores e sons, ela me mostrou o homem em diferentes ocasiões. Ela não podia deixar a tenda, porém, sempre que ele entrava e saía, Tula podia vislumbrar o que havia lá fora, um gostinho da liberdade. Grama alta e espessa ocupava toda a vista.

Quando vinha até ela, ele sempre usava uma máscara. Deixava a dormência de seu corpo passar antes de surrá-la ou estuprá-la. Deixava-a sentir a dor que ele infligia com aparente reverência. Após terminar a tortura, pegava um espinho e arranhava-lhe a pele.

A princípio confusa com tal ato, Tula logo aprendeu a temer e ansiar pelo bálsamo que ele esfregava na ferida sangrando feita pelo espinho. Era a loção anestesiante que a paralisava, levando embora a dor e qualquer chance que ela pudesse ter de escapar.

O bálsamo, todavia, possuía um odor forte e nítido, semelhante ao cheiro marcante de álcool misturado com um perfume cítrico. O aroma permaneceu ao meu redor como uma névoa venenosa quando a energia de Leif enfraqueceu. Ele rompeu o contato místico com Tula.

— Esse odor... — Leif disse, apoiando-se na beirada de minha cama. — Não consegui dar uma boa cheirada. Todos os meus esforços foram voltados para mantê-la conectada a Tula.

— É horrível — Tula disse, estremecendo. — Jamais o esquecerei.

— E quanto aos símbolos? — perguntei para Leif. — Por acaso os reconheceu?

— Na verdade, não. Embora haja clãs que usam símbolos para rituais.

— Rituais?

O medo apertou meu estômago.

— Cerimônias de casamento e rituais de batismo. — Leif franziu a testa, concentrando-se. — Milhares de anos atrás, feiticeiros costumavam realizar complicados rituais. Acreditavam que o poder místico vinha de divindades, e se tatuassem seus corpos e mostrassem o devido respeito, seriam agraciados com grande poder. Agora, sabemos que não é assim. Já vi alguns símbolos pintados em rostos e mãos antes, porém nada como os que havia no atacante de Tula.

Com ambas as mãos, Leif jogou o cabelo preto para trás. Com os cotovelos projetados para a frente, sua postura me pareceu familiar. Senti como se houvesse sido transportada de volta para um tempo

quando minhas preocupações se limitavam a qual seria a próxima brincadeira. As tênues lembranças de infância se dissiparam ante meus esforços de me concentrar nelas.

Tula cobriu os olhos, lágrimas silenciosas rolando por suas faces. Reviver o sequestro e a tortura tinha de ser duro.

— Descanse um pouco — Leif disse. — Voltarei mais tarde. Talvez o Segundo Feiticeiro saiba algo a respeito daqueles símbolos.

Ele deixou o quarto.

Os acontecimentos da manhã haviam exaurido minhas próprias pequenas reservas de energia. Sabia que apenas palavras não seriam o suficiente para consolar Tula, de modo que fiquei aliviada de ver Opal chegar. Notando a preocupação da irmã, Tula soluçou audivelmente, e Opal subiu na cama com ela, abraçou Tula e a embalou como se ela fosse um bebê. Adormeci escutando Tula expurgar de seu corpo o veneno do homem mascarado.

Tivemos várias visitas durante o restante do dia. Cahil chegou, cheirando a celeiro.

— Como está Kiki? — perguntei, sentindo saudades dela.

Embora meu vínculo com ela permanecesse, eu não conseguia reunir poder suficiente para escutar-lhe os pensamentos.

— Um pouco agitada. Todos os cavalos estão. O Cavaliço-Chefe está com um mau humor daqueles. Cavalos costumam se deixar afetar pelas emoções das pessoas. Se um cavaleiro está nervoso, o cavalo também ficará. — Cahil sacudiu a cabeça. — Ainda não consigo acreditar que você consegue se comunicar com eles. Suponho que hoje seja um daqueles dias onde tudo que eu penso será provado errado.

— Por que diz isso?

— Pensei que fosse uma falastrona excessivamente confiante quando disse que poderia ajudar Tula. Mas você conseguiu.

Cahil ficou me estudando.

Reconhecia o excesso de confiança. Meu resgate da alma do comandante Ambrose parecera fácil em comparação com o de Tula, mas eu me esquecera de que Irys estivera comigo no quarto do

Comandante, e foram as magníficas habilidades de combate e determinação dele que nos libertaram de seus demônios.

— Contudo, você quase morreu salvando Tula — Cahil disse. — Será que valeu a pena correr o risco apenas para provar que eu estava errado novamente?

— Meus motivos não foram egoístas — retruquei bruscamente. — Quis ajudá-la. Entendia pelo que Tula passara e sabia que ela precisava de mim. Quando tive ideia de como poderia encontrá-la, não parei para pensar. Apenas reagi.

— E nunca lhe passou pela cabeça o perigo que poderia correr?

— Não dessa vez.

Suspirei ante a expressão chocada do rosto de Cahil.

— Já se colocou em perigo por causa de outros antes?

— Eu era a provadora de comida do Comandante.

Ao contrário da minha contribuição para deter Brazell, isso era do conhecimento geral.

Cahil assentiu.

— Uma posição perfeita para escutar os planos do Comandante. Ele a usou como escudo. Deveria querer ajudar a derrubá-lo. Por que é tão leal para com ele?

A frustração deixou sua voz mais áspera.

— Devido à minha posição, pude enxergar além de sua reputação. Testemunhei gentileza e uma profunda preocupação com seu povo. Ele não abusou do poder, e, apesar de longe de ser perfeito, sempre se manteve fiel ao que acreditava. Digno de confiança e sempre mantenedor de sua palavra, nunca precisei me preocupar com intenções ocultas ou suspeitei de duplicidade da parte dele.

Sua teimosia recusava-se a ceder.

— Você sofreu lavagem cerebral, Yelena. Com sorte, recuperará o bom-senso após passar algum tempo morando em Sitia.

Cahil foi embora sem aguardar uma resposta.

Nossa conversa me esgotara. Passei o restante da tarde agitadamente cochilando e acordando. O homem mascarado invadiu meus sonhos, caçando-me através de uma selva densa.

Mais para o final da tarde, Dax Greenblade entrou no quarto, energizando o ar.

— Você está com uma aparência horrível — ele me disse, baixinho.

Tula e Opal haviam adormecido na cama estreita de Tula.

— Puxa, Dax, não se acanhe. Diga o que realmente está pensando — retruquei.

Ele cobriu a boca para abafar a risada.

— Achei melhor aproveitar para tripudiar enquanto você está se sentindo por baixo, haja vista que, quando escutar os rumores que estão se espalhando pelo campus com a velocidade de pés descalços na areia quente, seu ego só dará ouvidos a elogios. — Em um gesto grandioso, Dax desenhou um arco no ar com o braço. — Você se tornou uma lenda.

— Uma lenda? Eu?

A incredulidade estava evidente na minha voz.

— Uma lenda assustadora — corrigiu-se. — Mas, mesmo assim, uma lenda.

— Ora, vamos! Está achando que sou crédula?

— Diria que é ingênua o suficiente para achar que poderia encontrar sozinha a consciência de outra pessoa. — Dax gesticulou na direção do meu leito. — Todavia, se isso foi uma tentativa de matar aula, não foi tão idiota assim. Contudo, não se surpreenda se, a partir de agora, notar seus colegas estudantes apressando-se em lhe dar passagem. Lá vem Yelena, a todo-poderosa Descobridora de Almas!

Joguei o travesseiro em Dax. Sua magia roçou na minha pele quando o travesseiro desviou-se para o lado e atingiu a parede com um ruído surdo, antes de deslizar para o chão. Olhei para as garotas. Elas pareciam estar dormindo.

— Você está exagerando — eu disse.

— E você pode me culpar? Por ser amaldiçoado com a habilidade de ler e falar idiomas arcaicos, o mestre Bain sempre me coloca para traduzir história antiga. Muito enfadonho e tedioso.

Dax pegou meu travesseiro e até o afofou antes de devolvê-lo para mim. Quando Leif entrou no quarto, trazendo uma grande caixa quadrada, Dax inclinou-se para mim e sussurrou:

— Falando em enfadonho...

Contive uma risadinha. Dax foi embora quando Leif começou a tirar da caixa pequenos frascos marrons. O barulho dos vidros se chocando uns com os outros acordou Tula e Opal. Evidentemente alarmada, Tula fitou os frascos.

— O que é isso? — perguntei para Leif.

— Frascos de cheiro — ele respondeu. — Cada um contém um odor específico. Mamãe e papai me ajudaram a fazer isso. Cheiros despertam lembranças, que me ajudam a encontrar criminosos. Mas achei que poderia usar esse estojo como ponto de partida para determinar qual era o bálsamo usado pelo agressor de Tula.

Interessada, Tula esforçou-se para sentar na cama. Opal desceu do leito para ajudá-la. Leif mexeu na sua coleção de cerca de trinta frascos, até ter selecionado dez deles.

— Começaremos com esses. — Ele tirou a rolha de um e o passou sob meu nariz. — Respire normalmente.

Franzi o nariz e espirrei.

— Não. Isso é horrível.

Leif esboçou um ligeiro sorriso ao guardar o frasco.

— Leif? — Tula perguntou. — E quanto a mim?

Ele hesitou.

— Você já fez tanto. Eu não queria exauri-la.

— Também quero ajudar. Melhor do que ficar aqui deitada sem fazer nada.

— Tudo bem.

Ele nos fez cheirar mais três frascos. Tula e eu cheiramos frascos diferentes, e depois fizemos uma pausa para o jantar.

— Odores demais lhes darão dor de cabeça, e, após algum tempo, não serão capazes de diferenciá-los — ele explicou.

Leif passou a noite conosco. Meu interesse começou a diminuir, mas ele não esmoreceu, mesmo quando começou a chegar ao final

da caixa. Eu estava quase dormindo quando um odor marcante me despertou.

Leif estava segurando um frasco desarrolhado. Tula estava encolhida na cama, com a mão erguida, como que para se defender de um golpe. Leif a fitava confuso.

— É esse — gritei. — Não está sentindo?

Ele passou o frasco sob o nariz, inspirando o odor pungente. Depois, voltou a arrolhá-lo, virou o frasco e leu o rótulo. Ele me fitou com uma expressão chocada.

— Faz todo o sentido!

Sua boca se abriu de horror.

— O quê? — Eu quis saber. — Conte-me.

— É curare. — Notando minha confusão, ele prosseguiu: — Vem de uma videira que cresce na Selva Illiais. Paralisa os músculos. É ótimo para anestesiar dores de dente e aliviar pequenas dores. Para paralisar o corpo todo, o medicamento teria de ser muito concentrado.

Os olhos de Leif brilharam de desalento.

— Por que está tão desconcertado? — indaguei. — Agora sabe o que é. Isso não é bom?

— Curare foi redescoberto apenas no ano passado. Apenas um punhado de Zaltana conhecem suas propriedades. Nosso clã gosta de saber tudo a respeito de uma substância, antes de vendê-la para outros.

A compreensão começou a tomar conta de minha mente. Leif acreditava que o homem pintado de vermelho pudesse pertencer ao nosso clã.

— Quem encontrou o curare? — perguntei.

Ainda abalado, Leif girava o frasco nas mãos.

— Papai — respondeu. — E a única pessoa em quem consigo pensar que tem a habilidade necessária para concentrar curare o suficiente para paralisar um corpo inteiro é mamãe.

SENTEI-ME NA CAMA.

— Leif, você não acredita, de verdade, que...

Não consegui me forçar a conjecturar em voz alta. Dizer que Esau e Perl, nossos pais, pudessem ter alguma conexão com esse terrível assassino.

Leif sacudiu a cabeça.

— Não. Mas talvez alguém próximo a eles.

Outro terrível pensamento me veio à cabeça.

— Será que eles correm perigo?

— Não sei. — Leif começou a guardar os frascos de cheiro na caixa. — Preciso falar com o líder de nosso clã. De algum modo, o curare deve ter sido roubado. Alguém de nosso clã está... — Aparentemente sem saber o que dizer, Leif fechou com força a tampa da caixa. — Comprometido? Afirmar que temos um espião parece dramático demais, até mesmo para mim. — Leif me ofereceu um sorriso triste. — Duvido que nosso líder sequer vá acreditar em mim.

Ele pegou o estojo e deixou apressadamente o quarto.

Tula, que permanecera calada durante a nossa conversa, perguntou:

— Será que Ferde... — Ela engoliu em seco. — Será que meu agressor é do clã Zaltana?

— Ferde? É o nome dele?

Ela cobriu o rosto com a mão.

— Não. É só o nome que dei para ele. Escondi isso de você. Fiquei envergonhada.

Ela se interrompeu e inspirou profundamente, olhando para a irmã.

Opal bocejou e disse que precisava ir dormir um pouco. Ela beijou Tula na face e puxou as cobertas até o queixo de Tula, antes de ir embora.

Após alguns instantes de silêncio, eu falei:

— Você não precisa explicar.

— Eu quero. Falar a respeito ajuda. Ferde é uma abreviação de Fer-de-lance, também conhecida como jararaca. Uma víbora venenosa que caça as presas através do calor. Costumávamos tê-las na nossa fábrica o tempo todo. Elas eram atraídas pelas fornalhas. Uma delas matou meu tio. Sempre que um de nós ia para a fábrica, minha mãe dizia: “Tenha cuidado. Não deixe que a Ferde pegue você.” Minha irmã mais velha e eu costumávamos assustar Opal, dizendo que a Ferde estava vindo atrás dela. — Tula soluçou baixinho quando lágrimas começaram a rolar por sua face. — Terei de me desculpar com Opal por ter sido tão cruel. É engraçado — ela disse, com dificuldade. — Ferde veio foi atrás de mim, mas se eu pudesse escolher, teria preferido ser picada pela cobra de verdade.

Não consegui achar as palavras para consolar Tula.

Mais tarde da noite, Bain chegou. Ele trouxe um lampião, e Dax, carregando um enorme livro com capa de couro e rolos de papiro, o seguiu para dentro do quarto. Havia mais um rolo sob o braço de Bain. Ele acendeu os lampiões do quarto, até este ficar todo iluminado. Bain estava usando o mesmo manto roxo que usara no dia anterior. Sem preâmbulos, ele estendeu o papiro sobre minha cama. Senti um frio na barriga ao olhar para o manuscrito. Os símbolos que eu vira tatuados no corpo de Ferde cobriam o papel.

Bain observou atentamente minha reação.

— Quer dizer que esses são os símbolos corretos?

Assenti.

— Onde...?

Bain pegou o livro das mãos de Dax, e, pela primeira vez, o rosto do jovem estava sério.

— Esse texto antigo escrito na língua Efe fala de símbolos de magia de eras passadas. Ele relata que esses símbolos eram tão poderosos que não podiam ser desenhados no livro, pois esse simples ato seria o suficiente para invocar o poder. Mas, felizmente para nós, eles os descrevem em detalhes. E felizmente, também, Dax foi capaz de traduzir a linguagem Efe para isto.

Bain apontou para o papiro.

— É um progresso — eu disse.

Dax exibiu um sorriso.

— Meus talentos *finalmente* estão sendo usados para uma boa causa.

Bain lançou um olhar severo para Dax, que ficou sério.

— A ordem dos símbolos é muito importante — Bain explicou —, pois eles contam uma história. Se puder nos dizer onde eles ficavam no corpo do assassino, talvez sejamos capazes de descobrir o que o motiva.

Estudei a folha, tentando me lembrar onde Ferde pintara as marcas no seu corpo.

— Havia alguns desenhos nele que não estão nesse papel — informei.

— Aqui — Tula disse. Seus olhos estavam fechados. Embora o braço estivesse tremendo, sua mão direita estava estendida. — Eu os conheço de cor.

Bain entregou-lhe o papiro, e Dax colocou seus rolos no chão. Desenrolando um deles com um fino pedaço de carvão, o aprendiz começou a esboçar no papel o contorno de um homem. Tula fitou os símbolos por um instante, depois recitou sua ordem. Começando pelo ombro esquerdo de Ferde, ela continuou cruzando o corpo até

chegar ao ombro direito, depois prosseguiu da esquerda para a direita, como linhas de palavras em um livro.

Quando Tula chegou a um símbolo que não estava na folha de Bain, eu o desenhei em um pedaço de papel para Dax. Embora meu desenho parecesse grosseiro se comparado aos dele, Dax foi capaz de duplicar os meus esforços no seu papel.

Tula gaguejou envergonhada ao chegar à virilha de Ferde. Bain apertou-lhe a mão e fez um comentário sobre como o homem deve ter sofrido por sua arte. Tula deixou escapar uma breve risadinha. Pela sua expressão, pude dizer como isso a surpreendera. Reprimi um sorriso. Tula começara a trilhar a longa estrada que levava à recuperação.

A jovem memorizara os símbolos nas costas de seu agressor. Lembrando-me de que ela passara quase duas semanas como prisioneira dele, eu estremeci. Ela também recordou-se de outras coisas a respeito do homem. As cicatrizes no tornozelo, o tamanho das mãos, a sujeira avermelhada sob suas unhas, o formato e o material macio da máscara vermelha, e as orelhas.

— Por que as orelhas? — Bain indagou.

Tula fechou os olhos e, embora sua voz tremesse, explicou que cada vez que ele a imobilizara no chão e a penetrara, o agressor virara a cabeça para não fitar-lhe os olhos. Para ignorar a dor, Tula concentrara-se na sua orelha. Da primeira vez em que ele a estuprara, Tula lhe mordera a orelha direita. Ela recordava-se de sentir um instante de satisfação quando o gosto metálico e quente do sangue preencheu sua boca.

— Uma pequena vitória para mim — Tula disse, e tremeu tanto que sua cama chegou a sacudir. — Jamais repeti o gesto.

Dax, que estivera no chão desenhando todas as descrições de Tula, apagou do rosto a expressão horrorizada antes de entregar à moça seu esboço.

Após algumas ligeiras correções, Tula entregou o papel para Bain.

— É ele — ela disse.

O esforço exigira tanto dela que Tula adormeceu antes mesmo de Dax terminar de reunir suas coisas.

Toquei na manga de Bain.

— Posso lhe perguntar uma coisa?

O mago olhou para seu aprendiz.

— Eu o aguardarei na torre — Dax disse, e foi embora.

— Você sempre pode perguntar. Não precisa pedir permissão, criança.

Sacudi a cabeça ante a forma de tratamento carinhosa. Com apenas um pouco de minhas forças tendo retornado, eu me sentia uma anciã. Não tinha energia para corrigi-lo, embora duvidasse que fosse adiantar alguma coisa. Ele costumava chamar todo mundo de criança, até mesmo Irys, que tinha quase o dobro da minha idade.

— Irys não veio me visitar. Ela ainda está zangada comigo?

— Não usaria a palavra zangada. Furiosa ou colérica talvez chegasse mais perto da verdade.

Meu rosto deve ter refletido meu pavor, pois Bain pousou a mão tranquilizadora sobre a minha.

— Não deve se esquecer de que é aluna dela. Seus atos refletem nas habilidades dela como professora. O que você fez com Tula foi extremamente perigoso. Poderia ter matado Tula, Opal, Leif e a si mesma. Você não consultou Irys nem buscou a ajuda dela, contando somente consigo mesma.

Abri a boca para me defender, mas Bain ergueu a mão, interrompendo-me.

— Um talento que, eu tenho certeza, aprendeu em Ixia. Não havia ninguém para ajudá-la. Ninguém em quem pudesse confiar. Fazia o que fosse necessário para sobreviver. Não estou certo? — Bain não aguardou minha resposta. — Só que não está mais no Norte. Aqui tem amigos, colegas e outros para orientá-la e ajudá-la. Sitia é muito diferente de Ixia. Não há um único governante. Temos um conselho que representa o povo. Nós debatemos e decidimos em conjunto. Isso é algo que precisa aprender, e Irys precisa ensiná-la.

Quando ela entender por que você agiu da maneira que agiu, não ficará tão aborrecida.

— Quanto tempo isso vai levar?

Bain sorriu.

— Não muito. Irys é como um vulcão das Montanhas Emerald. Ela pode soltar um pouco de fumaça, cuspir um pouco de lava, mas não demora muito para esfriar. Provavelmente teria vindo visitá-la hoje mesmo, mas chegou um mensageiro de Ixia esta tarde.

— Um mensageiro?

Tentei descer da cama, mas minhas pernas se recusaram a sustentar meu peso. Acabei no chão. Estalando a língua em um gesto de censura, Bain chamou Hayes para me ajudar a voltar para a cama.

Quando Hayes foi embora, voltei a perguntar.

— Que mensageiro? Conte-me.

— Assunto do Conselho. — O mago fez um gesto de pouco-caso com a mão, como se a questão toda o entediasse. — Algo a respeito de um embaixador ixiano e sua comitiva solicitarem permissão para visitar Sitia.

Um embaixador ixiano vindo aqui? Considerarei as implicações, enquanto Bain, ansioso para traduzir as tatuagens do assassino, apressou-se em deixar o quarto.

— Bain — chamei quando ele abriu a porta. — Quando é que os ixianos chegarão?

— Não sei. Estou certo de que Irys lhe contará quando vier visitá-la.

Quando. Àquela altura, achava que se era a palavra mais apropriada. Esperar por ela estava se tornando intolerável. Detestava ficar deitada ali, tão indefesa. Irys deve ter pressentido minha agitação.

Yelena, escutei a voz dela na minha mente. *Relaxe. Conserve suas forças.*

Mas eu preciso...

Precisa de uma boa noite de sono. Ou não lhe contarei nada. Estamos entendidas?

Seu tom firme não me deu chance de discutir.

Sim, senhora.

Tentei me acalmar. Em vez de ficar obcecada a respeito de quando a delegação nortista chegaria, pensei em quem o comandante Ambrose enviaria como seu embaixador. Ele jamais arriscaria um de seus generais. Enviar um assistente parecia mais lógico.

Valek seria a minha escolha, mas os sitianos jamais confiariam nele, e ele correria perigo demais. Cahil e seus homens tentariam matá-lo por ter assassinado o antigo rei de Ixia. Mas será que conseguiriam? Dependeria de quantos o atacassem.

Imaginei Valek contra-atacando os golpes com sua costumeira graça e velocidade. Mas enormes folhas verdes começaram a obscurecer a imagem na minha mente. As folhas bloquearam minha visão, e logo a vegetação me cercou. Tentei atravessar a selva densa, procurando Valek. Meu ritmo foi ficando mais intenso, ao sentir alguém me seguindo. Olhando por sobre o ombro, avistei uma comprida serpente marrom com marcas vermelhas rastejando atrás de mim.

Vislumbrando Valek através das árvores, gritei o nome dele, solicitando sua ajuda. Mas cipós grossos da selva haviam se enrolado em seu torso e pernas. Ele os cortava com a sua espada, mas os cipós continuaram a envolvê-lo, até também lhe cobrirem os braços. Tentei abrir caminho até ele, mas uma pontada dolorosa na minha coxa me deteve.

A víbora se enrolara em minha perna. Curare pingava de suas presas. Sangue jorrava dos dois pequenos buracos na minha calça. A droga espalhou-se pelo meu corpo. Gritei até o veneno paralisar minha voz.

— Yelena, acorde.

Alguém me sacudiu com força pelos ombros.

— É apenas um sonho. Vamos, acorde.

Pisquei os olhos ao fitar Leif, que me olhava com a testa franzida. Seu cabelo negro e curto estava em desordem e seu rosto exibia profundas olheiras. Olhei para Tula. Apoiada em um cotovelo, ela me fitava com preocupação nos olhos castanhos.

— Valek está em dificuldades? — perguntou.

O olhar de Leif voltou-se para Tula.

— Por que está perguntando por ele? — quis saber.

— Yelena estava tentando ajudá-lo quando foi picada pela serpente.

— Você viu? — perguntei.

Ela assentiu.

— Sonho com a serpente todas as noites, mas Valek é novidade. Ele deve vir dos seus sonhos.

Leif virou-se novamente para mim.

— Você o conhece?

— Eu... — Fechei a boca. Escolhendo cuidadosamente as palavras, eu disse: — Como provadora de comida do Comandante, eu o via todos os dias.

Leif piscou os olhos. O rubor de irritação desapareceu de seu rosto.

— Não sei nada sobre sua vida em Ixia — ele falou.

— Por escolha sua.

— Não acho que poderia lidar com ainda mais culpa.

Leif me deu as costas, fitando a parede.

— Não deveria se sentir culpado, agora que sabe que fui sequestrada. Não havia nada que pudesse fazer — argumentei, mas ele se recusou a me fitar nos olhos.

— Ela não é sua irmã? — Tula perguntou, rompendo o silêncio.

Ela franziu o nariz, estreitando os olhos em sinal de confusão.

— É uma história longa e complicada — respondi.

Tula encostou a cabeça no travesseiro e se contorceu sob as cobertas, como se estivesse procurando uma posição mais confortável.

— Temos tempo de sobra.

— Nós não temos tempo — Irys disse, da porta. — Leif, você está pronto?

— Estou.

Irys entrou no quarto.

— Nesse caso, vá ajudar Cahil com os cavalos.

— Mas eu ia...

— Explicar o que está acontecendo — exigi, sentando-me na cama.

— Não há tempo. Bain lhe contará tudo.

Irys e Leif viraram-se para ir embora.

A fúria brotou no meu peito. Sem pensar, reuni meu poder e o estendi na direção deles.

— Parem.

Ambos ficaram paralisados no lugar até que eu os soltei. Larguei-me na cama. Minha explosão custara-me o pouco de energia que eu tinha.

Irys retornou até meu leito. A expressão de seu rosto era uma estranha mistura de fúria e admiração.

— Está se sentindo melhor?

— Não.

— Leif, vá — Irys disse. — Eu o alcançarei em um minuto.

Ao sair, ele me lançou um olhar triste. O jeito de Leif de se despedir, supus.

Irys empoleirou-se na beirada da cama e me empurrou de volta para o travesseiro.

— Você nunca vai ficar boa se continuar insistindo em usar magia.

— Desculpe. É só que não aguento estar tão...

— Indefesa. — Um sorriso triste curvou os lábios de Irys. — A culpa é toda sua. Pelo menos, é isso que Roze não para de dizer. Ela quer que eu a coloque trabalhando na cozinha por uma estação, como punição por resgatar Tula.

— Ela deveria ser recompensada, não punida — Tula opinou.

Irys ergueu a mão.

— Um conselho que eu não pretendo seguir. Na verdade, acho que sua atual situação já é tão ruim que você pensará duas vezes da próxima vez em que sentir-se tentada a usar mais magia do que é capaz. E ficar presa aqui enquanto Cahil, Leif e eu viajamos até as Planícies Avibian para visitar o clã Sandseed é punição mais do que suficiente.

— O que aconteceu? — indaguei.

A voz de Irys ficou mais suave, suas palavras um pouco mais altas do que um sussurro.

— Na noite passada, Leif e eu perguntamos para Baval, o Conselheiro dos Zaltana, sobre o curare. De fato, veio dos seus pais. Eles fabricaram um grande lote e o mandaram entregar ao clã Sandseed.

Meu coração parou por um instante.

— Por quê?

— De acordo com Baval, Esau lera sobre uma substância que paralisa os músculos em um livro de história sobre tribos nômades das Planícies Avibian. Sendo assim, Esau viajou até o clã Sandseed e encontrou um curandeiro chamado Gede, que sabia um pouco sobre a substância. No clã Sandseed, informações são passadas oralmente de um curandeiro para outro, e, às vezes, o conhecimento se perde. Esau e Gede vasculharam a selva atrás da videira de curare, e, quando a encontraram, pediram para que Perl os ajudasse a extrair a droga. É um processo demorado, de modo que Gede retornou às planícies e Esau prometeu lhe enviar um pouco de curare, como presente, por tê-lo ajudado. — Irys ficou de pé. — Sendo assim, agora vamos descobrir o que Gede fez com seu curare, visto que o conselheiro Harun Sandseed não sabia.

— Eu preciso ir! — Esforcei-me para me levantar na cama, mas meus braços se recusavam a sustentar o meu peso.

Irys me observava com o rosto impassível. Quando eu parei de tentar, ela me perguntou:

— Por quê?

— Porque conheço o assassino. Eu o vi na mente de Tula. Ele pode pertencer ao clã.

Ela sacudiu a cabeça.

— Temos o desenho de Dax e Leif conseguiu vislumbrar o homem quando a ajudou a conectar sua mente com a de Tula. — Irys estendeu a mão e afastou meu cabelo do rosto. Sua mão parecia gelada de encontro à minha pele quente. — Além do mais, você não está suficientemente forte. Fique. Descanse. Fique forte novamente. Terei muito para ensiná-la quando eu retornar.

Ela hesitou, depois inclinou-se e me beijou na testa.

Meus protestos ficaram congelados nos meus lábios. Minha razão para estar na Fortaleza era aprender, e eu sentia como se já houvesse perdido o rumo, contudo uma visita aos Sandseed poderia ser uma experiência educativa. Por que as coisas não podiam ser simples?

Irys alcançara a porta quando me lembrei de lhe perguntar sobre a delegação ixiana.

Detendo-se no vão da porta, ela disse:

— O Conselho concordou com uma reunião. O mensageiro partiu esta manhã para entregar nossa resposta a Ixia.

Ela fechou a porta, me deixando para considerar tudo que havia escutado.

— Ixia — Tula disse, com curiosidade. — Acha que Valek vai escapar dos cipós e vir com a delegação?

— Tula, aquilo foi um pesadelo.

— Mas parecia tão real — ela insistiu.

— Sonhos ruins são fantasmas de nossos medos e preocupações. Assombrando-nos enquanto dormimos. Duvido que Valek esteja em dificuldades.

Contudo, a imagem de Valek aprisionado não me saía da cabeça. Parecera tão real. Frustração e impaciência me levaram a cerrar os dentes. Irys falara a verdade. Ficar ali deitada, incapaz de fazer nada, era muito pior do que esfregar o chão da cozinha.

Inspirando profundamente algumas vezes, acalmei minha mente, purgando-a de preocupações e irritações. Concentrei-me na minha última noite com Valek em Ixia. Uma lembrança muito querida.

Devo ter adormecido, pois senti a presença de Valek. Uma poderosa nuvem de energia me envolveu.

Precisa de ajuda, meu amor?, Valek me perguntou, no meu sonho.

Preciso de você. Preciso de amor. Preciso de energia. Preciso de você.

A tristeza dele pulsou no meu coração.

Não posso ir. Você já tem o meu amor. Mas posso lhe dar minha força.

Não! Você ficará indefeso por vários dias!

A imagem de Valek preso nos cipós me veio à cabeça.

Ficarei bem. Os gêmeos do poder estão comigo. Eles me protegerão.

Valek mostrou-me uma imagem de Ari e Janco, meus amigos em Ixia, guardando sua tenda. Estavam acampados na Floresta da Serpente, participando de um exercício militar.

Antes que eu pudesse impedi-lo, fui envolvida pelo poder, que penetrou no meu corpo.

Boa sorte, amor.

— Valek! — gritei.

Ele desapareceu.

— O que foi isso? — Tula perguntou.

— Um sonho.

Mas eu me sentia rejuvenescida. Maravilhada, ergui-me nas minhas pernas agora firmes.

Tula olhava fixo para mim.

— Não foi um sonho. Vi uma luz e...

Tomando uma decisão súbita, corri para a porta.

— Tenho de ir.

— Aonde? — Tula quis saber.

— Alcançar Irys.

Os DOIS HOMENS guardando o nosso quarto se sobressaltaram quando eu passei correndo pela porta. Corri na direção dos estábulos, antes que minha mente pudesse me desacelerar usando lógica. Contudo, cheguei tarde demais. O pátio estava vazio.

Kiki esticou a cabeça para fora da baia.

Moça Alfazema melhor?

Sim, muito melhor. Eu lhe acariciei o focinho. *Não cheguei a tempo para ir com os outros. Quando foi que partiram?*

Algumas bocadas de feno. Podemos alcançá-los.

Estudei os olhos azuis de Kiki. Ela apresentava uma ideia interessante. Mesmo que eu tivesse alcançado Irys antes que partissem, não havia garantia de que ela me deixaria acompanhá-los até as Planícies Avibian.

Kiki escarvava o chão com impaciência.

Vá.

Pensei rápido. Talvez fosse melhor se eu seguisse Irys e Leif até as planícies, revelando-me apenas quando estivéssemos longe demais para ela me mandar voltar para a Fortaleza.

Preciso de suprimentos, disse para Kiki.

Durante o percurso até meu quarto, fiz uma lista mental de tudo que eu precisaria. Minha mochila e cajado, o canivete, minha capa, algumas roupas e comida. Talvez dinheiro.

Após reunir o que podia do meu quarto, tranquei a porta, virei-me para ir, e esbarrei em Dax.

— Olhe só quem está em posição vertical — ele disse. Um sorriso largo se abriu no seu rosto. — Não sei por que estou surpreso. Afinal de contas, você é uma lenda viva.

Sacudindo a cabeça, eu disse:

— Dax, não tenho tempo para trocar farpas com você.

— Por quê?

Hesitei, sabendo que minha partida por conta própria representaria outro ponto negativo contra mim. Uma decisão ixiana. Porém, adquirir informações dos Sandseed era importante demais para eu me preocupar com as consequências. Conteí meus planos para Dax.

— Será que pode avisar para o Segundo Feiticeiro aonde eu fui? Não quero Bain revirando a Fortaleza atrás de mim.

— Você está no caminho certo para a expulsão — Dax alertou. — Já perdi a conta do quanto tem contra você. — Ele se interrompeu, ponderando. — Não importa agora. Quanto tempo de vantagem quer que eu lhe dê?

Olhei para o céu. Estávamos na metade da tarde.

— Até escurecer.

Mesmo ainda havendo a tênue chance de Bain enviar alguém para me buscar a tal hora, eu torcia para que ele esperasse até o amanhecer.

— Fechado. Eu lhe desejaria boa sorte, mas não acho que ajudaria.

— Por que não?

— Minha cara, você faz a própria sorte. — Ele fez um gesto com a mão para me mandar embora. — Vá.

Corri até a cozinha e peguei pão, queijo e carne seca o suficiente para durar uns dez dias. O capitão Marrok dissera que as Planícies

Avibian eram vastas e que eram necessários dez dias para cruzá-las. Mesmo que o clã Sandseed vivesse em sua outra extremidade, eu teria comida para alcançá-los. Apenas tinha de torcer para que pudesse comprar mais para a viagem de volta.

Com meus pensamentos voltados para os suprimentos, corri na direção do celeiro. Quando me aproximei, Kiki bufou de agitação, e eu abri meus pensamentos para ela.

Cheiro ruim, ela avisou.

Eu me virei a tempo de ver Goel avançando na minha direção. Antes que eu pudesse reagir, a ponta de sua espada deteve-se a centímetros da minha barriga.

— Vai a algum lugar? — ele perguntou.

— O que está fazendo aqui?

— Um passarinho me contou que você havia fugido da gaiola. Não foi difícil localizá-la.

Os guardas do lado de fora do quarto de Tula devem ter alertado Goel. Suspirei. Minha distração enquanto reunia suprimentos fizera de mim um alvo fácil.

— Muito bem, Goel. Vamos resolver isso logo.

Dei um passo para trás e tentei pegar o cajado, mas Goel adiantou-se. No instante em que minhas mãos tocaram na madeira lisa, a ponta da espada atravessou minha blusa e espetou minha pele.

— Parada! — ele gritou.

Bufei mais de irritação do que de medo. Não tinha tempo para perder com isso.

— Medroso demais para uma luta justa? Ai!

A ponta da espada cutucou minha barriga.

— Solte o cajado no chão. Lentamente — ele ordenou.

Ele empurrou um pouco mais a espada quando eu hesitei. Com um movimento lento, soltei o cajado da alça, mantendo a atenção de Goel concentrada em mim, pois, de esguelha, podia ver Kiki abrindo o trinco da porta de sua baia com os dentes.

A porta abriu-se ruidosamente. Goel virou a cabeça ante o barulho. Kiki girou, colocando as patas traseiras em posição. Eu recuei alguns passos.

Não com muita força, eu disse.

Homem mau. Ela o escoiceou.

Goel voou pelo ar e se chocou contra a cerca de madeira do pasto. Depois, deslizou até o chão. Como ele não se moveu, aproximei-me e tentei encontrar sua pulsação. Ainda estava vivo. Sentia-me conflitada com relação à sua sobrevivência. Será que algum dia ele desistiria ou continuaria vindo atrás de mim até conseguir me pegar, ou até eu matá-lo?

Kiki interrompeu meus pensamentos.

Vá.

Peguei o equipamento e comecei a selá-la. Enquanto apertava as correias ao redor de seu peito, perguntei:

Sempre foi capaz de abrir sua porta?

Sempre. A da cerca também.

E por que não o faz?

Feno gostoso. Água fresca. Balas de menta.

Eu ri, e tratei de pegar algumas balas do suprimento de Cahil, colocando-as na mochila. Prendi cinco sacas de ração e bolsas de água para ela na sela, junto com a minha própria comida e cantis de água.

Pesado demais?, perguntei.

Ela me fitou com desdém.

Não. Partir agora. Rastro de Topaz desaparecendo.

Montei-a. Deixamos a Fortaleza do Mago e seguimos através da Cidadela. Kiki avançava com cuidado, ao atravessar as ruas lotadas do mercado. Avistei Fisk, meu menino mendigo, carregando um enorme embrulho para uma moça. Ele sorriu e tentou acenar. Seu cabelo negro limpo reluzia sob o sol, e as olheiras profundas haviam desaparecido. Não era mais um mendigo. Fisk encontrara um emprego.

Quando passamos sob os enormes arcos de mármore que marcavam a entrada da Cidadela, Kiki acelerou o passo, dando início a um galope. A paisagem passava rapidamente por mim, enquanto cavalgávamos pela estrada principal do vale que ligava a Cidadela à floresta.

Atividades relacionadas ao cultivo agitavam os campos à nossa direita. À esquerda, as Planícies Avibian ocupavam o horizonte. As cores da grama alta haviam se transformado dos verdes e azuis da estação quente para vermelhos, amarelos e laranja como se alguém houvesse pegado um pincel gigante e pintado enormes faixas de cor por toda a paisagem.

As planícies pareciam desertas e não vi sinal de vida selvagem. Apenas cores balançando ao vento. Quando Kiki virou-se para adentrar as planícies, avistei uma trilha indistinta atravessando a grama.

As folhas altas roçavam nas minhas pernas e na barriga de Kiki, que relaxou a marcha. Toquei-lhe a mente. Estávamos no caminho certo e um forte cheiro dos cavalos lhe preenchia o nariz. Ela identificou cada um deles pelo odor.

Silk. Topaz. Rusalka.

Rusalka?

Homem Triste.

A princípio confusa, levei algum tempo para entender que Homem Triste era o nome de Kiki para Leif. Pelo que eu aprendera com Kiki, quando um cavalo encontrava alguém pela primeira vez, sua impressão imediata passava a se tornar o nome daquela pessoa para o animal, que passava tal nome adiante para outros cavalos. Aparentemente, ele não muda. Para os cavalos, fazia sentido. Eles nos davam nomes do mesmo modo que nós fazíamos com eles.

Outros cavalos?, perguntei.

Não.

Outros homens?

Não.

Surpresa de ver que Cahil não trouxera alguns de seus homens consigo, perguntei-me por quê. Cahil contornara as planícies em nossa viagem até a Cidadela, temendo os Sandseed, mesmo quando viajando com 12 homens. Suponho que ele se sentisse mais seguro na companhia de uma Mestra Feiticeira. Ou então Irys insistira para que ele deixasse seus cães de guarda na Fortaleza.

À medida que adentrávamos as planícies, me dei conta de que a relva ao redor escondia muitas coisas. Apesar de dar a impressão de ser plano, o terreno se estendia como um cobertor bagunçado. Olhei para trás, para ver de onde havíamos vindo, e não consegui enxergar os campos de cultivo. Aglomerações de rochas acinzentadas salpicavam as planícies, uma ocasional árvore se erguia do meio da grama e eu avistei ratos de campina e pequenos animais fugindo dos cascos de Kiki.

Passamos por uma estranha formação de rochas avermelhadas. Havia um veio branco na única pedra, cujo topo ficava acima da minha cabeça. O grosseiro formato ligeiramente quadrado da estrutura me lembrava de algo. Vasculhei minha memória e me dei conta de que a rocha lembrava um coração humano. O fato de me lembrar de minhas lições. No orfanato de Brazell, biologia sempre fora o assunto que eu menos gostara. O professor sempre derivava prazer de deixar seus alunos enojados.

Quando a luz sobre as planícies começou a desaparecer e o ar ficou mais frio, a ideia de passar a noite em um lugar tão exposto me deixou intranquila.

Alcançamos?, Kiki perguntou.

Estamos perto?

O odor pungente de cavalos se misturou com um ligeiro cheiro de fumaça. Através dos olhos de Kiki, pude ver uma fogueira distante.

Eles pararam.

Considerei minhas opções. Uma noite sozinha ou a possibilidade de enfrentar a fúria de Irys, caso me juntasse a ela. Desacostumada a passar mais do que uma hora na sela de um cavalo, minhas pernas e costas doíam. Precisava de um descanso. Kiki, por outro

lado, ainda podia viajar um bom tempo. Reunindo poder, projetei minha consciência, sentindo o estado de humor geral do acampamento.

Cahil segurava com força o punho da espada; o céu aberto o alarmava. Leif estava deitado no chão, quase dormindo. Irys...

Yelena! Sua indignação ardeu na minha mente.

Decisão tomada. Antes que ela pudesse exigir uma explicação, eu lhe mostrei o que acontecera entre Valek e eu.

Impossível.

A palavra despertou uma lembrança.

Você disse a mesma coisa quando busquei Valek para me ajudar contra a sondagem mental de Roze. Quem sabe não haja algo nos conectando que você jamais tenha encontrado?

Pode ser, admitiu ela. Venha, junte-se a nós. É tarde demais para enviá-la para casa. E você não pode voltar para a Fortaleza sem que eu esteja junto, para ajudá-la contra a ira de Roze.

Recuperando o bom-senso com tal pensamento, eu disse para Kiki encontrar o acampamento. Contudo, ela ficou satisfeita quando alcançamos Topaz, que estava pastando com os outros cavalos perto do local.

Removi o equipamento de Kiki, escovei-a um pouco e me certifiquei de que ela tivesse bastante comida e água. Relutância e músculos doloridos tornavam meus movimentos lentos.

Quando, por fim, me juntei a Irys na pequena clareira onde haviam se detido para passar a noite, ela apenas perguntou se eu queria jantar. Olhei na direção dos outros. Leif mexia a sopa que cozinhava em uma panela sobre o fogo. A expressão de seu rosto era neutra. A mão de Cahil estava próxima ao punho de sua espada. Parecia mais tranquilo com relação ao céu noturno. Ele sorriu ao me fitar nos olhos. Não sabia se ele estava feliz com minha chegada, ou se estava esperando se divertir com a reprimenda que eu, indubitavelmente, receberia de Irys.

Em vez disso, Irys explicou a Cahil e a mim o modo adequado de interagir com os membros do clã Sandseed.

— Respeito pelos anciões é essencial — ela disse. — Toda e qualquer solicitação deve ser feita através dos anciões, mas só após eles nos convidarem a falar. Eles não confiam em estranhos e estarão atentos a qualquer sinal de desrespeito, ou de que os estejam espionando. Sendo assim, não façam perguntas sem ter recebido permissão e nada de olhares fixos ou demorados.

— Por que haveríamos de olhar fixa ou demoradamente?

— Eles não gostam de usar roupas. Alguns se vestem quando recebem visitas de forasteiros, contudo o mesmo não acontece com outros. — Irys sorriu tristemente. — Eles também possuem alguns feiticeiros poderosos. Não receberam treinamento na Fortaleza, e treinam seus próprios magos. Embora alguns dos seus magos mais jovens já tenham procurado a Fortaleza, na esperança de ampliar o seu conhecimento. Kangom foi um deles, mas ele não passou muito tempo na Fortaleza.

Irys franziu a testa.

Infelizmente, eu sabia para onde ele fora de lá. Mudou o nome para Mogkan e começou a sequestrar crianças, contrabandeando-as para Ixia.

Antes que Cahil pudesse dar voz às perguntas que tinha sobre Mogkan, perguntei para Irys:

— E quanto aos feiticeiros Sandseed que permanecem com o clã?

— Eles os chamam de Tecelões de Histórias — Irys explicou. — Eles guardam a história do clã. Os Sandseed acreditam que sua história seja uma entidade viva, como uma presença invisível que os cerca. Como a história do clã está sempre evoluindo, os Tecelões de Histórias guiam o clã.

— E como eles os guiam? — Cahil perguntou, preocupado.

— Resolvendo disputas, ajudando a tomar decisões. Eles mostram o passado para os membros do clã, e os ajudam a não repetir os mesmos erros. Muito semelhante ao que os Mestres Feiticeiros fazem pelo povo de Sitia.

— Eles tranquilizam o coração aflito — Leif disse, fitando as chamas. — Ou, pelo menos, é o que alegam. — Ele ficou de pé,

abruptamente. — A sopa está pronta. Quem está com fome?

Comemos em silêncio. Depois de providenciarmos um lugar para dormir, Irys informou que passaríamos mais uma noite na estrada, antes de chegar às moradias do clã.

Cahil quis estabelecer turnos de guarda para a noite.

— Eu ficarei com o primeiro turno — ofereceu.

Irys simplesmente ficou olhando para ele.

— Faz sentido — ele disse, em sua própria defesa.

— Cahil, não há nada a temer. E se problemas vierem em nossa direção, eu o acordarei muito antes de eles chegarem — Irys retrucou.

Vendo Cahil amuar-se, disfarcei meu sorriso. Enrolei-me na minha capa para me proteger do ar frio da noite e deitei-me no macio chão arenoso da clareira. Verifiquei como estava Kiki.

Tudo bem?

Grama doce. Crocante.

Cheiros ruins?

Não. Ar gostoso. Lar.

Lembrei-me de como Kiki fora criada pelos Sandseed.

Bom estar em casa?

Pensei em Valek na Floresta da Serpente, e torci para que ele houvesse recuperado parte de suas forças.

Sim. Melhor com Moça Alfazema. Balas de hortelã? Esperançosa.

Quando amanhecer, prometi.

Olhei para o céu noturno, observando as estrelas dançarem, enquanto aguardava o sono. A visão de vida de Kiki parecia correta. Boa comida, água fresca, um doce ocasional e alguém de quem gostar. Era o que todo mundo deveria ter. Uma visão simplista e pouco realista, eu sabia, mas que me tranquilizava.

Todavia, meus pensamentos se transformaram em sonhos estranhos. Corri através das planícies, procurando Kiki. A grama até a altura dos joelhos cresceu até ficar mais alta do que minha cabeça, e impediu meu avanço. Forcei a passagem pelas folhas afiadas, tentando e falhando em encontrar uma saída. Meu pé se prendeu

em algo, e caí. Quando rolei no chão, a grama se transformou em um campo de serpentes, que começaram a se enrolar no meu corpo. Resisti até que me imobilizassem.

— Seu lugar é conosco — uma das cobras sibilou no meu ouvido.

Acordei sobressaltada sob a luz fraca da alvorada. Minha orelha formigava devido à serpente dos sonhos, e eu tremia sob o frio ar matinal, tentando livrar-me do horror de meu pesadelo. Irys e os outros rondavam a pequena fogueira. Tomamos um desjejum de pão com queijo e selamos nossos cavalos. Meus músculos haviam se enrijecido durante a noite, e protestavam em cada movimento. Lá pela metade da manhã, o sol aqueceu a terra e eu retirei minha capa, enfiando-a na mochila.

À medida que viajávamos, o solo macio foi se transformando em pedra dura, e a grama foi ficando mais escassa. Pequenos afloramentos de arenito salpicavam a região. Na hora do almoço, os afloramentos se erguiam acima de nossas cabeças, e eu me senti como se estivéssemos cavalgando no interior de uma profunda garganta.

Durante uma breve parada, notei rajadas vermelhas em um par de colunas de arenito, a certa distância.

— O agressor de Tula tinha algo vermelho sob as unhas — informei aos outros. — Será que vinha daqui?

— É possível — Irys concordou.

— Deveríamos coletar uma amostra — Leif disse.

Ele revirou a mochila, até achar um pequeno frasco.

— Precisamos continuar. — Irys estreitou os olhos ao olhar para o sol. — Quero encontrar um lugar para acampar, antes que escureça.

— Vão na frente. Eu os alcançarei — Leif disse.

— Yelena, ajude-o. Certifique-se de que seja da mesma cor de que se recorda — Irys ordenou, e virou-se para Cahil, antes que este pudesse colocar em palavras as objeções por trás da sua testa franzida. — Cahil, você fica comigo. Se Yelena consegue nos encontrar horas após termos deixado a Cidadela, não terá problemas em nos alcançar hoje.

Irys e Cahil ainda carrancudo montaram em seus cavalos e seguiram na direção do sol, enquanto Leif e eu encontramos uma trilha até as colunas. Ficavam mais longe do que eu supusera. Depois, levou mais tempo do que eu antecipara para colher a amostra. As rajadas acabaram sendo uma camada de argila vermelha. A argila exposta havia endurecido, e nós a lascamos até alcançar o material mais mole que havia por baixo. Colocamos tanto as lascas duras quanto a argila mais mole no interior do frasco.

Quando voltamos ao ponto de partida, o sol já estava quase no horizonte. Kiki achou o rastro de Topaz, e seguimos acelerado com os cavalos naquela direção.

Não fiquei preocupada quando o céu começou a escurecer. O cheiro pungente de Topaz preenchia as narinas sensíveis de Kiki, o que significava que estávamos chegando perto. Mas quando a escuridão caiu de vez e não consegui avistar uma fogueira, comecei a me preocupar. Quando a lua subiu no céu, detive Kiki.

— Estamos perdidos? — Leif perguntou.

Desde que descobríamos a trilha, ele vinha me seguindo sem nada falar. Sob a tênue luz do luar, eu quase conseguia enxergar sua carranca irritada.

— Não. Kiki diz que o cheiro de Topaz é forte. Quem sabe não tenham decidido viajar mais tempo?

— Não pode alcançar Irys? — Leif perguntou.

— Ah, veneno de cobra! Eu esqueci!

Inspirei fundo e reuni um fio de poder, censurando-me por mais uma vez ter deixado de lembrar da minha magia. Não via a hora em que usar de magia se tornaria instintivo.

Fiquei surpresa com a investida de poder. A fonte parecia concentrada naquela região. Projetando minha consciência, vasculhei os arredores. Nada.

Alarmada, ampliei meu raio de alcance, procurando mais além. Ao me dar conta de que minha mente sequer tocara os ratos de campina ou qualquer outra criatura, interrompi, cheia de frustração, minhas tentativas. Se eu conseguia me conectar a Valek na Floresta

da Serpente, deveria ser capaz de encontrar Irys. Afinal de contas, seu cavalo acabara de passar por este caminho.

Topaz sempre cheira forte, Kiki concordou.

Sempre?

Sim.

— E então? — Leif perguntou com impaciência.

— Algo está errado. Não consigo encontrar Irys.

Eu lhe contei o que Kiki acabara de me dizer.

— Mas isso é bom, não é?

— Deveria ter havido um acúmulo gradual do cheiro, de tênue para intenso. Em vez disso, permaneceu o mesmo, desde que encontramos a trilha deles. — Virei-me, desenhando um arco no chão. A magia pulsava ao redor de nós. — Alguém está tentando nos enganar.

— Finalmente! — Uma voz profunda rugiu de dentro da escuridão.

Kiki e Rusalka recuaram de surpresa, mas um suave fluxo de magia tranquilizou os animais. Peguei meu cajado e examinei algumas formas indistintas que eu podia ver na penumbra.

— Não são muito espertos, não é? — A voz zombava de minha esquerda.

Girei Kiki a tempo de ver um homem tomar forma em meio a um raio de luar azulado. Alto o suficiente para me fitar nos olhos sem ter de erguer a cabeça, a pele no homem nu era cor de índigo, e desprovida de pelos. Sua cabeça careca reluzia de suor e eu podia notar a força contida nos seus poderosos músculos. Porém seu rosto redondo trazia uma expressão divertida, e eu não sentia nenhum perigo imediato vindo dele. Pura energia mística irradiava dele; sendo assim, achei que pudesse estar influenciando minhas emoções.

Ergui o cajado.

— Quem é você, e o que quer? — exigi saber.

Reluzentes dentes brancos brilharam quando ele sorriu.

— Sou o seu Tecelão de Histórias.

OLHEI PARA LEIF; sua expressão alarmada transformara-se em medo. A cor desapareceu de seu rosto quando ele olhou de mim para o grande homem cor de índigo, cuja pele pintada e a falta de roupas me fizeram pensar no atacante de Tula, porém seu corpo era mais musculoso e cicatrizes lhe cortavam os braços e as pernas. Contudo, nenhuma tatuagem.

Com minha barreira mental erguida, mantive o cajado em posição de defesa, mas o homem permaneceu relaxado. Eu também estaria relaxada, caso tivesse acesso à quantidade de poder místico sob seu controle. Ele não precisava se mover; poderia nos matar com uma simples palavra. O que me levava a perguntar: por que ele estava aqui?

— O que você quer? — indaguei.

— Vá embora — Leif disse para o homem. — Você só faz causar problemas.

— Suas histórias se emaranharam e se ataram uma à outra — disse o Tecelão de Histórias. — Estou aqui como guia, para mostrar-lhes como desembaraçá-las.

— Expulse-o — Leif me disse. — Ele tem de obedecê-la.

— Tem mesmo?

Parecia tão fácil.

— Se deseja que eu vá embora, eu irei. Mas você e seu irmão não terão permissão para entrar na nossa aldeia. A alma deturpada dele nos causa dor, e você está vinculada a ele.

Fitei confusa o Tecelão de Histórias. Suas palavras não faziam sentido. Amigo ou inimigo?

— Disse que estava aqui para nos guiar. Até onde?

— Expulse-o, agora! — Leif gritou. — Ele a enganará. Provavelmente está em conluio com o sequestrador de Tula e está tentando nos atrasar.

— Seu medo permanece forte — o Tecelão de Histórias disse para Leif. — Você não está preparado para encarar sua história, preferindo, em vez disso, cercar-se de nós. Algum dia, eles o estrangularão. Sua escolha foi recusar nossa ajuda, porém seus emaranhados ameaçam sufocar sua irmã, sugando-lhe a vida. Isso precisa ser corrigido. — Estendendo a mão para mim, ele disse. — Você está pronta. Deixe Kiki e venha comigo.

— Para onde?

— Para ver sua história.

— Como? Por quê?

O Tecelão de Histórias recusou-se a responder. Ele irradiava uma tranquila paciência, como se fosse capaz de passar a noite inteira de pé ali, com o braço estendido, aguardando.

Kiki olhou para mim.

Vá com Homem da Lua, ela insistiu. *Faminta. Cansada. Quero Topaz.*

Cheiro? Ruim?, indaguei.

Estrada dura, mas Moça Alfazema forte. Vá.

Devolvi o cajado à alça e desmontei.

— Yelena, não! — Leif gritou.

Ele segurava as rédeas de Rusalka bem junto ao peito.

Detive-me, surpresa.

— É a primeira vez que me chama pelo nome. *Agora* você se preocupa com o que possa acontecer comigo? Lamento, mas é tarde

demais no jogo para isso funcionar. Francamente, não quero ter que lidar com seus problemas. Os meus já são mais do que suficientes. E temos de encontrar o agressor de Tula antes que ele sequestre outra moça; sendo assim, é imperativo que sejamos recebidos pelos anciões do clã. Se isso é o que preciso fazer, que assim seja. — Dei de ombros. — Além do mais, Kiki me disse para ir.

— E prefere dar ouvidos a um cavalo em vez de ao seu irmão?

— Até agora, desde que cheguei em Sitia, meu irmão se recusou a admitir qualquer vínculo comigo. Confio em Kiki. — Leif bufou de irritação.

— Você passou a vida em Ixia. Nada sabe a respeito desses Sandseed.

— Aprendi em quem confiar.

— Em um cavalo. Você é uma tola.

Ele sacudiu a cabeça.

Não havia por que lhe dizer que eu confiara em um assassino, uma feiticeira que tentara me matar duas vezes e em dois soldados que haviam me capturado na Floresta da Serpente. Todos os quatro eram agora as pessoas mais queridas que eu tinha no mundo.

— Quando estarei de volta? — perguntei ao Tecelão de Histórias.

— Com o primeiro raio do sol.

Desselei Kiki e lhe dei uma rápida escovada enquanto ela comia um pouco de aveia. Em seguida, troquei a saca de comida pela de água. Ela a esvaziou, e coloquei as sacas vazias perto do seu equipamento.

Aprensão com relação à estranha viagem começou a me dar um frio na barriga.

Espera por mim?, perguntei a Kiki.

Ela bufou e me acertou com o rabo, afastando-se para ir em busca de um pouco de grama suculenta para pastar. Quem mandou eu fazer uma pergunta tão boba?

Fitei o olhar duro de Leif por um instante, depois caminhei até o Tecelão de Histórias. Ele não se movera. Kiki o chamara de Homem da Lua. Antes de tomar sua mão, perguntei:

— Qual é o seu nome?

— Homem da Lua serve.

Estudei a cor de sua pele.

— Por que cor de índigo?

Um sorriso lento desenhou-se nos seus lábios.

— Uma cor refrescante para ajudar a acalmar as chamas entre você e seu irmão. — Depois, com um olhar encabulado, acrescentou: — É a minha favorita.

Pousei a mão na dele, cuja palma parecia ser de veludo. Seu calor penetrou até os ossos e subiu pelo meu braço. A magia tremulou e o mundo ao redor de nós derreteu. Comecei a relaxar, sentindo meu corpo ficando mais solto e esticado, como se houvesse se transformado em um fio. Os filamentos individuais que se cruzavam na história de minha vida começaram a se separar e a se bifurcar, de modo que pude ver os muitos acontecimentos que formaram minha vida.

Parte de minha história era familiar. Busquei as lembranças agradáveis, observando-as como se estivesse do outro lado de uma janela.

É por isso que precisa de mim, a voz do Homem da Lua ecoou durante a cena que se desenrolava diante dos meus olhos. Você ficaria aqui. Meu trabalho é guiá-la até o filamento correto.

As lembranças se fundiram ao meu redor. Fechei os olhos quando as imagens começaram a girar. Quando senti o ar acalmar-se novamente, voltei a abri-los.

Estava sentada no centro de uma sala de estar. Sofás feitos de cipós e uma mesa com tampo de vidro me cercavam. Um menino de cerca de 8 ou 9 anos de idade estava deitado no chão de madeira, diante de mim. Usava calça curta verde. Com as mãos atrás da cabeça e os cotovelos abertos, ele fitava o teto coberto de folhas. Cerca de dez dados de ossos estavam espalhados pelo chão.

— Estou entediado — o menino disse.

A resposta apropriada apareceu na minha cabeça.

— Que tal Uns? Ou Dois Através do Crânio?

Peguei os dados e comecei a sacudi-los.

— Jogos de criança — ele disse. — Vamos descer até o chão da selva e explorar!

Leif ficou de pé.

— Não sei. Que tal irmos balançar com Nutty?

— Se quer brincar de coisas de bebê com Nutty, vá em frente. Eu vou explorar e, provavelmente, fazer uma grande descoberta. Talvez encontre uma cura para a doença da deterioração. Ficarei famoso. Provavelmente me elegerão o próximo líder do clã.

Não querendo perder nenhuma descoberta importante, e a fama resultante, concordei em acompanhá-lo. Avisando rapidamente a nossa mãe, deixamos a moradia nas árvores e descemos a escada dos Palms até a região mais fresca do chão da selva. O solo macio parecia esponjoso sob meus pés descalços.

Segui Leif através da selva, maravilhando-me com a energia da juventude que percorria meu corpo de 6 anos de idade. Parte de mim sabia a verdade, que eu era mais velha e que não estava realmente ali, que aquilo era uma visão. No entanto, percebi que não me importava, e dei cambalhotas pela trilha da selva apenas para me divertir.

— Isso é sério — Leif me censurou. — Somos exploradores. Precisamos recolher amostras. Você reúne folhas, enquanto eu procuro pétalas de flores.

Quando ele se virou, mostrei a língua para ele, mas, mesmo assim, peguei algumas folhas de árvore. Um movimento rápido entre os galhos me distraiu. Fiquei imóvel, examinando a região. Dependurado em um galho estava um jovem valmur preto e branco. Seus olhos castanhos arregalados me fitavam.

Sorri e assoviei para a criatura. Ela subiu um pouco mais na árvore e, depois, voltou a olhar para mim, enquanto sacudia a cauda comprida. O animal queria brincar. Eu o segui, copiando seus movimentos ao atravessar a selva. Escalamos cipós, nos balançamos e contornamos as raízes protuberantes de uma enorme árvore de pau-rosa.

Detive-me ao escutar uma voz distante. Esforçando-me para escutar, ouvi Leif me chamando. Eu o teria ignorado; afinal, brincar era mais divertido do que colher folhas, mas achei que ele falara algo a respeito de uma árvore de ilangue-ilangue. Mamãe nos prepararia deliciosas tortas de fruta se nós lhe trouxéssemos flores de ilangue-ilangue para os perfumes dela.

— Estou indo! — gritei, saltando para o chão da selva.

Quando me virei para acenar para o pequeno valmur, ele se assustou e subiu em disparada na árvore de pau-rosa. Fui tomada de inquietação. Vasculhei os galhos próximos, procurando cobras colares, o principal predador dos valmurs. Com meu olhar fixo na copa das árvores, quase esbarrei em um homem.

Sobressaltada, dei um salto para trás. Ele estava sentado no chão, com uma das pernas estendida e a outra encolhida perto do corpo. Suas mãos seguravam o tornozelo esquerdo. Rasgadas e manchadas de suor e terra, suas roupas estavam em frangalhos. Folhas e pedaços de plantas estavam presos no seu cabelo negro.

Minha parte adulta gritou: Mogkan! Corra! Mas minha parte criança continuava sem medo.

— Graças aos céus! — Mogkan exclamou, o alívio apagando a preocupação de seu rosto. — Estou perdido. Acho que quebrei o tornozelo. Pode me ajudar?

Assenti.

— Vou buscar meu irmão...

— Espere. Primeiro, ajude-me a levantar.

— Por quê?

— Para ver se consigo caminhar. Se meu tornozelo realmente estiver quebrado, vai ter de ir buscar mais ajuda.

Minha consciência adulta sabia que ele estava mentindo, mas não consegui evitar que minha parte infantil se aproximasse. Estendi a mão; ele a agarrou e me puxou para si. Com um movimento rápido, me agarrou e abafou meu grito com um pano úmido. Ele o pressionou de encontro à minha boca, forçando um aroma doce em minhas narinas.

A selva começou a girar ao meu redor. Fique acordada! Fique acordada!, gritei para meu corpo, mas a escuridão foi se aproximando cada vez mais.

Debatendo-me nos braços de Mogkan, meu eu adulto sabia o que aconteceria em seguida. Mogkan me levaria até Ixia, onde eu seria criada no orfanato do pai de Reyad, o general Brazell, para que quando eu atingisse a maturidade eles pudessem tentar arrancar a magia de mim, como se estivessem ordenhando uma vaca. Tudo para que Mogkan pudesse aumentar seus poderes mágicos e ajudar Brazell a assumir o controle do comandante Ambrose e de Ixia. Saber o final da história não me fazia sentir melhor com relação ao meu rapto.

O rosto de Leif nos arbustos foi a última coisa que minha parte criança viu antes de ser tragada pela escuridão. E isso foi verdadeiramente horripilante.

A visão desapareceu. Eu estava em uma planície escura ao lado do Homem da Lua.

— Leif viu o que aconteceu comigo? — perguntei ao Tecelão de Histórias.

— Viu.

— Por que ele não contou para nossos pais? Eles poderiam ter enviado um grupo de resgate, ou tentado me salvar. Era melhor para eles saber o destino da filha, em vez de passar anos tentando adivinhar.

Ao pensar em Leif, senti meu ressentimento aumentar. Ele me roubara a chance de ter uma infância normal, de ter um quarto e pais amorosos, de aprender sobre a selva com meu pai, e de destilar perfumes com minha mãe, de me balançar nas árvores com Nutty e de aprender brincadeiras, em vez de decorar o Código de Conduta de Ixia.

— Por quê? — exigi saber.

— Essa é uma pergunta que tem de fazer para ele.

Sacudi a cabeça.

— Ele devia me odiar. Ficou feliz de me ver sequestrada. Isso explica sua raiva quando voltei para Sitia.

O Homem da Lua disse:

— Ódio e raiva são algumas das emoções que sufocam seu irmão, mas não são todas. A resposta fácil jamais é a resposta correta. Precisa libertar seu irmão dos nós antes que ele se enforque.

Pensei em Leif. Ele me ajudara com Tula, mas podia ter mentido sobre seus motivos, do mesmo modo que mentira para nossos pais, durante 14 anos. Minhas interações com ele desde que retornara a Sitia haviam sido quase todas desagradáveis. E a única lembrança que eu tinha de Leif de minha época antes de Ixia fazia meu sangue ferver de fúria. Talvez se eu tivesse mais lembranças de minha infância.

— Por que não consigo me lembrar de minha vida antes de Mogkan me raptar? — perguntei.

— Mogkan usou magia para reprimir todas as suas lembranças, para que acreditasse nele e permanecesse no orfanato.

Fazia sentido. Caso me lembrasse de ter uma família, teria tentado fugir.

— Quer tais lembranças de volta? — ele perguntou.

— Quero!

— Prometa que ajudará seu irmão, e eu as libertarei.

Considerarei a oferta.

— Como faço para ajudá-lo?

— Você achará um jeito.

— Como somos enigmáticos.

Ele sorriu.

— É a parte divertida do meu trabalho.

— E se eu me recusar a ajudá-lo?

— A decisão é sua.

Bufei de frustração.

— Por que se importa com isso?

— Ele buscou aliviar o sofrimento nas Planícies Avibian. Tentou se suicidar. Sua necessidade de ajuda me atraiu até ele. Ofereci meus

serviços, porém o medo apertou seu coração, e ele recusou. Sua dor ainda me alcança. Um trabalho inacabado. Uma alma perdida. Enquanto ainda houver tempo, farei o que puder, mesmo que tenha de negociar com uma Descobridora de Almas.

— DESCOBRIDORA DE ALMAS? — O medo subiu pela minha coluna.
— Por que vivo escutando tal nome? — perguntei ao Tecelão de Histórias.

Ainda estávamos postados na extensão desprovida de características, semelhante à superfície de um lago congelado.

— Porque você é uma — ele respondeu, sem rodeios e em um tom trivial.

— Não — protestei, lembrando-me do horror e do desdém estampados no rosto de Hayes ao mencionar pela primeira vez o título para mim.

Ele falara em acordar os mortos.

— Eu lhe mostrarei.

A planície lisa sob nossos pés ficou transparente e, através dela, pude ver meu amigo ixiano, Janco. Seu rosto pálido era uma careta de dor e seu sangue jorrava pela ferida causada pela espada enterrada em sua barriga. A cena mudou para o comandante Ambrose, deitado imóvel sobre a cama; seu olhar vidrado. Depois, vi meu próprio rosto quando estava postada diante do inconsciente general Brazell. Meus olhos verdes adquiriram uma intensidade súbita, como se eu houvesse acabado de ter uma epifania. Uma

breve imagem de Fisk, o menino mendigo, carregando seus embrulhos e sorrindo. Depois, o retrato de Tula, deitada na sua cama, toda quebrada. As imagens desapareceram, e o solo retornou.

— Você já encontrou cinco almas — o Homem da Lua disse.

— Mas eles não estavam...

— Mortos?

Assenti.

— Por acaso sabe o que é um Descobridor de Almas? — ele perguntou.

— Eles acordam os mortos? — Quando ele ergueu uma sobrancelha, sem nada comentar, eu disse: — Não, não sei.

— Precisa aprender.

— E me contar seria fácil demais, não é? Acaba com a diversão de ser um misterioso Tecelão de Histórias.

Ele sorriu.

— E quanto ao meu acordo? As lembranças de criança em troca de sua ajuda com Leif.

Simplemente escutar o nome dele fez com que meu corpo fosse tomado de raiva. Meus motivos para ter ido até Sitia haviam sido tão simples. Primeiro, para sobreviver, fugindo da ordem de execução do Comandante. Segundo, para aprender a usar minha magia e para conhecer minha família. Talvez, ao longo do caminho, eu desenvolvesse algum vínculo com o mundo sulista. Talvez não.

Meus planos pareceram simples e diretos, porém minha estrada insistia em dar voltas e eu acabava sempre caindo nas suas armadilhas. Agora, sentia-me atolada na lama, no meio do nada. Perdida.

— Sua trilha é clara — disse o Homem da Lua. — Precisa encontrá-la.

E a melhor maneira de encontrar algo que perdera era retornar ao último lugar onde se lembrava de ter estado com ela. No meu caso, precisava começar bem do início.

— Prometo tentar ajudar Leif — disse.

Aromas e maciez apossaram-se de minha mente, quando as lembranças de minha infância adquiriram vida. Perfume de Apple Berry misturado com o aroma almiscarado de terra. Gargalhadas e a pura alegria de balançar pelo ar seguiram uma discussão com Leif por causa da última manga. Brincando de pique-esconde com Leif e Nutty, agachados em galhos de árvore para emboscar os irmãos de Nutty durante uma batalha de mentirinha. Como meus braços doeram ao serem atingidos pelas avelãs, quando os irmãos descobriram nosso esconderijo, lançando um ataque. O ruído da lama, quando o líder de nosso clã cavou a cova de meu avô. O som tranquilizador da voz de minha mãe ao cantar para me ninar. As lições com Esau sobre as diferentes espécies de folhas e todas as suas propriedades medicinais.

Toda a felicidade, tristeza, dor, medo e emoções da infância retornaram. Eu sabia que, com o tempo, algumas lembranças desapareceriam, porém outras permaneceriam comigo para sempre.

— Obrigada — eu disse.

O Tecelão de Histórias inclinou a cabeça. Ele estendeu a mão, e eu a agarrei. A planície escura desapareceu, e formas brotaram do chão. Cores retornaram, quando os primeiros raios do sol despontaram no horizonte.

Pisquei os olhos, tentando me orientar. A clareira onde deixara Kiki e Leif havia mudado. Grandes tendas circulares formavam um anel ao redor de uma enorme fogueira. Formas de animais marrons haviam sido pintadas na lona branca das barracas. Pessoas de pele escura rodeavam o fogo alto. Algumas cozinhavam, enquanto outras cuidavam de crianças. Algumas usavam roupas, enquanto outras nada usavam. As roupas eram feitas de algodão branco. As mulheres usavam vestidos sem manga que desciam até os joelhos ou túnicas e calças curtas, como os homens.

Próximos à fogueira, Irys e Cahil estavam sentados de pernas cruzadas acompanhados de dois homens mais velhos e de uma mulher. Estavam tão entretidos com sua conversa que não me viram. Não consegui avistar Leif e seu cavalo, mas Kiki estava ao lado de

uma das tendas. Uma mulher usando calça curta estava escovandoa. Seu cabelo castanho batia na altura do pescoço.

Sobressaltei-me ao notar que o Homem da Lua não estava mais ao meu lado. Na verdade, não conseguia avistá-lo em lugar algum da pequena aldeia. Talvez ele tivesse entrado em uma das tendas.

Sem querer interromper Irys, decidi ver como Kiki estava. Ela relinchou de alegria ao me ver. A mulher parou de escovar-lhe o pelo. Ela me estudou em silêncio.

Quem é esta?, perguntei para Kiki.

Mãe.

— Esta égua é sua? — a mulher perguntou.

Com cada palavra a modulação de sua voz subia e descia, e havia uma ligeira pausa entre elas.

Lembrei-me das instruções de Irys sobre os Sandseed na noite anterior. A mulher falara primeiro; sendo assim, acho que não havia problemas em responder.

— Eu sou dela.

Ela riu, fungando ligeiramente.

— Eu a criei, ensinei o que pude e a encaminhei na sua jornada. É um prazer voltar a vê-la. — A mulher chutou a sela no chão. — Ela não precisa disso. Flutuará sob você como uma rajada de vento.

— Isso é para mim. E para os nossos suprimentos.

Outra fungada divertida. Ela terminou de escová-la. Kiki virou os olhos azuis para ela, e a compreensão se estampou no rosto da mulher. Com uma exclamação de alegria, ela subiu no lombo de Kiki.

Divirtam-se, disse para Kiki, enquanto ela corria pela grama alta.

— Acha uma boa ideia? — Cahil perguntou. Ele viu Kiki desaparecer ao redor de uma colina. — E se a mulher não voltar?

— Não me importo se ela voltar ou não.

Dei de ombros, olhando para além de Cahil. Irys e os três Sandseed estavam de pé ao redor da fogueira. Ainda estavam em conversa profunda. Um dos homens gesticulava com o que parecia ser raiva.

— Você não liga se ela roubar Kiki?

Em vez de tentar explicar para Cahil meu relacionamento com Kiki, examinei-lhe o rosto. A tensão repuxara seus olhos concedendo-lhe uma expressão determinada. Seu olhar movia-se rapidamente pelo acampamento, como se estivesse esperando ser atacado.

— O que está acontecendo? — perguntei, inclinando minha cabeça na direção de Irys.

— Noite passada, montamos acampamento e aguardamos você e Leif. Fiquei preocupado quando não nos alcançaram, mas Irys parecia estar tranquila. E, então, esse grupo de Sandseed chegou ao nosso acampamento. Esses são os líderes do clã. Eles viajam de aldeia para aldeia, resolvendo disputas, trazendo notícias e produtos. Foi muito conveniente eles terem nos achado. Acho que estão escondendo alguma coisa.

A cara amarrada de Cahil me fez lembrar do meu irmão.

— Onde está Leif?

A preocupação estampou-se no seu rosto.

— *Eles* disseram que ele voltou para a Fortaleza. Por que Leif faria isso?

Porque ele, também, sentiu medo. Contudo, eu disse:

— Provavelmente queria entregar logo as amostras de solo vermelho para Bain.

Cahil não pareceu convencido. Antes que eu pudesse lhe fazer mais perguntas, Irys terminou sua conversa e veio se juntar a nós.

— Eles estão aborrecidos — ela informou.

— Por quê? — perguntei.

— Acham que os estamos acusando de dar o curare para o agressor de Tula. E as tentativas de Cahil de recrutá-los para sua causa os irritaram. — Irys lançou um olhar de censura a Cahil. — Pensei que quisesse nos acompanhar para conhecer outra parte de nossa cultura. Sua obsessão egoísta de reunir um exército colocou em risco a nossa missão.

Cahil não parecia arrependido.

— Eu não teria de reunir um exército se tivesse o apoio do conselho. Você...

— Silêncio!

Irys cortou o ar com a mão e senti sua magia roçar em mim.

Manchas vermelhas apareceram nas faces de Cahil enquanto ele tentava falar.

— Apesar de todo meu treinamento diplomático, não consegui que me contassem nada. Cahil os ofendeu. Eles agora só falarão com você, Yelena.

— Será que devemos começar a planejar nossa rota de fuga agora? — indaguei.

Ela riu.

— Podemos atirar Cahil na frente deles para atrasá-los.

Cahil lançou um olhar cheio de veneno para Irys.

— Você tem uma ligeira vantagem, Yelena — ela explicou. — Eu posso ser uma Mestra Feiticeira, e membro do conselho, mas você é parente de sangue. Aos olhos dele, um parente é mais importante do que um mestre.

Irys sacudiu a cabeça de frustração.

— Parente? — perguntei.

— Cerca de quinhentos anos atrás, um grupo de Sandseed decidiu se mudar para a selva. Os Sandseed são nômades por natureza, e há muitos grupos que se separaram do clã principal para encontrar seu próprio rumo. A maioria não mantém contato com o clã principal, porém alguns, como os Zaltana, o fazem. Tente apenas descobrir alguma informação sem sugerir que os Sandseed estejam envolvidos. Escolha cuidadosamente suas palavras.

Irys deve ter notado o ceticismo em meu rosto, pois acrescentou:

— Considere sua primeira lição em diplomacia.

— Vendo como você se saiu bem com eles, estou surpresa de não me sentir mais confiante.

— Evite sarcasmo.

— Que tal você vir comigo? Sendo assim, quando eu começar a falar alguma bobagem, você pode agitar a mão e me silenciar

também.

Um sorriso sardônico apareceu no seu rosto.

— Pediram-me para ir embora, e para levar o “cachorrinho irritante” comigo. Você está por conta própria. Não serei capaz de alcançar sua mente através dessa bolha de magia Sandseed; sendo assim, nos encontraremos nos limites das Planícies Avibian, perto de Blood Rock.

Irys plantou na minha mente a imagem da estrutura de veios brancos pela qual Kiki e eu passamos dois dias atrás.

Cahil acenou com os braços e apontou para a própria garganta. Irys voltou a suspirar.

— Só se você prometer não falar mais em exércitos até estarmos de volta à Cidadela.

Ele assentiu.

— Yelena, deixarei que você liberte a voz dele — A Quarta Feiticeira disse.

Outra lição. Acalmei meus pensamentos nervosos com relação ao meu encontro com os anciões antes de abrir minha mente para a magia. Energia mística pulsava ao meu redor, mas pude notar um fino fio de poder enrolado no pescoço de Cahil. Puxando o poder para mim, libertei sua voz.

— Muito bom — Irys elogiou.

As orelhas de Cahil ainda estavam vermelhas, mas ele teve o bom-senso de falar em um tom contido:

— Se me permitem indicar o óbvio, deixar Yelena sozinha é perigoso — afirmou.

— Não tenho escolha — Irys disse. — Eu poderia forçá-los a me contar o que sabem, mas os Sandseed considerariam isso um ato de guerra. Nesse caso, você jamais teria seu exército, Cahil, pois estaríamos ocupados demais tentando evitar que os Sandseed tenham sua vingança de sangue contra todo mundo em Sitia. — Ela virou-se para mim. — Yelena, boa sorte. Teremos muito que conversar quando nos alcançarmos. Cahil, vá selar Topaz.

Irys afastou-se assoviando para chamar o próprio cavalo.

Uma expressão teimosa apossou-se do rosto de Cahil, e ele cruzou os braços diante do peito.

— Eu deveria ficar. Alguém precisa cobrir sua retaguarda. Tática militar básica. Sempre tenha um parceiro.

— Cahil, há tanta magia no ar por aqui que os Sandseed poderiam fechar minha traqueia e não haveria nada que você e nem ninguém pudesse fazer a respeito.

— Sendo assim, venha conosco.

— E quanto a Tula, ou à próxima vítima do assassino? Tenho de tentar.

— Mas o risco...

— Viver é um risco. Cada decisão, cada interação, cada passo, cada vez que sai da cama de manhã, está correndo risco. Sobreviver é saber que está correndo tal risco e não sair da cama se agarrando a ilusões de segurança.

— Sua visão de vida não parece muito reconfortante.

— Não é para ser. A questão toda é essa. — Antes que Cahil pudesse dar início a uma discussão filosófica, tentei enxotá-lo: — Agora, vá antes que Irys perca a paciência com você novamente.

Cortei o ar com a mão, como Irys fizera antes.

Ele segurou meu pulso.

— Ah, não. Nem tenta! — Ele segurou minha mão por um instante. — Se os Sandseed a machucarem, eles experimentarão um pouco da minha vingança de sangue. Tenha cuidado.

Recolhi a mão.

— Sempre.

Todas aquelas preocupações sobre ofender os Sandseed retornaram quando observei Cahil e Irys cavalgarem embora. Revi as instruções de última hora de Irys sobre como lidar com os anciões do clã. Olhei ao redor, tentando imaginar o que eu deveria fazer.

Os Sandseed trabalhavam em sua aldeia temporária com eficiência tranquila. Minha fome foi despertada quando senti o aroma de carne assando, e me dei conta de que não comera desde

que paráramos para almoçar no dia anterior. Deixei minha mochila ao lado da sela de Kiki e procurei algo para comer, mas sentar provou ser uma má ideia, visto que a exaustão ameaçou apossar-se de meu corpo. Permiti que minhas novas lembranças de infância circulassem na minha mente, e me contentei em reviver algumas delas. Usando a sela como travesseiro, estiquei-me sobre a grama, sem me dar ao trabalho de estender minha capa. Era estranho que eu me sentisse tão segura ali.

Mas não estava a salvo de meus pesadelos. Caçada por uma onda sibilante de cobras, atravessei correndo a selva. Elas se enroscavam ao redor dos meus tornozelos, puxando-me para baixo. Incapaz de me mover, elas fincaram as presas pingando curare na minha pele.

— Venha conosco — as cobras sibilaram.

— Prima? — uma voz tímida perguntou.

Uma mulher pequena com olhos grandes recuou alarmada. Seus cabelos castanhos com reflexos amarelados e presos para trás com uma tira de couro. Manchas cobriam o tecido branco do seu vestido.

— Os anciões a receberão agora.

Olhei para o céu, mas nuvens obscureciam o sol.

— Quanto tempo eu dormi?

A mulher sorriu.

— O dia todo. Venha comigo, por favor.

Olhei para meu cajado, sabendo que seria um insulto trazê-lo comigo, mas, mesmo assim, querendo fazê-lo. Com relutância, eu o deixei no chão e segui a mulher. Perguntas passavam em alta velocidade pela minha cabeça enquanto passávamos pelas tendas. Mordi o lábio inferior para me impedir de fazê-las. Espere, espere, pensava, acalmando minha impaciência. Infelizmente, diplomacia era uma dança que eu precisava aprender.

A mulher deteve-se diante da maior das tendas. Os desenhos de animais cobriam quase que por completo o tecido branco. Ela afastou uma aba e gesticulou para que eu entrasse. Adentrei a tenda, aguardando que minha visão se acostumasse com a luz fraca.

— Pode se aproximar — disse uma voz masculina do outro lado da tenda.

Enquanto avançava até o fundo, examinei o interior da barraca. Tapetes marrons e castanhos com complexas estampas geométricas cobriam o chão da tenda redonda. Avistei alguns colchonetes e almofadas coloridas à esquerda. Almofadas maiores à direita cercavam a mesa baixa, e candelabros com compridas borlas vermelhas pendiam do teto.

Sentados enfileirados e com as pernas cruzadas sobre uma esteira preta e dourada estavam dois homens e uma mulher. Um eu reconheci. O Homem da Lua sorriu para mim entre a mulher e o outro homem. Sua pele agora estava pintada de amarelo. Rugas marcavam o rosto do outro homem e o cabelo da mulher estava salpicado de grisalho. Ambos usavam mantos vermelhos.

Detive-me chocada quando a súbita imagem de minhas vestes de prisão vermelha, rasgadas e ensanguentadas, me veio à cabeça. Não pensara naquela vestimenta desde que Valek me oferecera a opção de ser executada ou de me tornar a provadora de comida do Comandante. Eu me desfizera dela e aceitara o uniforme ixiano sem sequer olhar para trás. Estranho pensar nisso agora. Ou será que o Tecelão de Histórias puxara tais pensamentos de minha mente? Fitei o Homem da Lua com desconfiança.

— Sente-se — a mulher disse.

Ela gesticulou na direção de um pequeno tapete circular no chão, diante deles.

Acomodei-me na mesma posição que meus anfitriões.

— Uma Zaltana que viajou até bem longe. Você retornou aos seus antepassados em busca de orientação — o homem disse.

Seus olhos escuros brilhavam com conhecimento, e seu olhar penetrou minha alma.

— Busco compreensão — retruquei.

— Sua jornada deturpou e retorceu. Sua jornada a manchou com sangue, dor e morte. Você precisa ser purificada.

O homem assentiu para o Tecelão de Histórias.

O Homem da Lua ficou de pé. De sob o tapete, ele puxou uma cimitarra. O fio cortante da comprida lâmina reluziu sob a luz das velas.

O HOMEM DA Lua avançou. Ele pousou a lâmina curva da cimitarra sobre meu ombro esquerdo, com a borda cortante perigosamente perto do meu pescoço.

— Está pronta para ser purificada? — ele perguntou.

Senti um aperto na garganta.

— O quê? Agora?

Minha boca se atrapalhou com as palavras. Toda a lógica me escapou.

— Arrancaremos as manchas de sangue, dor e morte de você. Tiraremos seu sangue e lhe causaremos dor. Você se redimirá por seus erros com sua eventual morte e será acolhida no céu.

Uma palavra atravessou a confusão de medo que se instalara na minha cabeça. Uma clareza súbita colocou meus pensamentos em foco. Fiquei de pé com deliberado cuidado, tentando não empurrar a arma, e dei um passo para trás. A lâmina permaneceu estendida no ar.

— Não tenho erros de que preciso me redimir. Não carrego remorso pelos meus atos passados, e, sendo assim, não preciso ser purificada.

Preparei-me para a reação deles. Para o inferno com a diplomacia.

O Homem da Lua sorriu, e os dois anciões assentiram em sinal de aprovação. Confusa, observei-o devolver a cimitarra para debaixo da esteira e voltar à sua posição inicial.

— Essa é a resposta correta — ele disse.

— E se eu houvesse concordado?

— Neste caso, nós a teríamos mandado embora com apenas alguns comentários obscuros para você considerar. — Ele riu. — Devo admitir que estou ligeiramente desapontado. Trabalhei a tarde toda em tais comentários.

— Sente-se — a mulher ordenou. — O que você busca compreender?

Escolhi cuidadosamente minhas palavras ao me sentar na esteira.

— Uma fera vem fazendo vítimas entre as jovens de toda Sitia. Até hoje esse homem já matou dez e feriu uma. Quero detê-lo. Busco entender quem ele é.

— Por que veio até nós? — a mulher perguntou.

— Ele tem usado uma certa substância como arma. Tenho receio de que ele possa ter roubado de um dos membros do seu clã.

Aguardei, torcendo para que a palavra “roubado” não sugerisse responsabilidade.

— Ah, sim, essa substância — disse o ancião. — Uma bênção e uma maldição. Um pacote de Esau Liana Sandseed Zaltana chegou em uma de nossas aldeias perto do Platô Daviian. A aldeia pouco depois foi atacada pelos Vermes Daviian. — O homem idoso cuspiu no chão de terra. — Muitas coisas foram roubadas no ataque.

Seu desprezo por esses vermes era óbvio, mas, assim mesmo, perguntei:

— Quem são esses vermes?

Os anciões cerraram a boca, recusando-se a responder.

Franzindo a testa, o Homem da Lua os explicou para mim.

— São homens e mulheres jovens que se rebelaram contra nossas tradições. Eles romperam com o clã e se estabeleceram no platô, que não entrega o que produz sem luta. Os vermes preferem roubar de nós a trabalhar para plantar seus próprios alimentos.

— Poderia um deles ser o monstro que procuro?

— Poderia. Eles perverteram nossa arte de tecer magia. Em vez de beneficiar o clã, eles buscam aumentar o próprio poder, beneficiando apenas a si mesmos. A maior parte deles não possui o dom, contudo há alguns poucos que são muito poderosos.

A expressão feroz do Homem da Lua me deu uma ideia de como ele pareceria brandindo sua cimitarra em meio a uma batalha. Fixei a imagem de Ferde, o agressor de Tula, na minha mente.

— Ele é um deles? — perguntei.

A magia do Homem da Lua percorreu meu corpo.

O Homem da Lua grunhiu, depois deixou escapar um rosnado do fundo da garganta. Olhando para o homem mais velho, disse:

— Eles estão praticando o mal antigo. Precisamos detê-los.

Horrorizado, o homem respondeu:

— Tentaremos mais uma vez penetrar a tela mística deles. Nós os encontraremos. — Ele ficou de pé com graça e dignidade, fez uma mesura para mim e, depois, gesticulou para a mulher. — Venha, temos planos a fazer.

Eles deixaram a tenda. Homem da Lua e eu ficamos para trás.

— O mal antigo? — indaguei.

— Um terrível ritual antigo de vincular a alma de uma vítima a si mesmo e, depois, matá-la. Quando a vítima morre, sua magia passa para o assassino, aumentando seu poder. Os sinais vermelhos na sua fera são parte do ritual. — O Homem da Lua franziu a testa por um instante, antes de arregalar os olhos de preocupação. — Você disse que uma mulher foi ferida. Onde está ela agora?

— Na Fortaleza do Mago.

— Está sendo protegida?

— Está. Por quê?

— O que você procura não estará no Platô Daviian, estará na Fortaleza, aguardando outra chance de tomar a vida dela. Enquanto ela não morrer, ele será incapaz de vincular outras almas a si mesmo.

— Preciso voltar.

Saltei da pequena esteira, determinada a ir embora.

O Homem da Lua me segurou pelo ombro e me girou para que eu o fitasse.

— Não se esqueça de sua promessa.

— Não esquecerei. Primeiro Tula, depois Leif.

Ele assentiu.

— Posso pedir outro favor?

Hesitei. Pelo menos, ele não queria uma promessa.

— Pode pedir.

— Quando seu treinamento com a mestra Irys estiver completo, retornará a mim, para que eu possa lhe ensinar as artes místicas dos Sandseed? É parte de sua herança, e de seu sangue.

A proposta me pareceu interessante, mas seria ainda mais outra curva na minha jornada. A esse ritmo, eu duvidava que algum dia sequer terminaria meu treinamento. Se fosse me guiar pela história, veria que meu futuro tem a tendência de seguir em direções inesperadas.

— Eu tentarei.

— Ótimo. Agora vá!

Ele fez uma mesura, depois gesticulou para que eu deixasse a tenda.

Um frenesi de atividade apossara-se do acampamento. Tendas desarmadas cobriam o chão, enquanto os membros do clã se preparavam para partir. Ao procurar minha mochila, notei que o crepúsculo se aproximava. Encontrei Kiki. Ela estava selada e pronta para partir. Sua “mãe” de cabelos curtos estendeu as rédeas para mim.

Quando peguei as tiras de couro, ela disse:

— Não se sente na sela. Agache-se sobre ela, jogue seu peso para a frente, e ela voará até em casa com você.

— Obrigada.

Fiz uma mesura.

Ela sorriu.

— Vocês duas combinam bem. Fico satisfeita.

Com uma última carícia no pescoço de Kiki, a mulher virou-se para se juntar ao clã em seus esforços para levantar acampamento.

Montei em Kiki e tentei seguir as instruções dela. Logo perderíamos a luz do dia. Kiki virou a cabeça para a esquerda, fitando-me com um dos olhos azuis.

Alcançar Topaz? Silk?, perguntou.

Sim. Vamos voar!

Kiki pôs-se em movimento. A grama comprida tornou-se um borrão sob meus pés, até eu não conseguir mais enxergá-la na escuridão. Mantive a mesma posição enquanto cruzávamos as planícies. Sentia-me como se estivesse montando um furacão, em vez de um cavalo.

Quando a lua alcançou seu apogeu, senti a magia Sandseed ficar mais fraca e, em seguida, desaparecer. Sem estar cercada pelo poder deles, usei minha magia para procurar Irys.

Estou aqui, ela falou na minha mente, e, através de seus olhos, vi que eles haviam montado acampamento perto de Blood Rock.

Acorde Cahil, eu disse. *Temos de retornar à Fortaleza o mais rápido que pudermos. Tula ainda corre perigo.*

Ela está bem protegida.

Ele possui magia poderosa.

Estamos a caminho.

Enviei minha consciência na direção da Fortaleza, na esperança de alertá-los. Minha mente tocou na de Hayes, cochilando em seu escritório. Ele afastou-se de mim, horrorizado, e ergueu uma barreira mais forte. As defesas dos outros Mestres Feiticeiros eram tão bem construídas quanto as torres nas quais dormiam. Cansando-me com o esforço, recuei.

Assim que o céu começou a clarear, Kiki ultrapassou Irys e Cahil na estrada que levava à Cidadela. Mal tive tempo de me perguntar como ela fora capaz de fazer em uma só noite uma viagem de dois dias antes de passarmos em disparada pelos outros.

Precisa descansar?, perguntei, olhando para trás a tempo de ver Irys e Cahil acenando para que eu continuasse.

Não.

Mas minhas pernas ardiavam como se estivessem em chamas. Dirigi-lhes pensamentos tranquilos e refrescantes e a dor aliviou.

Assim que avistamos os portões de mármore da Cidadela, todo e qualquer desejo de descansar desapareceu de minha mente. Uma súbita e intensa sensação de impotência apossou-se de meu corpo. Tula. Lancei minha consciência na direção da Fortaleza, buscando alguém, qualquer um, para alertar. Os guardas com Tula não tinham magia. Apesar de poder ler a mente de pessoas que não eram feiticeiras, elas não conseguiam me "escutar". Desesperada, continuei buscando.

Minha mente encontrou a de Dax. Ele estava no meio de um treino de combate, aprendendo a defender e atacar com uma espada de madeira.

Tula!, gritei no interior de sua mente. Perigo! Consiga ajuda!

Pego de surpresa, ele largou a espada e foi atingido nas costelas pelo oponente.

Yelena?

Ele olhou ao redor, me procurando.

Tula está em perigo! Vá. Agora, ordenei.

Em seguida, minha conexão com ele foi rompida. Senti como se alguém houvesse colocado uma barreira de pedras entre nós.

O tempo pareceu desacelerar até se arrastar quando entramos na Cidadela e navegamos através das ruas movimentadas. Parecia que toda a população havia decidido ir às ruas. Seu caminhar desprovido de pressa entupia as vias de acesso.

O ar cintilava com a temperatura perfeita da estação refrescante, o que servia de perfeito contraste para o incêndio que se apossara de meu coração. Tive vontade de gritar para que a multidão se afastasse. Kiki, pressentindo minha ansiedade, acelerou o passo, empurrando os ociosos para fora do nosso caminho.

Deixamos para trás alguns impropérios. Kiki assustou os guardas na entrada da Fortaleza, quando ela se recusou a parar. Ela seguiu

direto para a enfermaria e até subiu os degraus, detendo-se apenas quando alcançamos a porta.

Saltei da sela. Correndo na direção do quarto de Tula, temi pelo pior ao avistar os guardas no chão do corredor. Saltei por sobre eles e irrompi no quarto dela. A porta bateu na parede. O barulho ecoou pelo mármore frio, mas não despertou Tula.

Seus olhos sem vida fitavam o infinito. Seus lábios pálidos estavam congelados em uma careta de horror e dor. Meus dedos procuraram sua pulsação. A pele parecia gelada e dura. Manchas roxas circundavam seu pescoço.

Tarde demais, ou, será que era mesmo? Pousei a mão no seu pescoço, acumulando poder em meu íntimo. Na minha mente, visualizei sua traqueia esmagada. Ela fora estrangulada. Enviei uma bolha de poder, na tentativa de inflá-la novamente, permitindo a passagem de ar para os pulmões. Concentrei-me no seu coração, desejando que voltasse a bater.

Seu coração bateu, e o ar encheu seus pulmões, contudo o vazio recusou-se a lhe abandonar os olhos. Esforcei-me mais. Sua pele aqueceu-se e readquiriu a cor. Seu peito subia e descia. No entanto, quando parei, seu sangue parou de fluir, e ela não voltou a respirar.

Ele lhe roubara a alma. Eu jamais conseguiria revivê-la.

Um braço pesado pousou no meu ombro.

— Não há nada mais que possa fazer — Irys disse.

Olhei ao redor. Atrás de mim estavam Cahil, Leif, Dax, Roze e Hayes. Eles praticamente lotavam o pequeno quarto e eu sequer lhes notara a chegada. A pele de Tula esfriou sob meus dedos. Afastei minha mão.

Uma intensa e esmagadora exaustão apossou-se de mim. Larguei-me no chão, fechei os olhos e repousei a cabeça nas mãos. Minha culpa. Minha culpa. Jamais deveria tê-la deixado sozinha.

O quarto encheu-se de som e atividade, mas, sentindo lágrimas escorrendo pelas minhas faces, ignorei tudo. Queria me dissolver para dentro do chão, misturando-me com a rocha dura. A rocha

tinha um único propósito: simplesmente existir. Nada de promessas complicadas, nada de preocupações ou sentimentos.

Encostei a face no mármore liso. O frio chegou a causar dor na minha pele febril. Apenas quando o barulho no quarto desapareceu é que abri os olhos. E vi uma folha de papel no chão, sob a cama de Tula. Deve ter caído quando tentei devolver a vida ao seu corpo. Estendi a mão para pegá-lo, pensando que pertencera a Tula.

As palavras escritas no papel abriram caminho através da névoa de minha dor como a cimitarra do Homem da Lua.

O bilhete dizia: *Estou com Opal. Trocarei Opal por Yelena Zaltana na próxima ascensão da lua cheia. Hasteie a bandeira de luto por Tula na torre da Primeira Feiticeira em sinal de concordância e Opal nada sofrerá. Mais instruções seguirão.*

— HASTEAREMOS A BANDEIRA de luto para Tula, mas não vamos trocar Yelena por Opal — Irys insistiu. — Temos duas semanas até a lua cheia. Isso deverá nos dar tempo para encontrar Opal.

Mais uma vez, argumentos exaltados ecoaram pela sala de assembleia dos feiticeiros. Zitora retornara de sua missão para o Conselho, de modo que todos os quatro Mestres Feiticeiros estavam presentes, assim como a família de Tula, Leif e o Capitão da guarda da Fortaleza.

Leif tentara me perguntar sobre os Sandseed antes do início da reunião, mas eu o interrompera com uma resposta zangada. Ainda não conseguia olhar para ele sem ver seu rosto de 8 anos de idade nos arbustos, observando meu sequestro sem nada fazer.

Os acontecimentos que se sucederam à minha descoberta do bilhete de resgate pareciam ter acontecido em um sonho. Assim que todo mundo se acalmou, os movimentos do assassino precedendo o ataque a Tula foram descobertos.

Ele conseguira uma posição entre os jardineiros da Fortaleza. Infelizmente, as pessoas com quem ele trabalhara não conseguiram chegar a um acordo quanto às suas feições, e, seguindo as suas

descrições, Bain desenhara quatro homens completamente diferentes. Também não conseguiram se recordar do seu nome.

Com dez almas místicas, Ferde obtivera poder suficiente para se equiparar a um Mestre Feiticeiro. Ele ocultou sua presença na Fortaleza com facilidade e confundiu aqueles com quem trabalhou.

Os guardas de Tula foram atingidos por pequenos dardos mergulhados em curare. Tudo que conseguiam se lembrar era de um dos jardineiros entregando algumas plantas medicinais para Hayes antes de seus músculos se paralisarem. O fato de Ferde ter conseguido se infiltrar na Fortaleza colocara os guardas em sérios apuros.

— Ele estava morando na Fortaleza, e nós não fazíamos ideia — Roze afirmou. Sua voz poderosa ecoou acima do murmurinho. — O que a faz pensar que poderemos encontrá-lo agora?

A mãe e o pai de Tula inspiraram horrorizados. Eles haviam chegado no dia anterior. A notícia do falecimento dela os abalara até o âmago. Eu podia ver nos seus rostos contorcidos, e nos seus olhares assombrados, que saber que o mesmo homem estava com Opal tornava a vida deles um verdadeiro pesadelo. Assim como a minha.

— Entregue-lhe Yelena — Roze disse para a sala agora silenciosa. — Ela foi capaz de animar Tula. Possui poder para lidar com esse assassino.

— Não queremos que ninguém mais seja ferido — disse o pai de Tula.

Ele estava usando uma túnica marrom lisa e calça. Suas enormes mãos eram ásperas de tão calejadas e de tantas marcas de queimaduras, evidências de uma vida inteira trabalhando com vidro derretido.

— Não, Roze — Irys protestou. — Ela ainda não possui total controle de sua magia. Provavelmente a razão principal para ele a querer. Se ele viesse a lhe roubar a magia, pense em como ficará poderoso.

Bain, que traduzira os desenhos no corpo do assassino, disse para o grupo na sala de assembleia que o propósito da missão do homem estava escrito na tatuagem. A informação de Bain confirmava o que o Homem da Lua me dissera.

Ferde realizara um antigo ritual de vinculação Efe que usava intimidação e tortura para transformar a vítima em um escravo voluntário. Após abrir mão de todo o livre-arbítrio, a vítima era assassinada e a magia de sua alma era direcionada para Ferde, aumentando seu poder. Seus alvos eram jovens de 15 e 16 anos de idade porque seu potencial místico ainda estava nascente.

A bile amarga agitava-se violentamente no meu estômago enquanto eu escutava a explicação de Bain. As táticas de Reyad e Mogkan em Ixia para aumentar a magia de Mogkan pareceram repugnantemente familiares. Embora não houvessem estuprado e nem assassinado suas 32 vítimas, arrancaram-lhe a alma com tortura, deixando-as incapazes de formar pensamentos. Algo igualmente horrível.

Ferde obtivera 11 almas. De acordo com o ritual, a décima segunda alma precisava ir até ele de livre e espontânea vontade. Nada de raptos para o ritual final, que, quando completo, lhe daria poder quase ilimitado.

O debate sobre o motivo de Tula ter sobrevivido ao ataque inicial levou à suposição de que Ferde estava para ser descoberto e teve de fugir antes de completar o ritual.

— Yelena deve ser protegida o tempo todo — Irys disse. Suas palavras me trouxeram de volta para a reunião. — Se não conseguirmos encontrá-lo, armaremos uma emboscada perto do local da troca e o pegaremos desse modo.

Os feiticeiros continuaram a discutir. Aparentemente, minha opinião de nada valeria no tocante aos planos. Ou eu encontraria Ferde, ou estaria no local da troca. Eu falhara para com Tula; não iria permitir que Opal sofresse o mesmo destino.

Um mensageiro do conselho chegou no final da reunião. Ele passou um papiro para Roze. Ela o leu e, depois, com o que parecia

ser nojo, empurrou o papel para Irys. Os ombros de Irys pareceram descair quando ela passou os olhos pelo documento.

O que mais deu errado?, perguntei.

Outra situação com a qual lidar. Esta aqui, contudo, não é de vida ou morte, apenas veio em péssima hora. Pelo menos, lhe dará outra oportunidade de praticar sua diplomacia.

Como?

Uma delegação ixiana deve chegar aqui dentro de seis dias.

Tão cedo?

Pensei que o mensageiro com a resposta do conselho houvesse acabado de partir.

Yelena, já faz cinco dias. É uma cavalgada de dois dias até a fronteira ixiana e mais meio dia até o castelo do Comandante.

Cinco dias. Tanta coisa acontecera nesses cinco dias que eu sentia como se tivesse vivido um único dia interminável. Também era difícil acreditar que eu já estava morando em Sitia há duas estações e meia. Cerca de meio ano se passara no que pareceram ser duas semanas. Minha saudade de Valek não diminuía, e imaginei se encontrar a delegação nortista não me faria sentir ainda mais falta dele.

Segui os outros para fora da sala. No corredor lá fora, Zitora entrelaçou o braço ao meu.

— Preciso de ajuda — ela disse, conduzindo-me para fora do prédio administrativo da Fortaleza e na direção da sua torre.

— Mas eu preciso...

— Descansar um pouco. E não vasculhar a Cidadela atrás de Opal

— Zitora retrucou.

— Sabe que vou fazer isso de qualquer jeito.

Ela assentiu.

— Mas não esta noite.

Um sorriso triste apareceu no rosto dela.

— Ajude-me com a bandeira de Tula. Acho que pedir aos pais dela apenas acrescentaria à sua dor.

Entramos na torre de Zitora e subimos dois lances de escada até o gabinete dela. Poltronas confortáveis e mesas cheias de material artístico e de costura ocupavam a grande câmara.

— Minhas habilidades de costura são limitadas — Zitora admitiu. Ela moveu-se pelo aposento, colocando tecido e linhas sobre a única mesa vazia próxima às cadeiras. — Mas não é por falta de prática. Consigo costurar e bordar, mas sou melhor desenhando. Quando tenho tempo, tenho experimentado com pinturas em seda.

Satisfeita com sua coleção, mexeu em outra pilha de tecidos e retirou de lá uma extensão de seda branca. Após tirar medidas, cortou nela um retângulo de um metro e meio por um metro.

— O fundo será branco para a pureza e inocência de Tula — Zitora explicou. — Yelena, o que devo colocar no plano de frente? — Ao notar a minha confusão, a Terceira Feiticeira esclareceu: — Uma bandeira de luto é a nossa maneira de honrar os mortos. É uma representação da pessoa. Nós a decoramos com as coisas que fizeram a vida da pessoa, e, quando hasteamos a bandeira bem alto, ela liberta seu espírito para o céu. Sendo assim, o que melhor representaria Tula?

Meus pensamentos na mesma hora se voltaram para Ferde. Uma cobra venenosa, chamas vermelhas para a dor e um jarro de curare, todos me vieram à mente. Franzi a testa, incapaz de imaginar o espírito de Tula livre. Devido à minha estupidez, ele fora aprisionado na escuridão da alma de Ferde.

— Ele é um demônio astuto, não é? — Zitora perguntou, como se pudesse ler meus pensamentos. — Ter a ousadia de morar na Fortaleza, ter a habilidade para matar sob nosso teto e ainda conseguir fazer com que você se culpe por isso. Eu diria que é um truque de mestre.

— Você está começando a falar como um certo Tecelão de Histórias que eu conheço — eu disse.

— Vou considerar isso um elogio — Zitora retrucou. Ela mexeu em uma pilha de coloridos quadrados de seda. — Vamos ver. Se você

houvesse dado ouvidos a Irys e ficado para trás, o assassino teria pegado tanto Tula *quanto* você.

— Mas eu havia recuperado minha energia — retruquei.

Irys aconselhara não mencionar a ajuda de Valek.

— Só porque queria seguir Irys.

Zitora ergueu uma das sobancelhas finas.

— Mas eu não teria ido de livre e espontânea vontade com Ferde.

— É mesmo? E se ele promettesse não matar Tula em troca de você?

Abri a boca, depois a fechei, ponderando. Ela tinha razão.

— Uma vez ditas as palavras ou agido de acordo, não há mais volta. O que vem após isso não mudará nada, e ele teria matado Tula de qualquer modo — Zitora afirmou. Ela enfileirou os quadrados coloridos ao longo da borda da mesa. — Se você tivesse ficado para trás, teríamos perdido as duas, e não teríamos as informações dos Sandseed.

— Está tentando me fazer sentir melhor?

Zitora sorriu.

— Agora, o que devemos colocar na bandeira de Tula?

A resposta me veio à mente:

— Madressilvas, uma única gota de orvalho sobre uma folha de grama e animais de vidro.

Opal me contara sobre os animais de vidro de Tula. A maioria Tula vendera ou dera de presente, mas ela ainda mantinha uma coleção deles perto da cama. A ideia indesejável do que colocaríamos na bandeira de luto de Opal me veio à cabeça. Eu a reprimi, relegando a imagem a um canto escuro de minha mente. Não permitiria que Ferde matasse Opal.

Zitora desenhou as formas na seda e eu as recortei. Quando ela ficou satisfeita com a pilha que tínhamos, arrumamos os recortes sobre a seda branca. Madressilvas margeavam a bandeira, enquanto a folha de grama se erguia no seu centro, cercada por um anel de esculturas de animais.

— Lindo — Zitora exclamou. Seus olhos brilhavam de tristeza. — Agora vem a parte tediosa. Costurar todos esses pedacinhos de tecido no pano de fundo.

Enfiei as linhas nas agulhas para ela, a extensão de minhas habilidades de costura. Após algum tempo, ela me mandou voltar para meu quarto e dormir um pouco.

— Não se esqueça do nosso combinado — Zitora gritou, quando comecei a descer as escadas.

— Pode deixar.

Agora que ela retornara, eu poderia começar a lhe ensinar autodefesa. Com meus pensamentos voltados para seu programa de treinamento, surpreendi-me com os dois guardas que me aguardavam do lado de fora da torre de Zitora.

— O que vocês querem? — indaguei, levando a mão ao meu cajado.

— Ordens da Quarta Feiticeira. Você deve ter proteção em tempo integral — disse o maior dos dois homens.

Bufei de irritação.

— Voltem para a caserna. Posso cuidar de mim mesma.

Os homens sorriram.

— Ela falou que você diria isso — informou o outro homem. — Nós seguimos as ordens *dela*. Se a nossa unidade falhar em protegê-la, passaremos o resto de nossos dias limpando latrinas.

— Eu posso dificultar um bocado seu trabalho — alertei.

A rigidez teimosa de seus ombros jamais fraquejou.

— Não há nada que possa fazer que seja pior do que limpar latrinas — disse o homem grandalhão.

Suspirei. Despistá-los para que pudesse procurar Opal seria difícil. O que provavelmente era o motivo de Irys tê-los colocado me protegendo. Ela sabia que eu sairia à caça assim que pudesse.

— Apenas não me atrapalhem — resmunguei.

Dei as costas aos guardas e segui para a ala dos aprendizes. O campus escuro parecia estar de luto, e um silêncio nervoso parecia

se espalhar pelo ar. A cerimônia de ascensão para Tula estava marcada para a alvorada.

Em seguida, a vida continuaria. Eu teria minhas lições da tarde com Irys. Cahil já me lembrara de nossas cavalgadas de fim de tarde. Eu tentaria cumprir minha promessa feita ao Homem da Lua. Tudo isso aconteceria a despeito da ameaça que Opal enfrentava. Ou será que eu deveria dizer, apesar da ameaça?

Meus guardas se recusaram a permitir que eu adentrasse meus aposentos até um deles tê-lo revistado em busca de intrusos. Pelo menos, depois, eles ficaram do lado de fora e não insistiram em ficar comigo. Mas Irys os informara de que eu tentaria "escapar", pois, ao olhar pela janela do quarto, vi um dos guardas postados ali fora. Fechei e tranquei as venezianas da janela.

Os guardas bloqueavam ambas as saídas. Nos meus pensamentos, podia enxergar o sorriso de Dax, sabendo como ele teria prazer em me contar os mexericos e rumores que os outros alunos estavam espalhando sobre meus protetores.

Irritada, sentei-me na cama e selei meu destino. O conforto silencioso do travesseiro me chamou. Descansaria apenas um instante, clareando meus pensamentos para que pudesse planejar um modo de despistar minhas duas sombras.

Durante os próximos cinco dias, tive apenas uma única fuga bem-sucedida. Na manhã após ter ajudado Zitora com a bandeira de luto de Tula, eu estava postada ao lado de Irys para a cerimônia de ascensão.

O corpo de Tula fora enrolado com fitas de linho brancas e coberto com sua bandeira. O líder do clã Cowen disse algumas palavras gentis diante do corpo, e os pais de Tula choraram. Todos os quatro Mestres Feiticeiros estavam presentes. Zitora encharcou um lenço com suas lágrimas, mas eu reprimi minhas emoções e me concentrei em Opal, redobrando minha determinação em achá-la.

O corpo de Tula deveria ser levado de volta para casa e enterrado no cemitério da família. Contudo, de acordo com as crenças sitianas,

durante essa cerimônia de despedida seu espírito fora transportado para a bandeira. As pessoas ao meu redor acreditavam que, quando essa flâmula de seda branca tremulasse acima da torre de Roze, o espírito de Tula seria libertado para o céu.

Mas eu sabia que não era bem assim. O espírito de Tula estava aprisionado dentro de Ferde, e apenas a morte dele a libertaria. Para mim, a bandeira de Tula não só sinalizava para Ferde que havíamos concordado com a troca, mas também simbolizava minha determinação em encontrá-lo e detê-lo.

Na manhã após a cerimônia de Tula, conduzi minha guarda até o local de banhos. As piscinas e os vestiários estavam lotados de alunos se arrumando para as aulas, e, apesar da variedade de olhares desconfiados lançados na minha direção, consegui pagar alguns principiantes para criar uma distração perto da entrada dos fundos.

O ardil funcionou. Saí correndo do local de banhos e atravessei às pressas os portões da Fortaleza antes que os soldados ali postados pudessem me reconhecer. O trabalho deles era monitorar quem entrava, e, a não ser que houvesse uma crise, apenas dirigiam um interesse passageiro àqueles que deixavam a Fortaleza.

Assim que sumi de vista, minha primeira prioridade foi encontrar Fisk e os amigos. O mercado estava começando a acordar. Apenas alguns poucos clientes passeavam por entre as barracas àquela hora. Encontrei Fisk jogando dados com um grupo de crianças.

Ele correu para mim.

— Gentil Yelena, como posso ajudá-la hoje?

Um sorriso iluminou seu rosto.

As outras crianças me cercaram, aguardando instruções. Pareciam limpas e bem-tratadas. Ganhavam dinheiro para suas famílias, e pensei que, assim que essa situação terrível com Ferde estivesse concluída, eu os ajudaria mais. Contudo, lembrei-me de avisá-los sobre a necessidade da Fortaleza de outro jardineiro, e fui recompensada ao ver uma menina correr para casa para contar ao pai.

— Preciso de guias — disse para Fisk. — Mostre-me todos os atalhos e esconderijos da Cidadela.

Enquanto eles me guiavam pelos becos e ruelas esquecidas, perguntei-lhes sobre as pessoas. Alguém novo? Alguém agindo de modo estranho? Eles haviam visto alguma garota jovem e amedrontada com algum homem? Eles me contaram histórias loucas, mas a informação não era o que eu estava procurando. Ao avançarmos, vasculhei os arredores com minha magia, procurando Opal, ou qualquer vestígio da magia de alguma outra pessoa, ou qualquer coisa que pudesse me dar algum indício de seu paradeiro.

O dia foi bem gasto, e apenas minha fome foi capaz de me deter. Fisk me conduziu ao melhor grelhador de carne do mercado da Cidadela. Enquanto comia o bife suculento, decidi que continuaria minha busca até tarde da noite, e, depois, encontraria algum lugar para dormir. Ainda teria muitos dias para passar procurando Opal.

Pelo menos, fora minha intenção, até ser emboscada por Irys e por minha guarda. Escondida atrás de um escudo de magia, ela me impediu de vê-los até que fosse tarde demais. No instante em que os dois soldados agarraram meus braços, ela assumiu o controle do meu corpo, ultrapassando o que eu pensei ser uma potente barreira mental. O poder total de uma Mestra Feiticeira reduziu minhas próprias defesas a pó. Incapaz de me mover ou falar, eu a fitei totalmente surpresa.

Embora houvesse perdido minha lição matinal com Irys, e bloqueado seus esforços para me encontrar com magia, pensei que ela entenderia minha missão. Estava despreparada para a severidade de sua fúria.

Meus guardas, com aparência séria e assustada, me seguravam.

Você não deixará novamente a Fortaleza. Você não despistará novamente os seus guardas. Ou eu a trancarei na prisão da Fortaleza. Está entendendo?

Estou. Eu...

Estarei de olho.

Mas...

Irys rompeu nosso contato mental com uma brusquidão que me deixou com dor de cabeça. No entanto, sua magia ainda controlava meu corpo.

— Leve-a de volta para a Fortaleza — Irys ordenou para os guardas. — Leve-a aos seus aposentos. Ela os deixará apenas para as aulas e para as refeições. Não a percam novamente.

Os guardas estremeceram sob seu olhar intenso. O maior deles me pegou e me jogou por sobre o ombro. Passei pela humilhação de ser carregada pela Cidadela, através do campus da Fortaleza, e jogada na minha cama.

Irys só abriu mão do controle de meu corpo na manhã seguinte, embora eu ainda pudesse sentir uma fita de seu poder enrolada ao redor do meu pescoço. Àquela altura, eu estava disposta a pisotear quem quer que ousasse se colocar no meu caminho. Evitada como se fosse portadora de uma doença contagiosa, eu só podia descarregar meu mau humor nos guardas que me escoltavam pelo campus.

Após três dias daquele inferno, eu estava postada ao lado de Irys no grande salão do prédio do Conselho, aguardando a chegada da delegação ixiana. Irys aproveitara meu tempo de aula para me explicar os devidos protocolos da diplomacia sitiana. Ela se recusara a falar comigo sobre qualquer outra coisa que não fosse o tópico de sua palestra. Minha frustração por não saber como ia a busca por Opal apertou meu peito como uma prensa.

O grande salão estava decorado com enormes flâmulas de seda representando cada um dos 11 clãs e cada um dos Mestres Feiticeiros. Pendendo do teto, tais flâmulas coloridas estendiam-se por três andares das paredes de mármore até chegar ao chão. Janelas compridas e estreitas separavam as flâmulas, permitindo que a luz do sol riscasse o chão de dourado. Os membros do conselho usavam formais mantos de seda, bordados de prata. Irys e os outros mestres usavam seus mantos e máscaras cerimoniais.

Lembrei da máscara de águia de Irys de quando ela visitara o Comandante em Ixia, e examinei as outras com interesse. Roze Featherstone, a Primeira Feiticeira, usava uma máscara de dragão azul. Bain Bloodgood, o Segundo Feiticeiro, colocara uma máscara de pele de leopardo. E um unicórnio branco cobria o rosto de Zitora, a Terceira Feiticeira.

De acordo com Fisk, esses animais agiam como os guias dos feiticeiros através do submundo e por toda a vida. Eles os haviam encontrado ao passar pelo teste de nível Mestre, que, pelo pouco que eu conseguira saber, parecia ser uma terrível provação.

Cahil vestira sua túnica azul-marinho com os adornos prateados que ele usara para o banquete dos Novos Começos. A cor valorizava o cabelo louro e lhe dava um aspecto nobre, apesar da expressão dura do rosto. Presente para avaliar as fraquezas do inimigo, ele prometera ficar quieto e não chamar atenção para si mesmo; caso contrário, os membros do conselho o teriam banido das cerimônias de recepção.

Sem conseguir ficar quieta, eu torcia as mangas largas do meu manto formal de aprendiz ao redor do meu braço. De cor amarela bem clara, a borda da roupa de algodão simples tocava meus pés, deixando à mostra as sandálias pretas que Zitora me dera. Passei a mão pela pele do pescoço, puxando a gola do manto.

O que foi?, Irys perguntou.

Sua postura rígida irradiava desaprovação.

Era a primeira vez desde que me prendera no quarto que ela se comunicara mentalmente comigo. Quis ignorá-la. Minha raiva ante a punição que recebera ainda fazia meu sangue ferver. Mesmo agora, a magia de Irys ainda me envolvia o pescoço. Ela estava falando sério quando afirmou que ficaria de olho. O poder que eu precisaria usar para remover a magia dela me deixaria exausta, e eu não tinha coragem de provocá-la novamente.

Sua coleira está incomodando.

Meus pensamentos eram frios.

Ótimo. Talvez, agora, você aprenda a escutar e a pensar antes de agir. A confiar no julgamento dos outros.

Eu aprendi uma coisa.

O quê?

As táticas duras do Comandante não se restringem apenas a Ixia.

Ah, Yelena. A rigidez de Irys pareceu se derreter. A fita incômoda de poder ao redor do meu pescoço desapareceu. Não sei mais o que fazer. Você é tão voltada para a ação. Possui uma determinação cega que atropela as situações. Até agora, teve sorte, e não sei como fazê-la entender que, se o assassino de Tula absorver seu poder, ele será invencível. Sitia será dele para governar. Isso vai muito além de você e de seu desejo de vingança. Isso afeta a todos nós. Todas as opções devem ser cuidadosamente consideradas antes de alguma ação ser tomada. Esse é o jeito sitiano.

Ela sacudiu a cabeça, suspirando.

Esqueci que você é uma mulher adulta. Assim que tiver total controle de sua magia, e quando esse assassino for encontrado, pode fazer o que quiser, ir onde bem entender. Eu tinha esperanças de que pudesse se tornar parte de nossos esforços para manter Sitia um lugar próspero e seguro para se viver. Mas sua imprevisibilidade apenas colocará em perigo a nossa comunidade.

As palavras de Irys cortaram através da minha raiva. Ser livre para fazer o que eu bem quisesse parecia até um conceito novo. Pela primeira vez na vida, me ofereceram tal escolha.

Imaginei viajar por toda Sitia com Kiki, sem preocupações e sem promessas para manter. Sem vínculos. Indo de uma cidade para a outra, experimentando a cultura. Ou cruzando a floresta com meu pai, aprendendo as propriedades medicinais de alguma folha. Ou entrando sorrateiramente em Ixia para me encontrar com Valek. Era uma perspectiva muito atraente.

Talvez eu cobrasse isso de Irys, mas só depois da captura de Ferde, e de eu ter cumprido a promessa feita ao Homem da Lua.

Decidindo que eu me esforçaria mais para fazer as coisas do jeito sitiano, eu disse:

Irys, eu gostaria de ajudar a encontrar Opal.

Pressentindo minhas intenções, ela virou-se para mim e estudou a expressão de meu rosto.

Há uma reunião marcada para depois das formalidades com os ixianos. Você é bem-vinda a comparecer.

Ao escutar o som das trombetas anunciando a chegada dos nortistas, alisei as mangas de meu manto. Um silêncio imediato se abateu sobre o grande salão, quando uma imponente procissão de ixianos adentrou.

A embaixadora liderava o cortejo. O corte sob medida de seu uniforme negro lhe dava um ar de importância. Dois diamantes reluziram na sua gola. O Comandante deve ter lhe mostrado um bocado de favoritismo permitindo que ela usasse as pedras preciosas para essa missão. O cabelo comprido e liso estava ficando grisalho, no entanto seus olhos arredondados exibiam uma poderosa vitalidade.

O súbito reconhecimento quase perfurou meu coração.

RAPIDAMENTE PASSEI OS olhos pelo resto da comitiva da embaixadora, procurando a pessoa que tinha de estar ali. Seu ajudante, caminhando um passo atrás dela, usava o mesmo uniforme que a embaixadora, exceto pelo fato de os diamantes na gola terem sido bordados. Não havia nada de notável quanto ao seu rosto impassível, de modo que voltei meu olhar para os outros.

Alguns dos guardas pareciam conhecidos, mas dois capitães próximos ao centro chamaram minha atenção. Os ombros largos de Ari forçavam a costura do uniforme. Seu cabelo louro crespo e curto parecia quase branco sob a luz do sol. Seu rosto permaneceu impassível ao olhar para mim, mas pude notar as duas manchas vermelhas se espalhando nas suas faces, enquanto ele se esforçava para não sorrir.

Janco caminhava ao seu lado, com uma aparência muito mais saudável do que quando eu me despedira dele em Ixia. Na ocasião, seu rosto pálido estivera contorcido de dor, e ele não tivera forças para ficar de pé. As consequências de defender Irys dos homens de Mogkan. Agora, ele movimentava o corpo esbelto com graça atlética e sua pele estava corada. Com o rosto sério, ele olhou para mim, mas pude notar a alegria travessa que dançava nos seus olhos.

Era maravilhoso revê-los, mas continuei procurando. Agarrando o pendente de borboleta através do manto, examinei com os olhos o rosto de cada um dos guardas. Ele *tinha* de estar ali. Se o Comandante estava ali, se fazendo passar pela embaixadora ixiana, então Valek *tinha* de estar por perto.

Porém Valek não sabia o segredo do comandante Ambrose. Só eu sabia do que o Comandante chamava de sua mutação, tendo nascido uma mulher com a alma de um homem. Haja vista que Valek não sabia que a embaixadora era o Comandante, ele provavelmente estava com quem quer que estivesse se fazendo passar pelo Comandante em Ixia.

A não ser que o Comandante houvesse enviado Valek em outra missão, ou, pior ainda, talvez Valek ainda não houvesse se recuperado de ter me cedido suas forças. Talvez ele houvesse sido ferido enquanto estava fraco. Ou morto. Terríveis possibilidades passaram pela minha cabeça, enquanto a delegação trocava cumprimentos formais com os representantes de Sitia.

Não via a hora de as gentilezas terminarem. Minha necessidade de interrogar Ari e Janco a respeito de Valek crescia com cada segundo que passava.

Com meus pensamentos voltados para Valek, notei meu olhar se demorando no assistente da embaixadora. O cabelo liso e negro escorria sem vitalidade até a altura da orelha. O nariz gordo e flácido despontava do rosto acima de lábios pálidos e um queixo frágil. Ele parecia entediado ao passar os olhos pelos conselheiros e feiticeiros no aposento, sem qualquer sinal de inteligência nos olhos azuis.

Nossos olhares se encontraram por um instante. Um relâmpago azul como uma safira atingiu meu coração. Aquele rato. Ao mesmo tempo, tive vontade de socar Valek e de beijá-lo.

Sua expressão jamais mudou. Ele não deu sinal de ter me visto ao voltar novamente sua atenção para os conselheiros. Mal consegui aguentar durante o restante da formalidade.

Impaciente demais para aguardar até o final do encontro, tentei fazer contato com a mente de Valek. Deparei-me com uma barreira

formidável, mais potente do que a de qualquer um dos Mestres Feiticeiros. Valek pressentiu a magia e lançou um olhar em minha direção.

Quando as apresentações e formalidades foram concluídas, bebidas e comidas foram servidas para a delegação ixiana, e pequenos grupos começaram a se formar ao redor do salão.

Caminhei até onde estavam Ari e Janco, que estavam postados perto da embaixadora como se tivessem varas de metal presas às costas, contudo Baval Cacao, o líder de meu clã, me interceptou.

— Tenho um recado do seu pai — Baval informou.

Ele me passou um pequeno pergaminho.

Agradei. Era apenas a segunda vez que falava com ele desde que o homem chegara à Cidadela. Ele me entregara as roupas que Nutty costurara para mim. Embora estivesse ansiosa para falar com meus amigos, perguntei sobre o clã.

— Lidando com os costumeiros probleminhas, e tentando combater um fungo que está devorando a madeira de algumas paredes. — Ele sorriu. — Não tenho dúvidas de que Esau encontrará uma solução. Agora, se me der licença, tenho de verificar se as acomodações da embaixadora estão prontas.

Antes que Baval pudesse se afastar, eu toquei no seu braço.

— Como são essas acomodações? — perguntei.

Confuso, ele respondeu:

— Nossos aposentos mais opulentos. As suítes de hóspedes da Cidadela possuem todos os confortos. Por quê?

— A embaixadora não aprecia opulência. Talvez seja melhor remover algumas coisas. Acho que elegância simples combinaria melhor com ela.

Baval considerou minhas palavras.

— Ela é prima do comandante Ambrose. Por acaso a conhece?

— Não. Mas sei que a maioria dos ixianos concorda com o desagrado do Comandante em se tratando de extravagâncias.

— Seguirei seu conselho. Vou providenciar as mudanças.

Rompi o lacre do pergaminho. Desenrolando-o, li o bilhete e fechei meus olhos por um instante. Na minha imaginação, vi a linha de minha história se retorcer até se transformar em um enorme e complicado nó. De acordo com a carta, Esau e Pearl estavam a caminho da Fortaleza para me visitar. Planejavam chegar cinco dias antes da lua cheia.

Quem mais poderia estar a caminho? Se eu tivesse recebido uma mensagem do submundo, avisando da chegada de Reyad e Mogkan, não teria ficado surpresa.

Guardando o bilhete, sacudi a cabeça. Não tinha controle sobre tais acontecimentos e lidaria com meus pais quando eles chegassem. Aproximei-me dos ixianos. A embaixadora conversava com Bain, o Segundo Feiticeiro.

Seus olhos dourados voltaram-se para mim, e Bain interrompeu-se para nos apresentar.

— Embaixadora Signe, esta é a aprendiz Yelena Liana Zaltana.

Como era o costume em Ixia, apertei sua mão fria, cumprimentando-a, depois fiz uma mesura, que era a saudação sitiana.

Ela retribuiu a mesura.

— Ouvi falar muito de você através do meu primo. Como estão progredindo seus estudos?

— Muito bem, obrigada. Por favor, mande lembranças minhas ao comandante Ambrose.

— Farei isso. — Signe virou-se na direção do assistente. — Este é o conselheiro Ilom.

Mantive a expressão do rosto neutra ao lhe apertar a mão desprovida de firmeza. Ele murmurou um cumprimento e me ignorou, como se eu não fosse digna de seu tempo e nem de sua atenção. Sabia que Valek tinha de estar representando, no entanto o seu total desprezo me fez achar que seus sentimentos por mim pudessem ter mudado.

Contudo, não tive muito tempo para remoer isso. Assim que Bain conduziu Signe e Ilom para conhecerem outro conselheiro, Ari me

agarrou com um rápido abraço de urso.

— Que vestido é esse? — Janco perguntou.

— Melhor do que esse uniforme amarrotado — retruquei. — E será que estou vendo fios brancos no seu cavanhaque?

Janco alisou o cavanhaque.

— Um presentinho do esbarrão que dei em uma espada. Ou será que devo dizer quando a espada esbarrou em mim? — Seus olhos se iluminaram. — Quer ver a cicatriz? É uma belezinha.

Ele começou a puxar a camisa para fora das calças.

— Janco — Ari alertou. — Não devemos confraternizar com os sitianos.

— Mas ela não é sitiana. Não é, Yelena? Você não se tornou uma sulista, tornou-se? — Janco forçou um tom de voz horrorizado: — Porque, se isso for verdade, não posso lhe dar o seu presente.

Peguei meu canivete, mostrando a inscrição para Janco.

— E quanto a "Sítios vencidos, batalhas lado a lado, amigos para sempre"? Será isso muda se eu me tornar uma sulista oficial?

Janco pensativamente coçou o queixo.

— Não — Ari respondeu. — Você poderia se transformar em uma cabra que isso ainda valeria.

— Só se ela fizesse um pouco de queijo de cabra para nós — Janco afirmou.

Ari revirou os olhos azuis.

— Dê logo o presente para ela.

— É de Valek — Janco disse, enfiando a mão na sua mochila. — Haja vista que ele não pôde acompanhar a delegação.

— Suicídio — Ari explicou. — Os sitianos executariam Valek se o pegassem em suas terras.

Fui tomada de preocupação por Valek, e olhei ao redor para ver se mais alguém no salão o reconheceria. Todos pareciam estar entretidos em conversas, com a exceção de Cahil. Ele estava de pé, sozinho, observando os ixianos. Ele retribuiu meu olhar e franziu a testa.

Ante o grunhido triunfante de Janco, me voltei novamente para meus amigos. Assim que vi o que Janco tinha na palma da mão, qualquer pensamento referente a Cahil desapareceu. Uma cobra de pedra preta com detalhes em prata enroscada quatro vezes ao redor dos seus dedos. As escamas nas costas da cobra tinham sido esculpidas em forma de diamante e duas minúsculas safiras reluziam em seus olhos. Uma das esculturas de Valek.

— É um bracelete — Janco informou. Ele tomou a minha mão e enfiou a cobra por ela até esta se encaixar no meu antebraço. — É pequeno demais para mim — Janco brincou. — Sendo assim, mandei Valek dá-lo para você. Parece servir perfeitamente.

Admirei meu presente. Por que Valek escolhera uma cobra? Senti um frio de apreensão na boca do estômago.

— As coisas têm andado muito calmas desde que você partiu — Ari disse. — Embora não façamos parte de sua tropa, Valek esculpiu uma estatueta de raposa para Janco e uma de cavalo para mim. São as coisas mais bonitas que temos.

Conversamos até Ari e Janco terem de acompanhar a embaixadora até seus aposentos. Eles me avisaram que haveria um rodízio na guarda de Signe e Ilom, e que teriam tempo para voltar a conversar comigo. Ofereci-me para lhes mostrar a Cidadela e, talvez, a Fortaleza.

Irys me encontrou antes que eu deixasse o salão e me acompanhou através das ruas da Cidadela até a reunião para discutir os atuais esforços para encontrar Opal. Meus guardas sempre presentes, que haviam sido bem discretos durante a cerimônia, nos seguiram.

— Janco está com ótima aparência — Irys comentou. — Foi uma recuperação rápida para um ferimento tão grave. Fico feliz.

As palavras de Irys me lembraram de algo que o Tecelão de Histórias dissera. Com toda a comoção no tocante a Opal e à delegação, eu não discutira com ela as alegações do Homem da Lua.

— Irys, o que é um Descobridor de Almas? Meu...

Não fale mais nada em voz alta, a voz de Irys me ordenou, nos meus pensamentos. Isso não é algo que vai querer que os outros escutem.

Por que não? Por que tanto medo?

Minha mão procurou o bracelete de Valek. Eu o retorci ao redor do braço.

Ela suspirou.

A história sitiana é repleta de magos maravilhosos e corajosos que uniram os clãs e impediram guerras. Infelizmente, essas histórias não são contadas nas tavernas e nem para as crianças. As histórias dos poucos magos que fizeram mal parecem ser as favoritas para serem sussurradas ao redor das fogueiras. Com a corrupção de Mogkan e agora esta fera que está com Opal, não quero histórias e rumores circulando a respeito de uma Descobridora de Almas.

Irys mexia nas penas marrons da máscara de águia que carregava.

Cerca de 150 anos atrás nasceu um Descobridor de Almas. Ele foi considerado uma dádiva do submundo. Sua magia forte afetava a alma das pessoas, curando tanto a dor física quanto a emocional. Foi então que ele descobriu que podia pegar almas no ar, antes que elas pudessem flutuar até o céu, acordando os mortos.

Mas algo aconteceu, não sabemos o quê, mas ele se tornou amargo e passou de ajudar as pessoas para usá-las. Mantendo as almas para si mesmo, ele acordou os mortos sem as respectivas almas. Essas criaturas desprovidas de sentimentos seguiam suas ordens e não tinham remorso por seus atos. Tal habilidade é considerada uma aberração e é contra o nosso Código de Ética. Com o seu exército sem alma, ele controlou Sitia por muitos e muitos anos sombrios, antes que os Mestres Feiticeiros conseguissem detê-lo.

Antes que eu pudesse pedir mais detalhes, Irys prosseguiu com sua história:

Yelena, você possui todas as habilidades de uma Descobridora de Almas. Quando ressuscitou Tula, você me assustou e alarmou Roze.

É por isso que fui tão dura com você quando despistou seus guardas. Eu tinha de mostrar para Roze que era capaz de controlá-la. Contudo, hoje, você me fez perceber que eu estava errada. Provavelmente foi o mesmo tipo de reação amedrontada que levou o Descobridor de Almas a ultrapassar os limites. Precisamos descobrir a extensão de suas habilidades antes de categorizá-la. Quem sabe? Você pode muito bem ser uma Mestra Feiticeira.

Eu ri, lembrando como fora fácil para Irys me emboscar, e derrubar minhas defesas místicas.

— Pouco provável — retruquei.

As alegações do Homem da Lua de que eu era uma Descobridora de almas também eram pouco prováveis. A alma de Tula fora roubada. Pude fazê-la respirar, no entanto não fui capaz de acordá-la sem ela. Era óbvio que eu partilhava de algumas das habilidades de um Descobridor de Almas, mas não de todas.

Quando nos aproximamos da entrada da Fortaleza, notei um pequeno mendigo com uma capa suja encolhido junto ao muro, sacudindo uma caneca. Irritada por ter sido a única a notar, caminhei até ele e joguei uma moeda dentro da caneca. O mendigo ergueu a cabeça, e vi o brilho do sorriso de Fisk, antes que ele voltasse a esconder o rosto.

— Temos notícias sobre aquele que procura. Vá ao mercado amanhã.

— Ei, você! Pare de incomodar a moça! — gritou um de meus guardas.

Virei-me para lançar um olhar fulminante para o guarda. Quando voltei-me novamente para Fisk, ele havia desaparecido.

Ponderei a mensagem de Fisk. Meu primeiro instinto foi despistar minha guarda amanhã e encontrar-me com ele. Uma reação ixiana. Contudo, decidi experimentar a abordagem sitiana e ver o que os outros haviam descoberto com relação a Opal.

Leif estava inclinado sobre a mesa no interior da sala de reuniões, estudando um mapa. Ele me recebeu com uma expressão de surpresa, mas eu me recusei a dar atenção a ele, e tive de reprimir a

fúria súbita que se acumulou em minha garganta. Não tinha ideia de como faria para cumprir a promessa feita ao Homem da Lua, quando tudo que eu queria fazer era sacudir Leif e exigir uma explicação.

Irys rompeu o silêncio e me pôs a par dos esforços do grupo até então. Eles haviam dividido a Cidadela em seções, e cada feiticeiro ficara encarregado de cada região. O conselheiro Harun, Conselheiro dos Sandseed, levava seu pessoal para procurar Opal na região das Planícies Avibian que margeava a Cidadela. Nenhuma pista fora encontrada.

— Enviaremos guardas para vasculhar cada construção da Cidadela — Roze afirmou, adentrando a sala de reunião com Bain nos seus calcanhares.

— O que resultará na morte imediata de Opal — eu disse.

Roze me fitou com desdém.

— Quem foi que a convidou?

Ela lançou um olhar carregado de veneno para Irys.

— Ela tem razão, Roze — Irys opinou. — Notícias referentes às buscas se espalhariam como fogo em mato seco e ele seria alertado.

— Alguém tem ideia melhor?

— Eu tenho — eu disse, rompendo o silêncio.

Todos os olhos se voltaram para mim. O olhar de Roze congelou o meu sangue.

— Possuo amigos na Cidadela que são capazes de conseguir a informação sem atrair atenção para si mesmos. Parece que eles já descobriram alguma coisa, mas precisarei encontrá-los amanhã no mercado.

Sob a manga da roupa, torci a cobra de Valek ao redor do pulso, aguardando uma resposta.

— Não — Roze disse. — Pode ser uma armadilha.

— Agora *você* está preocupada com meu bem-estar? Que comovente. Embora eu ache que inveja seja o verdadeiro motivo — retruquei.

— Senhoras, por favor — Bain disse. — Vamos nos concentrar na tarefa diante de nós. Você confia nessa fonte, Yelena?

— Confio.

— Não pareceria incomum Yelena ir até o mercado fazer compras. Seus guardas a acompanhariam — Irys acrescentou.

— Os guardas espantariam a minha fonte — afirmei, o que era uma verdade conveniente para os meus propósitos. — Além do mais, minha fonte pode me levar a algum lugar. Terei de ser rápida.

— Mas você precisará de proteção. Poderíamos disfarçar os seus guardas — Irys sugeriu.

— Não. Eles não são a proteção de que preciso. Posso me defender contra uma ameaça física, mas preciso me defender contra uma mística.

Irys era uma aliada poderosa. Ela assentiu, e fizemos planos para o dia seguinte.

Após a reunião, fui até a sala de jantar arrumar algo para comer e pegar algumas maçãs para Kiki e Topaz. Meus guardas continuavam a me seguir, e achei estranho como eu já me acostumara com a sua presença. Pelo menos, não precisava me preocupar com Goel tentando outro ataque surpresa. Ainda mais quando tinha tantas outras coisas para ocupar meus pensamentos. Desde que ficara em prisão domiciliar, não tivera a chance de cavalgar, e, mesmo que não pudesse deixar a Fortaleza, pelo menos poderia praticar um pouco. A mãe de Kiki desprezara minha sela; sendo assim, queria aprender a cavalgar em pelo. Além do mais, seria algo útil de se aprender. Em uma emergência, eu não teria tempo para selá-la.

E eu precisava de uma distração. Pensamentos desaconselháveis sobre despistar meus guardas e invadir sornateiramente o quarto de um certo Conselheiro nos aposentos de hóspedes da Cidadela insistiam em aparecer na minha cabeça. Reprimi o impulso perigoso. Recusava-me a colocar a vida de Valek em risco por meus próprios motivos egoístas. Erguendo a manga, examinei o presente de Valek sob a luz do sol de fim de tarde, passando um dedo por suas costas. O bracelete parecia uma cobra de verdade sob meus dedos, embora

sua linguagem corporal sugerisse mais uma postura protetora, e não agressora.

Mais uma vez, tentei entender sua escolha. Talvez ele houvesse testemunhado alguns de meus pesadelos sobre cobras, mas por que fazer uma de presente? Será que um mangusto não daria um presente melhor?

Kiki me aguardava perto da porteira do pasto. Ela relinchou, cumprimentando-me, e eu lhe dei uma maçã, antes de pular a cerca. Meus guardas se posicionaram do lado de fora da porteira, por perto, porém não tão perto. Estavam aprendendo.

Enquanto Kiki comia, eu a examinei. Ela tinha urtigas presas no rabo e lama seca na barriga e recobrando os cascos.

— Será que ninguém a escovou? — perguntei em voz alta, estalando a língua em sinal de censura.

— Ela não deixou ninguém chegar perto dela — Cahil disse. Ele estendeu um balde contendo escovas e pentes por sobre a cerca. — Ao que tudo indica, apenas você pode fazer as honras.

Peguei a alça do balde.

— Obrigada.

Peguei uma almofaça e comecei a soltar a lama do seu pelo.

Cahil descansou os braços sobre a cerca.

— Eu a vi conversando com os nortistas hoje. Conhece alguns deles?

Olhei para Cahil. Seu rosto estava sério. Quer dizer que sua chegada oportuna com o equipamento não fora coincidência. Ele aguardara para me emboscar com perguntas sobre os ixianos.

Escolhendo cuidadosamente minhas palavras, eu respondi:

— Dois dos guardas são meus amigos.

— Os que a ensinaram a lutar?

Cahil tentou dar um tom casual à conversa.

— É.

— A que divisão eles pertencem?

Parei de escovar Kiki e olhei para ele.

— Cahil, o que você realmente quer saber?

Ele gaguejou.

— Não está pensando em colocar a delegação em risco, está? Ou planejando sabotar as conversas? Ou será que está mais interessado em emboscá-la quando ela estiver voltando para Ixia?

Ele abriu a boca, contudo palavras não saíram.

— Isso não seria inteligente — prossegui. — Transformaria tanto Sitia quanto Ixia em seus inimigos, além do mais...

— Além do mais o quê? — ele exigiu saber.

— A guarda de elite do Comandante protege a embaixadora. Seria suicídio tentar um sequestro.

— Puxa, mas você está cheia de sabedoria hoje — Cahil disse, com a voz carregada de sarcasmo. — Sua preocupação com o bem-estar de meus homens é verdadeiramente tocante. Tem certeza de que não está apenas protegendo seus amigos nortistas? Ou talvez esteja protegendo o dono do seu coração?

Ele só podia estar blefando. Resolvi pagar para ver.

— Do que está falando?

— Eu a estava observando quando a delegação chegou. Embora seu rosto nada houvesse revelado, notei como sua mão voou para o pendente de borboleta sob o manto. Sei que quem lhe deu isso está aqui. Na verdade, ele lhe deu outro presente hoje.

Virei-me para continuar a trabalhar em Kiki, escondendo meu rosto de Cahil.

— Se sabe tanto, por que está *me* fazendo perguntas?

— Quem é ele? — Quando me recusei a responder, Cahil prosseguiu: — É o homem cuja metade da orelha direita está faltando? O que lhe deu a cobra?

A expressão do rosto de Cahil era tão presunçosa que tive de rir.

— Janco? Nós discutimos como dois irmãos. Não. Ele estava apenas entregando o presente.

— Não acredito em você.

Dei de ombros.

— Tome. — Entreguei a escova de arame para Cahil. — Pode tirar as urtigas da cauda. — Quando eu o vi hesitar, acrescentei: — Não

se preocupe, ela não vai escoiceá-lo.

Trabalhamos algum tempo em silêncio.

Porém Cahil não se contentou com a tranquilidade.

— Está mais feliz agora que seus amigos nortistas estão aqui.

— Senti saudades deles — concordei.

— Gostaria de voltar para Ixia?

— Gostaria. Mas é impossível, já que sou uma feiticeira.

E havia uma ordem de execução assinada com meu nome, mas achei prudente não mencionar isso.

— Nada é impossível. — Cahil terminou a cauda de Kiki e começou a lhe escovar a crina. — Quando eu obtiver o controle de Ixia, e libertar o seu povo, você teria um lugar ao meu lado, caso o aceitasse.

Evitando a pergunta que não fora feita, lancei-lhe um olhar duvidoso.

— Ainda acredita que Sitia lhe dará apoio, mesmo após eles terem recebido tão bem a delegação nortista?

Com a paixão de um místico, Cahil disse:

— Durante toda minha vida, me disseram que eu um dia governaria Ixia. Cada lição, cada interação e cada emoção foram direcionadas para esse único propósito. Até mesmo o conselho me aconselhou a planejar, e treinar, e aguardar o momento ideal para atacar.

Os olhos azuis de Cahil irradiavam tanta intensidade que eu quase dei um passo para trás.

— E então o Norte concorda com um tratado comercial e eles visitam Sitia. — Ele praticamente cuspiu as palavras. — Subitamente o Comandante é amigo do conselho, que não apoia mais a razão da minha existência. O conselho não percebe que o Comandante o está enganando, e, quando ele mostrar suas cartas, eu estarei lá. Tenho muitos seguidores que estão igualmente insatisfeitos com o flerte do conselho com o Norte.

— Vai precisar de militares treinados se planeja enfrentar as tropas do Comandante — eu disse. — E se Valek...

— O que tem Valek?

Cahil agarrou meu braço. Seus dedos fincaram o bracelete na minha pele. Estremeci de dor.

Kiki ergueu uma das orelhas.

Coice?

Não. Ainda não.

— Se Valek descobrir o que você está planejando, ele o deterá antes que possa reunir seus homens.

— Realmente acha que ele pode me deter?

— Acho.

Com um puxão, soltei meu braço da mão apertada de Cahil, mas ele agarrou meu pulso com sua outra mão, e puxou a manga para cima com sua mão livre, expondo a cobra que circundava meu braço. Antes que eu pudesse impedi-lo, ele soltou a manga e puxou a minha gola para baixo, libertando meu pendente de borboleta, feito de pedra escura. Os detalhes em prata nas asas reluziram sob a luz do sol, combinando com o prateado do corpo da cobra.

— E você deve saber muito bem — Cahil disse, soltando-me.

Ao se dar conta subitamente de algo, seu rosto assumiu uma expressão atordoada.

Eu recuei.

— Como provadora de comida do Comandante, você trabalhou todos os dias com Valek. Ele teve de ensinar-lhe tudo a respeito de venenos e sobre técnicas de envenenamento. — Ele me fitou com revulsão. — Marrok me contou que quando os membros da família real foram mortos o assassino deixou para trás uma estatueta negra que reluzia com seus detalhes em prata. Era o cartão de visita do assassino. Somente após o Comandante ter assumido o controle de Ixia é que o assassino foi identificado como sendo Valek.

Voltei a escovar Kiki.

— Em se tratando de lógica, é um tremendo salto, Cahil. Baseado em uma história de ninar que, estou certa, ficava mais interessante cada vez que contada, e em algumas bugigangas. Valek não é a

única pessoa que esculpe coisas usando essas rochas. Pense nisso antes de tirar conclusões precipitadas.

Recusando-me a fitar Cahil nos olhos, devolvi os apetrechos de escovar ao balde e conduzi Kiki até sua baia. Quando terminei de encher seu balde de água, Cahil já havia ido embora.

Meus guardas me seguiram até o local de banhos, e permaneceram do lado de fora, enquanto eu lavava minha pele de todo o pelo de cavalo e poeira que a recobria. O sol já se pusera quando chegamos aos meus aposentos. Aguardei do lado de fora, tremendo no frio ar noturno, enquanto um dos guardas vasculhava lá dentro. Assim que foi liberada, adentrei minha sala de estar escura. Fechei as venezianas e tranquei as janelas para me proteger do vento frio, depois acendi o fogo na lareira.

— Assim é melhor — disse uma voz que incendiou minha alma.

Eu me virei. Valek estava largado em uma cadeira, com os pés, ainda calçando as botas, apoiados sobre a mesa.

VALEK ESTAVA SEGURANDO a estatueta de valmur que eu há muito lhe comprara, admirando-a sob a luz do fogo. Estava usando calça e camisa pretas e lisas. As roupas não pareciam ser tão colantes quanto o seu traje com capuz para infiltrações, mas pareciam ser justas o suficiente para não lhe impedir os movimentos.

— Como foi que...?

— Enganei os seus guardas? Eles não são muito bons. Não checaram o teto, em busca de aranhas.

Valek sorriu. Seu rosto anguloso suavizou-se.

Atordoada, me dei conta de que ele não estava usando seu disfarce.

— Isso é perigoso.

— Sempre soube que me apaixonar por você seria perigoso, meu amor.

— Estou falando de vir até Sitia. Estar aqui na Fortaleza do Mago, com guardas do outro lado da minha porta.

Apontei lá para fora.

— Só será perigoso se souberem que estou aqui. Para eles, não passo do humilde, e não muito inteligente, assistente da embaixadora Signe. — Valek ficou de pé, seus movimentos eram

fluidos. O tecido negro de sua roupa agarrava-se ao seu corpo esbelto. Ele estendeu as mãos para os lados. — Como pode ver, sequer estou armado.

Ele fez uma tentativa muito débil de aparentar inocência, mas eu o conhecia bem demais.

— Devo tentar adivinhar quantas armas traz escondidas, ou será que devo fazer uma revista completa?

— Uma revista completa seria a única maneira de ter certeza.

O prazer dançou nos olhos profundamente azuis de Valek.

Dei três passos à frente e mergulhei nos braços dele, onde era o meu lugar. Aqui não havia confusão. Não havia preocupações. Não havia problemas. Apenas o perfume de Valek, uma inebriante combinação de almíscar e condimentos.

Durante o breve caminho até a cama, encontrei duas facas presas aos antebraços de Valek, dardos e outras armas que podiam ser arremessados escondidos no cinto, um canivete preso à coxa esquerda e uma espada curta enfiada na bota.

Sabia que havia mais armas escondidas em suas roupas, contudo, assim que toquei na sua pele, a brincadeira perdeu a graça e tratamos de nos familiarizar novamente um com o outro. Com seu corpo próximo ao meu, senti os lugares vazios em mim se preenchendo com sua essência. Senti-me em casa.

Foi só tarde na noite que paramos para conversar. Deitada ao lado dele, sob os lençóis, agradei-lhe baixinho pelo bracelete e lhe contei sobre Tula, Opal e o motivo dos guardas.

— E você ainda diz que é perigoso para mim — Valek comentou, ressaltando a ironia. — Ainda bem que estou aqui. Você precisará de alguém que não possa ser influenciado por magia cobrindo sua retaguarda.

A imunidade de Valek à magia podia ser considerada mais uma arma oculta. A esperança de recuperar Opal incólume brotou no meu peito pela primeira vez desde a sua captura.

— Como poderá cobrir minha retaguarda? Deverá estar com a embaixadora.

Ele sorriu.

— Não se preocupe. Dou um jeito. Esta não é a primeira vez, nem será a última, que estive em Sitia. Ficar de olho nos nossos vizinhos sempre foi um de meus deveres como chefe de segurança. Coisa muito divertida.

— Até você ser capturado.

Perdi o bom humor, mas meu comentário não pareceu afetar Valek.

— Sempre há o risco. Faz parte da graça, eu suponho. — Ele beijou meu pescoço e suspirou de tristeza. — É melhor eu voltar. O sol nascerá em breve. — Ele desceu da cama e começou a se vestir. — Além do mais, não quero estar aqui quando seu namorado chegar.

— Quem?

Sentei-me na cama.

— O louro que acompanha todos os seus movimentos com um olhar apaixonado — Valek provocou.

— Cahil? — Eu ri, fazendo pouco-caso. — Ele pensou que Janco fosse o dono do meu coração. Acho que deveria sentir mais ciúme do meu cavalo. Foi ela quem roubou meu coração.

Valek ficou imóvel, e qualquer graça desapareceu de seu rosto.

— Qual é o nome dele?

— O nome *dela* é Kiki.

Ele sacudiu a cabeça.

— Não da égua. Do louro.

— Cahil.

— Cahil Ixia? O sobrinho do rei? Ele está vivo?

Valek parecia confuso.

— Pensei que você soubesse — comentei.

Eu imaginara que Valek houvesse deixado Cahil viver, após este ter chegado a Sitia. Contudo, agora, o comentário de Cahil sobre Valek ter esquecido de contar os corpos quando assassinou a família real me veio à cabeça. Com crescente horror, me dei conta do meu erro.

— Valek, não o mate.

— Ele representa uma ameaça para o Comandante.

A vida desaparecera dos olhos de Valek. Ele vestira sua máscara de pedra. Inexorável. Inflexível.

— Ele é meu amigo.

O frio olhar assassino de Valek encontrou o meu.

— No instante em que ele se tornar mais do que uma ameaça em potencial, estará morto.

Valek jurara proteger o Comandante, e apenas seu amor por mim o impedira de assassinar Cahil naquela noite. A lealdade de Valek era absoluta. Se o Comandante tivesse lhe dado uma ordem direta para me matar, Valek o teria feito. Para nossa sorte, o Comandante não dera tal ordem.

— Fico feliz que o Comandante esteja em segurança no interior do território ixiano. — A expressão do rosto de Valek se suavizou quando ele riu. — Ele está tirando férias. É a única pessoa que eu conheço que acha que caçar aranhas de areia é relaxante.

— Não tem receio que ele seja picado?

Minha pele se arrepiou toda só de pensar nas aranhas venenosas. Eram do tamanho de um pequeno cão e saltavam com mortal rapidez. Porém, então, me lembrei que o Comandante na verdade estava no quarto de hóspedes da Cidadela.

— Não. *Eu* ainda não consigo derrotar o Comandante em uma briga de facas. Ele é mais do que suficientemente habilidoso para enfrentar uma aranha de areia. Contudo, em se tratando de conspirações da realeza, a questão é outra. Terei de ficar de olho nesse Cahil.

Sabia que era apenas uma questão de tempo, antes que Valek descobrisse a respeito dos planos de Cahil para recuperar o reino. O que eu faria então? Tais pensamentos me lembraram de algo que Cahil dissera que não parecia certo.

— Valek, por acaso você deixava suas estatuetas para trás quando assassinava alguém?

— Esteve dando ouvidos a rumores sitianos?

Ele sorriu.

Assenti.

— Mas não necessariamente acredito em tudo que ouço.

— Que bom. Contudo, infelizmente, sou forçado a admitir que esse é verdadeiro. Eu era jovem, arrogante e burro, e gostava de ser conhecido como o Artista da Morte. Eu até passei a deixar uma estatueta antes de começar um serviço, permitindo que minha vítima a encontrasse. — Valek sacudiu a cabeça ante a lembrança. — Tal bobagem quase fez com que eu fosse morto; sendo assim, dei um basta de vez.

Valek terminou de se arrumar.

— Estarei no mercado hoje, para o caso de algo acontecer.

Ele me beijou, e me agarrei a ele por um instante, desejando que pudéssemos fugir para bem longe e esquecer magos ladrões de almas e Cahil. Mas não era para ser assim. Aparentemente, estávamos nessa vida para lidar com envenenadores, conspiradores e assassinos. Além do mais, provavelmente ficaríamos entediados vivendo em segurança, sem problemas para nos afligir. Contudo, eu ainda desejava que fosse possível.

Com relutância, soltei Valek. Ele assentiu na direção da porta. Eu a abri e distraí os guardas. Quando retornei à sala de estar, a escuridão me envolveu, e o ar gelado penetrou até os meus ossos. Valek havia desaparecido.

Irys e eu caminhamos até o mercado naquela manhã. O céu escuro e nublado parecia refletir meu estado de humor. Enrolei-me na minha capa. Era a primeira vez que eu tivera de usá-la durante o dia.

Pessoas lotavam o mercado. Estavam com pressa de fazer suas compras antes que as escuras nuvens de chuva que dominavam o horizonte pudessem desabar sobre a Cidadela.

Fiz algumas pequenas compras antes de sentir o puxão familiar na minha manga. Fisk estava ao meu lado. Ele sorriu para mim. Seu rosto não exibia mais a desolação da subnutrição e eu pude ver uma

ocupada gangue de crianças carregando embrulhos para os compradores.

— Você queria que eu encontrasse um homem estranho morando com uma moça? — ele perguntou.

— Isso mesmo. Você os viu?

Ele sorriu, estendendo a mão.

— Informação custa dinheiro.

— Vejo que está expandindo para novos negócios. Muito esperto — comentei, entregando-lhe uma moeda de cobre sitiana. — Mas cuidado com quem você faz negócios. Algumas pessoas não apreciarão as suas perguntas.

Ele assentiu em sinal de compreensão e notei uma sabedoria que transcendia os seus 9 anos de idade naqueles olhos castanho-claros. Reprimi um suspiro. Em Ixia, a inteligência de Fisk teria sido encorajada. Ele teria crescido para se tornar um Conselheiro ou um oficial de alta patente, porém em Sitia ele crescera nas ruas, implorando por comida e dinheiro. Mas isso era passado.

Sorri.

— O que você sabe?

— Eu lhe mostrarei.

Fisk me puxou pela mão.

Irys, que permanecera em silêncio durante a nossa conversa, perguntou:

— Posso acompanhá-los?

Fisk abaixou a cabeça, olhando para o chão.

— Se assim desejar, Quarta Feiticeira — murmurou.

Um sorriso cansado apareceu no rosto de Irys.

— Lá se foi o meu disfarce.

Fisk a fitou com surpresa.

— Só os pedintes que trabalham perto de Council Hall a reconheceriam, Quarta Feiticeira. Sem muito para fazer durante o dia todo, eles estudam os membros do conselho. É uma brincadeira comum tentar ser o primeiro a reconhecer um dos Mestres Feiticeiros.

Irys ponderou os comentários de Fisk. Ele contorceu-se sob o escrutínio dela até não conseguir mais suportar seu olhar e virar o rosto.

— Venham. Por aqui — disse.

Nós o seguimos através da Cidadela. Cortando caminho por becos e pátios vazios, eu me perguntei se Valek estaria nos seguindo. Os residentes pareciam concentrados em suas tarefas e mal notavam a nossa passagem.

Fisk parou antes que alcançássemos uma praça, onde uma enorme estátua de jade de uma tartaruga com complicados detalhes entalhados em seu casco ocupava seu centro. A tartaruga verde-escura cuspiu água de sua boca para dentro de uma piscina.

Apontando para uma construção do outro lado da praça, Fisk disse:

— No segundo andar mora um homem com linhas vermelhas nas mãos. Ele é novo e ninguém o conhece. Usa uma capa que lhe esconde o rosto. Meu irmão já viu uma garota entrando no prédio, carregando embrulhos.

Olhei para Irys.

Esta área já foi revistada usando magia?, indaguei, usando minha mente.

Já. Mas não por um dos mestres.

Ela ampliou sua consciência e meus pensamentos a acompanharam. Nossas mentes detectaram uma jovem amamentando um bebê no primeiro andar. Ela pensava em colocar o bebê para dormir assim que ele estivesse satisfeito. Outra mulher no terceiro andar se preocupava com a possibilidade de chuva. Não sentimos ninguém no segundo andar, contudo a magia de Ferde se equiparava à de Irys, e ele não seria fácil de achar.

Eu poderia forçar mais, porém ele saberia que estamos aqui, Irys disse. *Voltarei mais tarde com reforços.*

Quem?

Roze e Bain. Juntos, devemos ser capazes de dominá-lo. E, assim que ele estiver inconsciente, será mais fácil de transportar até a

prisão da Fortaleza.

Por que inconsciente?

Um feiticeiro fica indefeso quando está inconsciente.

Dormindo?, perguntei, alarmada.

Não. Só se for um sono artificialmente induzido, ou se for nocauteado.

O que acontecerá quando ele acordar? Não será capaz de usar sua magia para fugir?

As celas da prisão da Fortaleza possuem um circuito fechado de poder. Se um mago tenta usar sua magia no interior da cela, o circuito absorve o poder místico e o direciona para as defesas da cela, até o mago ficar exausto.

Fisk, que vinha nos fitando fascinado, pigarreou.

— Acham que aquele que procuram está morando aqui?

— Será que a jovem que seu irmão viu não é a que tem o bebê?

— Irys perguntou para Fisk.

Ele sacudiu a cabeça.

— Essa é Ruby. Ela, às vezes, me paga para olhar Jatee.

Sorri.

— Você está se tornando um empreendedor e tanto.

— Comprei um vestido novo para minha mãe — ele disse, com orgulho.

A chuva começou a cair quando seguimos de volta para o mercado. Com um aceno, Fisk voltou a se juntar aos amigos e desapareceu. O mercado esvaziou-se quando os vendedores começaram a recolher seus produtos. Uma mulher esbarrou em mim na sua pressa de fugir da chuva. Ela gritou um pedido de desculpas, mas sequer reduziu o passo. Trovões ecoavam através das muralhas de mármore duro da Cidadela.

Vou procurar Roze e Bain. Você volta para a Fortaleza, Irys instruiu.

Mas quero estar presente quando vocês vasculharem o prédio.

Não. Permaneça na Fortaleza, Yelena. Ele quer você. E, se algo der errado e ele ameaçar ferir Opal, você sabe que se entregará. É

perigoso demais.

Quis argumentar. Mas Irys tinha razão, e, se eu a seguisse apesar de suas ordens, ela jamais voltaria a confiar em mim.

Irys seguiu na direção de Council Hall para encontrar Roze, que tinha um compromisso com a embaixadora ixiana. Uma reunião que eu adoraria testemunhar. A arrogante Mestra Feiticeira contra o poderoso Comandante.

A chuva começou a jorrar com vontade, encharcando minha capa. Quando enfiei as mãos molhadas e geladas nos bolsos, meus dedos tocaram em um pedaço de papel. Não me recordava de ter colocado nada ali. Embora não tenha vestido minha capa desde que viera para Sitia, eu a usara para dormir quando acampamos nas Planícies Avibian. Talvez o papel contivesse alguma mensagem obscura do Tecelão de Histórias. Eu ri. Parecia ser algo que o divertiria fazer, deixar um bilhete enigmático na minha capa. Contudo, o mistério teria de esperar até que eu tivesse encontrado algum abrigo da chuva.

Meus guardas aguardavam na entrada da Fortaleza. Eles me acompanharam quando segui para meu quarto. Após vasculharem o seu interior, eu os convidei a entrar, mas eles recusaram, citando algum regulamento militar.

Após acender a lareira e pendurar a capa encharcada para secar, peguei o papel. Era mesmo uma mensagem para mim. Minhas mãos ficaram geladas quando li as palavras, e nem mesmo o calor vindo da lareira foi capaz de aquecê-las.

— O que diz a mensagem? — Valek perguntou, saindo do quarto.

Eu já deixara de me surpreender com as habilidades dele. Ensopado, ele deve ter entrado pela janela do quarto, passando por um dos meus guardas.

Ele pegou o papel de minhas mãos.

— Ela possuía algumas habilidades rudimentares. Provavelmente uma batedora de carteiras contratada para lhe entregar este bilhete. Conseguiu dar uma boa olhada no rosto dela?

Fiz a ligação tardia entre a mulher que esbarrara em mim no mercado e a mensagem.

— Não. O capuz cobria a maior parte da cabeça dela.

Valek deu de ombros, mas seu olhar se fixou em mim após passar os olhos pelo bilhete.

— Uma virada interessante.

É claro que *Valek* consideraria isso uma interessante virada na história. Contudo, eu me sentia dividida.

— Ao que parece, o assassino está um passo à frente dos feiticeiros — disse. — Ele sabe que eles não a trocarão por Opal. Sendo assim, ele resolveu tomar o controle das coisas. Até onde a vida de Opal é importante para você?

Como de costume, Valek fora direto ao xis da questão. O bilhete de Ferde especificava um local e uma nova data para a troca. Três noites antes da lua cheia, o que era daqui a quatro dias. Suponho que ele precisava de algum tempo para me preparar para o ritual Efe. Minha pele arrepiou-se de medo e tentei afastar de meus pensamentos as terríveis imagens de ser estuprada e torturada.

Eu poderia contar para Irys e para os outros. Eles armariam uma armadilha para Ferde. Porém não me deixariam chegar perto do local, o que significava que a armadilha falharia.

Ou não contaria para Irys sobre o bilhete e iria sozinha ao encontro. Os avisos de Irys sobre o que aconteceria se Ferde absorvesse minha magia passaram pela minha cabeça. Ele se tornaria poderoso o suficiente para controlar Sitia.

Deixar Opal morrer para salvar Sitia? Prometera a mim mesma que não permitiria que isso acontecesse com ela. E, depois que Opal morresse, o que impediria Ferde de enganar outra feiticeira para lhe entregar sua alma? Nada.

Eu precisaria manter essa nova situação escondida sob meus pensamentos superficiais. Irys mantivera sua palavra de não bisbilhotar meus pensamentos, contudo, com o destino de Sitia em jogo, não me surpreenderia se ela rompesse a palavra.

Meu olhar encontrou o de Valek. Magia era incapaz de detectá-lo.

— A vida dela é importante — eu disse, em resposta à sua pergunta. — Mas capturar o assassino é vital.

— Do que você precisa, meu amor?

VALEK E EU fizemos alguns planos iniciais para o resgate de Opal. Quando ele retornou para a delegação ixiana, senti uma renovada sensação de propósito. No dia seguinte, usei meu tempo livre para praticar o controle sobre minha magia e para realizar alguns treinos físicos, preparando-me para meu encontro com Ferde.

Irys, Roze e Bain haviam invadido o apartamento onde, de acordo com Fisk, o homem com as mãos vermelhas morava. Os quartos estavam vazios e, pela bagunça espalhada no chão, os ocupantes haviam ido embora às pressas. Ou alguém o avisara, ou ele sentira a aproximação dos mestres. De qualquer modo, um beco sem saída, o que tornava meu plano com Valek ainda mais crítico.

Também comecei a ensinar técnicas de autodefesa para Zitora, enfim cumprindo minha parte na troca da pilha de roupas da Terceira Feiticeira por treinamento em defesa. A revisão também ajudou no meu treinamento.

A chuva do dia anterior empoçara no pátio de treinamento e espirrava lama em nós enquanto treinávamos as técnicas básicas de autodefesa. Uma estudante aplicada, Zitora rapidamente dominou os conceitos.

— Eu solto meu pulso da sua mão através do seu polegar? — Zitora perguntou.

— Isso. É a parte mais fraca. — Grunhi quando ela libertou o braço com um puxão. — Perfeito. Agora, não só lhe mostrarei como libertar o seu pulso, mas também como torcer a sua mão, para que possa agarrar o braço de seu atacante e quebrá-lo.

Seus olhos brilharam de alegria, e eu ri.

— Todo mundo acha que você é tão doce e gentil. Quase sinto pena do primeiro que tentar se aproveitar disso. Quase!

Treinamos por algum tempo, até seus movimentos se tornarem mais instintivos.

— É um bom começo — eu disse. — Tais golpes a ajudarão contra alguém mais forte do que você, mas, se enfrentar um oponente bem treinado, terá de usar táticas diferentes.

Zitora olhou por sobre meu ombro, e seus olhos amarelados se arregalaram.

— Quer dizer que *eu* poderia derrubar alguém como *ele*?

Eu me virei. Ari chegou ao pátio de treinamento, com Janco nos seus calcanhares. Usando sua camisa de treino sem mangas e calça curta, seu físico poderoso era evidente. Apesar de Janco ser um pouco mais magro do que o parceiro, eu sabia que sua velocidade se equiparava à força de Ari. Eles traziam cajados e exibiam no rosto sorrisos largos. Meus guardas da Fortaleza ficaram tensos, sem saber ao certo o que fazer. Eu os acalmei com um aceno da mão.

— Poderia — respondi para Zitora. — Com o treinamento adequado, poderia escapar dele. Não duraria muito em uma luta, mas não é para isso que serve a autodefesa. Lembra-se do que eu lhe disse? Bata e...

— Corra! — Janco acrescentou. — Fuja como um coelho com um lobo nos calcanhares. Vejo que está passando adiante a nossa sabedoria, Yelena. — Janco virou-se para Zitora e, com um sussurro conspirador, disse: — Ela foi treinada pelos melhores instrutores de toda Ixia.

— Outra regra de autodefesa é jamais acreditar em tudo que você escuta — Ari disse, quando Zitora pareceu impressionada com as palavras de Janco.

— Como foi que passaram pelos guardas da Fortaleza? — perguntei para Ari.

Ele deu de ombros.

— O guarda perguntou nossos nomes e o motivo de nossa visita. Nós lhe dissemos e ele entrou no quartel da guarda para consultar alguém. Quando voltou, nos disse onde poderíamos encontrá-la.

Devia haver um mago postado no portão que era capaz de se comunicar por magia com outros na Fortaleza. Era bom saber.

— Podemos nos juntar a vocês? — Janco perguntou. — Aprendi alguns novos golpes de autodefesa. Eles são terríveis!

— Estamos quase terminando — eu disse.

Zitora limpou o rosto em uma toalha.

— Preciso me arrumar antes da minha reunião com o conselho.

Ela se despediu com um aceno.

— Está cansada demais para um embate? — Janco perguntou. — Quero ter certeza de que esteja na sua melhor forma quando eu a derrotar.

Ele sorriu meigamente.

— Ele passou o dia inteiro se metendo em confusão — Ari disse. — Tempo demais passado postado protegendo a embaixadora Signe e o conselheiro Ilom, enquanto eles passavam de uma reunião para a outra.

— Um tédio! — Janco concordou.

O fato de Valek ter conseguido enganar tanto Ari quanto Janco com seu disfarce me fazia ficar um pouco mais tranquila no tocante à sua presença em Sitia.

— Eu podia estar cochilando e ainda assim o derrotaria, Janco — retruquei com semelhante bravata.

Ele girou seu cajado e deu um passo para trás, assumindo uma postura de combate. Peguei meu próprio cajado e coloquei a mente na minha zona de concentração. Ataquei.

— É bom ver que você manteve a forma — Janco bufou. Ele recuou alguns passos, mas contra-atacou com determinação. — Ela é forte, ágil e boa, mas será que voa? — Janco entoou.

Sorri, dando-me conta de como sentira saudade de suas rimas de luta. Um segundo antes de ele se mover, eu sabia que ele iria fingir atacar por cima, forçando-me a erguer minha guarda, para que pudesse acertar minhas costelas expostas. Quando não mordeu a isca e bloqueei o ataque, a surpresa fez com que Janco se calasse. Rindo, eu o empurrei para trás, usei o cajado para lhe dar uma rasteira e saltei para trás, para escapar dos respingos de lama quando ele caiu em uma poça.

Usando as costas da mão para limpar os olhos, Janco disse:

— Puxa, Ari, e *você* estava preocupado com *ela*.

— Ela aprendeu um truque novo desde que veio para Sitia — Cahil afirmou.

Ele estava apoiado na cerca do pátio de treinamento, e deve ter assistido ao combate.

A postura de Ari tornou-se defensiva e alerta quando Cahil aproximou-se para se juntar a nós. Armado com sua espada comprida, Cahil usava uma túnica larga cor de areia e calça marrom.

Mesmo após eu apresentar Cahil, Ari ainda não relaxou. Ele o fitava com desconfiança. Torci para que Ari e Janco não reconhecessem o nome de Cahil. Os nomes da família do falecido rei não eram mencionados nos livros do Comandante da história da tomada de poder, e, se os cidadãos mais antigos de Ixia se recordavam, eles não saíam por aí espalhando.

— Que truque? — Janco perguntou.

— Um truque mágico. Ao ler seus pensamentos, ela se antecipa a todos os seus movimentos. Ela é diabólica, não acham? — Cahil perguntou.

Antes que Janco pudesse responder, eu disse:

— Não li os pensamentos dele. Mantive minha própria mente aberta e captei-lhe as intenções.

— Pois, para mim, parece a mesma coisa — Cahil contra-argumentou. — Leif tinha razão quando a acusou de usar magia para me derrotar naquela vez que treinamos na floresta. Não só é diabólica, mas também é mentirosa.

Pousei a mão no braço de Ari para impedir que ele estrangulasse Cahil.

— Cahil, não precisei ler sua mente. O fato é que você não é tão habilidoso quanto Ari e Janco. Na verdade, foram eles que me ensinaram a encontrar tal zona de concentração, caso contrário eu jamais teria a menor chance contra eles. Só há uma pessoa que eu conheça capaz de enfrentá-los e vencer sem qualquer ajuda — afirmei.

Janco ponderou.

— Uma pessoa?

Ele coçou a cicatriz da orelha, pensando.

— Valek — Ari disse.

— Ah, sim. O infame Valek. Não tenho dúvidas de que a amante *certamente* o teria em tão alta estima. Ou será que devo chamá-la de sua espiã?

Cahil me lançou um olhar desafiador.

— Acho melhor você ir embora. Agora — Ari aconselhou.

Sua voz se assemelhava a um rugido.

— Este é o meu lar. Graças a Valek. Vão embora vocês — Cahil disse para Ari, mas seus olhos jamais abandonaram meu rosto.

Janco se colocou entre nós.

— Vamos ver se entendi direito. Yelena o derrotou. Sendo assim, você quer uma revanche, mas acha que ela vai usar sua magia em vez de sua habilidade de combate para derrotá-lo. É um dilema e tanto. — Janco alisou o cavanhaque. — Considerando que *eu* ensinei tudo que ela sabe, e que não tenho nenhuma magia, graças aos céus, que tal lutar comigo? Sua comprida espada contra meu cajado.

— *Você* lhe ensinou tudo? — Ari perguntou.

Janco fez pouco-caso do comentário.

— Detalhes, detalhes. Estou pensando na coisa como um todo, Ari.

Cahil concordou com o embate. Com uma expressão confiante, Cahil assumiu uma postura de combate e atacou. O cajado de Janco pareceu um borrão ao se mexer, e ele desarmou Cahil com apenas três movimentos. O mau humor de Cahil só fez piorar quando Janco lhe disse que ele precisava usar uma espada mais leve.

— Ela o ajudou — Cahil disse para Janco. — Eu deveria saber que não poderia confiar em um bando de nortistas.

Cahil foi embora marchando, com a promessa de um encontro futuro ardendo nos seus olhos.

Dei de ombros, ignorando seus comentários. Cahil não conseguiria arruinar meu tempo com meus amigos. Desafiando Janco para outro embate, girei meu cajado na sua direção, mas ele o bloqueou com facilidade e contra-atacou com outra de suas estocadas velozes como relâmpagos.

Nós três treinamos juntos por algum tempo. Mesmo conectada à minha zona mental, Ari ainda conseguiu me derrotar duas vezes.

Ari sorriu.

— Estou me esforçando para não projetar minhas intenções — ele disse, após me derrubar na lama.

A luz do dia desapareceu rapidamente. Cansada, recoberta de várias camadas de lama e suor, e com um odor capaz de atrair moscas, eu não via a hora de tomar um banho.

Antes de Ari e Janco voltarem para a Cidadela, Ari pousou sua enorme mão no meu ombro.

— Tenha muito cuidado. Não gostei do modo como Cahil olhou para você.

— Sempre tenho cuidado, Ari.

Despedi-me com um aceno e dirigi meu corpo dolorido para o local de banhos.

A estação refrescante estava chegando ao fim; eu podia enxergar a constelação da Rainha do Gelo reluzindo no céu noturno sem nuvens. A meia-lua brilhava como uma joia. Apenas seis dias até a

lua cheia. Estremeci sob o ar frio. Quando a manhã chegasse, as poças estariam congeladas.

Meus pensamentos se demoraram em Cahil, e na velocidade com que nossa relação retornara àqueles primeiros dias, quando ele acreditara que eu era uma espiã nortista. Um círculo completo. Pus a mão no meu bracelete de cobra, girando-o no antebraço.

Só quando notei que o campus parecia estranhamente vazio e silencioso é que olhei ao redor, procurando os meus guardas. Acostumada com a presença deles, levei alguns instantes para me dar conta de que não estavam mais me seguindo.

Pegando meu cajado, procurei agressores. Não vi nenhum. Reuni poder para projetar minha consciência, mas um inseto me picou no pescoço e, distraída, tentei acertá-lo com um tapa. Meus dedos encontraram um pequeno dardo. A ponta de metal oca pingando com meu sangue.

Menti para Ari. Não tomara cuidado. Confiara nos meus guardas para me manter em segurança. Centenas de desculpas para meu lapso passaram pela minha cabeça quando o mundo começou a girar. A culpa era toda minha.

Infelizmente, a admissão de minha própria estupidez não impediu que a escuridão se apossasse de mim.

UMA DOR AGUDA e uma dormência ardente nos ombros me despertaram de meu sono. Com um gosto rançoso na boca, olhei ao redor. Nada parecia familiar. E por que é que eu estava de pé? Não de pé, pendurada. Erguendo a cabeça, avistei o motivo de minha posição. Meus pulsos estavam algemados às pontas de uma comprida corrente que pendia de uma grossa viga de madeira no teto. Assim que plantei os pés no chão, a dor nos meus ombros aliviou consideravelmente.

Estudando os arredores, vi pás enferrujadas e enxadas cobertas de terra apoiadas ao longo das paredes de madeira. Teias de aranha agarravam-se a foices cegas. Poeira recobria as ferramentas. A luz do sol entrava por pequenas frestas e buracos, iluminando o que eu supunha ser um galpão abandonado com sua luz fraca.

Minha confusão quanto a como eu chegara ali desapareceu no instante em que escutei a voz dele atrás de mim:

— Começaremos suas lições agora. — O tom de satisfação de Goel me revirou o estômago. — Vire-se e veja o que tenho planejado para você.

Minha pele se arrepiou de medo, mas forcei meu rosto a assumir uma expressão neutra, antes de me virar. Um sorriso arrogante

iluminou o rosto de Goel, e ele gesticulou para a mesa à sua direita. Armas e exóticos instrumentos de tortura estavam dispostos sobre sua superfície. Uma carroça contendo uma saca de estopa vazia estava à esquerda de Goel. A estrutura era maior do que eu pensara. A porta do galpão encontrava-se atrás dele, aparentemente longe demais para mim; contudo, na verdade, apenas a três metros de distância.

Goel acompanhou meu olhar e sorriu.

— Fechada e trancada. Estamos em um lugar esquecido, longe da Fortaleza.

Ele pegou um pequeno chicote de couro com ferrões de metal nas pontas.

A Fortaleza! Reuni um pouco de poder e projetei um desesperado chamado mental.

Irys.

— Como estão as costelas? — perguntei, tentando distraí-lo.

Ele franziu a testa e levou a mão à lateral do peito.

— Aquele cavalo vai dar um guisado delicioso. — Ele estalou os lábios. — Mas isso fica para mais tarde.

Ele ergueu o chicote.

Yelena! Graças aos céus você está viva, ecoou a voz apreensiva de Irys na minha mente. *Onde você está?*

Em um galpão em algum lugar.

Goel aproximou-se para me golpear com o chicote. Eu o chutei na barriga. Ele deu um salto para trás, mais de surpresa do que de dor.

— O erro foi meu — disse, voltando para a mesa. — Não se preocupe. Eu conserto.

Ele pegou um dardo, mergulhando-o em um frasco contendo um líquido.

A poção para dormir. Pensei rápido.

Preciso de mais informações. Ferde está com você?, Irys perguntou.

Não é Ferde. É Goel.

Goel?

Não há tempo. Explico mais tarde.

Goel colocou o dardo em um tubo oco. Ele mirou. Eu ri. O tubo oscilou e ele estreitou os olhos ao me fitar confuso.

— Não consigo acreditar — eu disse.

— Acreditar no quê?

Ele abaixou a arma.

— Que você está com medo de mim. Não, com medo não. Apavorado. — Ri novamente. — Você é incapaz de me derrotar em uma luta limpa; sendo assim, prefere me emboscar e drogar. Até mesmo quando estou acorrentada, você ainda está com medo.

— Não estou, não.

Ele trocou o tubo por um par de algemas, e mergulhou na direção dos meus pés.

Eu resisti, mas ele era mais pesado do que eu. No final, meus tornozelos acabaram algemados um ao outro. Em seguida, Goel esticou a corrente de uns vinte centímetros entre as algemas até o chão. Chega de chutes, mas eu estava acordada, e tinha um outro truque. Magia. As opções passaram pela minha cabeça.

Poderia tentar paralisar os músculos de seu corpo, mas não sabia como fazer isso. Goel escolheu outro chicote sobre a mesa. Este era mais comprido, com couro trançado e pequenas bolas de metal presas às tiras da ponta.

Ele jogou o braço para trás. Projetei uma série de imagens confusas em sua cabeça.

Goel perdeu o equilíbrio e caiu no chão.

— Hã?

Ele parecia confuso.

Enquanto ele tentava se levantar, notei um ligeiro movimento atrás de Goel. O trinco moveu-se e a maçaneta girou. A porta abriu-se bruscamente e o galpão foi invadido pela luz. Duas figuras postaram-se no vão da porta, apontando suas espadas para o coração de Goel. Ari e Janco.

— Yelena, você está bem? — Ari perguntou.

Seus olhos jamais abandonaram o rosto surpreso de Goel.

Janco aproximou-se e inspecionou as correntes.

— Chaves? — ele pediu para Goel, que cerrou os lábios. — Acho que terei de fazer isso da maneira difícil.

Janco pegou suas ferramentas de arrambar fechaduras do bolso.

Minha primeira onda de alívio ao ver meus amigos se acalmou. Esse resgate não impediria Goel de tentar novamente. Mesmo que fosse preso por sequestro, Goel guardaria rancor até ser libertado, e, daqui a vários anos, eu poderia me ver na mesma situação. *Eu* tinha de lidar com ele. Goel precisava saber que jamais poderia me vencer.

Sacudi a cabeça para Janco.

— Tenho a situação sob controle. Voltem para a Fortaleza, eu os encontrarei lá.

Janco me fitou com silenciosa incredulidade. Contudo, Ari confiava em mim.

— Vamos, ela não precisa da nossa ajuda.

Ari embainhou a espada.

Janco recompôs-se. Ele me lançou um de seus sorrisos travessos.

— Aposto uma moeda de cobre que ela estará livre em cinco minutos — ele disse para Ari.

Ari grunhiu divertidamente.

— Aposto uma moeda de prata em dez minutos — ele contrapropôs.

— Aposto uma moeda de ouro com cada um como ela o mata — Valek disse, atrás deles. Eles afastaram-se para o lado e ele entrou no galpão, ainda usando o disfarce do conselheiro Ilom. — A única maneira de resolver o seu problema, não é, amor?

— Nada de matar — retruquei. — Darei um jeito.

— Ele é um de meus homens. Eu cuidarei disso — Cahil disse da porta.

Valek deu-lhe as costas, mas Cahil ficou olhando intensamente para ele, antes de entrar.

— Goel, entregue-se — Cahil ordenou.

Valek desapareceu nas sombras. O galpão cheio parecia ficar cada vez menor. Eu não me surpreenderia de ver Irys e os outros mestres

entrando atrás de Cahil. Podíamos dar logo uma festa.

Durante as conversas e as chegadas, o rosto de Cahil transformou-se de atordoado para horrorizado, e finalmente expressou uma obstinada determinação.

— Goel, você tinha razão quanto a Yelena. Mas esta não é a maneira de lidar com ela. Ainda mais com dois dos capangas dela por perto. Solte-a.

— Não recebo ordens de você. Todo mundo pode fingir que você está no comando. Eu não.

— *Você* está desafiando a minha autoridade?

— Você não tem autoridade comigo — Goel retrucou.

O rosto de Cahil ficou vermelho como um pimentão, quando ele balbuciou:

— Como ousa...

— Cavalheiros! — gritei. — Podem discutir isso mais tarde. Todo mundo saia. Agora! Meus braços estão me matando!

Janco arrastou Cahil para fora do galpão. Ari fechou a porta. Goel permaneceu ali, piscando os olhos ante a súbita escuridão.

— Onde estávamos? — provoquei.

— Não pode esperar que eu...

Ele gesticulou na direção da porta.

— Esqueça-os. Tem mais com o que se preocupar aqui dentro do que lá fora.

Ele fez uma careta de desprezo.

— Você não está em posição de contar vantagem.

— E você parece não entender direito o que é enfrentar uma *feiticeira*.

O sorriso de desdém desapareceu de seu rosto.

— Acha que eu sou apenas uma garota que precisa aprender uma lição. Que eu deveria ter medo de você. É você quem precisa aprender uma lição.

Reuni meu poder e estendi minha consciência na direção de Goel.

A palavra "feiticeira" apenas provocara uma breve pontada de dúvida na mente de Goel.

Afinal de contas, ele pensou, se ela fosse uma feiticeira boa, não teria sido tão fácil de capturar.

— Um lapso momentâneo — eu disse.

Como ele não possuía poderes místicos, não conseguia escutar meus pensamentos, mas talvez eu conseguisse controlá-lo. Fechei os olhos e me projetei em Goel, correndo o risco de que, se eu era capaz de fazê-lo com Topaz, conseguiria o mesmo com uma pessoa.

Quando entrei na sua mente, ele sobressaltou-se, como se houvesse sido atingido por um raio. Embora satisfeita pela minha transferência ter funcionado, estar perto dos pensamentos nojentos de Goel me fez sentir saudades dos pensamentos puros de Topaz.

Quando focalizei os olhos de Goel em mim, entendi por que sua opinião a meu respeito era tão negativa. Meu cabelo estava uma bagunça. A combinação de olhos fechados, rosto coberto de sujeira e roupas enlameadas me fazia parecer patética. Uma figura indefesa precisando de um banho.

Senti seu pânico quando ele se deu conta de que perdera o controle do próprio corpo. Goel ainda podia pensar, enxergar e pensar. Admirei sua força física, mas tive um pouco de dificuldade para lhe mover o corpo. As proporções pareciam esquisitas e equilibrar-lhe o corpo exigiu um esforço concentrado.

Ele tentou recuperar o controle, mas rechacei seus esforços débeis. Procurei a chave para as algemas e a encontrei sob sua mochila, debaixo da mesa. Destranquei e removi as algemas dos meus pés. Segurando-me com um dos braços de Goel, destranquei as algemas dos pulsos. Agarrei meu corpo antes que ele pudesse ir ao chão e o ergui.

Eu parecia leve como uma pena. Meu corpo respirava e o sangue pulsava. Carreguei-o e o pousei gentilmente no chão, perto da porta. Usando o polegar de Goel, ergui minha pálpebra esquerda. Embora meu corpo estivesse vivo, a centelha da vida desaparecera. Enervada, fiquei de pé e recuei.

Quando uma sensação de total impotência apossou-se de Goel, permiti que ele experimentasse a sensação por um bom tempo.

Pegando a faca de sobre a mesa, fiz um corte raso no seu braço. Senti a dor do corte, mas ela pareceu branda e distante. Pousando a ponta da lâmina no peito, perguntei-me se nos mataria a ambos se a enterrasse no seu coração.

Uma questão interessante que teria de ser respondida em alguma outra ocasião. Arrancando as botas, fechei as algemas ao redor dos tornozelos de Goel, depois encurtei a corrente que pendia da viga no teto antes de fechar as algemas ao redor dos pulsos. Saboreei a combinação de medo, desconforto e vexação que lhe passava pela cabeça antes de me projetar na direção do meu próprio corpo.

O galpão girou por um instante, antes que eu abrisse meus olhos. A fadiga percorria meus membros. Levantei-me lentamente, mas consegui exibir um sorriso arrogante ante os novos apuros de Goel. Ao seguir para a porta, supus que provavelmente jamais teria descoberto aquela habilidade mística treinando com Irys e os outros feiticeiros. E o que exatamente eu fizera? Transferira minha magia? Minha vontade? Minha alma? Ignorei tais pensamentos desconcertantes. Tomar controle do corpo de uma pessoa e forçá-la a se mover devia ser contra o Código de Ética. Porém, ao sequestrar-me, Goel tornou-se um criminoso. O Código de Ética não se aplicava a ele. Quase ri. Acho que deveria me sentir grata por Goel ter me atacado. Agora, sabia outra técnica de defesa mística.

Ari e Janco estavam me aguardando do campo de grama alta que cercava o galpão. Vi uma cerca aos pedaços e um celeiro desmoronado, e supus que estivéssemos em uma fazenda abandonada nos arredores da Cidadela. Valek e Cahil não haviam me aguardado.

Ari sorriu quando Janco colocou uma moeda de prata em sua enorme mão.

— Seu problema?

— Eu o deixei pendurado.

— Por que demorou tanto? — Janco queixou-se.

— Queria deixar algo bem claro. Onde estão... Hã, o conselheiro Ilom e Cahil?

— Qual o motivo da súbita preocupação por Ilom? — Janco indagou, com falsa sinceridade. — Ele é bem crescidinho, e possui habilidades surpreendentes. Aquele velho chato e pomposo apareceu do nada, fez uma imitação perfeita da voz de Valek e desapareceu como que em um passe de mágica. O homem é um gênio! Eu deveria ter sabido que ele nos acompanharia. Valek jamais perderia toda a diversão.

O sorriso desapareceu do rosto de Ari.

— Valek vai acabar sendo pego. Cahil seguiu direto para a Cidadela, provavelmente para contar para os membros do conselho sobre Valek.

— Mas foi um disfarce e tanto — Janco afirmou. — Sem dúvida, nos enganou.

— Cahil já suspeitava que Valek estivesse aqui — eu disse, tremendo ante o ar matinal frio. Agora, ele tinha certeza. — Estou certa de que Valek dará um jeito.

Contudo, minha mente cansada não conseguia chegar a uma boa solução.

Ari foi até o galpão e pegou minha mochila, no local onde ela estava apoiada contra a parede.

— Achei que pudesse querer isso.

Ele a entregou para mim.

No seu interior, encontrei minha capa. Enrolando-me na vestimenta quente, fiz menção de colocar a mochila nas costas, mas Ari a tomou de mim.

— Vamos — ele disse.

Ele e Janco me conduziram através dos campos não cultivados. Passamos por uma casa vazia.

— Onde estamos? — perguntei.

— Cerca de três quilômetros a leste da Cidadela — Ari informou.

Só a ideia de ter de caminhar três quilômetros me fez hesitar.

— Como foi que me encontraram?

— Seguimos seus guardas na noite passada, só para ter certeza de que sabiam o que estavam fazendo. Quando nos demos conta de

que haviam sido atacados, você já desaparecera — Ari explicou.

Janco sorriu.

— Os magos ficaram em polvorosa. Grupos de busca foram organizados. — Ele sacudiu a cabeça, como que admirado com a comoção. — Não sabíamos o que eles encontrariam no escuro. Apenas torcemos para que não arruinassem as pistas. Assim que o sol saiu, não perdemos tempo em seguir os rastros. Goel usou uma carroça para tirá-la da Fortaleza e da Cidadela.

Lembrei da saca de estopa largada na carroça. Goel deve ter me escondido na saca.

— Suponho que Cahil tenha nos seguido — Janco comentou. Coçando sua cicatriz, ele acrescentou: — É claro que você não precisava de nossa ajuda. Agora, tenho de achar algum soldado para surrar só para manter meu ego intacto.

Ao alcançarmos o portão leste da Cidadela, avistei uma comoção perto do quartel da guarda. Um cavalo solto estava dando trabalho aos guardas. Kiki.

Paramos ao cruzar o portão.

Moça Alfazema cansada. Precisa de montaria.

Como foi que me encontrou?

Segui cheiro de Homem Forte e Homem Coelho.

Ela estava se referindo a Ari e Janco. Pedi desculpas aos guardas do portão pela confusão provocada por Kiki. Ari me ajudou a subir no lombo dela e me passou a mochila.

— Nós a alcançaremos mais tarde — Ari prometeu.

Antes que Kiki e eu seguissemos para a Fortaleza, agradei aos meus amigos.

— Pelo quê? Não fizemos nada — Janco resmungou.

— Por se importar comigo o suficiente para seguir meus guardas. E, da próxima vez, eu posso mesmo estar precisando de ajuda.

— É melhor que não *haja* uma próxima vez — Ari disse, lançando-me um olhar sério.

— Que comovente — Janco zombou, fingindo enxugar os olhos. — É melhor você ir, Yelena. Não vai querer me ver chorar.

Ele fingiu fungar.

— Estou certa de que seu ego aguenta — retruquei. — Ou será que precisará surrar alguns novatos para voltar a se sentir como um homem.

— Muito engraçado — ele disse.

Despedi-me com um aceno, e pedi para Kiki me levar para casa. No caminho, conectei-me com Irys e a pus a par do que acontecera. Ela prometeu mandar alguns guardas para prender Goel.

Se eu não conseguir chegar ao meu quarto, vou estar dormindo no celeiro, informei, bocejando. Senti-a hesitar. O que foi agora?

Seus pais chegaram esta manhã.

Ah, não!

Ah, sim. Esau está aqui comigo, mas quando sua mãe descobriu que você havia desaparecido, ela subiu em uma árvore, e ainda não conseguimos convencê-la a descer. Ela está histérica e se recusa a nos dar ouvidos. Você terá de falar com ela.

Suspirei.

Estou a caminho. Onde ela está?

Perl estava em um dos carvalhos altos perto do pasto.

Kiki me levou até a base da árvore. Punhados de folhas alaranjadas e marrons ainda se agarravam aos galhos. Avistei a capa verde de minha mãe próximo ao topo. Gritei para Perl, avisando que eu estava bem.

— Você pode descer agora — eu disse.

— Yelena! Graças aos céus! Suba até aqui, onde é seguro.

Resignei-me ao fato de que não seria fácil fazer Perl descer e retirei minha capa e minha mochila, deixando-as caírem ao chão. Mesmo de pé no lombo de Kiki, eu ainda tinha de me esticar para alcançar o galho mais baixo. A habilidade de minha mãe para subir em árvores era impressionante.

Enquanto Kiki pastava, eu me alcei cada vez mais alto, escalando até alcançar minha mãe. Acomodei-me no galho abaixo do dela, mas, em questão de segundos, ela apareceu ao meu lado, abraçando-me bem apertado. Quando o corpo dela começou a

sacudir devido ao seu soluçar, tive de me agarrar ao tronco da árvore para que não caíssemos.

Aguardei até que ela tivesse se acalmado um pouco, antes de gentilmente afastá-la de mim. Ela permaneceu sentada ao meu lado, apoiando a cabeça no meu ombro. Seu rosto estava coberto de sujeira nos pontos onde as suas lágrimas haviam se misturado com a lama seca das minhas roupas. Ofereci-lhe o único local limpo da minha camisa, mas ela sacudiu a cabeça, retirando um lenço do bolso. Sua capa verde-escura tinha muitos bolsos, e a roupa parecia ter sido feita sob medida, eliminado o volumoso excesso de tecido. Ela não daria uma boa coberta, mas era perfeita para manter uma pessoa aquecida, enquanto esta viajava pelo topo das árvores.

— É um dos modelos de Nutty? — perguntei, apontando para o tecido.

— É. Como há 14 anos eu não deixava a selva... — Ela exibiu um sorriso triste. — Precisava de algo para o clima frio.

— Fico feliz que tenha vindo — eu disse.

O sorriso de Perl desapareceu. Uma expressão de pavor passou pelos olhos dela antes que ela inspirasse profundamente algumas vezes.

— Seu pai me deu um pouco de Eladine para me manter calma durante a viagem, e eu estava indo muito bem, até...

Com uma careta, ela levou a mão ao pescoço.

— Não chegou em uma boa hora — admiti. — Mas estou bem, está vendo?

Estendi um dos braços. Foi um erro.

Ela o agarrou, fitando intensamente as manchas roxas e ensanguentadas ao redor do meu pulso. Abaixei a manga para encobri-las.

— São apenas arranhões.

— O que aconteceu? E nem venha tentar me dourar a pílula — ela ordenou.

Eu lhe contei uma versão resumida, ligeiramente abrandada.

— Ele não vai me incomodar novamente.

— Jamais acontecerá novamente. Você vai voltar para casa conosco — ela declarou.

Após aquela manhã, tive até vontade de concordar.

— E o que eu faria por lá?

— Ajudaria seu pai a colher amostras, ou me ajudaria a fabricar perfumes. A ideia de voltar a perdê-la é demais para eu suportar.

— Mas você precisa suportá-la, mãe. Não vou fugir e nem me esconder de situações difíceis ou perigosas. E fiz algumas promessas, para mim mesma e para outros. Tenho de levar as coisas até o fim, porque, se eu fugisse, jamais conseguiria viver comigo mesma.

Uma brisa agitou as folhas e o suor na minha pele pareceu se transformar em gelo. Minha mãe apertou a capa ao redor do corpo. Pude pressentir suas emoções enquanto elas se contorciam no seu íntimo. Ela estava em um lugar estranho, lidando com a realidade de que a filha de livre e espontânea vontade se colocaria em perigo pelos outros. E de que poderia perdê-la novamente. Perl estava lutando contra tal medo, querendo nada mais do que a segurança da família e a familiaridade de seu lar.

Tive uma ideia.

— A capa de Nutty me lembra da selva — eu disse.

Ela olhou para a roupa.

— É mesmo?

— É da mesma cor que a parte de baixo de uma folha de ilangue-ilangue. Lembra-se daquela vez em que fomos pegos de surpresa por um temporal quando estávamos voltando para casa do mercado? E nos protegemos sob uma enorme folha de ilangue-ilangue?

— Você lembrou.

Ela sorriu.

Assenti.

— Minhas lembranças de infância foram libertadas. Mas eu não as teria agora se não houvesse corrido o risco e seguido Irys até as Planícies Avibian.

— Você esteve nas planícies. — O horror em seu rosto transformou-se em admiração. — Você não tem medo de nada, não é?

— Durante a viagem, pude listar pelo menos cinco coisas das quais tive medo.

Especialmente de ter a minha cabeça arrancada pela cimitarra do Homem da Lua, mas era inteligente o suficiente para não contar *isso* para minha mãe.

— Sendo assim, por que você foi?

— Porque precisávamos de informação. Não podia permitir que meu medo me impedisse de fazer o que tinha de ser feito.

Ela ponderou minhas palavras em silêncio.

— Sua capa pode protegê-la de muito mais do que apenas do clima — eu disse. — Se encher os bolsos com alguns itens especiais de casa, poderá se cercar da selva sempre que estiver se sentindo assustada ou com medo.

— Não pensei nisso.

— Na verdade, tenho algo que poderá colocar no bolso agora, que a lembrará de mim.

Sem esperar para ver se ela me seguia, desci da árvore. Pendurei-me no galho mais baixo antes de saltar para o chão. Enquanto vasculhava minha mochila, olhei para cima, a tempo de ver a minha mãe vir escorregando pelo tronco da árvore. Encontrei meu amuleto do fogo em um dos bolsos da mochila. Considerando os problemas que eu vinha enfrentando, o amuleto ficaria mais seguro com minha mãe.

— Ganhei isso durante uma época de minha vida na qual o medo era meu único e constante companheiro.

Entreguei-o para ela. Era o prêmio de primeiro lugar de uma competição acrobática no Festival do Fogo anual de Ixia. O que veio em seguida foi o pior período de minha vida, mas, mesmo sabendo o que viria depois, eu teria competido novamente pelo amuleto.

Apontei para o amuleto nas mãos de minha mãe.

— Esse é um dos quatro itens que mais prezo na vida. Quero que fique com você.

Ela examinou o amuleto do fogo.

— Quais são os outros três?

— Minha borboleta e minha cobra.

Puxei o colar para fora da blusa e mostrei meu bracelete.

— Alguém os fez para você?

— É. Um amigo — completei antes que ela pudesse perguntar algo mais.

Ela ergueu uma das sobrancelhas finas, mas apenas indagou:

— Qual é a última coisa?

Mexi na mochila, enquanto ponderava se minha mãe ficaria chocada ao saber que eu prezava muito uma arma. Longe de ser a filha perfeita, supus que ela não ficaria nada surpresa. Entregando-lhe o canivete, expliquei o que significavam os símbolos no cabo.

— O mesmo amigo? — ela perguntou.

Eu ri e lhe contei sobre Ari e Janco.

— São mais como irmãos mais velhos do que amigos.

O sorriso de minha mãe lembrou o sol aparecendo após uma longa tempestade.

— É bom saber que há pessoas em Ixia que gostam de você. — Ela enfiou o amuleto do fogo no bolso da capa. — O fogo representa força. Sempre terei isto comigo.

Abraçando-me por um instante, Perl afastou-se e declarou:

— Você está congelando. Vista sua capa. Vamos entrar.

— Sim, mamãe.

Esau e Irys nos aguardavam nos aposentos de hóspedes da Fortaleza, no setor oeste do campus. Suportei um abraço de urso do meu pai, mas tive de recusar o convite para jantar com meus pais. Minha vontade de um banho e dormir um pouco era mais forte do que a fome. Antes que me deixassem partir, tive de prometer passar a maior parte do dia seguinte com eles.

Irys me acompanhou até o local de banhos. Ela estava com olheiras escuras e parecia estar tão cansada quanto eu me sentia. A

Quarta Feiticeira parecia pensativa.

— Por acaso usou sua magia na sua mãe? — perguntou.

— Acho que não. Por quê?

— Ela parecia tão tranquila. Talvez você o tenha feito instintivamente.

— Mas isso não seria bom. É para eu ter total controle, não é?

— Estou começando a achar que nem todas as regras se aplicam a você, Yelena. Talvez tenha sido sua criação, ou o fato de que começou a controlar sua magia quando já era mais velha, o motivo de seus poderes se desenvolverem de forma tão incomum. Contudo, não se preocupe — ela acrescentou ao ver minha expressão. — Acredito que você se beneficiará com isso.

Irys e eu nos despedimos no local de banhos. Após um demorado mergulho em água quente, arrastei-me até meus aposentos. Meus últimos pensamentos antes de adormecer foram para me surpreender com o fato de que Irys confiara o suficiente em mim para não postar mais guardas me vigiando.

Senti como se meros instantes em um sono desprovido de sonhos houvessem passado quando o chamado mental de Irys me acordou. Apertei os olhos ante a luz forte do sol que atravessava a janela, tentando me orientar.

Que horas são?, perguntei.

Já estamos no meio da manhã, Irys respondeu.

Manhã? Isso significava que eu dormira desde ontem à tarde.

Por que me acordou?

Uma sessão de emergência do Conselho foi convocada, e sua presença é solicitada.

Sessão de emergência?

Goel foi assassinado, e Cahil alega que o Conselheiro Ilom é Valek disfarçado.

GOEL ASSASSINADO? VALEK capturado? Minha mente sonolenta não conseguiu entender direito o comentário de Irys, e sua atenção foi desviada antes que eu pudesse interrogá-la. Troquei de roupa o mais rápido que pude e corri para Council Hall.

Será que Valek matou Goel? E, se Valek realmente estava sob custódia, ele acabara de dar aos sitianos mais um motivo para executá-lo. Será que eu deveria fingir estar surpresa com a presença de Valek, ou admitir que sabia a respeito dele? Será que eu seria considerada cúmplice no assassinato de Goel? Talvez suspeitassem de mim. Apenas disse a Irys onde poderia encontrá-lo; não mencionara os outros para ela.

Perguntas sem resposta giravam na minha mente. Hesitei diante dos degraus que levavam a Council Hall, ajeitei minha trança e alisei as roupas. Estava usando uma das blusas e saias-calças que Nutty fizera para mim. Olhando ao redor, certifiquei-me de que ninguém me seguira. Irys confiava em mim para cuidar de mim mesma. Eu não podia desapontá-la.

Os membros do conselho, os quatro Mestres Feiticeiros, um punhado dos guardas da Fortaleza e Cahil haviam se reunido no grande salão. O barulho dos vários argumentos atingiu níveis

ensurdecedores, e avistei Cahil gesticulando agitadamente para o Conselheiro dos Sandseed. O rosto vermelho de Cahil se contorceu de raiva quando ele respondeu.

Roze Featherstone, a Primeira Feiticeira, bateu com o martelo na mesa para trazer ordem à reunião. As conversas cessaram e os conselheiros tomaram os seus lugares. As decorações da cerimônia de recepção haviam sido removidas, e uma mesa em forma de U havia sido trazida para o salão. Roze e os outros quatro mestres estavam sentados diante da curva da mesa, enquanto os representantes dos clãs acomodavam-se ao longo das laterais retas. Seis de um lado e cinco do outro, com Cahil ocupando o sexto assento. Um pódio de madeira fora colocado no meio do U. Eu estava postada ao lado do Capitão da guarda e de seus homens perto da parede lateral, na esperança de ninguém me notar.

— Vamos tratar do assunto do tenente Goel Ixia — Roze ordenou. Olhei surpresa para Irys.

Todos os refugiados nortistas receberam Ixia como o nome de seu clã, Irys explicou na minha mente. Cahil é considerado o líder do clã. É um clã e título honorários. Ele não tem terras e nem poder de voto no conselho.

Isso explicava o ressentimento de Cahil pelo conselho, e sua contínua frustração por não conseguir apoio à campanha contra o Comandante.

— O tenente Ixia foi encontrado morto em um campo não cultivado a leste da Cidadela, em terras do clã Featherstone — Roze anunciou. — Os curandeiros determinaram que ele foi morto com um golpe de espada que lhe atravessou o coração.

Murmúrios espalharam-se por entre os membros do conselho. Roze os interrompeu com um olhar frio.

— A arma não foi encontrada no local do crime, e uma busca nos arredores do campo está em andamento nesse exato instante. De acordo com a Quarta Feiticeira, Yelena Liana Zaltana foi a última pessoa a vê-lo com vida. Eu a chamo à bancada das testemunhas.

Dezesseis pares de olhos se voltaram para mim. Expressões hostis, preocupadas e desconfiadas podiam ser vistas.

Não se preocupe, Irys disse. Conte-lhes o que aconteceu.

Caminhei até o pódio, supondo que fosse aquilo a bancada das testemunhas.

— Explique-se — Roze exigiu.

Eu contei sobre o rapto e minha fuga. Coletivas exclamações de surpresa ecoaram quando expliquei que tomei o controle do corpo de Goel. Sussurros sobre o Código de Ética começaram a se espalhar.

Irys ficou de pé, e disse:

— Não há nada ilegal em usar magia para a autodefesa. Na verdade, ela deveria ser louvada por se livrar de Goel sem fazer mal a ele.

Os membros do conselho fizeram um número interminável de perguntas sobre os motivos de Goel. Somente após os guardas postados para me proteger confirmarem que haviam sido drogados é que as perguntas do conselho terminaram.

— Você deixou Goel acorrentado no galpão, e essa foi a última vez em que o viu? — Roze perguntou.

— Foi — respondi.

— Ela está dizendo a verdade. — Pela expressão carrancuda de Roze, pude perceber o quanto fora difícil para ela admitir isso. — A investigação sobre a morte de Goel prosseguirá. Yelena, pode sentar-se. — Roze gesticulou na direção do banco situado atrás dela e dos outros Mestres Feiticeiros. — Isso nos leva à outra questão. Chamo Cahil Ixia à bancada das testemunhas.

Ao seguir para o banco, passei por Cahil. Seus olhos azuis estavam determinados e ele se recusou a me fitar diretamente. Sentei na beirada do banco de madeira e, embora estivesse preparada para suas acusações, as palavras de Cahil provocaram um aperto de medo no meu coração.

— ... E apenas para piorar a fraude de Valek temos o fato de que sua alma gêmea e mestra espiã é Yelena Zaltana.

Uma cacofonia de vozes explodiu na sala. Roze batia seu martelo, mas ninguém lhe dava ouvidos. Senti a força de sua magia, quando ela ordenou que todos fizessem silêncio. Ela os manteve calados por apenas um instante, mas foi o suficiente para que Roze se fizesse entender.

— Cahil, onde está sua prova? — Roze inquiriu.

Ele fez sinal para um dos guardas da Fortaleza. O guarda abriu uma porta em uma das paredes dos fundos e o capitão Marrok e quatro dos homens de Cahil adentraram o salão, arrastando consigo o conselheiro Ilom. As mãos de Ilom estavam algemadas atrás de si, e os quatro guardas estavam apontando suas espadas para ele. A embaixadora Signe e alguns soldados ixianos seguiam o terrível cortejo.

Esforcei-me para chamar a atenção de Valek para mim, mas ele fitava os membros do conselho com uma carranca irritada.

A embaixadora Signe foi a primeira a falar:

— Exijo uma explicação. Isto é um ato de guerra.

— Cahil, eu lhe disse para soltar o Conselheiro até que houvéssemos esclarecido tudo — Roze disse.

A fúria reluzia nos seus olhos amarelados.

— E permitir que ele escapasse? Não, melhor trazê-lo até aqui e desmascará-lo na frente de todos.

Cahil marchou até Ilom e puxou o cabelo dele.

Eu me encolhi, mas a cabeça de Ilom tombou para o lado e ele soltou um grito de dor. Sem se deixar desanimar, Cahil puxou o nariz de Ilom e, em seguida fincou as unhas na pele sob o queixo do Conselheiro. Ilom gritou e o sangue começou a escorrer dos arranhões em seu pescoço. Surpreso, Cahil deu um passo para trás. Ele voltou a estender as mãos na direção do rosto de Ilom, mas Marrok o agarrou e o conteve. Cahil ficou boquiaberto de tão abismado.

— Solte o Conselheiro — Roze ordenou.

Os grilhões de Ilom foram retirados e Cahil, com o rosto vermelho de fúria, e seus homens foram escoltados para fora do aposento. A

sessão foi encerrada e Roze apressou-se em tentar se desculpar e consertar as coisas com a embaixadora e com Ilom.

Permaneci no banco, assistindo à fúria de Signe e ao mau humor de Ilom se transformarem em expressões mais aprazíveis com as palavras de Roze. Eu receava chamar atenção para mim mesma, torcendo para que ninguém se recordasse das acusações que Cahil fizera a meu respeito.

A surpresa de Cahil no tocante a Ilom se comparava à minha própria. Mesmo sabendo dos truques de Valek, ele continuava a me surpreender. Passei os olhos pelos guardas ixianos, e, como eu esperava, um soldado de olhos azuis parecia um bocado satisfeito consigo mesmo. Ilom provavelmente se vestia de guarda quando Valek se fazia passar pelo Conselheiro, e provavelmente trocavam de lugar quando Valek precisava se esgueirar por Sitia.

Com o tempo, os membros do conselho e os ixianos começaram a ir embora. Irys juntou-se a mim no banco.

Mande Valek ir embora, Irys disse. O perigo é grande demais.

Você sabe.

É claro que sei. Estava esperando que ele viesse com a delegação.

Não a incomoda que ele esteja aqui? Que possa estar espionando Sitia?

Ele está aqui por sua causa. E fico feliz que tenham tido algum tempo juntos.

Mas e se ele matou Goel?

Goel representava perigo para você. Apesar de preferir que ele estivesse preso, sua morte não me incomoda.

— Vá comer alguma coisa. Você está um pouco pálida — Irys disse.

— Mas que ótimo. Antes eu não tinha nenhuma, mas agora tenho duas mãezonas.

Irys riu.

— Tem gente que precisa de ajuda extra.

Ela deu um tapinha no meu joelho e foi à procura de Bain.

Contudo, antes que eu pudesse deixar o salão, avistei Baval Zaltana vindo em minha direção. Fiquei esperando por ele.

— A embaixadora Signe solicitou um encontro com você — Baval informou.

— Quando?

— Agora.

Baval me conduziu para fora do grande salão.

— Reservaram alguns escritórios para a embaixadora para que ela possa conduzir seus negócios enquanto estiver aqui — Baval explicou, ao cruzarmos Council Hall.

O enorme prédio abrigava todo o governo sitiano. Escritórios e salas de conferências vibravam de atividade com as tarefas diárias de administrar um governo. Uma sala de arquivos subterrânea guardava todos os documentos oficiais, embora os registros locais permanecessem na capital de cada clã.

Eu me perguntei sobre a capital móvel dos Sandseed. Será que carregavam seus registros consigo, enquanto viajavam pelas planícies? Lembrando da lição de Irys sobre os Sandseed, me dei conta de que eles mantinham um registro verbal, contando sua história através dos Tecelões de Histórias. Uma imagem do Homem da Lua pintado de azul e sentado na sala subterrânea do conselho me fez sorrir.

Baval me lançou um olhar indagador.

— Eu estava pensando na sala de arquivos — expliquei. — Apenas tentando imaginar como o clã Sandseed reporta suas informações ao conselho.

Baval sorriu.

— Eles sempre foram difíceis. Nós toleramos os seus... costumes incomuns. Duas vezes por ano, um Tecelão de Histórias vem até o conselho e relata os acontecimentos do clã para um escrivão. Funciona e mantém a paz nas nossas terras. Chegamos. — Baval apontou para uma porta aberta. — Conversaremos novamente mais tarde.

Bavol inclinou a cabeça e os ombros em uma ligeira mesura e foi embora.

O convite não se estendera a Bavol. Entrei na área da recepção. O conselheiro Ilom estava sentado atrás de uma escrivaninha simples. Os arranhões no pescoço dele haviam parado de sangrar. Dois soldados guardavam uma porta fechada.

Ilom ficou de pé e bateu à porta. Escutei uma voz débil, e Ilom girou a maçaneta.

— Ela está aqui — ele disse, e, logo em seguida, abriu um pouco mais a porta, gesticulando para que eu entrasse.

Adentrei o escritório da embaixadora Signe, notando a mobília simples e funcional e a falta de enfeites. Guardas estavam postados atrás dela, mas ela os dispensou. Nenhum dos soldados era Valek, e não pude deixar de me perguntar onde ele poderia estar. Ari e Janco, provavelmente, estavam de folga.

— Você causou uma comoção e tanto ontem à noite — Signe disse, quando ficamos sozinhas.

Seus olhos poderosos me fitaram dos pés à cabeça. Admirei-me com sua aparência. Ela possuía as mesmas feições delicadas que o Comandante, no entanto o cabelo comprido e as finas linhas de maquiagem ao redor dos olhos a transformava em uma beleza de idade indefinida.

— Espero que seu sono não tenha sido interrompido — retruquei, preferindo me ater à abordagem diplomática.

Ele fez um gesto de pouco-caso ante o comentário.

— Estamos sozinhas. Pode falar livremente.

Sacudi a cabeça.

— Mestres Feiticeiros parecem ter excelente audição.

Pensei em Roze. Ela consideraria seu dever patriótico bisbilhotar as conversas da embaixadora.

Signe assentiu em sinal de compreensão.

— Parece que o pretense rei obteve algumas informações erradas. Como será que isso foi acontecer?

— Um erro de comunicação entre várias fontes.

— Não haverá mais acusações falsas? — Signe perguntou.

O olhar dela me penetrou, como se ela estivesse com uma faca apontada para o meu pescoço. Ela tinha dúvidas quanto à minha capacidade de manter seu disfarce em segredo.

— Não.

Mostrei-lhe a palma de minha mão, apontando para a cicatriz que ela tinha feito quando eu prometi não revelar o segredo do Comandante para ninguém. Nem mesmo para Valek.

Tal pensamento me lembrou da sugestão de Irys para que Valek deixasse Sitia. Puxei meu pendente de borboleta para fora da blusa.

— Alguns rumores costumam arder lentamente, e é melhor ter certeza de que não reste combustível para dar início a outro incêndio.

Signe tinha de saber sobre Valek.

— Pensarei a respeito. Contudo, havia outra coisa que eu queria discutir com você.

Signe retirou uma folha de pergaminho de sua pasta de couro preta. Ela a enrolou e a estendeu para mim.

— O Comandante lhe enviou uma mensagem. Ele pensou um bocado na última conversa que teve com você. Chegou à conclusão de que o conselho que lhe deu era válido, e gostaria de agradecer-lhe pelas sugestões.

Signe me entregou o papel enrolado.

— Um convite para vir nos visitar quando o seu treinamento místico estiver completo. Planejamos voltar para Ixia daqui a uma semana — ela informou. — Gostaríamos de uma resposta antes de partirmos.

Eu fora dispensada. Curvei-me para a embaixadora e deixei o escritório dela. Tentei entender suas palavras enquanto seguia na direção da Fortaleza. O Comandante assinara uma ordem de execução; visitar Ixia seria suicídio.

Aguardei até que a lareira estivesse acesa nos meus aposentos antes de desenrolar a mensagem do Comandante. Fitando as chamas dançantes, contemplei a proposta do Comandante. Nas

minhas mãos estava o documento que ordenava minha execução. Mas jogá-lo no fogo não seria um ato simples. Um breve recado havia sido escrito no documento.

Caso provasse minha lealdade a Ixia, a ordem seria anulada. Se mostrasse aos generais ixianos os benefícios de se ter uma feiticeira trabalhando para Ixia, uma posição de conselheira seria minha. Caso fizesse tais coisas, poderia retornar a Ixia. Retornar para os meus amigos. Retornar para Valek.

Sem saber, Cahil enxergara o meu possível futuro ao me chamar de mestra espiã na sessão do conselho.

FITEI O FOGO, sentindo todas as minhas emoções conflitantes, minhas lealdades conflitantes e meus desejos conflitantes ardendo e dançando no interior do meu peito, imitando as chamas.

Lembrando-me de minha promessa para meus pais, segui para o salão de jantar, torcendo para que eu os encontrasse almoçando. Ao longo do caminho, encontrei Dax.

— Yelena — ele disse, caminhando ao meu lado. — Há dias que não a vejo.

— Estou certa de que você deve estar morrendo de vontade de me contar todos os mexericos do campus a meu respeito, não é?

— Saiba que eu tenho vida própria. Talvez eu tenha estado ocupado demais para dar ouvidos a rumores — ele bufou, fingindo estar magoado.

Olhei para ele.

Dax suspirou.

— Tudo bem, você venceu. Estou morrendo de tédio. O Segundo Feiticeiro está ocupado bancando o detetive, Gelsi está afundada até o pescoço em um projeto qualquer e, atualmente, eu mal a vejo. — Dax fez uma pausa dramática. — Minha vida está tão entediante que as únicas emoções que eu vivo são através das suas aventuras.

— E como os rumores são tão precisos...

— Suas aventuras se transformaram em lendas. — Ele desenhou no ar um arco amplo com os braços, rindo. — E então? Para onde está indo agora? Vai matar um dragão? Posso ir junto como seu escudeiro? Prometo que lustrarei seu cetro de poder todas as noites com minha camisa.

— Fico feliz de ver que meus problemas o divirtam tanto — retruquei com sarcasmo. — Estou à procura de meu... hã, do Rei das Árvores e de sua rainha. Vamos planejar nossos ataques contra os malvados Vermes das Árvores, que reuniram um exército invisível na Fortaleza.

Os olhos de Dax se iluminaram.

— Eu soube a respeito das aventuras da Rainha das Árvores esta manhã.

A brincadeira perdeu a graça. Eu não queria escutar os mexericos dos estudantes sobre minha mãe. Antes que Dax pudesse se estender no assunto, eu o convidei para vir comigo.

Encontramos meus pais no salão de jantar e nos juntamos a eles. Enquanto comíamos, a presença de Dax acabou sendo útil em meu favor. Os tópicos da conversa se restringiram a questões da escola, cavalos e outras coisas mundanas, privando meus pais de uma oportunidade para me interrogar a respeito da sessão do conselho. E, quando minha mãe se ofereceu para destilar uma colônia especial para Dax, eu soube que ela estava feliz por eu ter encontrado um amigo sitiano.

Após me despedir de Dax, segui para os aposentos de hóspedes com meus pais. Enquanto Perl preparava um pouco de chá na cozinha pequena, indaguei Esau sobre o curare. Irys lhe contara sobre a droga, quando receara que Ferde houvesse me sequestrado.

Ele passou a mão calejada pelo rosto.

— Jamais pensei que fosse ser usado desse jeito — ele afirmou, sacudindo a cabeça. — Quando descubro algo novo, sempre faço experiências com ele até conhecer todos os seus efeitos colaterais e saber como a substância poderia ser usada ou abusada. Depois

coloco na balança tudo de bom e tudo de ruim. Algumas descobertas jamais vêm à tona, mas, em se tratando de outras, mesmo não sendo perfeitas, os benefícios superam os riscos.

Esau parou de falar quando Perl entrou na sala trazendo uma bandeja de chá. O alerta nos olhos de meu pai me avisou que minha mãe não sabia sobre o uso repugnante que Ferde encontrara para o curare.

Ela serviu o chá e sentou-se ao meu lado no sofá. Perl usara sua capa durante o almoço e a removera quando chegamos à suíte.

— O que houve na sessão do conselho? — ela me perguntou.

Eu lhes dei uma versão aguada das acusações de Cahil contra o conselheiro Ilom. Perl levou a mão ao pescoço quando mencionei o nome de Valek, mas relaxou quando informei que acabou sendo provado que Cahil estava errado. Negligenciando mencionar as alegações de Cahil sobre meu envolvimento com Valek, eu os informei do assassinato de Goel.

— Ótimo — Perl exclamou. — Poupa-me o trabalho de amaldiçoá-lo.

— Mamãe! — Eu estava embasbacada. — Você pode fazer isso?

— Perfumes e essências não são as únicas coisas que sei preparar. Olhei para Esau. Ele assentiu com a cabeça.

— Ainda bem que Reyad e Mogkan já estão mortos. Sua mãe possui uma imaginação e tanto quando está zangada.

Tentei imaginar que outras surpresas ainda poderia descobrir a respeito dos meus pais. Mudando de assunto, perguntei sobre a jornada deles até a Fortaleza, e sobre a família Zaltana, passando o dia com eles, como havia prometido.

Quando começou a ficar tarde, Esau se ofereceu para me acompanhar até os meus aposentos. A princípio, recusei. Desde o incidente com Goel que não haviam postado guardas para me vigiar. Quando ele insistiu, e Perl franziu a testa, lembrei-me do comentário sobre maldições e, não querendo me tornar o alvo de sua ira, concordei.

O campus estava vazio e silencioso. O luar refletia nas árvores cobertas de gelo. Faltavam apenas quatro dias para a lua cheia. Minha mão encontrou a cobra de Valek, e eu a torci ao redor do braço.

Quando estávamos na metade do caminho até os meus aposentos, Esau disse:

— Preciso lhe contar uma outra coisa sobre o curare.

— E tem mais?

Ele assentiu.

— A urtiga pungente foi o motivo de eu enviar uma remessa de curare para os Sandseed antes de terminar todas as minhas experiências com a droga. A planta cresce nas Planícies Avibian e sua ferroada provoca dor insuportável por vários dias. Normalmente são crianças que esbarram nelas sem se dar conta. Em pequenas doses, o curare é excelente para atenuar a dor de feridas. Jamais me ocorreu que alguém pudesse utilizá-lo em altas doses para paralisar todo o corpo. — Esau franziu a testa, passando a mão pelo cabelo grisalho cortado à altura dos ombros. — Mais tarde, descobri outro efeito colateral que parecia de pouca importância na ocasião. Contudo, agora... — Esau parou e virou-se para mim. — Em altas doses, o curare também é capaz de paralisar as habilidades místicas de uma pessoa.

Senti-me empalidecer. Isso significava que o curare era capaz de deixar até mesmo um Mestre Feiticeiro totalmente indefeso. Amanhã à noite seria a troca secreta. Como eu me apossara do corpo de Goel com a minha magia, pretendia fazer o mesmo com o de Frede, acreditando que, mesmo que estivesse incapacitada pela droga, ainda poderia usar a minha magia. Agora, parecia imperativo dar um jeito para que eu não fosse injetada com o curare.

Meu pai deve ter percebido o horror nos meus olhos.

— Existe uma espécie de antídoto — ele disse.

— Antídoto?

— Não é uma reversão completa, mas liberta a magia e devolve um pouco as sensações, embora crie alguns novos problemas. —

Esau sacudiu a cabeça de frustração. — Ainda não tive a oportunidade de fazer todas as experiências que eu queria.

— E o que é?

— Theobroma.

Isso explicava o novo problema. Comer o doce marrom abriria a minha mente para influências místicas. Minhas defesas mentais não funcionariam contra outro mago, mesmo um mais fraco do que eu.

— De quanto Theobroma eu precisaria? — perguntei ao meu pai.

— De muito. Contudo, eu poderia preparar um concentrado — ele respondeu, pensativamente.

Senti uma rajada de vento frio me atingir. Tremendo, apertei mais a capa ao redor do corpo, e continuamos a caminhar.

— O gosto não seria tão bom, mas seria uma quantidade menor

— Esau prosseguiu.

— Será que poderia prepará-lo até amanhã à tarde?

Ele olhou sério para mim, a preocupação estampada nos olhos gentis.

— Você vai fazer algo que eu não deveria contar para sua mãe?

— Vou.

— É importante?

— Muito.

Meu pai considerou o meu pedido. Quando chegamos aos meus aposentos, ele me deu um abraço.

— Você sabe o que está fazendo?

— Tenho um plano.

— Yelena, conseguiu encontrar o caminho de casa apesar de estar tudo contra você. Sei que vai dar um jeito de prevalecer novamente. Terá o antídoto amanhã até o meio-dia.

Ele ficou parado no vão da porta como um urso protetor, enquanto eu revistava o interior dos meus aposentos. Satisfeito quanto à minha segurança, ele desejou boa-noite e seguiu de volta para os aposentos de hóspedes.

Deitei na cama considerando a informação que Esau acabara de me dar. Quando minhas venezianas se abriram, ergui-me

bruscamente na cama, pegando meu canivete que estava debaixo do travesseiro. Com agilidade e graça, Valek saltou pela janela, aterrissando na minha cama sem fazer qualquer som. Ele fechou as venezianas e veio para perto de mim.

— Você precisa ir embora. Gente demais sabe que está aqui — eu disse.

— Não até eu encontrar o assassino. E, além do mais, o Comandante ordenou que eu protegesse a embaixadora. Não estaria cumprindo meu dever se partisse.

— E se ela ordenasse que voltasse para casa?

Virei de modo a poder fitá-lo no rosto.

— As ordens do Comandante invalidam todas as outras.

— Valek, você...

Ele interrompeu minha pergunta com um beijo. Eu precisava discutir muitas coisas com ele. A morte de Goel e a proposta do Comandante. Contudo, assim que seu corpo se moldou ao meu, e seu perfume almiscarado chegou às minhas narinas, todos os pensamentos de assassinato e intriga se evaporaram. Eu o puxei pela camisa. Ele sorriu de satisfação. Nosso tempo juntos era limitado e eu não queria desperdiçá-lo com palavras.

Quando acordei na semiescuridão da alvorada, Valek já havia partido. Mas eu me sentia revigorada. Meu encontro com Ferde estava marcado para a meia-noite; sendo assim, passei o dia inteiro repassando meu plano na cabeça.

Irys queria que eu tentasse mover objetos novamente com a minha mente, como parte da lição matinal. Era uma habilidade que eu ainda não dominara. Mas pedi para trabalharmos em fortalecer minhas defesas mentais. Se eu tivesse de recorrer a usar o antídoto de Esau, queria ser capaz de erguer uma barreira forte o suficiente para bloquear sua magia, mesmo sob a influência do Theobroma.

Antes de me dispensar pelo restante do dia, Irys perguntou:

— Ainda está se sentindo cansada devido ao incidente com Goel?

— Um pouquinho. Por quê?

Ela exibiu um sorriso irônico.

— Durante todos os dias da última semana você vem me importunando para saber detalhes da busca por Opal. No entanto, nada de perguntas hoje.

— Presumi que você me contaria qualquer novidade.

— Atingimos um marco histórico! — Irys proclamou. — Você está aprendendo a confiar em nós. — Em seguida, o humor nos seus olhos se abrandou. — Nenhuma novidade. Não acreditamos que eles estejam na Cidadela, nem nas planícies; sendo assim, estamos ampliando o raio da área de busca.

Sentimentos de culpa apertavam meu peito, enquanto corri para encontrar meu pai. Eu quisera trabalhar com Irys e os outros; contudo, agora, planejava me encontrar com Ferde com apenas Valek cobrindo minha retaguarda. Era bem verdade que Valek se equiparava a quatro homens armados, porém eu não confiara nossos planos à minha mentora. Uma verdadeira sitiana teria apresentado a informação ao conselho.

Mas por que eu não confiava em Irys? Porque ela não me permitiria ir ao encontro. O perigo para Sitia era grande demais; contudo, tentar emboscar Ferde não funcionaria sem que eu estivesse presente. Irys acreditava que, mais cedo ou mais tarde, eles o encontrariam, e que sacrificar Opal era um pequeno preço a pagar para salvar Sitia. Eu acreditava que arriscar tudo era a única maneira de detê-lo. Conhecer os riscos e fazer de tudo para minimizá-los seria a chave.

Irys não acreditava na minha capacidade de capturar Ferde, mas eu impedira que Roze, a feiticeira mais poderosa de toda Sitia, extraísse meus pensamentos mais íntimos, eu curara o corpo de Tula e encontrara sua consciência, eu me apoderara do corpo de Goel e logo teria um antídoto para o curare.

A confiança era uma estrada de mão dupla. Lealdade também. Será que eu sentia alguma lealdade? Para com Irys, sim. Mas para com Sitia? Eu não saberia dizer.

Mesmo que fôssemos bem-sucedidos em resgatar Opal e em capturar Ferde, Irys daria um fim às minhas lições. Tal pensamento

deprimente me levou a contemplar meu futuro e a oferta do Comandante.

Irys romperia nosso relacionamento e eu não teria mais obrigações para com Sitia. Poderia contar para o Comandante sobre Cahil e seus planos de montar um exército para derrubar Ixia. Cahil, aquele rato, não tivera escrúpulos ao revelar para o conselho minha conexão com Valek.

Meu pai me aguardava do lado de fora dos aposentos para hóspedes. Ele concentrara o Theobroma em uma pílula do mesmo tamanho e formato que o ovo de um sabiá.

— Eu o revesti com gelatina, para impedir que derreta — Esau explicou.

— Que derreta?

— Como é que vai fazer para comê-lo se estiver paralisada pelo curare? — Quando meus olhos se arregalaram de súbita compreensão, ele disse: — Você pode deixá-lo entre os dentes. Se for picada com curare, basta mordê-lo e tentar engolir o máximo possível antes que os músculos de seu maxilar fiquem paralisados. Com sorte, o restante vai derreter e deslizar garganta abaixo.

Antes de saber do antídoto, meu objetivo fora não ser exposta ao curare de jeito nenhum. Se eu fosse com Ferde de livre e espontânea vontade, ele não teria motivo para usá-lo. Ou, pelo menos, assim eu esperara. A pílula de Esau me deixava ainda mais confiante com relação ao encontro daquela noite, e ele me dera uma ideia. Peguei alguns outros itens emprestados com meu pai.

Passei o restante da tarde praticando autodefesa com Zitora, e, após jantar com meus pais, segui para o celeiro. Tudo a respeito do dia parecia estranho, como se eu estivesse fazendo as coisas pela última vez. Talvez a sensação se devesse ao fato de que minha vida seria diferente após aquela noite.

Kiki pressentiu meu estado de humor.

Moça Alfazema triste.

Um pouco.

Tirei Kiki de sua baia e a escovei. Normalmente eu conversava com ela, porém, hoje à noite, trabalhei em silêncio.

Eu vou com Moça Alfazema.

Surpresa, parei de escovar. Eu pensara que minha conexão com Kiki se resumia a emoções e comunicados simples. Ela determinava meus sentimentos e possuía certos instintos, como quando eu fora ameaçada por Goel; contudo, até agora, eu presumira que ela não soubesse por quê.

Ele ficaria desconfiado se eu a levasse.

Leve-me até distância de faro. Moça Alfazema precisa de mim.

Ponderei suas palavras, enquanto guardava minhas escovas. Cahil não aparecera no celeiro para minha aula. Não fiquei surpresa. Suponho que eu pudesse praticar por conta própria. Mas como é que eu faria para subir em Kiki sem uma sela, ou alguém me dando um empurrãozinho?

Agarre crina. Salte. Puxe.

Kiki, você está cheia de conselhos hoje.

Inteligente, ela concordou.

Enquanto cavalgávamos pelo pasto, me dei conta do valor de sua oferta. Eu a levaria comigo, e a deixaria pastando nas planícies. O local da troca fora marcado para o único lugar nas planícies que eu conhecia, Blood Rock. Fiquei arrepiada só de pensar em como Ferde conseguira tal informação.

A imagem e os pensamentos de Ferde ainda frequentavam meus pesadelos, e eu me perguntei se não houvera inadvertidamente formado uma conexão mental com ele. Seu desejo de me possuir assombrava meus sonhos. Eu não fugia mais de cobras. Em vez disso, aguardava o abraço apertado delas, recebendo de bom grado o oblívio de suas mordidas. Meus atos nos sonhos se tornaram tão perturbadores quanto os de Ferde.

Kiki passou a trotar, despertando-me de meus pensamentos. Concentrei-me em manter o equilíbrio. Quando minhas pernas e costas começaram a doer, ela parou.

Depois de dar uma rápida escovada em Kiki, eu a conduzi de volta para a baía. *Até mais tarde*, eu disse, seguindo para meus aposentos para me preparar para a troca. À medida que a escuridão avançava no céu acima, minha confiança ia se transformando em nervosismo.

Confiança, Kiki disse. *Confiança é balas de hortelã.*

Eu ri. Kiki enxergava o mundo através do seu estômago. Balas de hortelã eram boas; sendo assim, confiar em outro também era bom.

Valek me aguardava nos meus aposentos. A expressão inflexível de seu rosto lembrava uma máscara de metal. Um brilho frio apossara-se de seus olhos; seu olhar assassino.

— Tome. — Ele me entregou uma camisa de gola alta preta e calças pretas. — São feitas de um tecido especial que a protegerá de dardos lançados por uma zarabatana, mãos não deterão um dardo se você for golpeada com um.

— Que maravilha — eu disse, agradecendo-o.

Pelo menos eu não seria surpreendida e, com sorte, quando Ferde chegasse perto o suficiente para me golpear, eu já teria obtido a vantagem.

Pendurei as roupas novas em um pequeno cabide. Enrolei as mangas e acrescentei um cinto para impedir que as calças caíssem.

Um breve sorriso apareceu nos lábios de Valek.

— Eram minhas. Não sou o melhor dos costureiros.

Preparei cuidadosamente minha mochila, levando apenas os suprimentos críticos, que incluíam o Theobroma, os itens que Esau me dera, meu arpéu e corda, uma maçã e o cajado. Ferde não especificara que era para ir desarmada. Meus pinos de arrombar fechaduras foram no meu cabelo, e preendi o canivete na coxa, através do buraco feito no bolso da calça. Valek pensara em tudo. Ele podia não ser o melhor com uma agulha, mas conhecia como ninguém a arte do combate.

Repassamos nosso plano, e eu lhe contei sobre Kiki.

— Já vai ser difícil passarmos furtivamente pelos portões da Fortaleza e da Cidadela sem termos um enorme cavalo conosco, meu amor — Valek opinou.

— Eu darei um jeito. Confie em mim.

Ele me fitou impassivelmente, sem demonstrar qualquer emoção.

— Eu levarei Kiki até as planícies, e lhe darei tempo para atravessar os portões da Cidadela, antes de seguir para o local do encontro. — Assim que Opal estiver fora de perigo e Ferde estiver visível, esse será o sinal para você agir.

Valek assentiu.

— Pode contar com isso.

Vesti minha capa e fui embora. Faltavam quatro horas para a meia-noite. Algumas pessoas ainda circulavam pelo campus. As tochas ao longo das trilhas haviam sido acessas, e alunos apressavam-se através do ar frio da noite, seguindo para as aulas noturnas, ou para se encontrar com amigos. Eu era uma forasteira entre eles. Uma sombra, observando, ansiando por me juntar a eles, desejando que minhas preocupações se limitassem a estudar para um dos questionários de Bain Bloodgood.

Kiki me aguardava em sua baia. Eu abri a porta e a deixei sair. Subindo no lombo dela com a minha capa e a mochila cheia provou ser uma tarefa impossível. Puxei um banquinho para perto e fiz uso dele.

Precisa de prática, Kiki afirmou. Sem banquinhos na mata.

Mais tarde, concordei.

Kiki olhou para trás, para a torre de Irys, quando começamos a avançar na direção do portão da Fortaleza.

Moça Mágica.

A culpa que eu reprimira sobre não contar para Irys sobre a troca ameaçou vir à tona.

Ela não vai ficar feliz.

Escoiceando de fúria. Dê balas de hortelã para Moça Mágica.

Eu ri, pensando que seria necessário mais do que balas de hortelã para consertar o estrago.

Balas de hortelã doce nos dois lados, Kiki afirmou.

Conselhos enigmáticos de um cavalo?

Tem certeza de que o Homem da Lua não é o seu pai?

Homem da Lua inteligente.

Ponderei suas palavras, tentando decifrar seu verdadeiro significado. Antes que pudéssemos alcançar o portão da Fortaleza, puxei um fio de poder e projetei minha consciência. Dois guardas vigiavam o portão. Entediado, um dos guardas não via a hora do fim de seu turno chegar. O outro estava pensando no que iria comer no jantar, mais tarde. Um feiticeiro cochilava em um banquinho. Fiz com que ele dormisse mais profundamente, e, usando os desejos dos guardas, eu os encorajei a se concentrar em algo que não fosse o cavalo e seu passageiro atravessando o portão. Um dos soldados examinou o céu para ver o quanto a Estrela do Sul se movera, o outro foi procurar algo para comer no quartel da guarda. Ambos não nos notaram, e, logo, desaparecemos de vista.

Kiki atravessou silenciosamente a Cidadela. Nenhum ferrador ousaria aproximar-se de um cavalo Sandseed, o desprezo que a raça sentia por sapatos de metal era famoso. Quatro guardas vigiavam os portões da Cidadela. Mais uma vez, distraí os guardas para cruzarmos. Quando perdemos de vista o portão, Kiki começou a galopar e seguimos para as Planícies Avibian. Quando não podíamos ver mais a estrada que levava à Cidadela, Kiki desacelerou para um ritmo de passeio.

Meus pensamentos se voltaram para as palavras de Kiki sobre balas de hortelã. Para o meu plano dar certo naquela noite, cada um de nós teria de fazer a sua parte. Os dois lados precisariam ser doces. Ela também alegara que confiança era igual a balas de hortelã. Será que estava se referindo a Irys, em vez de a Valek?

A resposta me veio à cabeça. Não sabia se deveria me achar inteligente por decifrar o conselho de Kiki, ou uma perfeita tola por precisar de um cavalo para me dizer a coisa certa a se fazer.

Irys chamou na minha mente.

Yelena? O que está acontecendo?

Inspirei fundo, tentando acalmar os nervos, e lhe contei os meus planos. Um silêncio demorado e gélido se seguiu à minha confissão.

Você vai morrer, ela disse, por fim. Você não é mais minha aluna. Vou reunir os outros Mestres Feiticeiros e nós a deteremos antes que chegue a ele.

Eu estava esperando essa resposta. Sua raiva e a censura imediata foram os motivos de eu não querer contar-lhe da troca.

Irys, você me disse que eu ia morrer antes. Lembra quando nos encontramos pela primeira vez, Floresta da Serpente de Ixia?

Ela hesitou.

Lembro.

Eu estava em uma situação impossível. Meus poderes mágicos estavam fora de controle, você estava ameaçando me matar, e eu fora envenenada por Valek. O que quer que eu fizesse, daquele ponto em diante, parecia levar à minha morte. Mas eu lhe pedi para me dar um pouco de tempo, e você o fez. Mal me conhecia, no entanto confiou em mim o suficiente para me deixar encontrar uma saída. Posso não conhecer os costumes de Sitia, mas sou macaca velha em se tratando de lidar com situações impossíveis. Pense nisso antes de chamar os outros.

Outro longo e doloroso silêncio. Precisando concentrar toda a minha atenção na tarefa da noite, reprimi minha conexão com Irys. Kiki parou a menos de um quilômetro e meio de Blood Rock. Pressenti a magia sutil dos Sandseed. A proteção não tinha a potência daquela que cobria o campo deles, contudo lembrava uma teia fina, aguardando para pegar a sua presa despreparada. Um mago com a defesa mística apropriada no lugar poderia evitar ser detectado pelos Sandseed, contudo, caso o clã intensificasse o seu poder, pressentiria a presença do mago. Sua magia atacaria o intruso. Respirei aliviada, sabendo que a imunidade de Valek o tornava impossível de ser detectado.

Desci de Kiki, deslizando para o chão.

Fique escondida, disse para ela.

Escondi-me na grama alta, oferecendo a Valek a chance de me alcançar. Kiki alcançara o local em cerca de uma hora, mas ele precisaria de mais uma hora para se posicionar. Quando achei já ter

esperado o suficiente, comecei a caminhar na direção de Blood Rock, certa de que Valek se aproximaria do local da troca pela direção oposta.

Coelho, Kiki disse. *Bom*.

Sorri. Ela deve ter espantado um coelhinho de seu buraco. A luz brilhante da lua reluzia nas folhas da grama alta. Uma ligeira brisa soprou e vi a minha sombra sob a lua oscilar na superfície ondulante.

A voz de Irys chegou à minha mente.

Você está por conta própria.

Em seguida, sua conexão mental comigo foi interrompida, destruindo o nosso vínculo de aluna e mentora. Minha cabeça latejou ante o vazio súbito.

Meu coração se apertou, provocando ligeiras pontadas de pânico. Acalmei meus nervos com a lembrança de que estava sendo seguida tanto por Valek quanto por Kiki.

Quando me aproximei do ponto de encontro, parei e tirei minha capa. Enrolei a roupa e a escondi em uma extensão de grama alta. Retirando a pílula de Theobroma de minha mochila, eu a posicionei entre os meus dentes de trás. Uma sensação esquisita apossou-se de minha boca e torci para que eu não mordesse acidentalmente a pílula.

Segui em frente. A figura escura da rocha ocupava a terra diante de mim. Raios de luar atravessavam as nuvens, enquanto eu me esforçava para enxergar na penumbra, buscando algum sinal de Ferde ou de Opal.

Fui tomada de alívio ao ver Opal sair de trás da Blood Rock. Ela correu na minha direção, e foi só quando ela deixou as sombras que pude ver o terror no rosto dela. Seus olhos pareciam inchados, sua pele pálida manchada de tanto chorar. Vasculhei a região com a minha magia, tentando sentir Ferde enquanto o meu olhar o caçava.

Opal jogou-se nos meus braços, soluçando. Fácil demais. Ele não queria a minha promessa de acompanhá-lo antes de libertá-la? A menina me abraçou com tanta força que chegou a arranhar minha

pele. Ferde ainda não dera as caras. Eu me desvencilhei dela, planejando guiá-la de volta para a Cidadela.

— Eu sinto muito, Yelena — ela gritou, e saiu correndo.

Eu me virei, esperando dar de cara com Ferde, regozijando-se. Ninguém. Confusa, fiz menção de seguir Opal, mas meus pés se recusaram a me obedecer. Cambaleando, meu corpo ficou todo dormente, e eu fui ao chão.

PERMANECI DEITADA NO chão, sentindo a paralisia se espalhar pelo meu corpo com impressionante rapidez. Tive apenas um segundo para me dar conta de que fora atingida com curare antes de a droga paralisar todos os meus músculos. Apenas um segundo para morder a pílula de Theobroma antes de minha mandíbula ficar paralisada, engolindo apenas uma gota do antídoto.

Deitada de lado, vi Opal sob o luar acinzentado, correndo na direção da Cidadela. Minha situação indefesa fora resultado direto de minha terrível confiança excessiva. Ao concentrar-me no perigo representado por Ferde, devido à sua magia ou ao curare, não me preparei para um ataque vindo de Opal. Ela me furara, pedira desculpas e fugira correndo.

Senti um medo contido pulsar no meu corpo. O curare parecia não só atenuar minha magia, como também entorpecer minhas emoções. Senti como se estivesse usando um gorro de lã pesado e molhado na cabeça.

Atrás de mim, escutei o ruído baixinho de passos se aproximando. Aguardei Valek. Será que ele atacaria quando Ferde chegasse mais perto de mim?

As passadas pararam e o que eu estava vendo mudou. Sem sentir nada, fui virada de barriga para cima. Minha cabeça girou por um instante, antes que eu pudesse focalizar no céu noturno. Não conseguia mover meus olhos, mais ainda podia piscar. Não conseguia mover minha boca nem minha língua, no entanto era capaz de engolir. Estranho.

Quando um rosto apareceu no meu campo de visão, lembrei-me de ter medo novamente. Até a surpresa se tornar mais forte do que o medo por um instante. Uma mulher com cabelos compridos olhava para mim. Ela estava usando um manto e eu podia notar as linhas apagadas que haviam sido desenhadas ou tatuadas no seu pescoço. Quando ela exibiu uma faca e trouxe a sua ponta de metal para perto dos meus olhos, o ar subitamente pareceu ficar espesso e difícil de inspirar.

— Será que devo matá-la agora? — ela perguntou. Seu sotaque parecia familiar. Ela inclinou a cabeça para o lado, lançando-me um olhar divertido. — Nenhum comentário? Não se preocupe. Não vou matá-la agora. Não quando sei que não sentirá dor. Você precisa sofrer muito antes que eu dê um fim de vez à sua dor.

A mulher ficou de pé e afastou-se. Vasculhei minhas lembranças. Será que eu a conhecia? Por que ela iria querer me matar? Talvez trabalhasse com Ferde. Seu idioma era semelhante ao dele, mas falado sem a mesma cadência.

Onde estava Valek? Ele deveria ter testemunhado que eu estava em apuros.

Escutei um barulho de alguma coisa roçando em outra, depois um baque surdo e uma estranha sensação de desorientação que me fez perceber que a mulher me arrastava. Meu mundo inclinou-se e, em seguida, endireitou-se. Ela pegou um pedaço de corda e, pelo pouco que podia ver e escutar, cheguei à conclusão de que ela havia me puxado para cima de uma carroça e estava me amarrando a ela. A mulher saltou para o chão, e, após um instante, escutei-a chamar um cavalo.

O ranger das rodas e o ruído constante dos cascos do cavalo era o único indício de que estávamos nos movendo. Pelo barulho da grama alta sendo esmagada, supus que estivéssemos entrando cada vez mais nas Planícies Avibian. Onde estava Valek?

Eu me preocupei, aguardei e até dormi. Cada vez que o Theobroma que se derretia chegava ao fundo da minha garganta, eu engolia. Será que seria o suficiente para anular os efeitos do curare? Quando a mulher parou, o brilho pálido da alvorada estava começando a avançar pelo céu noturno. A sensação começava a retornar aos meus membros. Movimentei minha língua, tentando engolir mais Theobroma.

Senti os pulsos e os tornozelos doerem. Minhas mãos e pés estavam frios e dormentes. Eu fora amarrada na carroça dura com as pernas e os braços estendidos. Minha habilidade de conectar com a fonte de poder começou a despertar quando a mulher subiu na carroça. Tive dificuldade em ordenar meus pensamentos quando a vi segurando uma agulha comprida e fina. Bani o medo e reuni poder.

— Ah, não. Nem adianta tentar — ela declarou, espetando-me com a agulha. — Precisamos alcançar o Vácuo antes que eu permita que você volte a sentir. Lá, poderá sentir o aço frio cortando a sua pele.

Pensei que aquela seria uma hora excelente para Valek chegar. Porém, quando ele não apareceu, eu disse:

— Quem...?

Infelizmente a droga voltou a entorpecer meus músculos.

— Você não me conhece, mas conhece muito bem o meu irmão. Não se preocupe. Muito em breve saberá a razão do seu sofrimento.

Ela saltou da carroça e os ruídos familiares de movimento recomeçaram.

Quando você quiser, Valek, pensei. Contudo, à medida que o sol foi avançando pelo céu, minhas esperanças de um resgate foram desaparecendo. Algo deve ter acontecido para impedir que Valek me seguisse. Talvez a mensagem de Irys na noite anterior sobre eu estar por conta própria houvesse sido um aviso.

Terríveis cenários envolvendo Valek passaram pela minha cabeça. Para me distrair, pensei em Kiki. Será que ela estava por perto?

Será que seguiria o meu cheiro? Com meus dons místicos paralisados, será que ela saberia dizer que eu precisava de sua ajuda?

O sol estava quase sobre o horizonte quando a carroça voltou a parar. A sensação ardente na ponta de meus dedos significava que o efeito do curare estava começando a passar. Logo meu corpo se viu assolado por câimbras, dores e pelo vento frio. Estremeci e engoli o restante do antídoto de Esau, preparando-me para outra espetada, que não veio.

Em vez disso, a mulher subiu na carroça e postou-se de pé diante de mim. Ela estendeu os braços para o lado.

— Seja bem-vinda ao Vácuo. Ou, no seu caso, seja bem-vinda ao inferno.

Sob a luz do sol que desaparecia, pude ver claramente os olhos acinzentados dela. Os traços marcantes de seu rosto me lembraram de alguém, mas eu não conseguia pensar em quem. Minha cabeça latejava e minha mente parecia entorpecida. Busquei um fio de poder, mas encontrei apenas o ar vazio. Nada.

Um sorriso arrogante desenhou-se nos lábios da mulher.

— Este é um dos poucos lugares de Sitia onde há um buraco no manto de poder. Nada de poder significa nada de magia.

— Onde estamos? — perguntei.

Minha voz parecia tão áspera.

— No Platô Daviiian.

— Quem é você?

Todo o humor desapareceu do rosto da mulher. Ela parecia estar na casa dos 30 anos de idade. Seus cabelos negros desciam além da cintura. Ela enrolou as mangas dos braços do manto cor de areia, revelando as tatuagens de animais roxas que lhe cobriam os braços.

— Você ainda não descobriu? Será que matou tantos homens assim?

— Quatro homens, mas nada tenho contra matar uma mulher.

Eu lhe lancei um olhar desafiador.

— Você não está em posição de se vangloriar nem de contar vantagem.

Ela tirou a faca do bolso da capa.

Pensei rapidamente. Dos quatro, Reyad era o único que eu conhecia bem. Os outros eu matara em autodefesa. Sequer sabia os seus nomes.

— Ainda não sabe?

Ela chegou mais perto de mim.

— Não.

A fúria ardeu nos seus olhos acinzentados. A expressão despertou algo na minha memória. Mogkan. O mago que me capturara e tentara me roubar a alma. Em Sitia, ele era conhecido como Kangom.

— Kangom mereceu morrer — eu disse.

Valek desferira o golpe fatal, mas Irys e eu fomos responsáveis por aprisionar o mago em uma rede de poder místico em primeiro lugar. Eu não o incluíra na minha contagem, mas assumia total responsabilidade por sua morte.

A raiva contorceu o rosto da mulher. Ela enfiou a faca no meu antebraço direito, depois a puxou com a semelhante velocidade. Dor explodiu no meu braço. Gritei.

— Quem sou eu? — ela perguntou.

Meu braço ardia, porém eu a fitei nos olhos.

— Você é a irmã de Kangom.

Ela assentiu.

— Meu nome é Alea Daviian.

Não era o nome de um dos clãs.

Ela entendeu a minha confusão e disse:

— Eu costumava ser uma Sandseed. — Alea praticamente cuspira o nome do clã. — Eles estão presos no passado. Somos mais poderosos do que todo o restante de Sitia, no entanto os Sandseed se contentam em vagar pelas planícies, sonhar e tecer histórias. Meu irmão teve uma visão de como poderíamos governar Sitia.

— Mas ele estava ajudando Brazell a conquistar Ixia.

Estava tendo dificuldade para acompanhar a lógica dela quando o sangue estava jorrando da ferida feita pela faca.

— Um primeiro passo. Conseguir o controle dos exércitos nortistas para, depois, atacar Sitia. Mas você arruinou isso, não foi?

— Na ocasião, me pareceu uma boa ideia.

Alea usou a faca para cortar ao longo do meu braço esquerdo, desenhando uma reta do ombro até o meu pulso.

— Antes de eu cortar a sua garganta, como fez com o meu irmão, você vai aprender a lamentar tal decisão.

A dor corria pelos meus braços, contudo uma estranha irritação por ter estragado a camisa especial de Valek me passou pela cabeça. Alea voltou a erguer a faca, mirando o meu rosto. Pensei rápido.

— Vocês moram no platô? — indaguei.

— Moramos. Nós nos separamos dos Sandseed e fundamos um novo clã. Os Daviian conquistarão Sitia. Não precisaremos mais roubar para sobreviver.

— Como?

— Um outro membro está em uma busca por poder. Assim que ele completar o ritual, será mais poderoso do que todos os quatro Mestres Feiticeiros juntos.

— Você matou Tula? — perguntei. Notando a expressão confusa no rosto dela, acrescentei: — A irmã de Opal.

— Não. Meu primo teve esse prazer.

Alea tinha uma conexão familiar com Ferde. Devia ser ele na busca que ela mencionara, o que me levava a uma pergunta. Quem era o alvo de Ferde para o ritual? Poderia ser qualquer moça com habilidades místicas, e ele poderia estar em qualquer lugar. E tínhamos apenas dois dias para encontrá-lo. Sentindo uma necessidade súbita de me mover, forcei as amarras.

Alea sorriu de satisfação.

— Não se preocupe. Você não estará por aí para a purificação de Sitia. Contudo, ainda se demorará por aqui por mais algum tempo.

Ela pegou a agulha e a enterrou no corte do meu braço. Eu gritei.

— Não quero desperdiçar o seu sangue nesse vagão. Temos uma armação especial preparada, para que eu possa coletar a sua vida vermelha, e fazer bom uso dela.

Alea saltou da carroça.

O curare começou a aliviar a dor no braço, mas a paralisia completa não se apossou do meu corpo. O antídoto de Esau devia estar funcionando. A presença do Vácuo significava que eu não precisava me preocupar com a minha mente estar aberta a influências místicas. Contudo, estando amarrada à carroça, e desarmada, não sabia se meu corpo estaria em condições para lutar contra Alea.

Procurar minha mochila e meu cajado revelaria para ela que eu podia me mover. Sendo assim, cerrei meus dentes para impedir que batessem e para me lembrar de ficar imóvel.

Escutei uma pancada surda e a carroça se inclinou. Meus pés agora apontavam para o chão e minha cabeça se ergueu. Por este novo ângulo eu podia ver a armação de madeira a apenas alguns metros de distância. Feita de vigas grossas, a armação tinha algemas e correntes pendendo de seu topo, conectadas a algum tipo de roldana. Sob a armação havia uma vasilha de metal. Supus que a vítima devesse ficar de pé na vasilha.

Além da armação, estendiam-se as cores vívidas do Platô Daviian. A mistura de tons amarelos, castanhos e marrons parecia tão relaxante quando comparada ao aparelho de tortura. Meu coração começou a bater mais rápido. Mantive meus olhos fixos à frente quando Alea apareceu no meu campo de visão. Alguns centímetros mais alta do que eu, o queixo de Alea estava na altura de meus olhos. Ela removera a capa, revelando a calça azul e a blusa sem mangas com gola em V que tinha discos brancos costurados nela, dando a impressão de que estava usando escamas de peixe. Um cinturão de armas de couro lhe rodeava os quadris.

— Está se sentindo melhor? — ela perguntou. — Vamos nos certificar.

Ela espetou a ponta da sua lâmina na minha coxa direita.

Concentrando-me tanto para não reagir, levei um instante para me dar conta de que a estocada não doera. A ponta da faca de Alea acertara a bainha do meu canivete, ainda presa à minha perna. Perguntei-me se a arma ainda permaneceria em seu interior. Alea ponderou a minha expressão por vários instantes frenéticos. Se ela desconfiasse que eu podia me mover, tudo estaria perdido.

— Suas roupas são estranhas — ela disse, por fim. — São grossas e resistem à minha faca. Vou removê-las e ficar com elas. Darão um belo lembrete do tempo que passamos juntas.

Ela avançou até a armação e pegou as algemas penduradas, puxando-as. As engrenagens da roldana giraram e libertaram mais da corrente, até as algemas alcançarem a carroça.

— Você é pesada demais para eu levantar. Ainda bem que meu irmão acrescentou a roldana para que eu possa facilmente puxá-la até o devido lugar.

Ela destrancou as algemas de metal e as abriu bem.

Era chegada a hora de agir. Se ela fosse esperta, prenderia meus pulsos com os grilhões antes de desamarrar os meus pés. Assim que meus braços fossem presos à armação, eu ficaria novamente indefesa. Minha janela de oportunidade seria bem breve. E eu planejava arriscar tudo em um palpite.

Ela inclinou-se com a faca e cortou a corda que prendia o meu braço direito à lateral da carroça. Deixei que o membro caísse até a lateral do corpo, como se fosse um peso morto, torcendo para que ela desamarrasse meu outro braço antes de prendê-los. Em vez disso, Alea guardou a faca no cinto e estendeu a mão para o meu braço.

Mergulhei a mão no bolso e peguei o canivete. Alea ficou paralisada de surpresa por um instante. Meus dedos encontraram o cabo liso e eu cheguei quase a gargalhar de alívio. Sacando a arma, empurrei o braço dela para o lado e acionei a lâmina.

Ela puxou a faca. Mas, antes que pudesse recuar, enfiei a minha lâmina na parte inferior de seu abdômen. Grunhindo de surpresa, ela mirou a sua arma no meu coração, cambaleando um pouco ao

inclinar-se para a frente para golpear, e senti o aço frio ir fundo na minha barriga. Alea caiu, sentando-se com força no chão duro, curvada sobre o meu canivete.

Esforcei-me para inspirar, tentando não desmaiar. A dor incendiava as minhas costas e retorcia o meu íntimo como um torno mecânico.

Alea arrancou o meu canivete da barriga e o largou no chão. Arrastando-se até a sua capa, ela pegou um frasco contendo um líquido de dentro de um dos bolsos. Ela o abriu, mergulhando os dedos no seu interior, e esfregou o líquido na ferida feita pelo canivete. Curare.

Erguendo-se, ela caminhou de volta para mim, estudando a minha condição em silêncio. O curare que usara deve ter sido diluído para ela poder se mover livremente.

— Arranque a faca para se libertar e sangrará até a morte — ela disse, com uma sombria satisfação. — Deixe-a aí e acabará morrendo mais cedo ou mais tarde. De qualquer jeito, você está no meio das planícies sem ninguém para ajudá-la e sem magia para curá-la. — Ela deu de ombros, não foi o que eu planejava, mas os resultados serão os mesmos.

— E quanto ao seu problema? — indaguei, bufando devido ao esforço.

— Tenho meu cavalo e meu povo está aqui por perto. Nosso curandeiro me curará, e voltarei a tempo de assistir a seus últimos instantes de vida.

Ela contornou a carroça e, após alguns gemidos e grunhidos, escutei-a estalar a língua para o cavalo, escutando, em seguida, o ruído familiar de cascos.

Sentindo minha visão começando a ficar embaçada, tive de concordar com Alea. Minha situação não melhorara, mas, pelo menos, pude lhe negar a satisfação de me torturar. A dor intensa tornava a concentração difícil. Será que eu arrancava a faca? Ou a mantinha no lugar?

O tempo foi passando e várias vezes eu perdi e voltei à consciência. Acordei quando o barulho de galope chegou aos meus

ouvidos. Ainda não tomara a minha decisão, e Alea estava retornando para tripudiar.

Fechando os olhos para não ter que ver a sua expressão arrogante, escutei um relincho. O som aliviou a minha dor, como se eu houvesse recebido uma dose de curare. Abri os olhos e vi a cabeça de Kiki.

Minhas chances pareciam ter melhorado, mas eu não tinha certeza se seria capaz de me comunicar com Kiki.

— Faca — eu disse, em voz alta. Minha garganta ardia de sede. — Traga-me a faca. — Olhando para o meu canivete no chão, eu, em seguida, olhei para Kiki. E permiti que minha cabeça e meus olhos olhassem de um para o outro. — Por favor.

Ela desviou o olhar na direção certa. Depois, avançou e pegou o cabo com os dentes. Inteligente mesmo.

Estendi a mão livre e ela pousou a arma na palma da minha mão.

— Kiki, se eu sair desta, lhe darei todas as maçãs e balas de hortelã que você quiser.

Novas ondas de dor se espalharam pelo meu corpo quando me virei para cortar a corda ao redor do meu pulso esquerdo. Quando a amarra cedeu, caí no chão, mas tive bom-senso o suficiente para aterrissar nos cotovelos e joelhos, impedindo que a faca se enterrasse ainda mais na minha barriga. Após uma eternidade, consegui estender o braço para trás e cortar a corda ao redor do meu pé.

Eu provavelmente teria me encolhido no chão e me entregue ao alívio da inconsciência, mas Kiki bufou para mim e cutucou o meu rosto com o focinho. Olhando para cima, pensei que o lombo dela parecia tão inalcançável quanto as nuvens no céu. Não havia banquinho na mata. Eu ri, mas pareceu mais um grito histérico.

Kiki afastou-se. Ela retornou com minha mochila na boca, pousando-a ao meu lado. Lancei-lhe um sorriso cansado. Sempre que a montava, eu trazia minha mochila comigo. Ela provavelmente achava que eu precisava da mochila para subir no seu lombo. Batendo o casco no chão com impaciência, ela empurrou a mochila

mais para perto de mim. Eu mencionara maçãs. Talvez ela quisesse a que estava lá dentro.

Eu a abri. Garota esperta. Encontrei o curare que eu havia esquecido. Planejando usar o curare contra Ferde, eu trouxera um dos frascos de Esau. Esfreguei uma gotinha na minha ferida. A droga aliviou a dor. Suspirando de alívio, tentei sentar. Meus braços e pernas pareciam pesados e duros, mas se moviam do jeito certo. O Theobroma no meu corpo impedia o curare de paralisar todos os meus músculos. Foi um tremendo esforço colocar a mochila nas minhas costas. O medo do retorno de Alea me motivou, e, apesar das pernas bambas, fiquei de pé.

Kiki curvou a sua pata da frente até o joelho. Eu a fitei inquisitivamente. Nada de banquinhos? Ela relinchou de impaciência. Agarrei a sua crina e saltei para o seu lombo. Ela endireitou-se e começou a trotar bem suavemente.

Eu soube o instante exato em que deixamos o Vácuo. A magia me envolveu como uma piscina de água, porém logo me senti afogar em meio à quantidade. Um infeliz efeito colateral do Theobroma abria minha mente para um ataque místico. Ao adentrar as Planícies Avibian, senti os feitiços protetores investindo contra mim. Incapaz de bloquear a magia, caí no chão.

Estranhos sonhos, imagens e cores giraram ao meu redor. Kiki falou comigo com a voz de Irys. Valek tentou resistir quando colocaram um laço de corda ao redor do seu pescoço, seus braços amarrados atrás das costas. Ari e Janco rodeavam uma fogueira em uma clareira de grama alta, alarmados e intranquilos. Jamais haviam ficado perdidos antes. Minha mãe agarrada a um galho alto de uma árvore, que balançava selvagememente em meio a uma tempestade. O cheiro de curare preenchia minhas narinas, e o Theobroma revestia a minha boca.

A faca de Alea fora enterrada ainda mais na minha barriga quando eu atingira o chão. Na minha cabeça, pude enxergar os músculos cortados, o rasgo na barriga com sangue e ácidos escorrendo. No entanto, não conseguia reunir a magia para curar a ferida.

Os pensamentos de Valek me encontraram. Ele lutava contra os soldados que o rodeavam com os pés, mas alguém puxou a corda, que se apertou ao redor do seu pescoço.

Tristeza pulsava em seu coração.

Sinto muito, amor. Não acho que vamos conseguir dessa vez.

Não!, GRITEI PARA ele. Permaneça vivo. Pense em alguma coisa!

Eu permanecerei, se você permanecer, contra-argumentou ele.

Maldito homem frustrante. Irritada, reuni as imagens retorcidas e a magia que ameaçavam me subjugar. Retorci-as e lutei com a magia. As imagens me rodearam como flocos de neve em uma nevasca. Theobroma corria pelas minhas veias, ampliando minhas percepções, tornando a magia tangível. Os fios de poder deslizavam pelas minhas mãos como uma coberta áspera.

Suando e ofegante devido ao esforço de agarrar-me à magia, puxei a faca de Alea de minha barriga e voltei a magia para a ferida. Pousando as mãos sobre a barriga, cobri a torrente de sangue quente com poder.

Concentrando-me, tentei enxergar o estrago em meus pensamentos. Agarrei um fio da magia que me envolvia e o usei para remendar o buraco na minha barriga. Consertei os músculos abdominais rasgados e fechei a ferida. Um rápido olhar para minha barriga revelou um sulco feio de carne vermelha, que doía como uma estocada cada vez que eu respirava. Contudo, a ferida não ameaçava mais a minha vida.

Mantive a minha parte do combinado. Desesperadamente, torci para que Valek mantivesse a sua. Exaustão ameaçava me privar da consciência, e eu teria adormecido, mas Kiki me cutucou.

Venha, ela disse na minha mente.

Abri os olhos.

Cansada.

Cheiro ruim. Vá.

Estávamos fora do Vácuo, mas devíamos estar perto do povo de Alea.

Agarre rabo, ela instruiu.

Segurando nos fios compridos de sua cauda, eu me alcei até ficar de pé. Kiki ajoelhou-se e eu montei no seu lombo.

Ela arrancou, movendo-se rápido como uma rajada de vento. Eu me agarrei a ela e tentei ficar acordada. À medida que o sol ia se pondo, as planícies foram se tornando um borrão. O ar gelado cortava a minha pele.

Quando ela reduziu o passo, pisquei os olhos, tentando me concentrar no que me rodeava. Ainda estava nas planícies, mas vi uma fogueira adiante.

Faça barulho. Não assuste Coelho.

Coelhos?

A fome súbita fez a minha barriga roncar. Eu tinha uma maçã, mas a prometera para Kiki.

Ela bufou divertidamente, relinchou e parou. Eu olhei por sobre a sua cabeça e vi dois homens bloqueando o caminho. O luar se refletiu nas suas espadas. Ari e Janco. Eu os chamei, e eles embainharam as espadas quando Kiki se aproximou.

Coelho? Não, Homem Coelho?

Rápido demais para um homem.

Vendo como eu estava caída sobre o pescoço de Kiki, Ari me puxou de cima do animal e me carregou até a fogueira, pousando-me no chão como se eu fosse frágil como um ovo. Fui tomada de um súbito desejo de que Ari fosse meu irmão de verdade. Mesmo

tendo 8 anos de idade, aposto que Ari jamais permitiria que eu fosse raptada.

Janco fingiu estar entediado.

— Lá vai você de novo por aí sozinha, reunindo todas as glórias para si — ele disse. — Não sei por que nos demos ao trabalho de vir até esta terra maluca. Seu rastro sequer teve a decência de ir a qualquer lugar que não em círculos — ele queixou-se.

— Não gosta de ficar perdido, Janco? — brinquei.

Janco resmungou e cruzou os braços.

— Não se preocupe. Não há nada de errado com as suas habilidades. Vocês estão nas Planícies Avibian. Há uma magia protetora por aqui que confunde a mente.

— Magia — ele repetiu. — Outro bom motivo para permanecer em Ixia.

Ari sentou-se ao meu lado, perto do fogo.

— Você está com uma aparência terrível. Tome.

Ele colocou a minha capa ao redor dos ombros.

— Onde...

— Nós a encontramos nas planícies — Ari explicou. Depois amarrou a cara. — Valek nos pedira para lhe cobrir a retaguarda, na noite passada. Nós o seguimos, mas eles o emboscaram nos portões da Cidadela.

— Cahil e seus homens — eu disse.

Ari assentiu e começou a inspecionar os cortes nos meus braços.

— Como foi que eles sabiam onde encontrá-lo?

— O capitão Marrok é um batedor de certo renome — Ari respondeu. — Aparentemente, ele e Valek já se encontraram antes. Marrok é o único soldado a já ter escapado das masmorras do Comandante. Deve ter ficado aguardando a oportunidade perfeita. — Ari sacudiu a cabeça. — A captura de Valek representou um dilema.

— Ajudar Valek, ou ajudar você — Janco esclareceu.

— Acho que ele suspeitava que algo poderia acontecer com ele, e não quis deixá-la desprotegida. Sendo assim, nos atemos ao plano e

a seguimos.

Ari me passou uma jarra de água.

Engoli o líquido.

— Não que houvesse adiantado muito — Janco resmungou. — Quando chegamos ao local do encontro, cavalo e carroça haviam desaparecido, e achamos melhor tentar rastreá-la. Ela tinha de parar em algum momento. Mas...

— Vocês se perderam — completei por ele. Ari examinou o corte profundo no meu antebraço direito. — Ai!

— Fique quieta — Ari ordenou. — Janco, pegue o meu estojo médico na minha mochila. Estes cortes precisam ser limpos e fechados.

Se eu tivesse forças, poderia ter sarado as feridas nos braços com magia. Em vez disso, tive de suportar os cuidados e as repreensões de Ari. Quando ele pegou um pote da cola de Rand, eu lhe perguntei sobre o novo *chef* do Comandante, para tentar me distrair da dor.

— Como Rand jamais chegou até a mansão de Brazell para levar a cabo a transferência de cozinheiros, o Comandante promoveu um dos membros da equipe da cozinha de Rand.

Ari franziu a testa.

Fiz uma careta quando Ari aplicou a cola, mais devido à lembrança de Rand do que por causa da queimação no braço. Rand perdera a vida me protegendo, mas é verdade que eu não teria estado em perigo se ele não houvesse me armado uma emboscada em primeiro lugar.

— A comida não tem sido a mesma — Janco disse, com um suspiro. — Todo mundo tem perdido peso.

Quando Ari terminou de enfaixar os meus braços, ele retirou algo do fogo.

— Janco pegou um coelho. — Ele partiu um pedaço e o passou para mim. — Você precisa comer alguma coisa.

Isso me lembrou.

— Kiki precisa...

Fiz menção de me erguer. Janco fez um sinal para que eu continuasse sentada.

— Eu cuido dela.

— Você...

— Sei. Eu cresci em uma fazenda.

Eu já devorara toda a carne que havia ao redor do osso do coelho quando Janco retornou, coberto de pelos de cavalo. Ele parecia estar de melhor humor.

— Ela é linda — disse a respeito de Kiki. — Jamais vi um cavalo ficar parado tão pacientemente para ser escovado, e ela sequer estava presa.

Eu lhe disse a honra que ela lhe concedera ao mudar o seu nome de Homem Coelho para Coelho.

— Inédito.

Ele me lançou um olhar estranho.

— Cavalos falantes. Magia. Sulistas loucos.

Janco sacudiu a cabeça.

Ele pode ter dito mais, mas eu não consegui mais ficar acordada.

Na manhã seguinte, contei para meus amigos sobre Alea e o clã no platô. Eles queriam ir atrás dela, mas eu os lembrei de Valek e da necessidade de encontrar Ferde. Meu coração se apertou quando pensei em Valek. Mesmo com a noite de sono, eu ainda não tinha energia o suficiente para descobrir o que acontecera com ele.

O descanso servia para eu me recuperar.

— Precisamos chegar à Cidadela — eu disse, ficando de pé.

— Por acaso sabe onde estamos? — Ari perguntou.

— Em algum lugar nas planícies — respondi, colocando nos ombros a mochila.

— Mas que feiticeira de meia-tigela — Janco zombou. — Será que você sequer sabe para que lado fica a Cidadela?

— Não. — Kiki aproximou-se e parou ao meu lado. Eu agarrei a crina dela. — Que tal um empurrãozinho? — perguntei para Janco.

Ele resmungou algo baixinho, mas ofereceu as mãos entrelaçadas para eu colocar a minha bota. Quando eu me acomodei no lombo do animal, olhei para ele.

— Kiki sabe para onde ir. Será que conseguem nos acompanhar?

Ele sorriu.

— Este coelho corre de verdade.

Ari e Janco arrumaram suas coisas e partimos trotando. Todas aquelas voltas ao redor do castelo do Comandante os deixara na melhor forma física possível.

Alcançamos a estrada, e escutei Janco resmungar e praguejar sobre ter ficado perdido a pouco mais de um quilômetro de distância. Quando nos aproximamos dos portões da Cidadela, nos deparamos com os quatro Mestres Feiticeiros. Todos estavam montados. Um grupo de cavalaria bem armado os acompanhava.

Sorri ao notar a expressão embasbacada de Roze Featherstone, contudo fiquei séria ante o olhar frio de Irys.

— Por que vocês estão aqui? — perguntei.

— Estávamos indo resgatá-la, ou matá-la — Zitora respondeu, lançando um olhar irritado para Roze.

Fitei inquisitivamente os olhos de Irys. Ela desviou o olhar e bloqueou minhas tentativas de alcançar seus pensamentos. Embora soubesse que ela iria afastar-se de mim por eu ter ido sozinha, suas ações ainda me despedaçaram o coração.

Sem se dar ao trabalho de disfarçar a satisfação na sua voz, Roze disse:

— Devido à sua total falta de consideração pela segurança de Sitia, você foi expulsa.

A menor das minhas preocupações.

— Opal está em segurança? — perguntei aos feiticeiros.

Bain Bloodgood assentiu.

— Ela contou que uma mulher a estava mantendo prisioneira. Ela estava conectada ao assassino?

— Não. Ainda precisamos encontrar Ferde. Ele não me quer. Deve ter pegado alguma outra pessoa. Alguém foi dado como

desaparecido?

Minha declaração causou um bocado de comoção. Todo mundo supusera que Ferde estivesse mantendo Opal prisioneira. Agora, precisavam mudar de táticas.

— Há duas semanas que o estamos procurando — Roze disse, dando um basta ao burburinho. — O que a leva a pensar que possamos encontrá-lo agora?

— A última vítima não terá sido sequestrada — Bain afirmou. — Vamos voltar e discutir isso. Yelena, você ficará mais segura na Fortaleza. Conversaremos sobre o seu futuro quando toda essa confusão estiver resolvida.

Os feiticeiros voltaram para a Fortaleza. Ari, Janco e eu seguimos. Pensei no comentário de Janco. Meu futuro não seria nada sem Valek. Alcancei Bain e perguntei a respeito dele.

Bain me lançou um olhar sério, e senti a pressão de sua magia na minha barreira mental. Relaxe a guarda e escutei a sua voz na minha mente.

É melhor não tocar nesse assunto, criança. Cahil e seus homens o capturaram há duas noites, mas Cahil se recusou a entregá-lo ao conselho e aos Mestres Feiticeiros.

Senti a desaprovação de Bain com relação aos atos de Cahil. E tive de reprimir minha vontade de encontrar Cahil e atravessá-lo com a sua própria espada.

Cahil tentou enforcar Valek, ontem ao pôr do sol, porém Valek escapou. Bain pareceu impressionado. Não fazemos ideia de onde ele esteja agora.

Agradei a Bain, e reduzi a marcha de Kiki, permitindo que os outros seguissem na frente. Saboreei o meu alívio por Valek estar vivo. Quando Ari e Janco me alcançaram, passei a informação para eles.

Quando chegamos a Council Hall, Ari e Janco seguiram para os alojamentos dos hóspedes. Kiki acelerou o passo e nos juntamos aos outros

Pensei em para onde Valek poderia ter ido. De volta para Ixia parecia ser o curso de ação mais lógico, mas eu sabia que Valek permaneceria por perto até que Ferde fosse capturado. Isso me levou a considerar quem seria a próxima vítima de Ferde. Ele estava trabalhando na Fortaleza, onde havia muitas jovens feiticeiras aprendendo a controlar a sua magia. Visto que a lua cheia nasceria amanhã à noite, ele provavelmente precisaria de alguns dias para se preparar. Os Mestres Feiticeiros não conseguiam localizá-lo com magia, mas talvez conseguissem contatar a garota com ele. Mas o que fazer para achá-la?

Assim que passamos pelos portões da Fortaleza, os Mestres Feiticeiros desmontaram, entregaram seus cavalos aos guardas e seguiram para o prédio administrativo do conselho. Eu os segui, mas Roze me deteve aos pés da escadaria.

— Você está confinada aos seus aposentos. Lidaremos com você mais tarde — ela prometeu.

Eu não tinha a menor intenção de obedecê-la, mas sabia que eles jamais me deixariam entrar na sala de reuniões. Sendo assim, antes que Bain pudesse subir os degraus que levavam à construção, eu lhe toquei o braço.

— O assassino provavelmente seduziu uma das jovens primeiranistas para acompanhá-lo — eu disse. — Se cada um examinar um dos alojamentos, poderão descobrir quem está faltando e tentar se comunicar com ela.

— Excelente — Bain respondeu. — Agora vá descansar, criança. E não se preocupe. Faremos o possível para encontrar o assassino.

Assenti. A fadiga me envolvia como uma capa de pedra, e as ordens de Bain para descansar faziam sentido. Antes de seguir para os meus aposentos, fiz um ligeiro desvio até as suítes de hóspedes da Fortaleza.

Meu pai atendeu a porta. Ele me esmagou com os braços musculosos.

— Você está bem? Minha pílula funcionou?

— Perfeitamente. — Eu o beijei na face. — Você salvou a minha vida.

Ele inclinou a cabeça.

— Por via das dúvidas, preparei mais um pouco para você.

Sorri de gratidão. Olhando por sobre o ombro dele, perguntei:

— Onde está mamãe?

— Na sua árvore favorita, perto do pasto. Ela estava indo tão bem, até...

Ele me lançou um sorriso sardônico.

— Eu sei. Eu a encontrarei.

Estava no pé do carvalho, sentindo-me como se houvesse sido atropelada por um cavalo.

— Mamãe? — chamei.

— Yelena! Suba! Suba até aqui, onde é seguro.

Nenhum lugar é seguro, pensei. Os acontecimentos dos dois últimos dias começaram a me sobrepular. Problemas demais. Coisas demais dependendo de mim. Meu encontro com Alea provara que, mesmo quando eu me sentira confiante de que poderia resolver a situação, eu não sabia o que estava fazendo. Se Alea houvesse me revistado atrás de armas, eu estaria imersa até os joelhos no meu próprio sangue.

— Desça até aqui. Preciso de você — gritei.

Deslizei até o chão e envolvi minhas pernas com os braços, sentindo as lágrimas escorrendo de meus olhos.

Com o farfalhar de folhas e o rangido de galhos, minha mãe apareceu ao meu lado. Eu me transformei em uma criança de 6 anos, atirando-me nos braços dela, e chorando. Ela me confortou, me ajudou a chegar ao meu quarto, me entregou um lenço e um copo de água. Colocando-me na cama, ela me beijou a testa.

Quando ela fez menção de ir embora, eu lhe agarrei a mão.

— Por favor, fique.

Mamãe sorriu, tirou a própria capa e deitou-se ao meu lado. Eu adormeci nos braços dela.

Na manhã seguinte, ela me trouxe café na cama. Protestei a extravagância, mas ela me interrompeu:

— Tenho 14 anos de tempo perdido como sua mãe para recuperar. Faça a minha vontade.

Embora o prato estivesse lotado de comida, comi tudo e esvaziei a xícara de chá.

— Bolos doces são os meus favoritos — disse.

— Eu sei — ela confirmou, com um sorriso presunçoso. — Perguntei a uma das serviçais do salão de jantar, e ela se lembrou de que, toda vez que preparavam bolos doces, seus olhos se iluminavam. — Perl pegou a bandeja vazia. — É melhor voltar a dormir.

Ela seguiu para o outro aposento.

Eu poderia facilmente ter obedecido, porém precisava saber se os outros haviam descoberto quem estava faltando. Incapaz de permanecer na cama, decidi tomar um banho rápido, antes de encontrar Bain.

— Venha até a nossa suíte quando terminar o seu banho — Perl disse. — Assim que seu pai me contou o que está acontecendo com esse assassino e o curare, pensei em algo que poderá ajudá-la. Que poderia tê-la ajudado ontem — ela bufou. — Não sou um broto delicado. Você e Esau não precisam guardar as coisas de mim. E isso inclui Valek.

Ela colocou as mãos na cintura, amarrotando as linhas suaves do vestido azul-esverdeado.

— Como... — gaguejei.

— Não sou surda. O salão de jantar só fazia falar sobre você e Valek. E sobre a fuga de Valek de Cahil!

Ela levou a mão ao pescoço. Depois, inspirou profundamente.

— Eu sei que costumo ter uma reação desproporcional para com certas coisas e que saio correndo para as árvores. — Ela sorriu com tristeza. — A reputação de Valek é terrível, mas confio em você. Quando tiver algum tempo, precisa me contar sobre ele.

— Sim, mamãe — eu disse, também prometendo passar na suíte deles após o banho.

Era o meio da manhã, de modo que o local de banhos estava vazio. Ao me lavar, pensei no quanto eu contaria para a minha mãe a respeito de Valek. Quando terminei de me secar, mudei de roupas e segui para a suíte de convidados.

Dax me interceptou. Seu rosto normalmente jovial estava tenso de preocupação, e as olheiras escuras davam a impressão de que ele não dormia há algum tempo.

— Por acaso viu Gelsi? — ele perguntou.

— Não desde o Festival de Novos Começos. — Tanto acontecera desde aquela noite. O semestre não fora como eu pensara que seria. Nada desde a minha vinda para Sitia fora como eu imaginara. — Ela não estava trabalhando em algum novo projeto para o Mestre Bloodgood?

— Estava. Ela estava experimentando com a planta Bellwood. Mas há dias que não a vejo, e não consigo encontrá-la em lugar algum.

As palavras dele me atingiram como se fossem a faca de Alea. Deixei escapar uma exclamação horrorizada.

— O que foi?

Os olhos dele se arregalaram de alarme.

— Planta? Aonde? Com quem?

As perguntas saltavam de minha boca.

— Já verifiquei a estufa várias vezes. Ela estava trabalhando com um dos jardineiros. Quem sabe não devêssemos perguntar a ele?

Ele. Senti um aperto no coração. Eu sabia com quem Gelsi estava.

— EU? MAS NUNCA estabeleci um vínculo com Gelsi.

Uma expressão amedrontada apareceu no rosto contorcido de Dax. Eu o levava de volta para os meus aposentos. Estávamos sentados no sofá.

— Não se preocupe. Eu só trabalhei com ela uma vez, mas você a conhece há um ano. Eu a encontrarei através de você. — Pelo menos, era o que eu esperava. — Relaxe — ordenei. — Tomei a mão dele na minha. — Pense nela.

Encontrando um fio de magia, estendi minha consciência na direção dos pensamentos de Dax.

Uma terrível visão de Gelsi ensanguentada e apavorada ocupou meus pensamentos.

— Dax, não imagine onde ela pode estar. Pense nela no Festival de Novos Começos.

A imagem se transformou em uma jovem sorridente usando um vestido verde-claro. Senti a emoção de Dax ao lhe segurar a mão e guiá-la enquanto dançavam. Enviei minha magia até Gelsi, tentando enxergar Dax através da mente dela.

Ela ergueu a cabeça para fitá-lo. Eles sempre dançavam juntos no festival, mas dessa vez parecia diferente. Sua pele se arrepiara onde

ele a tocara, e ardor pulsava no seu peito.

Gelsi, chamei, puxando-a para a lembrança.

Que noite adorável, ela pensou. *Como as coisas mudaram. Dax me pareceu distante após aquela noite. Preocupado.*

Gelsi, onde está você?, perguntei.

A vergonha ardeu.

Fui uma tola. Ninguém deve saber. Por favor, não conte para ninguém.

O medo tremia nos seus pensamentos.

Você foi enganada por um feiticeiro astuto. Ninguém vai condená-la por isso. Onde está você?

Ele vai me castigar.

Ela tentou se afastar, mas eu mostrei a preocupação de Dax com ela. Sua busca por toda a Fortaleza.

Não permita que seu captor vença, implorei.

Gelsi me mostrou um aposento vazio. Ela estava nua e amarrada a estacas de metal que haviam sido enfiadas no chão de madeira. Estranhos símbolos haviam sido pintados no chão e nas paredes. A dor latejava entre as pernas dela, e os múltiplos cortes ao longo de seu braço e de suas pernas ardiam. Ele não precisara drogá-la com curare.

Eu o amava, ela disse. *Entreguei-me a ele.*

Em vez da maravilhosa experiência de amor que ela estava esperando, Ferde a imobilizara, a surrara e a estuprara. Depois, a sangrou, coletando seu sangue em uma vasilha de barro.

Mostre-me onde você está, instruí.

Além do aposento, havia uma sala de estar, e, do lado de fora, podia ver um pátio com uma escultura de jade branco de 15 cavalos.

Tenha fé, eu disse. *Estamos a caminho.*

Ele saberá. Ele cercou a região com um escudo místico, e sabe quando alguém o atravessa. Se ele se sentir ameaçado, vai completar o ritual.

Ele não precisa esperar até a lua cheia, hoje à noite?

Não.

O bilhete deixado por Aleta originalmente marcava a troca para a lua cheia. Sendo assim, todo mundo não só presumira que Ferde enviara o bilhete, mas que a fase da lua fosse crítica para o ritual.

Ele teve de se mudar várias vezes, Gelsi explicou. Eu achara excitante. Não sabia que era quem os Mestres Feiticeiros estavam procurando. Ele me levou a acreditar que estava em uma missão secreta para os Mestres Feiticeiros.

Daremos um jeito, prometi.

Rápido.

Eu retraí minha consciência e recostei-me no sofá. Dax me fitava horrorizado, ele fora capaz de ver e escutar a nossa conversa.

— Ela precisará de você quando tudo isto houver terminado — disse para ele.

— Precisamos contar para os mestres...

— Não.

As opções passavam por minha cabeça,

— Mas ele é poderoso. Você escutou Gelsi. Ele possui um escudo — Dax lembrou.

— Mais um motivo para ir sozinha. Eles o têm caçado, e ele os conhece. Acho que posso passar sem ser detectada.

— Como?

— Não há tempo para explicar. Mas Gelsi precisará de você por perto. Pode me encontrar no mercado em uma hora?

— Claro.

Eu me levantei com um salto e comecei a reunir suprimentos.

Dax hesitou ao chegar à porta.

— Yelena?

Olhei para ele.

— O que acontecerá se não conseguir detê-lo?

O medo brilhava nos seus olhos verdes.

— Nesse caso, teremos de encontrar Valek. Caso contrário, Sitia pertencerá a Ferde.

Dax engoliu o medo e assentiu antes de ir embora. Eu coloquei meu equipamento na mochila e troquei de roupas. Usando uma

túnica marrom lisa e calça da mesma cor, eu passaria despercebida entre os cidadãos comuns da Cidadela. Cobrindo o meu disfarce com a capa, dei uma passada na suíte dos meus pais no caminho.

Leif estava sentado com eles na sala de estar. Eu o ignorei.

— Pai, você tem mais daqueles comprimidos? — Pedi, torcendo para que ele soubesse que eu queria o Theobroma.

Ele assentiu em sinal de compreensão e foi buscá-los. Enquanto eu aguardava, mamãe lembrou-se da pequena invenção da qual ela me falara. Perl me entregou um estranho aparelho feito de tubos e borracha e me explicou como manuseá-lo.

— Só por precaução — ela disse.

— Isto é ótimo — afirmei. — Tinha razão quando disse que seria útil.

Ela abriu um largo sorriso.

— É exatamente o que toda mãe quer escutar.

Leif nada dissera, mas eu podia sentir o seu olhar penetrante, como se estivesse saboreando minhas intenções.

Esau me entregou as pílulas.

— Você vem almoçar conosco?

— Não. Tem algo que eu preciso fazer. Eu me encontro com vocês mais tarde — eu disse, abraçando o meu pai e dando um beijo na face de minha mãe.

Senti um frio na barriga. Talvez devesse contar para os Mestres Feiticeiros sobre Ferde e Gelsi? Afinal de contas, fora o puro acaso que me salvara de Alea. Eu ainda estava descobrindo o que eu podia fazer com a minha magia. E, agora que eu fora expulsa, será que ainda conseguiria explorar todo o meu potencial?

Minha mãe me deteve assim que cruzei a porta.

— Tome — ela disse, me passando o meu amuleto do fogo. — Acho que vai precisar disso. Para lembrar de tudo pelo que teve de passar para conquistá-lo.

Abri a boca para protestar, mas ela sacudiu a cabeça.

— Vou querê-lo de volta.

Ela me abraçou com força por um instante.

Examinando o prêmio escarlate sob a luz do sol, por um instante, eu admirei a empatia de Perl. Enfiei o amuleto no bolso e segui em passo acelerado para a Cidadela.

Após cruzar o portão da Fortaleza, escutei o som de passadas ecoando atrás de mim. Virei-me com o meu cajado na mão. Leif deteve-se a alguns metros de distância. Seu facão estava pendurado no cinto, mas ele não fez nenhuma menção de pegá-lo.

— Agora não, Leif — eu disse, virando-me, mas ele me segurou pelos ombros e me girou de modo a fitá-lo.

— Sei para onde você está indo — ele disse.

— Que bom para você. — Com um dar de ombros, soltei-me de suas mãos. — Neste caso, você sabe que o tempo é essencial. Volte para a Fortaleza.

Comecei a andar.

— Se eu voltar, vou contar para os mestres o que você está fazendo.

— É mesmo? Você não é muito bom em contar as coisas.

— Dessa vez, eu não hesitarei.

Percebendo a obstinação na sua postura, eu me detive.

— O que você quer?

— Quero ir com você.

— Por quê?

— Você vai precisar de mim.

— Considerando como você foi de ajuda na selva, 14 anos atrás, acho que estou melhor por conta própria.

Eu praticamente cuspi as palavras nele.

Ele estremeceu, porém a obstinação permaneceu nas suas feições.

— Ou você me inclui nos seus planos, ou eu a seguirei, e os arruinarei.

Contive a raiva súbita. Não tinha tempo para isso.

— Muito bem, mas devo avisar que você vai ter que me conceder acesso à sua mente para que possa atravessar o escudo de Ferde.

O rosto dele empalideceu, mas Leif assentiu, e passou a andar ao meu lado quando segui às pressas para o mercado. Dax estava me aguardando. Deixei Leif com ele e fui procurar Fisk. Ele estava ajudando uma mulher a negociar uma peça de tecido, mas interrompeu-se assim que me viu.

— Gentil Yelena, precisa de ajuda? — ele perguntou.

Eu lhe disse o que eu precisava.

Fisk sorriu, e disse:

— Parece divertido, mas...

— Mas vai me custar — completei para ele.

O menino foi reunir os amigos.

Assim que Fisk reuniu cerca de vinte crianças, expliquei meu plano para elas.

— Certifiquem-se de não chegar a um quarteirão do pátio até escutarem o sinal. Está bem? — perguntei.

As crianças assentiram. Quando me convenci de que elas sabiam o que fazer, os amigos de Fisk se espalharam e foram assumir suas posições. Fisk me conduziu, acompanhada de Leif, na direção das estátuas de jade branco. Dax aguardou em um beco próximo, longe o suficiente para não tocar no escudo de Ferde, mas a vista da janela do segundo andar.

Mantive a mente receptiva, buscando os limites da barreira mística de Ferde. Cerca de meio quarteirão do pátio, Leif tocou no meu braço, detendo-me.

— Está logo adiante — ele sussurrou.

— Como é que sabe?

— Sinto uma parede de fogo. Você não?

— Não.

— Neste caso, ainda bem que eu vim junto.

Eu o fitei intensamente, porém nada retruquei. Fisk estava nos observando, aguardando o sinal.

Não era a hora de brigarmos. Olhei para Leif.

— Você precisa me dar acesso aos seus pensamentos — disse para ele. — Tem de confiar em mim.

Ele assentiu sem hesitação.

— Vá em frente.

Reuni o poder, girando-o ao meu redor como se fosse uma gigantesca cortina. Projetando a minha consciência, fiz contato com a mente de Fisk.

— Pense nos seus pais — instruí, torcendo para que funcionasse.

O menino fechou os olhos e imaginou os pais. Através de Fisk, me conectei aos pensamentos deles, depois me projetei na direção de Leif.

A mente de Leif lembrava um labirinto negro de dor. Culpa, vergonha e fúria retorcidas juntas. Eu entendi por que o Homem da Lua queria ajudá-lo, mas senti uma satisfação cruel ante o remorso de Leif.

Colocando de lado tais pensamentos sombrios, eu os substituí com a preocupação do pai de Fisk em encontrar trabalho e prover o sustento da família. Puxei para a minha própria mente os pensamentos da mãe de Fisk referentes à saúde frágil da irmã dele. Mantendo seus pensamentos e personalidades na minha mente e na de Leif, dei o sinal para Fisk.

Ele latiu como um cão. Logo, outros latidos ecoaram pelas paredes de mármore em resposta. Os amigos de Fisk estavam para dar início à distração, brincando de pega e correndo para dentro e para fora do pátio, e da barreira mística de Ferde, o maior número de vezes que podiam.

Dei as mãos para Fisk e para Leif, e nós três seguimos para o pátio. Ao cruzarmos a barreira, senti o ardor da sondagem de um mago poderoso e irritado. Ele sondou nossos pensamentos, determinou que éramos uma das famílias de mendigos do local e deixou de prestar atenção em nós.

Quando chegamos às estátuas, deixei os pais de Fisk irem. Eles teriam uma estranha história para contar para os amigos, de como se sentiram como se estivessem em dois lugares ao mesmo tempo.

— Já superamos metade da batalha — eu disse para Leif.

Ele se recusou a me fitar nos olhos. Seu rosto estava vermelho de vergonha.

Irritada, repreendi:

— Não é a hora para isso.

Ele assentiu, mas ainda não me fitou nos olhos. Fisk foi correndo se juntar aos amigos na brincadeira, nos dando mais alguns minutos para conseguir entrar na casa.

Nós nos aproximamos da construção por uma rua lateral. A porta estava trancada. Retirei meu cinzel de diamantes e meu alicate de tensão da mochila, e comecei a trabalhar na fechadura. Assim que consegui alinhar os pinos, o ferrolho da fechadura girou e a porta se abriu para dentro da casa. Escutei uma bufada de surpresa de Leif. Em seguida, adentramos a construção e fechamos a porta. Enfiei minhas ferramentas no bolso.

Caminhando sem fazer barulho, chegamos a uma sala de estar. A mobília e a decoração normal pareceram esquisitas ali. Suponho que eu estivesse esperando algo extravagante e estranho, algo que refletisse a mente de um assassino.

Leif sacou o seu facão e eu peguei o meu cajado, mas eu sabia que eles não nos protegeriam. A magia preenchia a casa. Ela pressionava a minha pele e comecei a suar. Os sons das crianças começaram a desaparecer, e escutamos o ligeiro ruído de passos vindo do andar de cima.

Conectando-me com a mente de Gelsi, vi Ferde aproximar-se dela. Ele estava segurando uma vasilha de barro e uma adaga comprida. Estava usando a sua máscara vermelha e nada mais. Os símbolos e as tatuagens no seu corpo esculpido já a haviam fascinado, contudo, agora, Gelsi os fitava com nojo.

Estou no andar de baixo, avisei. O que ele vai fazer?

Ele quer mais sangue. Espere, caso contrário, se ele a escutar, vai me matar.

Tive de fisicamente conter Leif quando Gelsi começou a gemer de dor. Passando para ele um dos comprimidos de Theobroma de Esau,

avisei para colocá-lo na boca. Coloquei minha mochila no chão e cuidadosamente removi o aparelho de Perl de dentro dela.

Com o meu cajado em uma das mãos e o aparelho na outra, aguardei no pé da escada com Leif. Finalmente, escutamos Ferde afastar-se novamente.

Ele foi embora, Gelsi disse, aliviada.

Senti um frio de apreensão na barriga. Reuni poder para fortalecer minhas defesas mentais. Um erro. Ferde sentiu a movimentação de poder e eu pude sentir o seu crescente alvoroço.

— Agora — sussurrei para Leif. Subimos correndo as escadas, galgando dois degraus de cada vez.

Ferde nos aguardava no patamar. Nós nos detivemos no último degrau. Um sorriso divertido brincou nos lábios de Ferde, antes de ele cerrá-los em sinal de concentração. Revulsão e terror acumularam-se na minha garganta, diante da figura dele, e sentindo as terríveis lembranças de Tula preenchendo minha mente, pensei que iria vomitar.

Fomos atingidos pela onda de sua magia. Eu me agarrei ao corrimão para não rolar as escadas. Leif foi sacudido ao meu lado, mas permaneceu de pé. Era só isso? Olhei para Ferde. Seus olhos estavam fechados. Movendo-me na direção dele, ergui o aparelho de Perl.

— Yelena, pare! — Leif exclamou.

Havia algo de estranho em sua voz.

Olhei para Leif a tempo de vê-lo golpear com o facão. Saltando para trás, deixei cair o aparelho de Perl e bloqueei a arma de Leif com o meu cajado.

— O que você está... — tentei perguntar, mas a pílula entre os dentes tornava difícil falar.

Leif cuspiu o seu próprio comprimido, e avançou para golpear novamente.

— Quando aqueles homens levaram a minha irmãzinha caçula perfeita, pensei que enfim teria novamente a atenção total dos meus pais.

O facão de Leif cortou o ar na direção do meu pescoço.

Agachei-me. Será que toda a sua vergonha e sentimento de culpa haviam sido fingimento? Será que, o tempo todo, ele estava trabalhando com Ferde? Colocando de lado a minha atordoada incredulidade, acertei-o na barriga com a extremidade do cajado. Ele curvou-se para a frente e gemeu. A magia pressionou a minha pele e Leif se ergueu com renovado vigor. Mas era a magia de quem?

— Em vez disso, tive de competir com uma assombração perfeita — Leif disse, e atacou.

Lascas de madeira voaram pelo ar quando bloqueei sua lâmina descontrolada. Era apenas uma questão de tempo antes que ele destruísse o meu cajado, e eu estava ficando sem espaço no patamar estreito. Havia um corredor à minha esquerda, e uma porta aberta à direita.

— Mamãe se recusou a deixar a casa, enquanto o papai jamais estava lá. Tudo por sua causa. — Leif bufava devido ao esforço. — E você ficou longe só para me magoar, não é? Você é a minha figueira estranguladora, e é chegada a hora de cortá-la.

Ferde desaparecera. Senti o ligeiro grito de alarme de Gelsi quando Ferde entrou no aposento onde ela estava. Ele planejava concluir o ritual enquanto Leif me mantinha ocupada. E estava funcionando.

Com um sonoro estalo, meu cajado se partiu em dois. Leif avançou, e eu ergui um escudo místico, mas ele o atravessou sem problemas. Com um último esforço desesperado, projetei minha consciência, adentrando a sua mente sombria.

Ódio e aversão a si mesmo preenchiam seus pensamentos. Senti outra presença na cabeça de Leif. Ferde possuía as habilidades de um Tecelão de Histórias e ele trouxera à tona todas as emoções primordiais de Leif, usando-as contra mim.

Quando Leif girou o seu facão na minha direção, dei um passo para a esquerda, retraindo minha consciência. Não podia me defender no plano físico sem estar mentalmente presente. Eu não era tão forte assim. Leif puxou a sua arma para si, e arremeteu

novamente na minha direção. Eu não tinha com o que me defender. O aparelho de Perl estava fora do meu alcance.

Os pedidos de socorro de Gelsi ardiam nos meus pensamentos como um ferro em brasa, revigorando-me. Projetei-me para dentro da mente de Leif, assumindo o controle de seu corpo, como fizera com Goel. Detendo a ponta de seu facão a centímetros da minha barriga, fiz com que Leif recuasse.

Expulsando a escuridão da mente de Leif, encontrei o menino que vira a irmã ser sequestrada; imaculado por sentimentos de culpa e ódio. Naquele instante, ele possuía apenas curiosidade e incredulidade. Duas emoções que Ferde não conseguiria usar contra mim. Coloquei Leif em um sono profundo, totalmente desprovido de sonhos. Ele desabou no chão quando retornei ao meu corpo. Deter Ferde era de suma importância. Lidaria com Leif mais tarde. Eu esperava.

Pegando o aparelho de Perl, desci em disparada o corredor, procurando Gelsi. Apenas a última porta fora deixada fechada. Trancada. Peguei minhas ferramentas e a arrombei. Meu tempo mais rápido. Janco teria ficado orgulhoso.

A porta abriu-se para dentro, e cambaleei para o interior do aposento. Ferde estava com as mãos ao redor do pescoço de Gelsi. Assisti horrorizada a todos os indícios de vida desaparecerem de seu rosto. Os olhos dela ficaram vidrados, sem nada enxergar.

Ferde gritou e ergueu as mãos para o céu em sinal de comemoração.

TARDE DEMAIS. COM um aperto no coração vi a alegria de Ferde. Porém, em seguida, enxerguei uma estranha sombra se erguer do corpo de Gelsi. Antes que a lógica pudesse interferir, saltei. Empurrando Ferde para o lado, inalei a sombra, acolhendo a alma de Gelsi dentro de mim. O mundo pareceu parar por um instante, de modo que tive tempo para guardá-la em algum canto seguro da minha mente. Em seguida, com um estalo, tudo voltou a se mover, e caí em cima de Ferde. O aparelho de Perl voou de minha mão, aterrissando próximo à parede.

Após um breve luta, Ferde me imobilizou no chão, sentando-se na minha barriga.

— Essa alma é minha — ele afirmou. — Devolva.

— Ela não lhe pertence.

Yelena?

Senti a confusão de Gelsi nos meus pensamentos.

Agente firme, eu disse para ela.

Ferde estendeu as mãos para o meu pescoço. Eu as agarrei, e, aproveitando o impulso dele para a frente, desequilibrei-o ainda mais com o joelho esquerdo. Plantei o pé esquerdo no chão, e girei o

quadril, derrubando-o de cima de mim. Levantando-me com um salto, assumi uma postura de combate.

Ferde sorriu e voltou a ficar de pé com a graça e a velocidade de uma pantera.

— Apesar de estarmos bem equilibrados, acho que eu ainda levo vantagem.

Preparei-me para um ataque, mas ele não se moveu. Suas tatuagens vermelhas começaram a brilhar, até queimarem os meus olhos, os quais ele fitou com os seus olhos castanho-escuros.

O rosto de Ferde se transformou no de Reyad. Meu mundo girou, e me vi de volta no quarto de Reyad em Ixia, amarrada à cama e observando Reyad revirar o seu baú de aparelhos de tortura. Após um instante inicial de pânico e receio de que teria de reviver a tortura de Reyad, a cena saltou adiante para a expressão atordoada de Reyad, enquanto sangue jorrava de seu pescoço, me encharcando.

Você também é uma assassina, Ferde disse na minha mente. Vi imagens dos outros homens que matara. Você possui o poder de coletar almas sem precisar de símbolos e nem de sangue. Por que acha que Reyad ainda a assombra? Você tomou a alma dele, a primeira de muitas. Enxergo o futuro, e o seu jamais fica melhor.

As imagens giraram de modo estonteante, e os olhos frios de Irys me fitaram, enquanto Valek balançava na forca. O ódio de Leif pulsava na minha mente, junto com o desejo de Cahil de me ver executada. O Comandante sorrindo de satisfação no meu julgamento por ter cometido espionagem, porque ele conseguira o que queria de mim, e, agora, eu não representaria mais problema para Ixia.

Olhe o que os Mestres Feiticeiros fizeram com aquele Descobridor de Almas do passado, Ferde disse.

Um homem fora amarrado a um poste e incendiado. Seus gritos de dor ecoaram em minha mente. Ferde manteve a imagem em meus pensamentos até a carne do homem ser consumida pelas chamas. Esforcei-me para recuperar o controle de minha mente,

mas a magia de Ferde era comparável à de um Mestre, e eu não consegui me livrar dele.

O Descobridor de Almas queria apenas ajudar, trazendo os mortos de volta à vida para as suas famílias e seus amigos. Não foi culpa dele estarem diferentes quando eles acordaram, Ferde disse, no interior da minha cabeça. Pânico e medo do desconhecido o condenaram, exatamente como o conselho a condenará. Tudo que lhe mostrei será o seu destino. Eu vejo nos filamentos de sua história. O Homem da Lua não é o seu verdadeiro Tecelão de Histórias, eu sou.

A lógica dele era altamente persuasiva. Ele compreendia o meu desejo de querer encontrar o meu lugar. Era ao lado dele. Descobridora de Almas e Ladrão de Almas.

Sim, eu mudarei a sua história e o conselho não a queimará viva, basta me dar a alma de Gelsi.

Um cantinho de minha mente resistia, exigindo ação.

Roubar almas é errado, eu disse. Não devo fazê-lo.

Neste caso, por que foi presenteada com tal habilidade se não deve usá-la?, Ferde indagou.

Eu devo usá-la para ajudar as pessoas.

É o mesmo que o outro Descobridor de Almas queria fazer. Veja só o que aconteceu com ele.

Estava ficando difícil focalizar meus pensamentos. O controle de Ferde estava se espalhando e logo ele tomaria Gelsi de mim.

Entregue-me a garota. Se eu tiver de tomá-la à força, você morrerá. Será a primeira vítima da minha nova administração. Seus pais serão os próximos.

Imagens de Perl sendo mutilada e de Esau sendo feito em pedaços preencheram minha mente. O sangue jorrava enquanto eu assistia em impotente terror.

Salve-os, e poderá ter completa liberdade pela primeira vez na vida.

Seu feitiço poderoso me tentava. Eu me vi concordando com ele. Liberdade. Ferde enviou uma onda de prazer pelo meu corpo. Gemi

ao sentir uma mistura inebriante de alegria e gratificação me percorrer. Eu queria lhe entregar Gelsi. Mas ele foi longe demais ao encher o meu corpo de contentamento. Porque eu já sentia isso cada vez que Valek me tomava nos braços.

Fiquei oscilantemente de pé, e suei devido ao esforço de impedir que Ferde se apossasse de Gelsi. Ele se dera conta do seu erro e lançara um ataque mental para pegar a alma dela. Apertando o peito com os braços, desabei no chão. O fogo ardia no meu íntimo. Lágrimas e suor me ardiavam os olhos, mas avistei o aparelho de Perl perto de mim, antes de a dor retorcer o meu corpo. Eu só precisava de um segundo.

Problemas, amor?, Valek perguntou.

Preciso de sua imunidade à magia.

É sua.

Uma resistência à magia, diferente de qualquer barreira que eu pudesse erguer, cresceu na minha mente, bloqueando o controle de Ferde. Abri os olhos.

— Você quase me pegou — eu disse para Ferde.

Peguei o aparelho de Perl e fiquei de pé, com as pernas bambas.

A surpresa de Ferde não durou muito.

— Não importa. O esforço para me rechaçar a enfraqueceu.

Com dois passos, ele cruzou a distância que nos separava. Suas mãos envolveram o meu pescoço. Ele tinha razão. Apesar de não ter forças para detê-lo, eu podia fazer outra coisa. Quando os polegares dele começaram a se fincar na minha traqueia, eu ergui o aparelho de Perl.

Pontos pretos e brancos começaram a dançar diante dos meus olhos. Antes que Ferde pudesse reagir aos meus movimentos, apontei o bocal para ele e apertei a bola de borracha, esguichando curare no seu rosto. Inventado para aplicar perfume, o aparelhinho de Perl funcionou maravilhosamente bem.

O rosto de Ferde ficou paralisado de horror. Soltei-me de suas mãos e, com um empurrão, ele foi ao chão.

Haverá outros foram os últimos pensamentos de Ferde antes de a droga paralisar o seu corpo e a sua magia.

Assim que me certifiquei de que ele estava paralisado, adentrei sua mente. Presas na escuridão estavam todas as almas que ele roubara. Eu as libertei para o céu. Sentindo uma onda de movimento, por um instante me juntei às almas libertadas, regozijando-me com a felicidade e a alegria delas; em seguida, retornei ao meu corpo.

Sem um segundo para perder, corri até Gelsi. Pousando a ponta dos meus dedos no pescoço dela, concentrei-me nos seus ferimentos, reparando-os, incluindo os cortes ao longo dos braços e das pernas.

Volte, disse para Gelsi.

Durante a batalha com Ferde, ela se escondera na minha mente, apavorada e confusa, mas agora Gelsi entendia. Seu corpo voltou à vida e ela inspirou profunda e tremulamente.

Cortei-lhe as amarras com o meu canivete e, após cuspir a pílula empapada de Theobroma, deitei-me ao seu lado, sentindo-me exaurida. Ela me abraçou. Minha garganta ardia cada vez que eu inspirava.

Após um longo tempo, reuni forças para ficar de pé, puxando Gelsi comigo. Encontramos as suas roupas e eu a ajudei a vesti-las. Antes de guiá-la até lá embaixo para descansar em um sofá confortável, acenei com a mão para fora de uma das janelas do segundo andar. Dax logo se juntaria a nós.

— Vou ser expulsa — ela sussurrou.

Sacudi a cabeça.

— Você quase será sufocada de tanta atenção e compreensão. E receberá todo o tempo de que precisa para se recuperar.

Assim que Dax chegou para tomar o meu lugar ao lado de Gelsi, voltei para o patamar onde deixara Leif. A relutância segurava as minhas pernas. Parecia que elas haviam sido expostas a curare.

Eu não tinha forças para lhe desatar os pensamentos retorcidos. Minha promessa para o Homem da Lua teria de esperar mais um

pouco. Coloquei Leif em um estado de sono mais leve, para que ele despertasse depois que eu partisse. O último comentário de Ferde me fez perceber que ainda havia assuntos inacabados que exigiam a minha atenção.

Quando desci, Dax estava com o braço protetoramente envolvendo os ombros de Gelsi.

— Enviei uma mensagem para o mestre Bloodgood. Os mestres estão a caminho com um batalhão de guardas para levar Ferde para a prisão da Fortaleza.

— Neste caso, é melhor eu ir. Eu deveria estar confinada aos meus aposentos.

Dax sacudiu a cabeça.

— O Segundo Feiticeiro sabe o que você fez.

— Mais um motivo para eu não estar aqui quando chegarem.

— Mas...

Eu acenei e apressei-me e cruzar a porta, colocando minha mochila sobre um dos ombros. Considerando que eu já fora expulsa do programa da Fortaleza, sabia que não demoraria muito a ser posta para fora de meus aposentos. Planejava já estar longe há muito tempo antes de dar a Roze a satisfação de me despejar.

Quando cruzei o pátio, Fisk correu para mim.

— Nós ajudamos? — o menino perguntou. — Está tudo bem?

— Vocês foram ótimos. — Revirei a mochila e entreguei para Fisk as moedas sitianas que eu tinha. — Distribua-as entre as suas tropas.

Ele sorriu, e saiu correndo.

Um cansaço profundo se abateu sobre mim quando cruzei a Cidadela. Meus arredores não passavam de borrões, e eu caminhava como se estivesse em transe. Quando passei por Council Hall, o grupo de mendigos que sempre zanzava por perto das escadas começou a me seguir.

— Lamento, mas não posso ajudá-los hoje — gritei por sobre o ombro.

O grupo retornou para as escadarias, mas um deles insistiu. Eu me virei.

— Eu disse...

— Gentil dama, pode me dispensar um cobre? — o homem perguntou.

A sujeira lhe cobria o rosto e o cabelo estava colado ao rosto. Suas roupas estavam rasgadas e sujas, e ele fedia a estrume de cavalo. Mas ele jamais poderia esconder de mim aqueles penetrantes olhos azul-safira.

— Será que não pode dispensar um cobre para o homem que acabou de salvar a sua vida? — Valek perguntou.

— Estou lisa. Tive de pagar pela distração. Aqueles meninos não trabalham barato. O que...

— Chafariz da Unidade. Quinze minutos.

Valek retornou para as escadarias e se juntou aos outros mendigos.

Eu prossegui na direção da Fortaleza, mas assim que perdi de vista Council Hall peguei uma rua lateral e segui para o Chafariz da Unidade. A esfera de jade com seus buracos e outras esferas no seu interior reluzia sob a luz do sol. A névoa de água do círculo de jatos de água cintilava no ar frio. Meu alívio por saber que Valek estava incólume estava em conflito com a minha preocupação de que ele deveria estar bem longe da Cidadela.

Um rápido movimento nas sombras chamou a minha atenção. Caminhei até a alcova escura de um vão de porta, onde me juntei a Valek, abraçando-o por um instante impetuoso antes de recuar.

— Obrigada pela ajuda contra Ferde — eu disse. — Agora vá para casa, antes que seja capturado.

Valek sorriu.

— E perder toda a diversão? Não, meu amor. Vou com você na sua missão.

Tudo que pude fazer foi arregalar os olhos de surpresa. Valek e eu não tínhamos uma conexão mental como a que eu tivera com Irys,

no entanto ele sabia os meus pensamentos e, sempre que precisei de ajuda, estivera presente.

— Não há jeito de eu convencê-lo a voltar para Ixia?

O breve jorro de energia que senti ao ver Valek em segurança havia desaparecido.

— Nenhum.

— Muito bem. Embora eu me reserve o direito de falar “eu lhe disse”, caso você seja capturado.

Tentei dizer isso em um tom sério, mas minha alma castigada e cansada estava tão repleta de alívio por Valek estar vindo comigo que as palavras assumiram em um tom jocoso.

— De acordo.

Os olhos de Valek se iluminaram ante a expectativa do desafio.

VALEK E EU decidimos o melhor curso de ação, e combinamos de nos encontrar novamente nos limites das Planícies Avibian.

Quando cheguei à Fortaleza, segui direto para os meus aposentos para arrumar minhas coisas. Enquanto determinava o que levar comigo, alguém bateu à porta. Por força do hábito, procurei o meu cajado antes de me dar conta de que ele fora destruído por Leif. Em seu lugar, peguei o canivete.

Relaxe um pouco ao abrir a porta. Irys estava parada ali, com uma expressão hesitante. Dando um passo para trás, convidei-a a entrar.

— Tenho novidades — Irys disse. Quando tudo que fiz foi fitá-la, ela prosseguiu: — Ferde foi levado para a prisão da Fortaleza, e o conselho revogou a sua expulsão. Querem que você fique para explorar por completo as suas habilidades místicas.

— E quem me ensinaria?

Irys olhou para o chão.

— A escolha seria sua.

— Pensarei a respeito.

Irys assentiu, e virou-se para ir embora. Depois, deteve-se.

— Eu peço desculpas, Yelena. Não tive confiança nas suas habilidades, no entanto você conseguiu realizar o que quatro Mestres Feiticeiros foram incapazes de fazer.

Ainda havia um ligeiro vínculo entre nós, e senti a incerteza de Irys e sua perda de confiança. Ela questionava a própria capacidade de lidar com situações difíceis no futuro. Ela achava que sua crença no que era necessário para solucionar um problema havia sido provada errada.

— Nessa situação, magia não era a solução — eu disse para ela.
— Foi a falta de magia que me permitiu derrotar Ferde. E eu não teria conseguido sem Valek.

Ela considerou minhas palavras por um instante, e pareceu chegar a uma decisão.

— Proponho uma parceria — Irys disse.

— Uma parceria?

— Acredito que você não precisa mais de professores, mas de uma parceira para ajudá-la a descobrir exatamente até onde vai o seu poder como Descobridora de Almas.

Estremeci ante o título.

— Acha mesmo que sou uma Descobridora de Almas?

— Eu desconfiava, mas, no fundo, não queria acreditar. Uma resposta automática como o seu estremecimento, ainda agora. E parece que eu preciso de orientação. Descobri que o modo sitiano nem sempre é apropriado. Você não pode me ajudar com isso?

— E você tem certeza de que quer aprender o método “corra em direção ao perigo, e torça para que tudo dê certo”?

— Contanto que você queira saber mais sobre como ser uma Descobridora de Almas. Será que realmente é contra o Código de Ética? Talvez esteja na hora de atualizar o código. E será que você pode ser considerada um mestra, ou primeiro terá de passar pelo teste de mestre?

— O teste de mestre? Já escutei verdadeiras histórias de horror.

Minha garganta começou a se fechar. Engoli com um pouco de dificuldade.

— Rumores, em sua maioria. Para desencorajar os alunos para que apenas aqueles que possuem real confiança nas suas habilidades tenham coragem o suficiente para pedir para fazer o teste.

— E se eles não são fortes o suficiente?

— Nesse caso, não passam, mas aprendem a verdadeira extensão de seu poder. Isso é melhor do que ser pego de surpresa mais tarde.

Irys ficou em silêncio.

Temos um trato? Ela perguntou, na minha mente.

Vou pensar a respeito. Muita coisa aconteceu.

Aconteceu mesmo, ela concordou. *Avise-me quando houver decidido.*

Irys deixou meus aposentos.

Fechei a porta. Minha mente analisou as possibilidades de explorar meus poderes contra o risco de ser condenada como uma Descobridora de Almas. Apesar de ter de me preocupar com o veneno na comida do Comandante, eu começava a achar que a vida em Ixia fora mais fácil. Após minha missão, como Valek chamara, eu teria de escolher para onde iria em seguida. Era bom ter opções. De novo.

Vasculhei os aposentos, verificando se eu não esquecera nada. Havia colocado na mochila a estatueta de valmur para Valek, o resto de minhas moedas sitianas, meu uniforme nortista e uma troca de roupas. Meu armário continuou cheio com meus mantos de aprendiz e algumas das saias-calças de Nutty. Papéis e livros estavam empilhados na minha mesa, e o quarto cheirava a Apple Berry e alfazema. Senti um aperto de tristeza no coração ao me dar conta de que aqueles aposentos na Fortaleza haviam se tornado o meu lar, apesar de toda a minha resistência.

Colocando a mochila no ombro, senti o seu peso ao atravessar a porta. No caminho, dei uma passada nos aposentos de hóspedes da Fortaleza, para ver os meus pais. Eu podia escutar Esau na cozinha, e Perl estava com uma estranha expressão no rosto. Sua mão estava pousada no pescoço, de modo que eu soube que havia algo de

errado. Ela me fez prometer ficar para o chá, puxando de meus ombros a mochila, e ela não saiu de perto de mim até eu me sentar em uma das poltronas estofadas cor-de-rosa.

Gritando para Esau trazer outra xícara, Perl empoleirou-se na poltrona ao meu lado, como se estivesse pronta para reagir com um pulo, caso eu decidisse ir embora. Esau trouxe a bandeja de chá. Ela levantou-se com um salto e me passou uma das xícaras fumegantes.

Aparentemente se convencendo de que eu estava ancorada à minha cadeira, pelo menos até ter terminado o chá, Perl disse:

— Você está partindo, não está? — Ela sacudiu a cabeça antes que eu pudesse responder. — Não que fosse me dizer. Você me trata como uma flor delicada. Se você não sabe, são as flores mais delicadas que costumam produzir os perfumes mais fortes quando esmagadas.

Ela me fitou com intensidade.

— Tenho alguns assuntos inacabados para resolver. Eu voltarei — eu disse, mas a resposta com pouca convicção não serviu para tranquilizá-la.

— Não minta para mim.

— Não estava mentindo.

— Muito bem. Nesse caso, não minta para si mesma. — Ela olhou para a mochila estufada que pousara no chão. — Dê notícias quando houver se estabelecido em Ixia, e nós iremos visitá-la — ela disse, em um tom de voz trivial. — Embora, provavelmente, só quando chegar a estação quente. Não gosto do frio.

— Mamãe!

Eu fiquei de pé, quase derrubando o meu chá.

Esau assentiu. Ele parecia perdido no meio da nossa conversa.

— Eu gostaria de encontrar o Louro das Montanhas, que brota perto da banquisa. Li em algum lugar que a planta pode curar a Tosse de Kronick. Pode ser interessante descobrir.

— Não estão preocupados que eu possa retornar para Ixia? — perguntei aos meus pais.

— Considerando a semana que você teve — meu pai disse —, estamos felizes que simplesmente esteja viva. Além do mais, confiamos no seu julgamento.

— Se eu realmente voltar para Ixia, prometem me visitar com frequência?

Eles prometeram. Sem querer prolongar as despedidas, peguei minha mochila e fui embora.

Maçã?, Kiki perguntou em tom esperançoso.

Não, mas posso lhe arrumar algumas balas de hortelã.

Fui até a sala de equipamentos do celeiro para procurar um saco de balas. Peguei duas e voltei até Kiki.

Depois de ela sugar as balas, eu lhe perguntei:

Pronta para ir?

Pronta. Sela?

Não dessa vez.

A Fortaleza fornecia equipamento para os estudantes, mas ficava subentendido que, depois de se formar, eles deveriam comprar o seu próprio.

Puxei o banquinho para perto, e Kiki bufou.

Eu sei. Eu sei, eu disse. *Não há banquinhos no mato, mas estou cansada.*

Na realidade, o pouco de energia que me restava estava se esgotando com velocidade alarmante. Kiki e eu não nos deparamos com problemas no portão da Fortaleza, e nem no da Cidadela. Por algum tempo, pegamos a estrada que cortava o vale. Recusei-me a olhar para trás, para a Cidadela. Eu planejava voltar, não planejava? Hoje não seria a última vez que eu veria os tons pastel do pôr do sol refletidos na superfície das paredes de mármore branco. Não é?

Quando a luz desapareceu do céu, escutei o bater de cascos na estrada atrás de mim. Kiki deteve-se e voltou-se para ficar de frente com o recém-chegado.

Topaz, disse com prazer.

Embora, a julgar pela fúria incandescente e a expressão assassina no rosto de Cahil, eu sabia que aquele encontro estava longe de ser prazeroso.

— Aonde acha que vai? — Cahil exigiu saber.

— Não é da sua conta.

O rosto de Cahil ficou vermelho, quando ele balbuciou, surpreso:

— Não é da *minha* conta? Não é da *minha* conta?

Eu o vi conter a sua fúria. Depois, em um tom letal, ele disse:

— Você é o amor da vida do criminoso mais procurado em toda Sitia. Estar a par de seu paradeiro é de vital importância para mim. Na verdade, vou me certificar pessoalmente de que saiba exatamente onde você está o tempo todo.

Ele assoviou.

Escutei o barulho de movimento, e voltei-me a tempo de ver os homens de Cahil assumirem posições defensivas atrás de mim. Tentando conservar minhas forças, eu não vasculhara a estrada adiante com a minha magia. Não acreditara que precisaria fazê-lo. Fora uma tola.

Você conseguiu farejá-los, Kiki?

Não. A favor do vento. Dou a volta?

Ainda não.

Olhando para Cahil, exigi saber.

— O que você quer?

— Bancando a simplória para adiar o inevitável, Yelena? Suponho que isso tenha dado certo para você no passado. Você, com certeza, me fez de bobo — ele disse, com uma estranha calma. — Convencendo a mim e à Primeira Feiticeira de que não era espiã, usando a sua magia para me fazer confiar em você. Eu caí como um patinho.

— Cahil, eu...

— O que *eu* quero é matar Valek. Além de obter vingança pelo assassinato de minha família, serei capaz de mostrar ao conselho minhas habilidades, e eles, enfim, me darão apoio.

— Você já capturou Valek e o deixou escapar. O que o faz pensar que poderá matá-lo dessa vez?

— Sua alma gêmea trocará a própria vida pela sua.

— Vai precisar de mais homens para me capturar.

— É mesmo? Olhe novamente.

Olhei por sobre o meu ombro. Os homens de Cahil mantiveram a distância das patas traseiras de Kiki, mas mesmo na penumbra pude ver que cada um tinha uma zarabatana na boca, apontando-a para mim.

— Os dardos foram mergulhados em curare — Cahil informou. — Uma excelente arma sitiana. Você não chegará longe.

O medo substituiu a irritação, e meu coração bateu mais forte. Eu tinha um pouco de Theobroma na mochila, contudo sabia que, se tentasse tirá-la das costas, eu me tornaria uma almofada de alfinetes para os homens de Cahil.

— Vai cooperar, ou será que terei de imobilizá-la?

Cahil falou como se estivesse perguntando se eu queria chá.

Fantasma, Kiki falou.

Antes que eu pudesse entender o que Kiki quis dizer, Valek calmamente emergiu da grama alta da planície e caminhou até o centro do grupo. Por um instante, todo mundo ficou paralisado de surpresa. Cahil ficou boquiaberto.

— É uma escolha interessante, meu amor — Valek disse. — Você vai precisar de algum tempo para pensar no assunto. Enquanto isso...

Valek estendeu os braços para longe do corpo ao se aproximar de Cahil. Ele trocara o disfarce de mendigo pela túnica e calça marrons e lisas que os cidadãos comuns costumavam usar. Parecia estar desarmado, mas eu sabia que não era bem assim, e, aparentemente, Cahil também sabia, pois transferiu as rédeas para a mão esquerda e desembainhou a sua espada.

— Vamos ver se eu entendi isso direito — Valek prosseguiu, ao que tudo indicava não se preocupando muito com a espada de Cahil, a poucos metros de distância. — Você quer vingar a sua família.

Compreensível. Mas acho que deveria saber que a família real não é *a sua* família. Uma coisa que aprendi ao longo dos anos é sempre conhecer o seu inimigo. A linhagem real terminou no dia em que o Comandante tomou o poder em Ixia. Eu me certifiquei disso.

— Está mentindo!

Cahil avançou com Topaz, atacando Valek com a espada.

Dando um passo para o lado com graça e rapidez, Valek evitou ser pisoteado e cortado.

Quando Cahil virou Topaz para outra investida, eu disse:

— Faz sentido. Valek jamais deixaria um serviço inacabado.

Ele puxou as rédeas, detendo-se com uma expressão de incredulidade.

— Seu amor por ele lhe prejudicou o bom-senso.

— E sua fome de poder lhe afetou a inteligência. Seus homens o estão usando, no entanto você se recusa a enxergar o óbvio.

Cahil sacudiu a cabeça.

— Não darei ouvidos a mais mentiras. Meus homens são leais. Eles me obedecem, caso contrário serão punidos. A morte de Goel me ajudou a reforçar tal lição.

Reconheci a falta de emoção nos seus olhos azul-claros.

— *Você* matou Goel.

Ele sorriu.

— Meus homens juraram me seguir à custa das próprias vidas. Eu não cometi crime algum. — Ele ergueu a espada no ar. — Prontos! — gritou para os seus homens. — Apontar e...

— Pense um pouco antes de se vangloriar de *seus* homens, Cahil. Eles buscam a aprovação do capitão Marrok antes de seguirem suas ordens. Eles lhe deram uma espada que era pesada demais para você, e não o treinaram adequadamente no seu manejo. Você deveria ser parente do rei, que era um poderoso feiticeiro. Por que não possui nenhuma magia?

— Eu... — Cahil hesitou.

Seus homens olharam uns para os outros, ou com preocupação ou com consternação. Eu não soube dizer qual, mas serviu para

romper a concentração deles. E, naquele instante, Valek saltou para o lombo de Kiki, atrás de mim. Sem precisar ser ordenada, ela arrancou na direção das planícies. Eu lhe agarrei a crina e os braços de Valek me envolveram a cintura, enquanto Kiki correu como o vento.

Escutei Cahil gritar fogo, e pensei escutar o zumbido de um dardo passando perto da minha orelha, mas logo estávamos fora de alcance. Kiki viajou duas vezes a distância de um galope normal sem esforço evidente. Quando a lua alcançou o seu apogeu, Kiki desacelerou e parou.

Cheiro desapareceu, ela disse.

Valek e eu deslizamos de suas costas. Eu a inspecionei em busca de ferimentos antes de ela bufar de impaciência e se afastar para pastar.

Estremeci sob o ar frio, examinando o meu corpo atrás de dardos, antes de apertar ainda mais a capa ao meu redor.

— Essa foi por pouco.

— Na verdade, não — Valek disse, puxando-me para perto de si. — Nós distraímos os homens, para que quando o pretense rei desse a ordem, eles não tivessem tempo para mirar.

Embora não estivesse usando uma capa, Valek foi capaz de me aquecer. Aparentemente lendo os meus pensamentos, ele disse:

— Compartilharei a sua. — Ele sorriu travessamente. — Contudo, primeiro, você precisa de uma fogueira, comida e dormir um pouco.

Sacudi a cabeça. Preciso é de você.

Não precisei de muito tempo para convencê-lo. Assim que arranquei as roupas dele, Valek optou por se juntar a mim sob a capa.

Acordei sentindo o delicioso aroma de carne assando. Cerrando os olhos ante a luz forte do sol, vi Valek agachado perto de uma fogueira. Ele armara um espeto para assar carne sobre as brasas.

— Desjejum? — indaguei, sentindo o estômago roncar.

— Jantar. Você dormiu o dia inteiro.

Sentei-me.

— Você deveria ter me acordado. E se Cahil nos encontrar?

— Duvido muito, com toda essa magia no ar. — Valek espiou o céu, farejando o vento. — Por acaso ela a incomoda?

Abri a mente para o poder que nos cercava. A magia protetora dos Sandseed tentava invadir e confundir os pensamentos de Valek, mas sua imunidade facilmente rechaçava os fios de poder. A magia parecia indiferente à minha presença.

— Não. — Conte para Valek sobre o meu parentesco distante com o clã dos Sandseed. — Se eu me aproximasse da aldeia deles com a intenção de lhes fazer mal, acho que a proteção me atacaria. — Em seguida, lembrei do Homem da Lua e de sua cimitarra. — Isso, ou um de seus Tecelões de Histórias o faria.

Valek considerou minhas palavras.

— Quanto tempo demoraremos para alcançar o Platô Daviian?

— Depende de Kiki. Se ela decidir usar sua marcha rajada de vento, poderemos estar lá em algumas horas.

— Marcha rajada de vento? É assim que chama? Nunca vi um cavalo se mover tão rápido.

Ponderei o comentário de Valek.

— Ela só faz isso quando estamos nas planícies. Talvez haja alguma conexão com a magia dos Sandseed.

Valek deu de ombros.

— Mais rápido é melhor. Quanto mais rápido cuidarmos de Alea, melhor.

Mas como exatamente faríamos para cuidar de Alea permanecia sendo a verdadeira questão. Eu sabia que, se sobrevivera ao seu ferimento, ela representava uma ameaça para mim; no entanto, não queria matá-la. Talvez entregá-la aos Sandseed fosse o suficiente. Pensei nas observações do Homem da Lua sobre os Vermes Daviian, e me dei conta de que o comentário de Ferde sobre a existência de outros podia não dizer respeito a Alea vir atrás de mim, mas sim se referir aos outros Daviian.

Valek tirou a carne do fogo e me passou o espeto.

— Coma. Vai precisar de suas forças.

Eu cheirei a massa irreconhecível.

— O que é?

Ele riu.

— É melhor não saber.

— Venenos?

— Diga-me você — ele brincou.

Dei uma mordida experimental. A carne suculenta tinha um estranho gosto de terra. Algum tipo de roedor, pensei, mas nada de venenos. Quando terminei a janta, começamos a empacotar os nossos poucos suprimentos.

— Valek, após termos lidado com Alea você precisa me prometer que vai voltar para Ixia.

Ele sorriu.

— E por que eu faria isso? Estou começando a gostar do clima. Talvez construa uma casa de campo por aqui.

— É essa atitude arrogante que o meteu em apuros em primeiro lugar.

— Não, meu amor. Foi você. Se não houvesse sido capturada por Goel, eu não teria revelado o meu jogo para o pretense rei.

— Você não revelou o seu jogo. Receio que eu tenha feito isso quando estava lutando com Cahil.

— Defendendo minha honra, novamente? — ele perguntou.

Em Ixia, eu inadvertidamente expusera uma das operações clandestinas de Valek ao defendê-lo.

— É.

Admirado, ele sacudiu a cabeça.

— Sei que me ama. De modo que pode parar de tentar prová-lo. Eu não dou a mínima para o que o pretense rei pensa de mim.

Pensei em Cahil.

— Valek, lamento ter acreditado que você matou Goel.

Com um gesto da mão, ele fez pouco-caso do meu pedido de desculpas.

— Você teria estado certa. Eu voltei para cuidar dele por você, mas Cahil chegou primeiro. — As feições angulosas de Valek ficaram sérias. — O pretense rei permanece sendo um problema.

Assenti.

— Um problema com o qual *eu* lidarei.

— Quem está sendo arrogante agora?

Fiz menção de protestar, mas Valek me interrompeu com um beijo. Quando ele se afastou, notei que a cabeça de Kiki estava erguida, e suas orelhas viradas para a frente.

Cheiro?, perguntei.

Em seguida, escutei o som de cascos vindo em nossa direção.

Rusalka, Kiki disse. *Homem triste*.

Minha primeira reação foi irritação por Leif ter nos seguido. Mas o pensamento de que, se ele conseguiu nos encontrar, Cahil poderia fazer o mesmo, me encheu de apreensão.

Mais alguém?, indaguei.

Não.

Valek desapareceu na grama alta, no exato instante em que o cavalo de Leif pareceu se materializar de uma nuvem de poeira.

Os olhos verdes de Leif pareciam arregalados de surpresa.

— Ela jamais havia feito isto.

Minha irritação se transformou em diversão. O pelo negro de *Rusalka* reluzia de suor, mas ela não parecia estar cansada.

— Eu chamo isso da marcha rajada de vento de Kiki — disse eu para Leif. — *Rusalka* é uma égua Sandseed?

Meu irmão assentiu. Antes que pudesse dizer outra palavra, eu vi um borrão de movimento à sua esquerda, quando Valek saltou da grama alta, derrubando Leif do cavalo. Eles aterrissaram no chão, juntos, com Valek sobre o peito de Leif. Ele segurava o facão de meu irmão no seu pescoço, enquanto este se esforçava para recuperar o fôlego.

— O que você está fazendo aqui? — Valek indagou.

— Vim. Encontrar. Yelena — Leif respondeu, ofegante.

— Por quê?

Àquela altura, eu já me recobrava da surpresa.

— Está tudo bem, Valek. Ele é meu irmão.

Valek afastou a lâmina, mas permaneceu em cima dele. O rosto de Leif se contorceu em uma expressão de pavor e surpresa.

— Valek? Você não tem cheiro. Não tem aura — Leif afirmou.

— Ele é meio simplório? — Valek perguntou.

Eu sorri.

— Não. — Tirei Valek de cima de Leif. — A magia de Leif é capaz de pressentir a alma de uma pessoa. Sua imunidade deve estar bloqueando o poder dele.

Curvei-me sobre Leif e o examinei, procurando ossos quebrados com a minha magia. Não encontrei nenhum ferimento grave.

— Você está bem? — perguntei para Leif.

Ele sentou-se e olhou nervosamente para Valek.

— Depende.

— Não ligue para ele. É meio superprotetor.

Valek bufou.

— Se você conseguisse ficar longe de encrencas por um dia que fosse, protegê-la não seria tão instintivo. — Ele esfregou a perna. — Nem tão doloroso.

Leif recobrava-se de sua surpresa e estava ficando de pé.

Minha irritação retornou.

— Por que você está aqui? — indaguei.

Ele olhou para Valek e, depois, para o chão.

— Foi algo que mamãe disse.

Fiquei esperando.

— Ela me disse que você estava perdida novamente. E apenas o irmão que a procurara por 14 anos poderia encontrá-la.

— *Como* foi que me encontrou?

Leif gesticulou na direção do cavalo.

— Kiki encontrara Topaz nas planícies; sendo assim, pensei que, como Rusalka fora criada pelos Sandseed, eu poderia pedir para ela encontrar Kiki. E... E...

— E ela nos encontrou bem rápido. — Pensei no que Leif dissera sobre nossa mãe. — Por que Perl acha que estou perdida? E por que mandar você? Não foi de muita ajuda da última vez.

Eu tive de reprimir a vontade de lhe dar um soco. Leif quase me matara com o seu facão na casa de Ferde.

Leif encolheu-se de culpa.

— Não sei por que ela me enviou.

Eu estava para lhe dizer para voltar para casa quando o Homem da Lua apareceu.

— Um dos mocinhos — eu disse para Valek, antes que este pudesse atacá-lo.

— Este parece ser o ponto de encontro preferido de todo mundo — Valek murmurou, baixinho.

Quando o Homem da Lua se aproximou, eu perguntei:

— Nada de chegadas misteriosas? Nada de brotar de um raio de sol? Onde está a pintura?

As cicatrizes nos braços e nas pernas se destacavam de encontro à pele escura, e estava usando calça curta.

— Não é tão divertido quando você já conhece os truques — O Homem da Lua respondeu. — Além do mais, o Fantasma teria me matado se eu tivesse aparecido sem aviso.

— Fantasma? — indaguei.

O Homem da Lua apontou para Valek.

— O nome que Kiki deu para ele. Faz sentido — ele disse, notando a expressão de confusão no meu rosto. — Para seres místicos, o mundo é enxergado através da nossa magia. Nós o vemos com os nossos olhos, porém não conseguimos enxergá-lo com a nossa magia. Sendo assim, ele é como um fantasma para nós.

Valek estava escutando o Homem da Lua. Apesar da impassibilidade de seu rosto, eu podia dizer pela tensão de seus ombros que ele estava preparado para atacar.

— Outro parente? — Valek perguntou.

Um sorriso largo apareceu nos lábios do Homem da Lua.

— É. Sou o primo em terceiro grau da esposa do tio da mãe dela.

— Ele é um Tecelão de Histórias, um mago do clã Sandseed — expliquei. — E o que você está fazendo aqui?

A expressão brincalhona desapareceu do rosto do Homem da Lua.

— Você está nas *minhas* terras. Eu poderia perguntar o mesmo, mas já sei por que *você* está aqui. Vim para garantir que vá manter a sua promessa.

— Que promessa? — Leif e Valek perguntaram ao mesmo tempo.

Ignorei a pergunta com um gesto da mão.

— Eu manterei, mas não agora. Precisamos...

— Eu sei o que você pretende fazer. Não será bem-sucedida, a não ser que se desembarace — o Homem da Lua afirmou.

— Eu? Mas pensei que houvesse dito que... — Eu me interrompi. Ele me fizera prometer desamarar Leif, porém em seguida me lembrei que o Homem da Lua dissera que nossas vidas estavam entrelaçadas. Mas o que ajudar Leif tinha a ver com ir atrás de Alea? — Por que não vou ser bem-sucedida? — perguntei.

O Homem da Lua recusou-se a responder.

— Por acaso tem mais algum conselho enigmático? — perguntei.

Ele estendeu as mãos. Uma para Leif e a outra para mim.

Valek bufou. Divertida, ou irritadamente, eu não soube dizer, mas ele falou:

— Parece-me ser uma questão familiar. Se precisar de mim, estarei por perto, amor.

Estudei Leif. Sua reação diante do Tecelão de Histórias da última vez em que nos encontramos fora de medo. Agora ele adiantou-se e agarrou a mão do Homem da Lua, lançando-me um olhar de teimosa determinação.

— Vamos acabar logo com isso — Leif disse, desafiando-me.

POUSEI A MÃO na do Homem da Lua. Meu mundo se derreteu, e a magia quente do Tecelão de Histórias tomou controle dos meus sentidos.

Viajamos até a Selva Illiais, para o lugar onde Leif se escondera enquanto observava Mogkan me raptar, 14 anos atrás. Nós três assistimos aos acontecimentos através dos olhos de Leif, e sentimos as suas emoções. Em essência, nós nos tornamos ele.

Uma sensação de aprovação cruel por Yelena ter recebido o que merecia por não ter ficado junto dele manifestou-se no coração de Leif. Porém, quando o homem estranho a colocou para dormir, e retirou sua mochila e espada de dentro de um arbusto, um medo súbito de ser levado pelo homem fez com que Leif permanecesse escondido. Ele permaneceu ali muito tempo após o homem ter levado embora a sua irmã.

O Homem da Lua manipulou o filamento da história por um instante, mostrando para Leif e para mim o que teria acontecido se Leif houvesse tentado me resgatar. O clangor do aço ecoou pela selva quando Mogkan retirou a espada da bainha e golpeou Leif no coração, matando-o. Permanecer escondido fora uma sábia decisão.

A história então se modificou para focalizar no desespero e raiva de Perl e Esau quando Leif enfim lhes contara que eu estava perdida. Leif acreditara que estaria em piores apuros se houvesse lhes contado a verdade, e os pais soubessem que ele nada fizera para deter o homem. Leif se convencera de que os grupos de busca encontrariam o homem e a sua irmã. Ele já sentia ciúme da atenção que ela receberia por ter sido resgatada.

Quando os grupos de busca não a encontraram, Leif deu início à sua própria busca. Sabia que estavam morando na selva, escondendo-se apenas para irritá-lo. Tinha de encontrá-la, e, talvez, o pai e a mãe voltassem a amá-lo.

Com o passar dos anos, sua culpa o levou a tentar o suicídio, e, aos poucos, a culpa foi se transformando em ódio. Quando ela por fim retornou às suas vidas, fedendo a sangue nortista, ele teve vontade de matá-la. Especialmente ao ver, pela primeira vez em 14 anos, a mais pura alegria no rosto da mãe.

A emboscada de Cahil, apesar de inesperada, presenteou Leif com uma plateia receptiva à necessidade de livrar-se da espiã nortista. Contudo vê-la ser ferida provocou um pequeno rasgo no seu manto negro de ódio.

A fuga dela de Cahil provara que ele estava certo no tocante a ela, mas, em seguida, a irmã voltou, insistindo que não era espiã e que, sendo assim, não fugiria como se fosse. Roze pouco depois confirmou suas alegações, confundindo Leif.

Sua confusão e emoções conflitantes apenas aumentaram quando ele a viu tentando ajudar Tula. Por que ela haveria de se importar com os outros? Yelena não ligara para ele, nem para o quanto ele sofrera enquanto ela estivera desaparecida. Leif queria continuar odiando-a, mas quando ela se esforçou para trazer Tula de volta, ele não teria suportado a culpa se ficasse parado e nada fizesse novamente.

Quando viajaram para as planícies e o Tecelão de Histórias os abordou, Leif soubera que a irmã viria a descobrir a verdade a seu respeito. Ele correu, incapaz de encarar as acusações que se

apossariam dos olhos dela. Mas, ao se acalmar, pensou: será que a verdade seria tão difícil assim para ela? Yelena passara por tanta coisa em Ixia. Talvez pudesse superar mais esse obstáculo.

Contudo, após o retorno dela das planícies, Leif soube que seria impossível. Sua fúria e censura lhe incendiavam a pele. Ela não queria e nem precisava dele. Apenas os apelos da mãe para que ajudasse a irmã o fizeram ir atrás dela.

O Tecelão de Histórias permitiu que os filamentos da história desaparecessem. Nós três estávamos de pé na planície escura de que eu me recordava o meu último encontro com o Homem da Lua. Seu colorido lembrava um raio de luar. Leif olhou ao redor, maravilhado.

— Por que mamãe lhe pediu para me ajudar a salvar Gelsi? — perguntei para Leif.

— Ela achou que eu poderia ajudá-la de algum modo. Em vez disso, eu tentei...

— Me matar? Pode se juntar à "Associação Eu Quero Matar Yelena". Soube que eles contam com seis membros. Valek é o presidente, visto que já quis me matar duas vezes. — Sorri, mas Leif me fitou com a culpa no olhar. — Não foi você. Ferde acessou as suas lembranças e as usou.

— Eu tive vontade de matá-la antes que ajudasse Tula.

Leif abaixou a cabeça.

— Não sinta vergonha por ter tais sentimentos e tais lembranças. O que aconteceu no passado não pode ser mudado, mas pode servir de guia para o que acontecerá no seu futuro.

O Homem da Lua irradiava aprovação.

— Se você já não fosse uma Descobridora de Almas, daria uma excelente Tecelã de Histórias.

Ele sorriu para mim.

— É mesmo?

De quantas pessoas eu ainda precisaria escutar algo semelhante antes que eu acreditasse ou sentisse ser a verdade? Talvez fosse

melhor não me declarar uma Descobridora de Almas, e ser apenas a boa e velha Yelena.

O Homem da Lua ergueu uma das sobrancelhas.

— Venha me visitar quando estiver pronta.

O mundo começou a girar, e fechei os olhos ante a sensação de vertigem. Quando tudo parou, voltei a abri-los, encontrando-me de volta nas planícies com Leif. O Homem da Lua estava conversando com Valek.

Eu digeri o que acontecera na planície de pedra. Leif estivera no processo de se desamarrar. Sua estrada se alisara, quando tomara a decisão de me ajudar com Tula. Sendo assim, por que o Homem da Lua me pedira para ajudá-lo? Procurei o Tecelão de Histórias, mas ele desaparecera.

Foi então que a resposta me veio, e, junto com ela, a minha própria culpa. Sem realmente entender Leif, eu o tratara mal, julgando um homem adulto pelos atos de um menino de 8 anos de idade, e não enxergando como ele tentava se redimir por eles.

Leif me observava.

— Por que será que eles nunca marcam um banquete de Novos Começos para quando realmente se precisa recomeçar? — perguntei.

Leif sorriu para mim. O primeiro sorriso genuíno desde que eu retornara de Ixia. Ele me aqueceu até o centro da alma.

— Não tem problema. Eu não danço — ele afirmou.

— Vai dançar — prometi.

Valek pigarreou.

— Por mais tocante que isso seja, precisamos ir. O seu Tecelão de Histórias vai nos fornecer alguns soldados para ajudar contra o povo de Alea. Nós devemos nos encontrar com eles ao raiar do dia. Suponho que seu irmão...

— Leif — informei.

— ... venha conosco?

— É claro — Leif disse.

— Não — protestei, na mesma hora. — Não quero que se machuque. Mamãe não gostaria.

— E eu não conseguiria encarar a fúria dela se eu não ficasse para ajudar.

Leif cruzou os braços diante do peito, cerrando teimosamente o maxilar.

— Sua mãe parece ser uma mulher formidável — Valek disse, em meio ao silêncio.

— Você não faz ideia — Leif retrucou, com um suspiro.

— Bem, se ela é parecida com Yelena, minhas sinceras condolências — Valek provocou.

— Ei!

Leif riu, e a tensão do momento se dissipou.

Valek devolveu o facão para Leif.

— Sabe como usar isso?

— É claro. Transformei o cajado de Yelena em lenha para a fogueira — Leif brincou.

— Você me pegou de surpresa, e eu não queria machucá-lo — retruquei.

Leif não parecia muito convencido.

— Que tal uma revanche?

— Quando quiser.

Valek se colocou entre nós.

— Estou começando a desejar que você fosse órfã, amor. Será que vocês dois podem se concentrar na tarefa à mão, sem tentar pôr em dia 14 anos de rivalidade fraternal?

— Podemos — respondemos em uníssono.

— Ótimo. Nesse caso, vamos.

— Vamos aonde? — perguntei.

— Mantendo a sua natureza enigmática, tudo que o seu Tecelão de Histórias disse foi: “Os cavalos saberão para onde ir.” — Valek deu de ombros. — Com certeza não é uma estratégia militar que *eu* empregaria, mas já aprendi que o Sul usa a sua própria estratégia. E, por mais estranho que possa parecer, funciona.

Os cavalos realmente sabiam para onde ir, e, quando o sol nasceu sobre as planícies, encontramos um grupo de soldados Sandseed em um afloramento rochoso cercado pela grama alta. Os dez homens e as seis mulheres usando armaduras de couro e armados com cimitarras ou lanças estavam aguardando. Havia pintado riscas vermelhas no rosto e nos braços, o que lhes dava uma aparência selvagemmente impressionante.

Não havia outros cavalos. Valek e eu saltamos de Kiki e Leif desmontou de Rusalka para se juntar a nós. Os dois cavalos começaram a pastar. Estremeci sob o ar frio da manhã, sentindo-me nua sem o meu cajado, e desejando ter outra arma além do canivete.

O Homem da Lua veio nos cumprimentar. Ele estava vestido como os outros membros de seu clã, mas estava armado com uma cimitarra e um cajado. O cajado que ele trazia não era nenhum bastão comum de madeira negra. Fora entalhado com símbolos e animais, revelando a madeira dourada sob a superfície preta. E tive a impressão de que, se eu o fitasse por tempo o suficiente, os entalhes poderiam revelar uma história. Sacudi a cabeça, tentando me concentrar nas palavras do Homem da Lua.

— Enviei um batedor, ontem à noite — O Homem da Lua informou. — Ele encontrou o aparato para a extração de sangue no Vácuo, exatamente como Yelena descreveu. Depois ele rastreou os Vermes Daviiian até um acampamento cerca de um quilômetro e meio do local. Estamos nos limites das planícies, cerca de três quilômetros do acampamento.

— Aguardaremos até escurecer e lançaremos um ataque surpresa — Valek sugeriu.

— Não vai funcionar — o Homem da Lua afirmou. — Os Vermes possuem um escudo que os alerta contra intrusos. Meu batedor não conseguiu chegar perto o suficiente do acampamento deles por receio de ser descoberto. — O Homem da Lua pareceu estar examinando o horizonte. — Eles possuem poderosos Deformadores, capazes de esconder o seu paradeiro de nossa magia.

— Deformadores? — Leif indagou.

O Homem da Lua franziu a testa.

— Magos. Eu me recuso a chamá-los de Tecelões de Histórias, pois eles manipulam os filamentos em benefício de seus próprios desejos egoístas.

Olhei para o grupo dos Sandseed, mais uma vez, notando a quantidade de armas.

— Vocês não planejam usar a sua magia?

— Não.

— E não pretendem fazer prisioneiros?

— Não é o costume dos Sandseed. Os Vermes precisam ser exterminados.

Eu queria neutralizar a ameaça que Alea representava, mas não queria matá-la. Ainda estava com o frasco de curare de Esau na minha mochila. Talvez eu pudesse paralisá-la e levá-la de volta para as celas da Fortaleza.

— Como vai evitar que os Daviian usem a sua magia? — Valek perguntou.

Um brilho perigoso apareceu nos olhos do Homem da Lua.

— Moveremos o Vácuo.

— Podem fazer isso? — indaguei, surpresa.

— O manto de poder pode ser reposicionado, mas apenas com o maior cuidado. Nós iremos centralizar o buraco no manto diretamente acima do acampamento dos Vermes, e, em seguida, atacaremos.

— Quando? — Valek quis saber.

— Agora.

O Homem da Lua caminhou até os seus soldados.

— Eu planejava usar os Sandseed como distração — Valek sussurrou para mim. — Isso vai funcionar. Assim que Alea estiver morta, nós partiremos. Esta luta não é nossa.

— Acho que a captura e o encarceramento seriam uma punição muito mais dura para ela — argumentei.

Valek me estudou por um instante.

— Como quiser.

O grupo do Homem da Lua soltou um grito de guerra, depois desapareceu em meio à grama alta. Ele retornou até nós.

— Eles vão se posicionar ao redor do acampamento. O sinal para atacar será dado quando o Vácuo estiver devidamente posicionado. Vocês vêm comigo. — Ele olhou para nós três. — Precisarão de armas. Tome.

Ele jogou o seu cajado para mim. Eu o peguei com a mão direita.

— É seu. Um presente de Suekray.

— Quem?

— Uma amazona de nosso clã. Você deve ter lhe causado uma boa impressão. Seus presentes são tão raros quanto a neve. Sua história está entalhada nele.

Mãe, Kiki disse em tom de aprovação. E eu me recordei da mulher Sandseed de cabelos curtos que levara Kiki para passear no dia em que me encontrei com os anciões.

Admirei o cajado. Nas minhas mãos, sua espessura e a distribuição do seu peso pareciam perfeitas, e, apesar dos entalhes, a madeira negra parecia lisa e forte. Quando desviei os olhos da beleza do cajado, vi que Valek estava com uma cimitarra nas mãos, e Leif segurava o seu facão.

— Vamos.

Eu tirei minha capa e me encarreguei de alguns preparativos antes de seguir o Homem da Lua para dentro da grama alta.

De nossa posição, nos arredores do acampamento Daviian, eu podia ver alguma atividade ao redor das tendas e da fogueira. O ar ao redor do local parecia tremular, o que distorcia as imagens das pessoas no seu interior, como se um enorme bolsão de ar quente estivesse aprisionado sobre o acampamento.

A grama do platô crescia em pequenas moitas e ficara marrom devido à escassez de chuvas. Eu estava agachada ao lado de Valek, atrás de um pequeno arbusto. Leif e o Homem da Lua estavam a cerca de duzentos metros à nossa direita, encolhidos em uma ligeira

depressão. Eu me perguntei como os outros Sandseed estariam se saindo em encontrar lugares para se esconder. Os Daviian haviam escolhido uma área bem descampada para o seu acampamento, e havia muito pouca proteção.

Senti os pelinhos dos braços se arrepiarem quando a magia começou a pressionar minha pele. Projetando a minha consciência, senti o Homem da Lua e três outros feiticeiros puxando o manto de poder. Eles aplicaram igual pressão, de modo a movê-lo suavemente, e a não concentrar demais o manto em um só local. Suas habilidades mágicas me impressionaram, e pensei que, se ficasse em Sitia, os Sandseed seriam professores poderosos.

Com a chegada do Vácuo, foi como se todo o ar houvesse sido sugado de meus pulmões. Minha percepção dos arredores foi reduzida aos sentidos mundanos de olfato, visão e audição. Antes que eu pudesse me adaptar à perda de magia, outro grito de guerra ecoou. O sinal para atacar o acampamento.

Levantei-me e segui Valek na direção do acampamento. E detive-me na mesma hora, quando a cena diante de mim registrou no meu cérebro.

O escudo dos Daviian havia sido destruído e, com ele, a ilusão. Em vez de algumas pessoas circulando pelo acampamento, havia mais de trinta. Em vez de um punhado de tendas, havia fileiras e mais fileiras delas. Era verdade que a maioria dos Vermes estava paralisada de surpresa ante a perda de sua magia, porém estávamos em uma desvantagem de quatro para um.

Era tarde demais para recuar. Tínhamos o elemento surpresa e 19 Sandseed sedentos de combate, que estavam cortando uma trilha sangrenta através dos Daviian. Por sobre o combate, eu pude avistar a cabeça raspada do Homem da Lua, e os poderosos golpes de Leif mantinham alguns Daviian ocupados. Valek me lançou um olhar sério. Encontre Alea, seus lábios disseram silenciosamente, antes que ele se juntasse à escaramuça.

Grande, pensei, avançando ao longo dos limites da batalha. Encontrar Alea no meio de toda esta confusão. Agachei-me quando

um Daviiian me golpeou com a sua foice. Eu o derrubei com uma rasteira e saltei no seu peito antes que ele pudesse erguer a arma comprida. Acertando-lhe o pescoço com a extremidade do meu cajado, esmaguei-lhe a traqueia.

Hesitei por um instante. Aquela era a primeira pessoa que eu matara desde que chegara em Sitia. Eu esperara jamais ter de tirar outra vida, mas, se pretendia sair com vida daquela confusão, não podia me dar ao luxo de ter compaixão.

Outro Daviiian atacou. Ao me defender, meus pensamentos melancólicos desapareceram e procurei Alea. Esquivando-me e lutando, perdi totalmente a noção do tempo, quando os vários embates começaram a seu confundir, transformando-se em um só. No final das contas, foi Alea quem me encontrou.

Seu comprido cabelo escuro fora preso para trás com um nó e ela estava usando túnica e calça brancas, ambas manchadas de sangue. Cada uma de suas mãos segurava uma espada curta ensanguentada. Alea sorriu para mim.

— Eu planejava mesmo encontrá-la — ela disse. — É muita gentileza ter me poupado o trabalho.

— Eu sou assim mesmo. Sempre pensando nos outros.

Ela cruzou as espadas, fingindo uma saudação, e avançou. Eu dei um passo para trás, usando o cajado para desviar suas lâminas para baixo, na direção do chão. Ela deu um passo à frente, para recuperar o equilíbrio, e eu me coleí no corpo dela. Nossos ombros se tocaram. Nossas armas apontadas para baixo.

Contudo, a minha permanecia por cima. Puxei o cajado, acertando-a no rosto. Ela deixou escapar um ganido quando o sangue jorrou de seu nariz. Meu golpe não a detivera, e Alea tentou girar as espadas na direção de minha barriga. Voltei a me colar nela. Próxima demais para armas grandes. Nós as soltamos.

Quando ela puxou uma faca do cinto, eu acionei o canivete. Ela virou-se e arremeteu na minha direção. Bloqueei-lhe a lâmina com o braço. Senti uma pontada de dor quando a faca cortou a minha pele,

mas o movimento me permitiu agarrar-lhe a mão. Eu a puxei para mim, e cortei-lhe o antebraço com o canivete, depois a soltei.

Alea cambaleou para trás com um olhar confuso. Eu poderia ter enterrado o canivete na sua barriga, matando-a. Sua expressão transformou-se em uma de horror ao se dar conta do que eu fizera.

Meu canivete fora mergulhado em curare. Tudo que eu tinha de fazer era espetar-lhe a pele com a ponta da arma. Quando ela caiu no chão, postei-me diante dela.

— Não é nada divertido ficar indefesa, não concorda? — perguntei.

Olhei ao redor. Valek se posicionara de modo a ficar entre mim e os Daviian, impedindo que eles interferissem em minha luta com Alea. Leif lutava a pouca distância dali, golpeando com o seu facão. Não consegui localizar os outros Sandseed, mas avistei o Homem da Lua no instante exato em que ele cortou fora a cabeça de um homem com a sua cimitarra. Eca!

O Homem da lua correu na nossa direção.

— Hora de bater em retirada — ele disse.

— Na próxima vez — eu disse para Alea. — Nós terminaremos isso.

Em seguida, o Vácuo moveu-se, e a magia retornou para metade do acampamento, criando uma distração. Fomos banhados em poder, e senti o Homem da Lua nos envolver em um escudo protetor, quando começamos a recuar. Contudo, Valek deteve-se sobre o corpo imóvel de Alea. Ele ajoelhou-se ao lado dela, apanhou-lhe a faca e disse alguma coisa para ela.

Antes que eu pudesse reagir, ele cortou-lhe a garganta com um movimento preciso. Fora o mesmo golpe letal que ele usara contra o irmão dela, Mogkan.

Quando Valek me alcançou, ele disse:

— Não podemos nos dar ao luxo de ter dois pesos e duas medidas.

Corremos de volta na direção das planícies. Os Vermes pararam de nos perseguir nos limites das Planícies Avibian, mas continuamos no mesmo passo até alcançar o afloramento rochoso, onde Rusalka e Kiki nos aguardavam.

— Sem dúvida eles vão mover o acampamento mais para o interior do platô — o Homem da Lua afirmou. O esforço de correr não o deixara sem fôlego, embora a pele estivesse reluzindo de suor. — Precisarei trazer mais soldados. Para ter enganado tanto o meu batedor quanto eu, os Deformadores deles devem ser mais poderosos do que suspeitávamos. Preciso consultar os anciões.

O Homem da Lua inclinou a cabeça em sinal de despedida e logo o perdi de vista em meio à grama alta.

— E agora? — Leif perguntou.

Fitei Valek nos olhos. E agora mesmo.

— Você volta para casa, e eu também — respondi para Leif.

— Você vai voltar comigo para a Fortaleza? — Leif perguntou.

— Eu...

De volta para a Fortaleza; e todos aqueles sentimentos de isolamento? De volta para um lugar onde sou temida por minhas habilidades? Ou de volta para espionar Sitia, para que eu possa, um dia, retornar para Ixia? Ou simplesmente ficar por conta própria, explorando Sitia, e passando o tempo com a minha família?

— Acho que você está com medo de voltar para a Fortaleza — Leif afirmou.

— O quê?

— Seria muito mais fácil para você ficar longe e não ter que lidar com o fato de ser uma Descobridora de Almas, de ser filha e irmã.

— Não estou com medo.

Eu tentara de verdade encontrar um lugar em Sitia, mas sempre era rejeitada. De quantas outras indiretas eu precisaria? Não sou de dar murro em ponta de faca. E se eles decidissem que ser uma Descobridora de Almas era o mesmo que ser má, e me queimassem viva por violar o Código de Ética?

— Você *está* com medo — Leif desafiou.

— Não estou.

— Está.

— Não estou.

— Pois prove.

Abri a boca, mas nenhum som saiu de dentro dela.

Por fim, eu disse:

— Eu odeio você.

Leif sorriu.

— É recíproco. — Ele hesitou por um instante. — Você vem?

— Agora não. Preciso pensar um pouco.

Eu estava procrastinando, e Leif sabia disso.

— Se você não voltar para a Fortaleza, estará admitindo que eu tinha razão. E todas as vezes que me vir, serei insuportavelmente presunçoso.

— E em que isso difere de agora?

Ele riu, e pude avistar nos seus olhos aquele menino alegre que ele já fora um dia.

— Você só teve uma amostra do quanto eu posso ser insuportável e irritante. Como irmão mais velho, é meu direito de nascença.

Leif montou em Rusalka e partiu galopando.

Valek e eu caminhamos na direção do norte com Kiki. Na direção de Ixia. Ele segurava a minha mão, e eu me senti feliz, enquanto repassava na cabeça as últimas horas.

— Valek. O que você disse para Alea?

— Eu disse que fora assim que o irmão dela morreria.

Eu me lembrei como havia aprisionado Mogkan com magia, imobilizando-o, para que Valek pudesse lhe cortar a garganta. Alea morreria exatamente do mesmo modo.

— Não tínhamos tempo para trazer Alea conosco, meu amor. Eu não estava disposto a dar-lhe outra chance de fazer mal a você.

— Como é que você sempre sabe quando preciso de você?

Os olhos de Valek arderam com uma intensidade que eu raramente já vira.

— Apenas sei. Faz parte de mim, como fome ou sede. Uma necessidade que precisa ser saciada para que eu sobreviva.

— Como é que você faz? Não consigo conectar a minha mente à sua usando magia. E você não possui magia. Deveria ser impossível.

Valek permaneceu calado por um instante.

— Talvez, ao sentir que está em perigo, eu relaxe a minha guarda, permitindo que você se conecte comigo?

— É possível. Já fez o mesmo por alguma outra pessoa?

— Não, amor. Você é a única que me leva a fazer coisas excêntricas. Você realmente me envenenou.

Eu ri.

— Excêntricas, não é?

— Ainda bem que você não é capaz de ler a minha mente, amor.

Um incêndio azul-safira ardia nos seus olhos, e notei que seus músculos esbeltos se retesaram.

— Ah, mas eu sei no que você está pensando.

Coloquei-me nos braços dele, minhas mãos descendo até abaixo da cintura, para onde seus pensamentos haviam viajado, provando que eu estava certa.

— Não. Consigo. Esconder-me. De você — Valek disse, ofegantemente.

Escutei Kiki bufar e afastar-se, e meu mundo foi preenchido com o perfume e o gosto de Valek.

Valek e eu passamos os dias seguintes passeando pelas planícies e desfrutando da oportunidade de estarmos juntos sem nenhuma preocupação ou problemas iminentes. Em várias ocasiões, descobrimos alimentos e água escondidos ao longo do nosso caminho. E apesar de não termos a sensação de que havia alguém nos observando, eu sentia que os Sandseed sabiam onde estávamos, e os mantimentos eram o seu modo de estender hospitalidade à prima distante.

Com o passar dos dias, deixamos as planícies. Margeando o território a leste da Cidadela, seguimos para o Norte através das

terras do clã Featherstone. Tomando o cuidado de viajar durante a noite, e nos esconder durante o dia, demoramos três dias para alcançar a comitiva da embaixadora.

Eu perdera totalmente a noção do tempo, e fiquei surpresa de ver o acampamento ixiano, mas Valek soubera que eles estariam a cerca de meio dia de caminhada da fronteira com Ixia. Após determinar onde estavam escondidos os “espiões” sitianos, Valek colocou o seu disfarce de Ilom e esgueirou-se para dentro do acampamento no meio da noite. Eu aguardei, e me aproximei no dia seguinte. Não havia motivo para eu me esconder, e, se eu voltasse para Ixia, os espiões sitianos poderiam relatar à Fortaleza e ao conselho que eu deixara Sitia.

Quando cheguei montando Kiki, os ixianos estavam começando a levantar acampamento. Uma das tendas ainda estava armada, mas Ari e Janco vieram me cumprimentar antes que eu pudesse chegar nela.

— Eu não disse, Ari? No final das contas, ela veio mesmo se despedir. E você de mau humor e cabisbaixo há vários dias — Janco disse.

Ari simplesmente revirou os olhos, e eu soube que, se alguém ficara cabisbaixo, fora Janco.

— Ou será que decidiu que não pode ficar longe de nós e resolveu se disfarçar de soldado para poder voltar para Ixia?

O sorriso de Janco foi repleto de esperança.

— A perspectiva de derrotá-lo todos os dias em uma luta de cajado é realmente tentadora, Janco.

Ele escarneceu.

— Conheço os seus truques agora. Não vou ser tão fácil de derrotar.

— Têm certeza que querem que eu vá com vocês? Tenho uma tendência a causar problemas.

— Pois é justamente com isso que estou contando. — Janco afirmou. — A vida tem sido muito monótona sem você.

Ari sacudiu a enorme cabeça.

— Não precisamos de mais problemas. Mais para o fim da viagem as gentilezas diplomáticas entre a embaixadora e o conselho sitiano começaram a dar para trás. Antes de partirmos, um dos conselheiros havia acusado a embaixadora de trazer Valek para assassinar todo o conselho.

— Isso não é bom — eu disse. — Os sitianos estão constantemente preocupados que o Comandante vá tentar conquistar suas terras. E eu também ficaria preocupada, sabendo que Valek possui a habilidade para assassinar os conselheiros e os Mestres Feiticeiros, criando caos o suficiente para que haja pouca resistência a um ataque ixiano.

Sacudi a cabeça, suspirando. Os ixianos e os sitianos enxergavam o mundo de modos tão diferentes. Precisavam de alguém que os ajudasse a entender uns aos outros. Senti uma estranha sensação na boca do estômago. Medo? Empolgação? Náusea? Talvez os três. Era difícil dizer.

— Falando em Valek — Janco disse —, suponho que ele esteja bem.

— Você conhece Valek — eu disse.

Janco assentiu, sorrindo.

— É melhor eu ir falar com a embaixadora.

Eu desci de Kiki. Antes que pudesse sair do lugar, a enorme mão de Ari me segurou o braço.

— Apenas não deixe de dar adeus para Janco — Ari pediu. — Se você acha que ele é irritante de bom humor, pode acreditar que ele é muito pior quando está mal-humorado.

Prometi a Ari; contudo, ao seguir para a tenda da embaixadora, aquela estranha sensação na boca do estômago foi se tornando quase dolorosa. Adeus parecia tão definitivo.

Um dos dois guardas postados do lado de fora da tenda entrou para me anunciar. Ele voltou a sair e ergueu a aba da entrada da tenda para eu passar. A embaixadora Signe estava sentada à mesa de lona, bebendo chá com Valek, ainda vestido de conselheiro Ilom.

Ela o dispensou, e notei um olhar e as palavras “hoje à noite” vindo de Valek antes que ele deixasse a tenda.

Deixando de lado as formalidades, Signe perguntou:

— Já decidiu se vai nos visitar?

Retirei a ordem de execução expedida pelo comandante Ambrose de dentro da minha mochila. Minha mão tremia ligeiramente, e inspirei profundamente para acalmar os meus nervos.

— Com esse infeliz conflito de opiniões entre Ixia e Sitia, acredito que ambos precisem de alguém que sirva de ligação entre os dois territórios. Um representante imparcial que conheça ambos os países e que possa facilitar as negociações, ajudando-os a entender melhor um ao outro.

O que significava que eu não espionaria a favor de Ixia, mas que estava me oferecendo para ajudar. Entreguei a ordem para Signe. O Comandante precisaria decidir o que fazer com ela.

E ali estava ele, no uniforme de Signe, me estudando com seus poderosos olhos dourados. Pisquei várias vezes. A transformação de Signe no comandante Ambrose foi tão completa que pude apenas notar uma ligeira semelhança com a embaixadora no seu rosto.

Com o olhar distante, o comandante enrolou a ordem de execução e a bateu na palma da mão. Considerando todas as opções, eu supus. Ele jamais tomava uma decisão impensada.

— Uma opinião válida — disse.

Ele ficou de pé e começou a andar de um lado para o outro. Notei um saco de dormir e um lampião atrás dele. A tenda e a mesa pareciam ser seus únicos luxos.

O comandante Ambrose deteve-se e rasgou em pedacinhos a ordem de minha execução, deixando-os cair ao chão. Virando-se, ele estendeu a mão para mim.

— De acordo, oficial de ligação Yelena.

— Oficial de ligação Yelena Zaltana — corrigi, ao apertarmos as mãos.

Discutimos os planos do Comandante para Ixia, e como ele queria expandir o comércio com Sitia. Ambrose insistiu para que eu

terminasse o meu treinamento místico antes de assumir oficialmente a posição de oficial de ligação. Antes de ir embora, testemunhei o retorno da embaixadora Signe. Foi então que senti, por um breve instante, que duas almas residiam no interior do mesmo corpo. Isso explicava como ele pôde ser tão bem-sucedido em manter o seu segredo.

Ponderei a ideia interessante para não ter que pensar no fato de que estaria voltando para a Fortaleza. A comitiva da embaixadora terminou seus preparativos para partir. Eu disse para Ari e Janco que voltaria a vê-los.

- Na próxima vez, você será freguês — Janco cantarolou.
- Continue sempre treinando — Ari ordenou.
- Já era ruim ter duas mães, agora tenho dois pais — brinquei.
- Dê notícias se precisar de nós — Ari pediu.
- Sim, senhor.

Quando os ixianos seguiram para o Sul, eu viajei para o Norte, reunindo um pouco de magia, projetei a minha consciência. Um dos espões sitianos estava me seguindo, na esperança de que eu fosse me encontrar com Valek. Projetei uma sucessão de imagens confusas nos pensamentos do homem, até ele perder totalmente o rumo.

Lembrando-me da promessa de Valek, não fui muito longe. Encontrei uma área vazia rodeada de árvores entre duas fazendas e montei acampamento. Quando a luz do sol desapareceu, projetei a minha consciência na direção do bosque que me rodeava. Alguns morcegos começavam a acordar, e um casal de coelhos cruzava sorrateiramente os arbustos. Tudo estava silencioso, exceto pela aproximação implacável de Cahil e seus homens.

Ele sequer tentava ocultar seus movimentos. Ousado e arrogante, Cahil deixou os homens vigiando os limites do bosque, enquanto ele prosseguiu na minha direção. Suspirei, mais irritada do que amedrontada, e peguei o meu cajado.

Olhei ao redor. Nenhum lugar para me esconder no solo, embora as copas das árvores pudessem oferecer um pouco de proteção. Talvez funcionasse, se não pelo fato de Marrok estar aguardando com os homens de Cahil. E eu tinha certeza de que as habilidades de batedor do Capitão eram responsáveis por conduzir Cahil até mim. Teria de recorrer à magia para me proteger. Projetando, tentei alcançar a mente de Cahil.

Suas emoções fervilhavam de ódio, mas ele as temperara com uma frieza calculista. Ele deteve-se nos limites do meu acampamento e inclinou a cabeça.

— Posso me juntar a você?

— Depende das suas intenções — retruquei.

— Pensei que fosse capaz de ler minhas intenções. — Ele se deteve. — Vejo que decidiu ficar em Sitia. Uma decisão corajosa, considerando que o conselho saberá de seu envolvimento com Valek.

— Não sou espiã, Cahil. E o conselho precisa de um oficial de ligação com Ixia.

Ele gargalhou.

— Quer dizer que você é oficial de ligação agora? Que engraçado. Acha mesmo que o conselho confiará em você.

— Acha mesmo que o conselho declarará guerra por um plebeu?

Cahil ficou sério por um instante. Ele olhou por sobre o ombro, na direção onde os seus homens aguardavam.

— Vou descobrir a verdade a respeito disso. Mas realmente não faz diferença para mim. Decidi agir por conta própria.

Embora ele não houvesse se mexido, pude sentir a sensação de ameaça renovada que ele projetava.

— Por que está me contando isso? Sabe que não poderá atingir Valek através de mim. Além do mais, a essa altura ele já está de volta em Ixia.

Ele sacudiu a cabeça.

— Como se *eu* fosse acreditar em *você*. Um belo dia para cavalgar, e você resolve parar aqui? — Ele gesticulou na direção do

bosque que nos cercava e deu dois passos em minha direção. — Estou aqui para lhe dar um aviso.

Outro passo.

Ergui o meu cajado.

— Pode parar aí mesmo.

— Certa vez você disse que achou decente da parte de Goel alertá-la de suas intenções. Pensei em fazer o mesmo. Sei que não posso derrotar você e nem Valek. Nem mesmo meus homens têm chance. Contudo, em algum lugar, alguém é capaz de fazê-lo. Juro que o encontrarei, e, juntos, faremos a nossa missão ver você e Valek mortos.

Tendo dito isso, Cahil virou-se e seguiu na direção dos seus homens.

Só relaxei as minhas mãos ao redor do cajado quando Cahil montou em Topaz e foi embora. Seus homens o seguiram, correndo para acompanhá-lo. Interrompi minha conexão com a mente de Cahil, e busquei os pensamentos de Marrok, que estava assustado e preocupado com o comportamento estranho de Cahil. Ele não era o único.

Naquela noite, meu acampamento pareceu solitário, até a chegada de Valek. Ele apareceu do lado da fogueira, aquecendo as mãos nas chamas. Para não arruinar a nossa última noite juntos, decidi não lhe contar sobre a visita de Cahil.

— Esqueceu a sua capa de novo? — perguntei.

Ele sorriu.

— Gosto de partilhar a sua.

Muito após o fogo ter se apagado, adormeci nos braços de Valek. Quando o sol apareceu, enterrei-me ainda mais debaixo da capa.

— Venha comigo — Valek disse.

Não era um apelo, e nem uma ordem. Era um convite.

A tristeza apertou o meu coração.

— Ainda tenho muito a aprender. E, quando estiver pronta, serei a nova oficial de ligação entre Ixia e Sitia.

— Isso poderá levar a sérios problemas — Valek brincou.

— Se fosse diferente, você morreria de tédio.

Ele riu.

— Tem razão. A minha cobra também tinha.

— Sua cobra?

Ele pegou o meu braço, me mostrando o bracelete.

— Quando entalhei isto, você estava nos meus pensamentos, amor. Sua vida é como as espirais de uma cobra. Não importa quantas voltas você dê, sempre terminará de volta onde é o seu lugar. Comigo. — Havia uma promessa nos seus olhos cor de safira. — Não vejo a hora de sua primeira visita oficial. Mas não demore muito. Por favor.

— Não demorarei.

Após outro beijo, Valek ficou de pé, e, enquanto ele se vestia, eu lhe contei sobre Cahil.

— Muitos tentaram nos matar. Todos falharam. — Ele deu de ombros. — Ele está em um dilema por nossa causa. Ficará furioso com a sua ausência de sangue real e acabará desaparecendo, ou se convencerá de que mentimos e verá renovada a sua determinação de atacar Ixia, o que tornará muito interessante a vida para a nova oficial de ligação.

— *Interessante* não é bem a palavra que eu usaria.

— Apenas trate de ficar de olho nele. — Valek sorriu com tristeza.

— Tenho de ir, amor. Prometi à embaixadora que a alcançaria na fronteira. Se os sitianos vão causar algum problema, será ali perto.

No instante em que ele partiu, e a mais completa solidão se apossou de mim, arrependi-me de minha decisão de ficar. Mas o nariz frio de Kiki na minha face interrompeu os meus pensamentos melancólicos.

Kiki fica com Moça Alfazema, ela disse. Kiki ajuda.

É, você é uma tremenda ajuda.

Inteligente.

Mais inteligente do que eu, admiti.

Maçã?

*Você pastou a noite inteira. Como ainda pode estar faminta?
Sempre tem lugar para maçã.*

Ri e lhe dei uma maçã, antes de dar início à nossa viagem de dois dias de volta para a Fortaleza.

Quando chegamos aos portões da Fortaleza, o guarda me instruiu a seguir direto para a sala de assembleia dos mestres. Enquanto dei uma rápida escovada em Kiki nos estábulos, perguntei-me o que poderia ter acontecido na minha ausência.

Alunos corriam de um prédio para o outro, e um vento frio soprava pelo campus. Eles apenas me lançavam um olhar passageiro de surpresa, antes de acelerar o passo. O céu cinzento estava ficando mais escuro e havia granizo cortando o ar. Um início agourento para a estação fria. Vesti o capuz para proteger o meu rosto. Eu chegara em Sitia no início da estação quente. As duas estações que eu passara aqui mais pareciam dois anos.

Quando adentrei a sala de conferências, fui recebida por três expressões imparciais e uma colérica. Roze atirou em mim uma bola de energia furiosa, que me acertou bem no meio do peito, e eu cambaleei para trás, antes de rechaçar o seu ataque. Reunindo poder, projetei a minha consciência na direção dela. Suas defesas mentais eram impenetráveis, porém eu mirei mais embaixo. Através do coração, cheguei à sua alma. Um ponto muito mais vulnerável.

Ora, ora, eu disse. Seja boazinha.

Ela se sobressaltou.

O quê? Como?

Eu encontrei a sua alma, Roze. É escuro e desagradável aqui dentro. Acho que andou passando tempo demais com todos aqueles tipos criminosos. É melhor você mudar, ou a sua alma não voará para o céu.

Seus olhos amarelados fitaram os meus com todo o ódio e desprezo de que ela era capaz. No fundo, contudo, ela estava apavorada. Ódio e desprezo não me incomodavam, mas medo era

uma emoção poderosa. Medo fazia os cães morderem, e Roze era uma senhora cadela.

Eu a libertei. Roze gaguejou e me fitou com um olhar venenoso. Eu a fitei com serena paciência. Pouco depois, ela marchou para fora do aposento.

— Quer dizer que é verdade — Bain disse, rompendo o silêncio. — Você é uma Descobridora de Almas.

Ele parecia mais pensativo do que amedrontado.

— O que a deixou tão zangada? — perguntei.

Irys gesticulou para que eu me sentasse. Afundei em uma das poltronas.

— Roze acha que você e Valek fazem parte de um complô para assassinar o conselho. — Antes que eu pudesse responder, Irys prosseguiu: — Não há provas. Contudo, o mais alarmante foi a fuga de Ferde das celas da Fortaleza.

Eu me levantei com um salto.

— Ferde escapou? Quando? Como?

Irys trocou um olhar deliberado com Bain.

— Eu disse que ela nada teve a ver com a soltura — falou para ele. Depois, para mim: — Não sabemos ao certo quando. Descobriram que ele havia sumido hoje de manhã. — Irys exibiu um sorriso triste. — Achamos que Cahil o resgatou.

— Cahil?

Agora eu estava confusa.

— Ele foi embora. O capitão Marrok foi encontrado brutalmente surrado. Depois que Marrok recobrou a consciência, ele nos contou que Cahil o torturou até ele lhe contar a verdade.

Irys interrompeu-se, sacudindo a cabeça com incredulidade.

— Que Cahil não possui sangue real — eu disse.

— Você sabia? — Zitora perguntou. — Por que não nos contou?

— Eu desconfiava. Mas Valek acabou confirmando minhas suspeitas.

— Marrok nos contou que a mãe de Cahil morrera durante o parto, e que ele era o filho de um soldado morto durante a tomada

de poder em Ixia. Quando fugiram para Sitia, eles o trouxeram consigo — Irys explicou.

— Onde ele está agora? — indaguei.

— Não sabemos — Irys respondeu. — E não sabemos quais são os planos dele agora que Cahil descobriu a verdade, nem por que ele levou Ferde consigo.

E lá se foi a teoria de Valek de que Cahil poderia apenas ficar furioso e desaparecer de cena ao descobrir a verdade sobre suas origens.

— Suponho que teremos de encontrá-lo e perguntar-lhe — eu disse.

— Porém não agora — Irys disse, e suspirou. — O conselho está uma bagunça. Desde que você libertou todas aquelas almas, Ferde está fraco e não será capaz de usar magia por um bom tempo. E... — Ela hesitou, e tive a desagradável sensação de que não iria gostar do que ela estava para dizer em seguida: — Eles querem que você explore os seus dons de Descobridora de Almas e talvez até que se torne uma Consultora do Conselho.

Saber mais sobre minhas habilidades era o que eu queria, porém, se quisesse ser uma oficial de ligação imparcial, não podia estar de modo algum vinculada ao conselho.

— Não precisam de uma Consultora do Conselho — afirmei. — Precisam de uma pessoa de ligação com Ixia.

— Eu sei — Irys disse.

— Deveríamos ir atrás de Ferde e Cahil hoje.

— Eu sei. Só que você terá de convencer o conselho disso.

Olhei para Irys. Meu Tecelão de Histórias devia estar rolando no chão de tanto rir. Meu futuro lembrava uma estrada comprida e acidentada, cheia de nós, emaranhados e armadilhas.

Justamente como eu gostava.

AGRADECIMENTOS

Um muito obrigada de todo o coração para aquele que aguenta firme enquanto estou em eventos de lançamento, que deixa a louça lavada e leva as crianças pra o futebol, que tem sido meu maior fã e patrocinador desde o comecinho, o meu marido, Rodney.

Aos meus colegas críticos da Seton Hill University, Chun Lee, Amanda Sablak e Ceres Wright, muito obrigada por toda a ajuda. Também meus agradecimentos para o meu mentor em Seton Hill, Steven Piziks. Espero que encontre muitos detalhes descritivos!

Não poderia deixar de agradecer a meu grupo de crítica Muse and Schmooze pelo apoio e orientações constantes. Sua ajuda foi maravilhosa, amo nossos encontros semestrais e conversas em cafés.

Muitos agradecimentos e elogios para minha excelente editora, Mary-Theresa Hussey. Apesar de sua agenda ocupada, ela sempre encontra tempo para responder minhas milhões de perguntas. Mais uma vez Erin Craig criou uma capa linda. MUITÍSSIMO obrigada!

E um agradecimento carinhoso para Susan Kraykowski e seu cavalo Kiki. Sem os dois, não teria aprendido a montar e jamais teria descoberto o laço especial que une a montaria e o cavaleiro.

Snyder, Maria V.

S651e Estudos sobre magia (recurso eletrônico) / Maria V. Snyder; tradução de Maurício Araripe. — Rio de Janeiro: HR, 2012.

Recurso digital (As lendas de Yelena Zaltana; 2)

Tradução de: Magic study

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-398-0461-0 (recurso eletrônico)

1. Magia — Ficção. 2. Ficção fantástica americana. 3. Livros eletrônicos. I. Araripe, Maurício Paquet de. II. Título. III. Série.

12-
4101

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Título original norte-americano:
MAGIC STUDY
Copyright © 2006 by Maria V. Snyder

Copyright da tradução © 2011 by EDITORA HR LTDA.

Editoração eletrônica da versão digital: FA Digital

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, sem autorização prévia por escrito da editora, sejam quais forem os meios empregados, com exceção das resenhas literárias, que podem reproduzir algumas passagens do livro, desde que citada a fonte.

Todos os personagens neste livro são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa cedidos pela
HARLEQUIN ENTERPRISES II B.V./ S.À.R.L. para EDITORA HR LTDA.
Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-398-0461-0